

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD

Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa

**Relíquias de Potterheads:
Uma Arqueologia das Práticas dos Fãs de Harry
Potter**

Recife, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DE ACESSO A TESES E DISSERTAÇÕES

Considerando a natureza das informações e compromissos assumidos com suas fontes, o acesso a monografias do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco é definido em três graus:

- "Grau 1": livre (sem prejuízo das referências ordinárias em citações diretas e indiretas);
- "Grau 2": com vedação a cópias, no todo ou em parte, sendo, em consequência, restrita a consulta em ambientes de biblioteca com saída controlada;
- "Grau 3": apenas com autorização expressa do autor, por escrito, devendo, por isso, o texto, se confiado a bibliotecas que assegurem a restrição, ser mantido em local sob chave ou custódia.

A classificação desta tese se encontra, abaixo, definida por seu autor.

Solicita-se aos depositários e usuários sua fiel observância, a fim de que se preservem as condições éticas e operacionais da pesquisa científica na área da administração.

Título da Tese: Relíquias de Potterheads: Uma Arqueologia das Práticas dos Fãs de Harry Potter.

Nome do Autor: Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa

Data da aprovação: 29/09/2015

Classificação, conforme especificação acima:

Grau 1

Grau 2

Grau 3

Recife, 27 de Novembro de 2015.

Assinatura do autor

Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa

**Relíquias de Potterheads:
Uma Arqueologia das Práticas dos Fãs de Harry
Potter**

Orientador: André Luiz Maranhão de Souza Leão, Dr.

Tese apresentada como requisito complementar para obtenção do grau de Doutor em Administração, área de concentração Gestão Organizacional, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco.

Recife, 2015

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

C837r Costa, Flávia Zimmerle da Nóbrega
Relíquias de Potterheads: uma arqueologia das práticas dos fãs de Harry
Potter / Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa. - Recife : O Autor, 2015.
205 folhas : il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Maranhão de Souza Leão.
Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de
Pernambuco, CCSA, 2015.

Inclui referências.

1. Subjetividade. 2. Arqueologia. 3. Relações culturais na literatura. I.
Leão, André Luiz Maranhão de Souza (Orientador). II. Título.

658 CDD (22.ed.)

UFPE (CSA 2016 –008)

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD

Relíquias de Potterheads: Uma Arqueologia das Práticas dos Fãs de Harry Potter

Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa

Tese submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco e aprovada em 29 de setembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. André Luiz Maranhão de Souza Leão, Dr., UFPE. (Orientador)

Prof. Sérgio C. Benício de Mello, Dr., UFPE (Examinador Interno)

Profa. Jackeline Amantino de Andrade, Dr^a., UFPE (Examinadora Interna)

Prof. Thiago Soares, Dr., UFPE (Examinador Interno)

Prof. Eloisio Moulin, .Dr., UFES (Examinador Externo)

Ao meu pai, cujas boas lembranças e preocupações dividem o espaço e sequestram meu pensamento recorrentemente nos últimos meses.

À minha mãe pelo exemplo de força, amor e extrema dedicação.

Ao meu marido pela doação generosa de si mesmo às minhas causas, pela força, compreensão e companheirismo, sempre.

Aos potterheads: Cláudio Henrik e Ivson Nunes (*In Memoriam*) pelas prazerosas e produtivas conversas.

Agradecimentos

Depois de pouco mais de quatro anos de dedicação aos estudos e de convivência com muitas pessoas no programa de doutoramento é natural que tenhamos que fazer muitos agradecimentos, e acredito que seja também natural não saber por onde começar. Contudo, como o fator tempo foi a principal coisa para dar conta do trabalho como docente da instituição, das várias disciplinas como discente do programa, de nosso grupo de pesquisa e de uma tese, tudo junto e misturado, inicio meus agradecimentos por aqui: aos professores do meu núcleo e à PROACAD pelo apoio que me deram ao compreender a necessidade de minha ausência durante cinco meses, muito obrigada!

Aos amigos que fiz, pelas horas alegres e também pelas desesperadas, com quem aprendi a conjurar o meu patrono e dividi muito chocolate. Agradeço em especial a Suélen, Bruno e Thiago pela colaboração com suas sugestões. Ainda, aos professores do PROPAD pelo leque de conhecimentos que abriram para mim, sou muito grata. E, como não poderia deixar de ser, aos potterheads pela boa companhia e momentos de extrema diversão, valeu! Com todos vocês aprendi muito.

A Michel Foucault e Gilles Deleuze com quem estive em longos momentos solitários. Especialmente às sacadas de humor picante, sarcásticas mesmo, de Foucault que me divertiu muitas vezes, mas de forma diferente no decorrer da jornada. Do mesmo modo, uma espécie de encantamento que fui descobrindo no pensamento positivo de Deleuze, que foi se revelando simples e generoso diante de sua infinita capacidade. Sim, diferentes! Pois eles se transformaram no meu entendimento, no momento em que me transformavam. Obrigada!

Mas essa jornada, esses amigos e essas ideias não fariam sentido se não fosse a condução efetuada por meu orientador. Será que posso chamar de parceiro? Com todo respeito, me refiro a uma longa jornada de convivência marcada por seu exemplo, pela sua constante presença e enorme generosidade. É de sua ética: compartilha sua sabedoria e descobertas, respeita as individualidades, sabe trabalhar o melhor em cada um, lutando sempre para construir a independência intelectual de seus governados. Obrigada André Leão por todo seu esforço em me tornar uma pesquisadora, me fazendo descobrir meus pontos fortes e trabalhar os pontos fracos, dando a mão, bem mais que puxando a orelha.

Agradeço também aos professores que fizeram parte da minha banca e dedicaram seu precioso tempo e conhecimento para contribuir com nossa investigação. Professores: Sérgio Benício, Jackeline Amantino, Eloisio Moulin e Thiago Soares, obrigada por tudo!

Bom, como o mais difícil foi começar, e já comecei, lá vai: obrigada a minha família pelo tempo que me cederam; especialmente meu irmão Marcelo e minha mãe por dividirem comigo as tarefas rotineiras que foi preciso assumir com a doença de meu pai. Agradeço ainda a meu marido, meu filho e nora por compreenderem minhas ausências e falhas para o andamento cotidiano de nossas vidas e, por fim, ao nosso cãozinho, amigo fiel dos dias e das madrugadas, sempre em baixo ou em cima de minha mesa de trabalho, trazendo um pouco de diversão e sanidade para as horas mais complicadas.

E, também... Achou que havia terminado? Ainda não! Faltou “um monte de gente” que gostaria de agradecer e que ainda não foram citados. Enfim, a todos os que de alguma forma contribuíram com o andamento dessa investigação: muito obrigada!

Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom.

(ROWLING, 2000a, p.145)

Resumo

O contemporâneo globalizado e tecnológico instaurou condições de existência interligadas e reconfigurou suas noções de espaço-tempo, favorecendo com que cotidianos sociais fossem tomados por práticas de fãs politizados e mundialmente organizados, que atuam colaborativamente e constroem seu mundo a partir dos conteúdos de textos culturais. Nesse cenário nasceu os potterheads, cujo trabalho tornou a saga Harry Potter um potente texto cultural. Potterheads se entendem parceiros da indústria, produzem a partir de seus textos e geram lucros para si e para ela. Na era de Convergência Midiática uma economia afetiva biopolítica assinalou um processo de expansão da vida, cuja possibilidade certamente reside na configuração de saberes. Essa investigação descreveu que saberes se revelam na prática dos Potterheads. Apoiados nos pensamentos de Michel Foucault e Gilles Deleuze, nossa analítica crítica arqueológica revelou cinco formações discursivas indicativas de um corpo mantido por relações saber-poder e poder-resistência no interior de um dispositivo de controle, em que relações de governo são dadas a partir do cuidado de si. A vontade de potência desse corpo oscila com a variação de suas ideias, seus agenciamentos desejosos mantém sua vitalidade, e a intensidade de suas vontades conserva desperto esse desejo. Assim, duas razões atravessaram o arquivo: a moralidade do visível e a moral do enunciável; a primeira indicou o conjunto de regras e valores propostos para essa economia política afetiva e a segunda revelou o comportamento que se tem em relação a esse, indicando a vontade de verdade.

Palavras-Chave: Potterheads. Subjetividade. Crítica pós-estruturalista. Arqueologia.

Abstract

The globalized and technological contemporary filed interconnected living conditions and reconfigured its space-time notions, favoring that social daily were taken by practices politicized fans and globally organized, working collaboratively and build their world from the cultural texts of content. In this scenario it was born the potterheads whose work made the Harry Potter saga a powerful cultural message. Potterheads are understood industry partners, produce from their texts and generate profits for you and her. In the age of media convergence biopolitics affective economy signaled an expansion process of life, the possibility of which certainly lies in the knowledge setting. This investigation described that knowledge are revealed in the practice of Potterheads. Building on the thoughts of Michel Foucault and Gilles Deleuze, our analytical archaeological criticism revealed five indicative discursive formations of a body maintained by relations know-power and power-endurance inside a control device, where government relations are given from care of themselves. The will to power of that body oscillates with the variation of his ideas, his keen assemblages maintains its vitality, and the intensity of his saves wills awakened this desire. So two reasons crossed the file: the morality of the visible and the morals of the expressible; the first indicated the proposed set of rules and values for this emotional political economy and the second revealed the behavior that has in relation to this, indicating the will to truth.

Keywords: Potterheads. Subjectivity. Poststructuralist critique. Archaeology.

Lista de Figuras

Figura 1 (6) - Mapa das relações da primeira formação discursiva	109
Figura 2 (6) – [#12.24] Não fui selecionado para casa que sempre quis	113
Figura 3 (6) – [# 2.49] Thank You!	116
Figura 4 (6) – [# 10.21] Os filmes não são fiéis ao conteúdo dos livros	117
Figura 5 (6) - Mapa das relações da segunda formação discursiva	125
Figura 6 (6) - [#10.29 ref.1] Observatório Potter	130
Figura 7 (6) – [#2.50] I love Harry Potter	132
Figura 8 (6) – [# 2.51] I'm proud to be potterherd	132
Figura 9 (6) – [#2.20] Happy Birthday Oliver and James!	135
Figura 10 (6) – [# 6.32] When Harry Potter is over	137
Figura 11 (6) – [# 4.17] Twins Do Bertie Botts Every Flavoured Beans Challenge	138
Figura 12 (6) – Mapa das relações da terceira formação discursiva	140
Figura 13 (6) – [#2.4 Ref.1] Entrevista no lançamento do último filme Harry Potter	143
Figura 14 (6) – [# 8.26] Harry Potter and the Cosplay of Geekery	145
Figura 15 (6) – [#10.20 Ref.1] Fanatismo por Harry Potter	147
Figura 16 (6) – [#1.35] Harry poser parody	148
Figura 17 (6) - [#1.47] Como um fã que não gosta de Hagrid?	149
Figura 18 (6) - Mapa das relações da quarta formação discursiva	152
Figura 19 (6) - [#2.43] So here is baby Harry Potter!	157
Figura 20 (6) - [#2.44] Meu filho vai ter que adorar Harry Potter	158
Figura 21 (6) – [#16.45] Não existe homofobia	164
Figura 22 (6) - [#16.71] Hillary is looking more like Umbridge everyday	165
Figura 23 (6) – [#16.48] Bater panela acabou a corrupção no Brasil	166
Figura 24 (6) – Mapa das relações da quinta formação discursiva	169
Figura 25 (6) – [#10.35] Dementor	172
Figura 26 (6)– [#2.47] Eu todos os dias, todas as horas	173
Figura 27 (6)– [#2.45] O Facebook é meu!	174
Figura 28 (6) – [#2.46] Pode julgar, pois você não é o único a me criticar	175
Figura 29 (6) – [# 10.37] Harry Potter Facts	177
Figura 30 (6) – [#2.48] Para sempre potterhead!	178

Lista de Quadros

Quadro 1 (5) - Práticas de potterheads	91
Quadro 1 (5) - Práticas de potterheads (Continuação)	92
Quadro 2 (6) - Enunciados	101
Quadro 2 (6) - Enunciados (Continuação)	102
Quadro 3 (6) - Funções enunciativas	103
Quadro 4 (6) - Critérios de regra	104
Quadro 5 (6)– Regras de formação	105
Quadro 6 (6) - Relação entre critérios de regra e regras	106

Sumário

1.	Introdução	14
2.	A vida cotidiana organizada no campo dos Estudos Organizacionais	23
3.	Cultura pop: práticas de fãs transformadas, convergência midiática e particularidades de potterheads	27
3.1.	Uma retrospectiva: práticas de fãs do sobrenatural	27
3.1.1.	O mercado literário faz nascer o consumidor-leitor	28
3.1.2.	As práticas de um fã envolvido e aficionado	30
3.1.3.	Práticas politizadas em uma produção colaborativa	34
3.2.	Na era da convergência midiática	39
3.3.	Os potterheads e seu fantástico universo	45
4.	Fundamentação teórica	52
4.1.	O encontro entre as filosofias de Michel Foucault e Gilles Deleuze	52
4.1.1.	O Propósito de um apoio nas duas filosofias	53
4.1.2.	A possibilidade de apoio nos dois pensadores	57
4.2.	O saber-poder-subjetividade	62
4.2.1.	O estatuto do saber: as relações saber-poder e poder-resistência	63
4.2.1.1.	O dispositivo como regime de ordem e governo	65
4.2.2.	Governamentalidade: multiplicidade e deslocamento para o terceiro ciclo	67
4.2.3.	O processo de subjetivação e a dobra ética de pensamento	69
4.3.	Os procedimentos maquínicos do espaço social	73
4.3.1.	As sínteses do inconsciente	74
4.3.2.	O sujeito produzido como resto	76
4.3.3.	O desejo e o devir	76
4.3.4.	A vontade de potência	77
4.3.5.	As multiplicidades do real	79
4.3.6.	A produção de ideias e a potencialidade do pensamento	80
5.	Procedimentos metodológicos	85
5.1.	Epistemologia e bases pós-estruturalistas	86
5.2.	O método arqueológico	88
5.3.	Planejamento da pesquisa	90
5.3.1.	A construção do arquivo	90
5.3.2.	Procedimentos analíticos da arqueologia	95
5.3.3.	Critérios de qualidade da pesquisa	98
6.	Interpretando relíquias	100
6.1.	A Capa da Invisibilidade desvela: enunciados, funções e regras	100
6.2.	A Pedra da Ressurreição desperta: as formações discursivas	107
6.2.1.	O cânone é parte do dispositivo de ordem da experiência dos potterheads	107
6.2.1.1.	Os saberes do cânone são incorporados na prática da doutrina	110
6.2.1.2.	Os saberes do cânone são apropriados pela resistência	118
6.2.2.	Os potterheads governam-se no regime do dispositivo	123
6.2.2.1.	O cuidado de si e dos outros é ordenado pelas práticas da doutrina	126
6.2.2.2.	O cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas	133
6.2.3.	A natureza das ideias dos potterheads faz oscilar sua vontade de potência	139
6.2.3.1.	A conveniência das ideias se afirma como alegria	141
6.2.3.2.	A inconveniência das ideias se afirma como tristeza	146
6.2.4.	A maquinaria de desejos dos potterheads mantém sua experiência	150

6.2.4.1.	O querer um vínculo adequado com o cânone é um agenciamento desejoso	153
6.2.4.2.	O querer permanecer relacionado ao cânone é um agenciamento desejoso	156
6.2.4.3.	O querer a segurança do cânone é um agenciamento desejoso	159
6.2.4.4.	O querer como verdadeiros os valores do cânone é um agenciamento desejoso	163
6.2.5.	O desejo desperto dos potterheads caracteriza sua experiência	168
6.2.5.1.	A intensidade dos querer dos potterheads faz fluir agenciamentos coletivos de desejo	171
6.3.	A Varinha das Varinhas: regras gerais	179
6.3.1.	A moralidade do visível	179
6.3.2.	A moral do enunciável	183
7.	Considerações finais	185
	Referências	192

1. Introdução

We planned for months, refining my initial idea of a boycott to teach Warner Brothers a lesson in supply & demand. We wanted to prove they couldn't bully children & get away with it. After a month of hard work, a lot of writing, and several lessons from Alastair about how to write press releases, we officially launched PotterWar on February 19, 2001 (SEWELL, 2014).

O trecho de fala refere-se ao testemunho de uma jovem fã acerca de sua militância em defesa de muitos adolescentes, cujos perfis na internet foram alvo de ameaças pelo departamento jurídico da Warner Bros. Entertainment, na ocasião da compra dos direitos autorais da marca Harry Potter, em 2001. O caso foi nominado pelos fãs como Potter War, mas pela produtora foi tratado como The Potter War Problem. Sua ação tomou uma dimensão internacional, rapidamente mobilizou aliados, despertou o interesse da imprensa e, por conseguinte, de boa parte da sociedade. No período, a produtora estadunidense deu um passo atrás e adaptou seus procedimentos às novas demandas.

Mas a maior produtora de filmes do mundo não tem tido uma experiência fácil com os fãs da saga. Desde 2010 o Harry Potter Alliance (HPA), uma comunidade organizada de fãs, vem pressionando a franquia para alinhar-se aos valores desse universo e apresentar uma certificação de origem dos chocolates que comercializa no parque temático da Universal Orlando. O doce é muito representativo para a narrativa e a ideia é combater o trabalho infantil e os baixos salários na sua produção. Finalmente, no dia 22 de dezembro de 2014 o presidente da Harry Potter Global Franchise Development: Joshua Berger, anunciou por e-mail ao HPA a decisão final: “By the end of 2015, and sooner when possible, all Harry Potter chocolate products sold at Warner Bros. outlets and through our licensed partners will be 100 per cent UTZ or Fair Trade certified” (ROSENBERG, 2015).

Os dois exemplos que trouxemos são parte de uma realidade comum, uma forma de organização política facilmente identificável em fãs de muitas outras sagas. Essa é uma conduta que hoje se estabeleceu como corriqueira em grupos de fãs. Especialmente ao longo das últimas décadas, naturalizou-se em cenas cotidianas esse tipo de agência, e a “fórmula” considerada eficiente, tem sido cada vez mais replicada nos espaços sociais em que convivem esses jovens. Se o fato de ser classificado como um fã já representou um adjetivo pejorativo no meio social, hoje a posse dessa qualidade consolida um entendimento do que seja um agente potencialmente transgressor de vários saberes tradicionais.

O fã produz cultura popular a partir da cultura pop (JENKINS, 2009). O fã de textos culturais é reconhecido como um importante agente no trabalho de reprodução e disseminação da cultura pop, trabalho esse que transforma essa cultura em cultura popular (MATOS, 2013). Assim, o fã tornou-se um produtor de cultura, não podendo mais ser entendido como um consumidor passivo (STANFILL; CONDIS, 2014).

Pode-se falar que há uma insistência dos fãs em participar da construção de conteúdos: eles dão continuidade às sagas, exploram novas dimensões das narrativas, se antecipam à indústria na traduções de obras, fazem adaptações de enredos, se divertem fazendo paródias, criam filmes e jogos a partir dos textos culturais, criam blogs e domínios onde disponibilizam conteúdos especializados. Ao mesmo tempo em que consomem, esses fãs divulgam e geram lucratividade aos produtores, pois tornam sucesso todo produto pelo qual se interessam. Na sua atuação, desenvolvem produtos e ideias inovadoras. Tempo e esforços são investidos nessas redes sociais; responsabilidades morais são assumidas perante o grupo, pois preservam a integração do mesmo, e perante o cânone quando assumem o papel de guardião de sua autenticidade e integridade. Discutem e difundem seus entendimentos bem como suas produções na rede, mantendo um diálogo intensivo com os demais participantes do fandom. O termo fandom é utilizado para se referir à comunidade de fãs que possuem em comum o interesse por determinado texto cultural (AMARAL; SOUZA; MONTEIRO, 2015). Nesse espaço, sentimentos como solidariedade, gratidão e reciprocidade são lugar comum e geram laços afetivos com o cânone e entre os membros do fandom; tudo isso acontece em um ambiente totalmente espontâneo (BRONWEN, 2011; LEE, 2009, 2011; VAN ZOONEN, 2014).

Não é difícil entender por que o efeito de suas práticas já se faz sentir em muitos campos: mudanças ocorreram em questões de direitos autorais, observações foram levantadas nos estudos acerca de categorizações literárias, também nas práticas da educação e nos meios de comunicação, entre outros espaço de saberes. A prática tão comum hoje de utilizar conteúdo de obras sem autorização do autor para reescrita das narrativas (*fan fiction*), por exemplo, ainda constitui-se uma atitude ilícita, factível de sofrer punição prevista no âmbito jurídico. Contudo, de forma geral, o que se viu acontecer foi o mercado recuar e ajustar a sua estratégia de conduta para com o fã e suas práticas. Hoje, não apenas se tem um cuidado especial para lidar com esse fã “fora-da-lei”, como também, por meio das redes sociais, os produtores da mídia e da indústria e ainda as celebridades, estabelecem contato direto com esses novos produtores de cultura e distribuem suas informações, se beneficiando desse trabalho (CHIN, 2014).

A condição revela que os produtores hoje tem ciência que esse agente é uma ameaça e precisa ser monitorado, mas ao mesmo tempo, reconhecem nele um elemento que também pode ser profundamente útil ao sucesso de suas estratégias e operações comerciais. Esse tipo de parceria comercial entre audiência e produção é algo bem recente, e ambos os lados ainda estão aprendendo a lidar com ela (JENKINS, 2012). Mas o trabalho desse agente é fundamental para sua continuidade, diz respeito a própria possibilidade dessa agência e, ao mesmo tempo, promove o crescimento dessa indústria; uma relação portanto, que mostra-se cultural, política e econômica. Assim, essa é uma relação produtiva, pois constitui o sujeito, a cultura, os produtos e o sistema ao mesmo tempo e ininterruptamente (TURK, 2014).

Em geral, os fãs pertencem a uma geração que nasceu e cresceu em um ambiente totalmente conectado por tecnologias e portanto, desenvolveram competências que os fazem utilizar naturalmente o espaço social da rede para interagir e participar de comunidades de interesses comuns. Por meio da ligação afetiva com seus universos, esses fãs participam da construção de produtos, mas reivindicam o que acham que lhe competem por direito, são barulhentos e se mobilizam solidariamente, de forma mundial e imediata, ganhando visibilidade e fazendo-se respeitar (MURRAY, 2003).

De fato, ao existirem ligadas em rede em um mercado mundial, as sociedades contemporâneas tornaram comuns novos modos de sociabilidade, de segmentações e de trocas econômicas e culturais. Nesse contexto, embora reconheça que a relação simbiótica entre fãs e produtores seja anterior à era da revolução digital, Pearson (2010) acredita que essa revolução propiciou a dinâmica da prática contemporânea de fãs. Para a autora, um ambiente participativo de realidades virtuais embaça as linhas fronteiriças anteriormente entendidas entre produção e audiência, desestabilizando as relações de poder entre grandes corporações e consumidores nesse meio. O cenário fez surgir esse agente, um sujeito ativo na comunicação midiática global.

A questão fica muito evidente nos dois exemplos com que iniciamos o capítulo. Os mesmos se referem à prática dos fãs da saga literária Harry Potter, que entendemos ser um dos mais representativos textos culturais do contemporâneo. A riqueza desse universo o torna potencialmente capaz de desvelar como se pensa essa realidade, revelar sua moralidade e código moral, pois tal conduta certamente se constitui embasada em princípios de ordenação ou configuração de saberes, portanto, são parte de uma episteme, uma superfície capaz de legitimar e, portanto, revelar o sistema de pensamento que o sustenta.

Apesar do último livro ter sido lançado no ano de 2007 e a saga cinematográfica ter terminado em 2011, o trabalho e a militância do fã por meio do universo foi e permanece

muito impactante. Especialmente nesse ano de 2015 essa atuação foi aguçada, pois o universo encontra-se em vias de ser expandido. Contudo, podemos dizer que as relações no fandom nunca “esfriaram” sendo essa uma das características que torna esse universo relevante.

Cerca de um ano após o término da série, no dia 23 de agosto de 2012, por exemplo, cento e noventa e duas respostas foram dadas à questão: “O que Harry Potter significa para você?” na *fanpage* HPBrazil (disponível em: <<http://www.facebook.com/hpbrazil>>). As respostas sugerem como o conteúdo dessa narrativa abastece experiências cotidianas relevantes, seja a vivência de uma forte amizade: “Harry foi o melhor amigo que eu tive por muito tempo (...)”, a possibilidade de refúgio e reconstrução: “(...) quando sofria preconceitos na escola chegava em casa e mergulhava nesse mundo mágico pra tentar fugir da realidade”, o estabelecimento de um modo de vida: “Significa esperança e valor pela amizade”, ou um meio para fortalecer laços sociais: “Harry Potter é uma parte de nossa infância inesquecível que se transforma em uma parte que viverá sempre no coração de todos os potterheads”. De forma relevante, indicam sobremaneira como esse fã é movido por sua paixão: “Pra vc ter uma ideia, sem oxigênio eu dou um jeito, mas sem Harry Potter, não dá!”.

Os potterheads mantêm um alto envolvimento com o universo. Para eles ser Potterhead é uma condição de vida: “J.K. criou um mundo, um estilo de vida” (PALADINO, 2015). Aficionados, eles reconhecem como um dos fãs mais “chatos” que existem: “Como eu sei que Potterheads são uns dos mais chatos? Simples, eu sou Potterhead e sei o quanto eu perturbo as pessoas com meu vício no universo mágico criado por J.K. Rowling” (NERDIVINAS, 2013). Sim, eles se intitulam “viciados” na saga: “Eu sou uma Potterhead daquelas muito viciada [...]”(YAHOO! RESPOSTAS, 2013), e o mais importante, eles prezam pela fidelidade que mantêm à mesma: “os Potterheads conseguem, mesmo ‘depois de todo esse tempo’, manter o fandom estável e espalhar o nome e a cultura Potter” (COSTA, 2014). Uma cultura que perdura por ser normalizada e normalizadora, praticada e ensinada cotidianamente, não sendo difícil encontrar posts com dicas sobre os passos necessários para ser fã de Harry Potter, os sinais que indicam se você é ou não é fã de Harry Potter, listas de motivos para você ser fã de Harry Potter, entre tantos outros.

Seu envolvimento, bem como seus hábitos, os fazem sofrer preconceitos sociais, afinal eles cresceram e a saga é infanto-juvenil; Hills (2007) analisa que fãs convivem há muito tempo com a censura e com comentários depreciativos. Jenkins (2006) avalia que a própria palavra “fanático” traz consigo a noção de apego falso e excessivo. Contudo, os potterheads se apoiam no interior da comunidade, discutem e trocam ideias de como agir contra as recorrentes acusações que os vitimizam. Lima (2013) por exemplo, começa o seu post

questionando: “Você já foi vítima de risos e gracejos por ser fã de Harry Potter? Algum amigo ou colega já fez piada porque você, mesmo depois de adulto, segue fiel à saga e a tudo aquilo que ela representa? O seu reconhecimento de todos os benefícios que Harry Potter segue a trazer a milhões de pessoas enquanto saga literária já fez alguém rir de você?”. Diversos são os argumentos discutidos em resposta às questões, mas o fato é que os fãs que acompanharam a saga continuam fiéis à mesma, mesmo já tendo se passado mais de 17 anos desde seu início.

Mesmo vitimados, mesmo adultos, continuam ligados por sua paixão e seu modo de ação tem impactado as estruturas mais tradicionais. O que sustenta a possibilidade de atuação de fãs como potterheads? Considerando o cenário que se instaurou e as peculiaridades da agência de fãs, podemos entender que o acontecimento é indicativo da ocorrência de mudanças sociais muito profundas. De forma ampla, podemos apontar que a indústria produtora de textos culturais assumiu um papel cultural vital nesses espaços; as formas do trabalho e também das relações entre produção e audiência foram reconfiguradas e, o crescimento dessa indústria deve-se ao interesse e a produção desses agentes, ou seja, é fruto também da potencialidade de seu trabalho criativo.

Jenkins (2009) discute a proximidade que se instaurou entre a cultura, a comunicação e a convergência de mídias; para o autor, toda essa rede relacional que envolve tecnologias interligadas, comunidades virtuais de fãs e produtores de conteúdos nos meios midiáticos de comunicação, é indicativa da instauração da Cultura da Convergência. Uma cultura globalizada que envolveu novos modos de consumir e produzir e afetou os indivíduos em seus relacionamentos, memórias, desejos e papéis sociais, modelando sua forma de pensar e portanto, a de entender como deve ser a vida; e tudo isso, a partir de seu interesse por uma comunidade cultural.

Essa comunidade cultural pode ser analisada como um modo contemporâneo de vida organizada (HOLANDA, 2010; THIOLENT, 2014; SPINK, 2001), afinal, trata-se de um processo organizativo típico da sociedade de informação (JEFFCUTT; THOMAS, 1998), em que as agências acontecem naturalmente ao se colocar metas em prática. Contudo, ao invés de se ter por foco um processo formalizado, trata-se de refletir criticamente acerca do processo organizativo alternativo, que acontece em uma comunidade cultural cotidiana na busca de gerir sua forma de vida (HOLANDA, 2010). Essa é uma abordagem que analisa a vida social em termos de paradoxo e indeterminação, rejeita o agente humano como o centro de controle racional (COOPER; BURREL, 1988), se interessa pelo processo organizativo e enxerga a gestão

como lugar de disputas políticas intermitentes (ALCADIPANI; TURETA, 2009; CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

Assim, considerando o que apresentamos, a era globalizada e tecnológica propicia que os acontecimentos locais como os que mostramos, possam se transformar rapidamente em casos mundiais e tornar-se um marco político de vontades de mudanças, tanto nos modos como se dão determinadas relações, quanto na maneira como se acredita em determinadas verdades, e mesmo o que se entende por realidade. Ora, se as experiências de sujeito são construídas e transformadas juntamente aos cenários de seu contexto, e sendo esse um processo sócio histórico em constante mutação, elas funcionam em determinada forma de economia política; as possibilidades do mundo interligado nos fez reconfigurar completamente as noções de espaço e tempo que dão sentido à vida em comum. É de se esperar, portanto, que novas experiências, novas formas de agências, bem como novos entendimentos acerca delas tenham se articulado e que, tais relações, nos possam levar para condições que encontram-se desencaixadas dos saberes-verdades até então postos, legitimados, sedimentados pelo ação do tempo.

Segundo Foucault (2003, p.229), “Há efeitos de verdade em que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade.”. Por meio dos exemplos apresentados, podemos entender que os potterheads tornaram-se um elemento governável em relação às estratégias de gestão econômico-sociais das populações, afinal, enquanto grupo, eles se organizaram por meio de um produto cultural, de lá extraíram saberes em que se apoiaram e criaram estratégias para enfrentar não apenas preconceitos, mas o que consideram ser injustiças sociais; mostraram-se dependentes desse vínculo e trabalharam por sua manutenção; os potterheads assumiram uma forma organizada a partir do investimento de saberes e poderes, mas o cenário em que os mesmos sofrem e promovem essas ações é caracterizado por Foucault (2008b) como sendo biopolítico.

As sociabilidades promovidas nas experiências desses produtos são indicativas da condição de produzir-se produzindo o sistema, ou ainda, de um cenário biopolítico de existências, onde a condição do agente acontece sob a lógica produtivo-econômica do capital (FOUCAULT, 2008b). A possibilidade efetivou-se plenamente na sociedade contemporânea de controle, que foi anunciada por Michel Foucault em seus estudos do biopoder e posteriormente exploradas por Gilles Deleuze. Enquanto Foucault apontou o reforço ao capitalismo que acontecia desde a lógica de produção das sociedades disciplinares, Deleuze indicou as máquinas cibernéticas como parte de agenciamentos coletivos da sociedade de

controle, denunciando a comunicação penetrada pelo capital como uma condição contemporânea da natureza do *socius*, e não do acaso (DELEUZE, 2008a).

A possibilidade de sociabilidades se darem nesse cenário, deve-se ao interesse de novos jogos de saber-poder e poder-resistência (FOUCAULT, 2009a) que mantém e desenvolvem o meio social global, cujo foco é a potência do pensamento e suas capacidades criativas e de vida em comum. O contexto nos indica que essas sociabilidades operam a construção de subjetividades, pois verdade, poder e sujeito são elementos distintos, mas mutuamente constitutivos (FOUCAULT, 2011), que certamente fazem parte de uma episteme que as sustenta e organiza ao estabelecer possibilidades de conhecimento (FOUCAULT, 1984); afinal, a agência do fã nesse espaço implica em que esta seja uma condição reconhecida e de valor para o meio social em que se desenvolve.

Assim, o exercício criativo cotidiano tornou-se alvo do sistema capitalista (MANSANO, 2009). Entretanto, no jogo de forças imanente e produtivo, se por um lado, a energia inventiva cotidiana é recorrentemente sequestrada, por outro, as lógicas do capital são assumidas pelo social e acontece uma intervenção no desejo coletivo que, nesse modo de vida organizada, passa a vincular-se às experimentações dadas nos textos culturais, em suas orientações de valores sociais e em suas promessas de pertencimento e conquistas de ideal.

O que vemos acontecer com esse agente em um cenário biopolítico, envolve a constituição de subjetividades sob a ação de máquinas desejanças, pois essa é a condição de possibilidade de dinâmica em cenários sociais. Para Deleuze (1978) quando um agente opera uma vontade, é um agenciamento que se move do caráter ético para uma força política, é uma vontade de potência, uma síntese de forças, uma intensidade sendo efetivamente praticada. O desejo é, assim, uma determinação que se mantém em co-funcionamento com agenciamentos historicamente assinaláveis (DELEUZE, 1976). Orlandi (2014) ressalta que o desejo é “potência criativa irreduzível à busca prazerosa de algum objeto”.

Desse modo, sendo os potterheads um acontecimento significativo, e assumindo que o contexto social globalizado aliado ao desenvolvimento tecnológico afetou sobremaneira as formas culturais de convivência na sociedade de controle, acreditamos que novas formas de saber organizam e dão suporte a possibilidade desse agente no contemporâneo. Por sua vez, para Foucault (2009), é materialidade de tais práticas que podem revelar esses saberes. Desse modo, nossa questão de pesquisa voltou-se para desvelar:

Que saberes se revelam na prática dos Potterheads?

O cerne de nossa problemática, portanto, perpassa pela compreensão do processo de subjetivação foucaultiano, uma vez que trata-se de revelar os saberes que possibilitam as práticas de um sujeito que age na sociedade de controle; e pelos processos maquínicos de desejo, tratados por Gilles Deleuze (sendo parte deles desenvolvido em parceria com Félix Guattari), uma vez que esse revelou-se um espaço social contemporâneo, portanto, organizado e dinamizado, ou mesmo possível, por agenciamentos de desejo.

Como antecipamos, o nosso estudo alinha-se à área dos estudos críticos em organizações. Nesse, assumimos por “organizações” as diversas formas do “estar organizado”, o que envolve para além da formalidade de instituições, entidades públicas, políticas e sociais, os diversos tipos de vida social organizada (ALCADIPANI; TURETA, 2009; CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014; COOPER; BURREL, 1988; FRIEDBERG, 1993; HOLANDA, 2010; THIOLENT, 2014; SPINK, 2001).

O presente trabalho justifica-se porque, apesar da pluralidade e diversidade com que vem se instalando essa prática transformadora de sujeitos no contemporâneo, o tema permanece pouco investigado. Esses fãs como consumidores particulares e suas práticas organizativas, apesar de sua importância para os novos espaços dessa sociedade, parece ainda não ter despertado um grande interesse, ou ainda, a consolidação de um reconhecimento enquanto temática na área. Entendemos que, ao explorá-lo, estaremos contribuindo com a mesma.

A pesquisa justifica-se também, pois apesar de sua reconhecida relevância, a própria temática da subjetividade e suas relações de saber-poder e poder-resistência, por onde perpassa essa tese, sendo portanto, fundamental para a compreensão dessas práticas, é ainda muito pouco estudada, não apenas por meio das Teorias Organizacionais, como na área de Administração como um todo (SILVEIRA, 2008). Esperamos que essa pesquisa se torne mais uma oportunidade para o aprofundamento das discussões acerca de agências tão singulares e que atualmente atravessam e abalam às práticas mais tradicionais dos espaços sociais cotidianos.

Enxergamos possibilidade de contribuição também na articulação que estabelecemos entre aportes teóricos críticos pós-estruturalistas, que entendemos, tornou-se importante para explorar o acontecimento. O trabalho de Mizoczky e Andrade (2005a; 2005b) já provocava o debate acerca da necessária diversidade de olhares para produção de conhecimento crítico para a área. Cavalcanti e Alcadipani (2011, p.558) reconhecem que diversas mudanças contemporâneas trouxeram “desafios à reflexão teórica, cujos subsídios críticos, muitas vezes, falham em dar conta”. Por sua vez, Souza et al (2013) apontam a carência de uma de visão

mais ampla de autores e conceitos do movimento pós-estruturalista nos Estudos Organizacionais brasileiros pois, com grande frequência, ocorre o apoio em autores epistemologicamente distantes como se comungassem das mesmas ideias. A produção realizada como colcha de retalhos e sem a contextualização de ideias não compatíveis, foi diagnosticada também por Silveira (2008). Souza et al (2013) entendem que tal visão mais ampla contribuiria com o rigor epistemológico para essa área, ao que indicam explorar os pensadores desse movimento (os que fundamentam os Estudos Críticos em Gestão) desde que observadas suas diferenças. A diversidade de abordagens sob o mesmo rótulo provém de diversos backgrounds teóricos, mas, se observado suas diferenças epistemológicas, efetiva-se a possibilidade de diálogo entre elas, e acreditamos, essa pode ser uma força.

Esperamos que a contribuição social de nossa investigação esteja também na descrição desses saberes, que possibilitam tanto o processo de construção e organização desses novos espaços sociais, como a ação desses agentes, que se dá por meio de subjetividades que lhes embasam. Entendendo que o desejo está apoiado em práticas políticas de afeto (DELEUZE, 1978), ansiamos reforçar a importância do papel dos agentes nas estruturas em relação ao devir e às mudanças sociais. Assim, ao desvelar os saberes de uma possibilidade política a partir de uma abordagem crítica, almejamos contribuir com esses sujeitos não apenas para o reconhecimento da importância de seu papel numa sociedade global recorrentemente em crise, mas sobremaneira, porque entendemos que ao explorar a questão, também estamos abastecendo de informações os processos sociais criativos de poder-resistência, quiçá contribuindo, mesmo que minimamente, para uma desterritorialização, e assim potencializando as buscas por novas formas de estar e conviver no mundo. Acreditamos que aí localizam-se as possíveis implicações sociais de nossa pesquisa.

Isso posto, apresentamos a organização desse trabalho: no próximo capítulo posicionamos nosso entendimento de vida organizada. A seguir delineamos o surgimento das práticas de fãs como ação de um agente no espaço social, tratamos do campo conceitual onde nasce e se instaura a ideia acerca desse acontecimento e apresentamos o universo fantástico de Harry Potter e a singularidade dos potterheads. Em sequência tratamos, então, da fundamentação teórica, seguida pelos procedimentos metodológicos, análise dos resultados e considerações finais.

2. A vida cotidiana organizada no campo dos Estudos Organizacionais

Para Cooper e Burrell (1988) o processo organizativo pode ser entendido por duas correntes de pensamento inconciliáveis: as epistemes moderna e pós-moderna. Entretanto, é mais comum aos pensadores sociais analisarem o conceito de organização sob um ponto de vista ortodoxo, como um sistema formal com estrutura e metas determinadas racional e coerentemente. Segundo os autores, esse pensamento é a base do *mainstream* das pesquisas na área de estudos organizacionais e pertence à episteme moderna, cuja visão dicotômica e exclusiva coloca a formalidade acima e bem distante dos procedimentos sociais cotidianos, em que, ao contrário, reina uma informalidade ameaçadora da ordem. Porém, a alternativa da episteme pós-moderna analisa organização como “produção de organização” e não “organização de produção”, e assim, critica tal racionalidade partindo da ideia de que os sistemas possuem vida própria e independente do controle humano, sendo constantemente confrontados com a indeterminação irreduzível.

Desde a década de 1980 a visão funcionalista é alvo de duras críticas por parte de abordagens organizacionais originadas nos estudos interpretacionistas, na teoria crítica e nas abordagens pós-modernas (VIEIRA; CALDAS, 2006). Atualmente, ganha força a corrente que se interessa por processos organizativos não formais, ou ainda, pelos processos da vida cotidiana organizada. Friedberg (1993) apresentou como a abordagem organizacional da ação coletiva parte da organização enquanto uma construção política com intuito de entender seu funcionamento, buscando desvincular-se de razões ou tipologias estabelecidas. Segundo ele, a abordagem entende que toda ação coletiva necessita de organização e que deverá gerar no futuro um núcleo com algum grau de formalização. Por isso, para o autor, organizar não deve ser entendido primeiramente como formalizar e sim como ação; organizar é ao mesmo tempo processo e estrutura efetivados em determinado contexto, pois em sua dinamicidade, uma ação em busca de resultados constrói uma ordem sempre provisória. Mas, essa ordem é o que permite aos agrupamentos adquirir uma consistência e uma permanência. O autor a classifica como uma abordagem interpretativa indutiva, que trata de:

[...] utilizar o objeto social para se interrogar sobre o fenômeno organização na base de toda ação coletiva dos homens a fim de desenvolver e pôr à prova um raciocínio ou uma “problemática” mais geral para a análise da regulação social, ou seja da criação, da

manutenção e/ou da modificação pelos autores de uma ordem local cujas regras estruturam e canalizam as suas interações num dado espaço de ação (FRIEDBERG, 1993, p.194).

Willmott (2005) apresenta o desenvolvimento da teoria crítica por autores ligados à Escola de Frankfurt, mas Thiollent (2014, p.4) salienta que, enquanto na perspectiva crítica da cultura do Norte predominou o *Critical Management Studies*, na do Sul, para além dessa contribuição, “existem diversas tendências e nuances de pensamento crítico, expressadas por autores como Maurício Tragtenberg, Alberto Guerreiro Ramos, Paulo Freire, Álvaro Vieira Pinto e alguns outros”. Nesse sentido, há de se reconhecer o esforço do pensamento de Ramos (1981) em revelar que outros tipos de organização além da econômica dão suporte ao desenvolvimento das práticas sociais. O autor deslocou-se da centralidade analítica das organizações formais e situou o mercado como uma, entre outras dimensões da vida cotidiana.

Thiollent (2014) explica que a postura oposicionista ao pensamento do *mainstream* foi influenciada por autores de diferentes escolas de pensamento, tais como: marxismo, anarquismo, pensamento nietzschiano, psicanálise, gramscismo, pensamento da Escola de Frankfurt, fenomenologia, hermenêutica, existencialismo, pensamento pós-moderno, pensamento de intelectuais franceses críticos, pensamento crítico brasileiro e latino-americano, inclusive teologia da libertação. Nesse sentido, foi o apoio em pensadores como Bourdieu, de Certeau, Foucault e Giddens que propiciou um caminho alternativo à visão de realidade social objetiva (ALBINO; GONÇALVES; CARRIERI; MUNIZ, 2010).

Paula (2007) esclarece que os sociólogos das organizações ao fundarem a corrente dos estudos críticos em administração, quiseram dar voz aos diversos grupos sociais afetados pelas atividades e ideologias da corrente clássica. Tais estudos foram imprescindíveis para apontar tanto os limites advindos do privilégio do conhecimento científico hermeticamente isolado do intuitivo, quanto a insuficiência de um conhecimento estritamente relacionado a contextos formalizados (TSOUKAS, 1998). Essas abordagens despertaram na cena analítica a complexidade dos sistemas sociais, o componente comportamental e a cultura como foco de estudo (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014; TORRES, 2008).

Porém, Souza, Machado e Bianco (2008) analisam que a visão da abordagem crítica, termina por compactuar do mesmo entendimento de homem da perspectiva a qual se opõe: a crença na existência de uma essência humana; afinal, buscam prioritariamente o esclarecimento e a emancipação de sujeitos. Nesse sentido, os autores elucidam que o pós-estruturalismo apoia a oposição à visão positivista e estruturalista, mas se distancia da teoria

crítica. Cavalcanti e Alcadipani (2011, p.576) reforçam que temas caros a teoria crítica como: consciência, proletariado e emancipação perderam totalmente o sentido frente as mudanças do capitalismo global. Assim, eles entendem que apesar de ser considerada como participante crítica da vertente pós-moderna, a abordagem pós-estruturalista não coincide com essa postura, pois “tem por princípio resistir ao presente”, problematizá-lo e não celebrá-lo, situando-se na contramão de toda e qualquer postura totalizante.

Em linhas gerais, o denominador comum do pensamento pós-estruturalista está no entendimento da função dos limites do conhecimento: o limite não é definido em relação ao seu âmago e o seu papel é mudar o senso estável dos valores estabelecidos. O pós-estruturalismo rastreia os efeitos desse limite como ruptura ou diferença produtiva, já que é uma afirmação que irrompe contra as verdades instituídas, cria fendas no poder e abre espaços para mudanças (WILLIAMS, 2012). Assim, acolhe diferenças e as torna inteligíveis a partir de uma crítica severa que busca desfazer o imutável abrindo linhas de fuga possíveis (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2011). Williams salienta que o movimento parte do presente de práticas sociais, acredita que verdade e valores são imanentes, portanto, rejeita modelos para explicar realidades sociais, entende que sujeitos e objetos se constroem em sua processualidade, e que sujeito é subjetividade pura.

Assim, o pensamento pós-estruturalista analisa o processo organizativo como parte natural da experiência de estar no mundo, o entende como temporário e construído por meio de práticas e relações (ALCADIPANI; TURETA, 2009). Dessa forma, ao estudar as diferentes formas de estar organizado, percebe o conceito de gestão como um lugar de disputa política contínua. Isso porque, espaços sociais, forma de vida e gestão ordinária acontecem como processos imbricados e, nessas formas de vida organizada, são produzidos sujeitos e mundos, cuja eficácia de ações coletivas dependem, fundamentalmente, de práticas de gestão (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

Jeffcutt e Thomas (1998) trazem à tona a questão da complexidade do processo organizativo no interior da sociedade da informação, tendo em vista que o mesmo sofre com desdobramentos entre diversos fluxos em uma rede mundialmente interligada. Para os autores essa forma social é caracterizada por uma pluralização explosiva de subjetividades que convive aliada a interconexão dos meios/artefatos. A organização é entendida aí como um processo de fluxos instáveis, constantemente exposto às tensões entre ordem e desordem. Segundo os autores, para uma abordagem pós-estruturalista, os textos que aí são produzidos são considerados abertos a uma multiplicidade de interpretações, ou seja, a organização não pode ser entendida como o processo irradiador central de forças; a multiplicidade de forças da

vida social organizada é, ao contrário, analisada como um processo aberto, incerto e ambivalente. Para os autores, os processos de organização são entendidos como fluidos e flexíveis: tudo é considerado móvel e maleável, tudo poderia ser de outra forma, tudo é entendido como incompleto, pois está em um estado mútuo de tensão e movimento; nesse cenário, as questões estão mais ou menos estáveis apenas momentaneamente.

O próximo capítulo nos aproxima da forma de vida organizada dos potterheads; inicia com uma breve contextualização histórica desse tipo de prática em seu universo mais amplo, aponta o entendimento das mesmas no interior da Cultura da Convergência e por fim trata de sua singularidade.

3. Cultura pop: práticas de fãs transformadas, convergência midiática e particularidades de potterheads

A existência de fãs como potterheads, a recente popularidade dos universos fantásticos e o apoio que o social vem buscando neles diz algo sobre o tempo em que vivemos. Ao transpormos o foco da questão dos potterheads para uma ligação mais ampla: a do social com o sobrenatural, o que encontramos historicamente não foi exatamente uma novidade. Esse apoio pode ser mapeado e revelar-se uma relação histórica constitutiva. Esse capítulo trata desse mapeamento: apresenta o contexto sócio histórico que possibilitou a aproximação da relação afetiva de fãs com uma lógica de mercado, bem como delinea as diferenças que se estabeleceram nas suas práticas. A seguir, trata de localizar essa cultura em um campo conceitual mais amplo, que vem sendo tratado como a era da Convergência Midiática e por fim, apresenta o universo fantástico de Harry Potter e a singularidade dos potterheads.

3.1. Uma retrospectiva: práticas de fãs do sobrenatural

Para entender as práticas de fãs no contemporâneo, fizemos uma breve retrospectiva do contexto sócio histórico em que esteve inserida essa relação. Essa seção encontra-se dividida em três subseções: a primeira contextualiza o fortalecimento e disseminação do mercado literário como suporte para o sobrenatural e trata do surgimento do fã como um consumidor-leitor. A segunda cuida da expansão do sistema e do surgimento de um apego forte e duradouro dos fãs aos seus universos ficcionais, e apresenta as práticas do fã aficionado. A terceira subseção versa acerca das práticas colaborativas dos fãs contemporâneos, uma expansão do sistema, um contexto responsável pelo surgimento de um fã politizado como é entendido hoje.

3.1.1. O mercado literário faz nascer o consumidor-leitor

Um aristocrata já com certa idade, se entrega com afinco aos prazeres da leitura de romances, um hábito de lazer cuja manutenção já dilapidava seu patrimônio. Dizem que pouco dormia e muito lia até que perdeu o juízo; passou a acreditar na veracidade das narrativas, transformou-se num cavaleiro andante e partiu pelo mundo afora. Essa é a história de Dom Quixote, um grande sucesso editorial lançado em 1605 (GRAF, 2013), mas esse também foi um temor legítimo que se popularizou no cotidiano; tal temor surgiu ao mesmo tempo em que se expandia um novo hábito: gostar de ler e fazê-lo em demasia, podia implicar em deixar-se dominar pelo mundo da fantasia, algo então, cada vez mais condenável. Essa batalha e uma oferta cada vez mais ampla se confrontaram durante quase três séculos (ZIBERMAN, 2001).

A substituição da oralidade pela literatura já havia sido temida por Platão no século IV a. C.; mas nesse período, em um contexto caracterizado por grandes inovações, o autor Miguel de Cervantes transportou o registro dessa ansiedade para o enredo da obra. O século XVI foi um período marcado pela revitalização da sociedade europeia frente à série de acontecimentos que promoveram a decadência da Idade Média. Desde o século XV com início da Renascença, a visão de mundo centrada em Deus, a supervalorização da fé e o coletivismo vinham sendo fortemente questionados. A época de intensa produção artística e de grande progresso da ciência humanista, ampliou o hábito de leitura para o cotidiano dos indivíduos (ZIBERMAN, 2001).

A proposição de mundo centrado no homem (humanismo) aliada à valorização do conhecimento racional (racionalismo) e à liberdade individual (individualismo) constituiu o movimento renascentista. Assim, em meio ao nascimento das novas concepções de vida, ao final do século XVI a literatura sobrenatural surgiu na França, inscrevendo-se na rejeição ao pensamento teológico metafísico, ainda muito presente no imaginário popular (SILVA; LOURENÇO, 2009). Assim, a obra Dom Quixote, ao discutir um temor em seu enredo, proveu o espaço social com ideias desafiadoras ao pensamento hegemônico.

Assim, no século XVIII o sobrenatural se opôs às consequências da ordem da razão que havia apoiado (VINT, 2013). O romantismo criticou os rumos que a civilização estava tomando em termos de superficialidade e artificialidade, advindas da ordem da razão iluminista que, por sua vez, havia embasado o liberalismo burguês, consagrado a ciência como o espaço oficial da verdade e desvalorizado o ideário ilusório (FACINA, 2004; MARÇAL,

2009; MOURA, 2010). O movimento fez voltar à cena social a liberdade de criação e a fantasia, reconstruindo e expandindo a literatura sobrenatural (RODRIGUES, A., 2013).

Desse modo, no século XIX, após as grandes mudanças acarretadas pelas revoluções (Inglesa, Industrial e Francesa), os mistérios do sobrenatural não mais diziam respeito ao que a lógica humana não podia dar conta, mas ao que a ciência ainda não conseguia explicar, ou seja, tornou-se uma crítica ao próprio homem (RODRIGUES, T., 2007). Dentre as produções surgiu, a obra *Frankenstein* lançada em 1818 pela escritora Mary Shelley. A obra exerceu grande influencia na cultura ocidental (JOHNSON, 2006).

A exploração de técnicas literárias efetuadas a partir de 1820 colonizou as narrativas com outros seres estranhos, vampiros e feiticeiros (BATALHA, 2009). A experiência literária dos vampiros denunciou o momento social onde nobres tornaram-se parasitas decadentes e trabalhadores tornaram-se máquinas, pois desde a Revolução Industrial eram submetidos a trabalhos humilhantes que sugavam sua vitalidade (POGGIAN; HAYE, 2011). O vampiro encampou a figura do inimigo da sociedade organizada, um corruptor que precisa ser combatido por várias frentes (NAZÁRIO, 1998).

Até 1850 a energia de transgressão dos contos sobrenaturais renovou a atitude romântica e, enquanto gênero, o Fantástico havia agrupado subgêneros - ficção, horror e fantasia (TODOROV, 2003). Escritores e leitores estavam sensibilizados, e neste período alguns trabalhos de ficção tornaram-se *Best-Sellers*¹, como as obras de Júlio Verne. Na obra de Terra à Lua, por exemplo, sua imaginação traçou possibilidades que alimentaram o imaginário vigente e posteriormente influenciaram os novos desenvolvimentos no Centro Espacial Kennedy.

Os métodos científicos e a lógica dedutiva, por sua vez, foram também merecedores de créditos neste século: o detetive Sherlock Holmes e suas aventuras admiráveis de raciocínio lógico foi uma das mais atraentes figuras de romances policiais. Ainda, neste que foi o século de grandes novidades, surgiu também a primeira história em quadrinhos moderna, de autoria do americano Richard Fenton Outcault, que chamou-se The Yellow Kid. A mesma surgiu em 1896 e inovou trazendo o balão para representar a fala de personagens (JARCEM,

¹ O gênero *Best Seller* tanto pode ser caracterizado por seu volume de vendas no mercado editorial, quanto pela especificidade de seu conteúdo, considerado literatura de entretenimento ou de massa, ou seja, um tipo de literatura consagrada como o resultado de uma ação mercantil (capitalista) sobre a cultura (CARDOZO, 2007).

2007). Do mesmo modo que os romances, esse novo veículo de disseminação do sobrenatural condensou progressivamente ideologias políticas, crenças religiosas e problemas sociais.

Mas, de forma relevante, todas essas mudanças são indicativas de que definitivamente se consolidou um mercado que absorvia esses produtos. Contudo, diferente da demanda literária do século XVI, o mercado do século XIX tornou-se responsável por direcionar o conteúdo dessas obras, pois era imprescindível que esse conteúdo agradasse ao leitor, viabilizando a produção (FACINA, 2004). Ora, se os autores tornam-se primeiramente trabalhadores assalariados, seus textos precisaram ser elaborados de modo a assegurar sua máxima difusão, e os leitores, por sua vez, deveriam usufruir dos textos afetivamente já que tratavam de temas de seu interesse (ABRUZZESE, 2004). Até esse período vemos um fã cujas práticas ainda são pertinentes à posição de um consumidor entendido como passivo, mas já se delineia um mercado preocupado em prender sua atenção e atender as suas demandas.

3.1.2. As práticas de um fã envolvido e aficionado

O século XX encontra um leitor e um escritor completamente moldados a uma realidade de mercado; eles apreendem que essa realidade é um produto da cultura, adaptada e produzida, de e para um contexto. Ao considerar que o evento sobrenatural provém do homem, esse evento deixou de ser a exceção e tornou-se uma regra perfeitamente ajustada à realidade cotidiana (ALVAREZ, 2012). Os meios ampliaram-se e o cinema, por exemplo, abriu as telas para ficção científica em 1902 com o filme *Viagem à Lua* de George Méliès, adquirindo uma longa lista de filmes de sucesso desde então (REGINA, 2013).

Ao término da Primeira Grande Guerra, os Estados Unidos da América tornaram-se a maior potência econômica do globo, sendo responsável por 50% de toda produção industrial. Com a recuperação da Europa em 1925 acontece a crise da superprodução no país, os preços despencam e o desemprego ocorre em massa. Mas é no dia 29 de outubro de 1929 que ocorre a queda violenta das ações da Bolsa de Nova York, levando bancos e empresas à falência (COTRIM, 1995). A crise despertou a necessidade de se acreditar em um futuro melhor, sendo esse um desejo de segurança e de proteção coletivo: o jovem buscou um herói e este foi criado para atender as demandas (KAMEL; ROCQUE, 2003).

Assim, os quadrinhos invadiram o imaginário com suas aventuras, aparecendo: Flash Gordo, Dick Tracy, uma adaptação de Tarzan, o Fantasma (o primeiro herói uniformizado), e Mandrake. Em 1938 o Superman foi criado e os direitos vendidos para Detective Comics (DC Comics). A DC Comics e a Marvel Comics consolidaram suas posições de maiores editoras

de história em quadrinhos americanas. Um ano depois surgiu Namor, o ser híbrido humano-aquático e o Homem Tocha, considerado o androide flamejante e seu oponente cibernético, cuja batalha entre o fogo e a água despertou enorme interesse do público (JARCEM, 2007).

Contudo, logo veio a Segunda Grande Guerra e os quadrinhos tornaram-se alvo de interesses políticos. Os conceitos de Nietzsche foram apropriados pelos nazistas e os esquerdistas denunciaram o Superman como símbolo do imperialismo americano de arrogância fascista; enquanto os políticos do Partido Republicano viram nele o super-homem nazista, os assessores de Hitler achavam que ele não passava de um judeu. A interferência feita pelo governo revelou-se um bom termômetro não apenas para indicar o fascínio do público pelos quadrinhos, como também para evidenciar o seu poder como veículo de comunicação de massa (JARCEM, 2007).

No período, até Namor e Tocha chegaram a um acordo, pois com a entrada dos EUA no conflito o presidente Roosevelt convocou os heróis em carne e osso e também os super-heróis para um esforço bélico pelo país. Os super-heróis passaram a visitar as aventuras um do outro e enfrentaram juntos os alemães e os japoneses. O Capitão América lutou contra o próprio Adolf Hitler mas não usou armas, pois prezando pela defesa da liberdade como um valor maior, cabia moralmente à América apenas defender-se de ataques. Por sua vez, seu oponente maior, o Caveira Vermelha, se dizia treinado pelo próprio Hitler. Desse modo, o veículo se prestou como um meio ideológico de apoio aos soldados e a população durante o período turbulento e, de 1940 até 1945, surgiram cerca de 400 super-heróis (JARCEM, 2007).

Após a experiência de duas guerras mundiais, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU) e o planeta se mostrou transformado. Em meio a uma grande evolução tecnológica e industrial teve início a tensão da Guerra Fria ocorrida entre potências: os Estados Unidos (líder capitalista), e a União Soviética (líder socialista) (COTRIM, 1995). Nos anos 50, desde que os soviéticos produziram sua bomba atômica, o medo se espalhou pelo mundo. Os americanos atacavam tudo que se colocasse contra o *american way of life* e “enquanto na vida real, a população procurava comunistas em baixo da cama, nas páginas das histórias em quadrinhos, os heróis faziam sua parte”. Porém, assim que o alvo deixou de ser os alemães e os japoneses, passou-se a vivenciar um tempo de confusões e, tanto Namor como Capitão América, agiam para demonstrar que “comuna bom é comuna morto” (JARCEM, 2007, p.6).

No período pós-conflitos aconteceu uma produção expressiva desses produtos e surgiram novas obras literárias. Em 1954 O Senhor dos Anéis encontrou leitores ardentemente apaixonados. A diferença desse período foi que o culto persistiu e, até hoje, na Inglaterra a

Tolkien Society reúne fãs que retomam experiências da saga, as desenvolve e vivenciam comunitariamente (LOPÉZ, 2004). López cita alguns grupos existentes no Brasil, como a pioneira Ordem do Sul e a Federação Tolkiendili Brasileira, que reúne vários fãs no país.

Os vampiros também voltaram à cena no mercado televisivo americano. *Vampira* é um dos primeiros filmes de terror feito para TV e se manteve no ar de 1954 a 1956; a série estabeleceu as normas para esse gênero de produção: humor irônico como contraponto aos sustos da trama, horário da programação no fim da noite e baixo orçamento da produção aliado ao patrocínio de comerciantes locais. Apesar de ser um programa de gosto não convencional, o mesmo conquistou seguidores e também patrocinadores (OPPENHEIM, 2013).

Mas, a guerra fria ainda perdurava e propiciou a corrida à conquista espacial. Em 1961, o russo Yuri Gagarin chega ao espaço, surpreendendo o mundo e especialmente os EUA; o fato aumenta os temores da população mundial. Nos quadrinhos, o Quarteto Fantástico foi criado como uma espécie de resposta ao apelo da nação: a personificação do esforço que todos deveriam fazer quando o presidente John Kennedy prometeu chegar à lua antes do fim da década; esses heróis arriscaram suas vidas para a conquista da nova era espacial, contra a ameaça vermelha. A Marvel cresceu no período e faz surgir heróis como o Homem-Aranha, Hulk, Thor, Homem de Ferro, X-Men, entre outros (JARCEM, 2007).

Os preconceitos raciais do país começam a ser discutidos por esse meio: X-Men, por exemplo, designava uma equipe de heróis vítima desses. Os mesmos eram discriminados por serem mutantes e foram caçados como animais perigosos. Esse tipo de preconceito explorado nos quadrinhos coincide com a luta americana contra a segregação racial – negros ocupavam predominantemente o sul dos EUA e não tinham os mesmos direitos dos americanos brancos perante a lei. Martin Luther King e Malcom X foram líderes desta luta. O professor Xavier, líder dos X-Men tinha um discurso muito semelhante ao de Luther King, e Magneto, líder da irmandade dos mutantes, ao discurso de Malcom X (KAMEL; ROCQUE, 2003).

Para além da literatura, do rádio, do cinema e dos quadrinhos, ainda na década de 1950, a tecnologia possibilitou o surgimento da televisão colorida e praticamente todos esses meios de comunicação são veículos para divulgação e distribuição de narrativas sobrenaturais. Nesse período, a televisão americana lançou uma programação variada que incluía os seriados. *Star Trek* estreou em 1966 e tornou-se popular por discutir temas polêmicos como o racismo e a guerra; graças à perspicácia de seu produtor (Gene Roddenberry), participaram do elenco uma atriz negra e um tripulante russo, gerando um enorme diferencial para série, rendendo-lhe um lugar especial na política cultural americana (REGINA, 2013). O seriado de *Star Trek* chegou ao Brasil em 1968 pela TV Excelsior, voltou ao ar em 1970 na rede Tupi,

mas teve um período de transmissão mais longo e intermitente na TV Bandeirantes entre 1982 e 1985 quando o seriado foi ao ar diariamente (chegando a ser repetindo em dois horários). Em 1991-1992 a TV Manchete voltou a exibir a série (BRANCO, 2015).

Na década de 1970 foi a vez da saga Star Wars tornar-se outro sucesso de público. A saga cinematográfica inspirou pesquisas de cientistas em programas espaciais da National Aeronautics and Space Administration (NASA). Em 1998 os Estados Unidos lançou a sonda Deep Space I utilizando a tecnologia de propulsão dos caças do Império de Star Wars (GELLER, 2012). Desde 2006, a Estação Espacial Internacional conta com andróides em teste denominados SPHERES Zero Robotics, cuja semelhança é comparável aos dispositivos que a personagem Luke Skywalker utilizou para aprimorar suas habilidades com o sabre de luz (KAUDERER, 2010; NUNCIOS, 2010). A saga também foi capaz de influenciar a decisão de jovens na escolha da carreira profissional; Holly Griffith afirmou que sempre sonhou em ser como a princesa Leia e seus pais a incentivaram: cursou engenharia e hoje trabalha na Estação Espacial Internacional pesquisando e desenvolvendo equipamentos (GRIFFITH, 2012).

Desse modo, no decorrer do século XX, a relação entre o sobrenatural e o social tornou-se cada vez mais forte e de apoio mútuo. Entretanto, desde meados do século surgiu um consumidor mais apegado e fiel aos textos culturais, que manteve viva sua paixão por eles. Assim, com a explosão de ofertas e, principalmente com os seriados na TV e sagas cinematográficas constantemente em exibição, foi se delineando um fã de universos fantásticos que fez perdurar o seu culto; fãs que descobriram outros fãs partilhando dos mesmos interesses e que passaram a se relacionar e trocar informações e ideias por meio desses universos.

Esse foi o caso de Fãs de: Star Treck (Trekkers), Star Wars e, como antecipamos, de Senhor dos Anéis. No início da década de 1980, por exemplo, surgiu o primeiro fã clube de Star Treck no Brasil, formado por fãs antigos, fãs da primeira geração. Os membros vestiam camisetas temáticas, publicavam revistas, se reuniam semanalmente e trocavam materiais. Os atores da saga foram trazidos para palestrar em convenções por eles organizadas, os fã clubes se multiplicaram e, posteriormente, cada um abriu seu perfil na internet (BRANCO, 2015). O fã dessa geração se mostra aficionado pelas obras, colecionam, trocam informações e criam fã clubes. A facilidade de comunicação entre fãs e entre fãs e produtores nos aproxima do modos de práticas de fãs do contemporâneo.

3.1.3. Práticas politizadas em uma produção colaborativa

Apesar de nas últimas décadas do século XX ser comum encontrar discussões sobre as possibilidades de sobrevivência da literatura frente aos novos meios e tecnologias, em 1997 foi lançado na Inglaterra o primeiro livro da série Harry Potter, uma série que contabilizou uma década de extraordinários dados em termos de comercialização (WORTMANN, 2011), estendendo o sucesso para os filmes, cujo terceiro lançamento obteve o recorde de filas e bilheteria do segmento (CARDOZO, 2007), consagrando Harry Potter como um dos mais lucrativos negócios dos últimos tempos. O mercado, visando atender a um gosto crescente pela realidade ficcionista, aprendeu a desdobrar seus produtos.

Mas, quase ao final do século, no ano de 1999, dois sucessos surpreendem os críticos jornalistas pela inovação na forma de projeto: As Bruxas de Blair e Matrix (JENKINS, 2009). Matrix foi projetado para ter seu sentido apreendido em diferentes formatos: games, quadrinhos etc., surgindo como um produto da nova era, em que múltiplos textos são integrados para criar a narrativa que não cabe mais em uma única mídia (JENKINS, 2009). Em paralelo ao filme foi lançado um jogo homônimo contendo novos detalhes da vida da personagem Neo. Batista e Domingos (2011) indicam como esse tipo de estratégia mantém os fãs ligados à saga. O uso de diferentes plataformas para contar ao público as partes de uma narrativa é nominado por Jenkins (2009) de *Transmedia Storytelling*². Curiosamente, o filme Matrix ainda surpreende ao fazer referência à obra do filósofo Jean Baudrillard e sua reflexão acerca da hiper-realidade contemporânea. Neo utiliza um exemplar oco da obra *Simulacro e Simulações* para guardar cópias de arquivos de computador e dinheiro, numa narrativa ficcional que trata exatamente de um simulacro. As obras imitam a vida, seduz o fã aficionado, e a vida se desdobra a partir delas.

Em 2004 é o modelo de *Lost*, o seriado americano desenvolvido para televisão, que torna-se efetivamente representativo de como o fã vincula-se afetivamente e contribui com suas experiências criativas, não apenas divulgando o produto e aumentando o interesse sobre ele, mas expandindo as narrativas e o próprio universo sobrenatural. Ao ser lançado, o seriado teve uma enorme repercussão tornando-se rapidamente popular e atraindo uma grande

² *Storytelling* é um conceito antigo relacionado à capacidade de contar histórias e transmitir conhecimentos relevantes; a forma de transmissão propicia instaurar sentidos ao mundo, ensina valores e molda pensamentos (BATISTA; DOMINGOS, 2011).

quantidade de fãs em todo mundo. Referências à sua história foram trabalhadas em outras séries, em comerciais, em histórias em quadrinhos, em letras de músicas, em games, entre outros meios. O universo foi explorado por diversos veículos entre livros e jogos como: *The Lost Experience*, *Find 815* e *The Project* (LOST, 2014).

The Lost Experience foi o primeiro jogo de realidade alternativa desenvolvido pelos produtores da série com fins de expandir o enredo por meio da participação de fãs. O jogo apresentava uma história paralela a da narrativa, explorava sua parte mitológica, o mundo contextual que envolvia a série, mas que a trama do seriado não dava conta de aprofundar. A estratégia tomou a forma de uma enorme gincana, oferecendo pistas em diferentes veículos de comunicação para que os fãs desvelasse alguns mistérios da ilha onde se passava a história; as dicas, deixadas por hackers, estavam escondidas no site oficial da Fundação Hanso, a organização fictícia criada com fins de preservar a vida humana e promover o bem-estar global. Essas pistas variavam por continente, e isso implicava em acontecer a interação entre os fãs-jogadores no mundo todo, para que se pudessem coordenar as informações. O jogo foi co-desenvolvido e divulgado, entre outros meios, por três redes de televisão, a Americana ABC, a Australiana Canal 7 e a Inglesa Canal 4 (GÜRSIMSEK; DROTNER, 2014; LOST EXPERIENCE, 2014).

Desse modo, subvertendo as fronteiras entre o real e a ficção, seus realizadores definiram um patamar de interação absolutamente inédito, abriram mão do controle absoluto da marca e se apoiaram fortemente em estratégias de marketing para manter o interesse e o desejo dos fãs pelo produto (MARTINS, 2006). O novo modelo fez de *Lost* um exemplo da cultura da mídia contemporânea e, a parceria bem sucedida entre audiência e produção, ocorreu integrada a uma variedade de plataformas digitais (GÜRSIMSEK; DROTNER, 2014).

Outro seriado de TV construído no formato de *Transmedia Storytelling* foi *Heroes* da NBC, que estreou em 2006. A série contou com um site interativo para criação de novos personagens, e com o lançamento de quadrinhos em paralelo aos episódios da televisão (BATISTA; DOMINGOS, 2011). As mídias cada vez mais integradas, inseriram o fã no contexto narrativo, lhe deram voz e lhe envolveram afetivamente.

Em 2011, o ataque de 11 de setembro concretizou a ameaça da Guerra Fria e aumentou o desejo global por invencibilidade. A popularidade de filmes de super-heróis, mais uma vez, tornou-se recorde de bilheterias (KAMEL; ROCQUE, 2003). Juntamente ao surgimento desse desejo encontrava-se disponível as novas tecnologias para o cinema e a condição impulsionou a readaptação das histórias de vários super-heróis (JARCEM, 2007).

O desenrolar dessa relação entre mídias, consumidor e produtor aponta a estratégia de crescimento dessa indústria, que se dá tanto em velocidade de produção como em variedade de produtos. Costa e Orrico (2013) afirmam que nunca antes houve tantas adaptações seriadas e, especialmente, nunca houve tanta aceitação desse gênero de narrativas como hoje; esse tipo de produção disputa recorrentemente a primeira posição entre as maiores bilheterias do cinema a cada lançamento. O mercado não para de crescer, pois o sucesso dessas produções retorna influenciando a venda dos quadrinhos e livros que lhe deram origem, ao mesmo tempo que multiplica e divulga produtos derivados (PIMENTEL, 2013).

Desde 2008, frente ao sucesso dos filmes de seus super-heróis, a Marvel Comics decidiu lançar sua própria produtora. A ideia na ocasião girava em torno de adquirir um maior controle sobre as adaptações dos quadrinhos para o cinema, mas a decisão da Marvel Films trouxe daquela mídia para essas duas grandes inovações: o conceito de continuidade de narrativas e a relação entre diferentes super-heróis numa mesma história. Na ocasião, o conceito representou um grande risco, mas o sucesso logo estendeu a ideia para as décadas seguintes (COSTA; ORRICO, 2013).

Essa estratégia foi coroada com a maior bilheteria dos cinemas do gênero pelo filme os Vingadores, lançado em 2011. A inovação incentivou o crescimento do mercado desses produtos, apesar de certas determinações poderem transformar completamente os cenários e influenciar as produções originais, ao contrário do que inicialmente se propôs o projeto da Marvel Studios. O modelo consagrou-se e, recentemente, a presidente da Lucasfilm - Kathleen Kennedy - anunciou a quebra do que foi, até então, uma regra-chave na expansão do universo da Star Wars: os filmes não podiam entrar em divergência com os demais produtos; o anúncio da possibilidade de mudanças prevê o surgimento de novas histórias e formatos para o cinema, agora contando com a máxima liberdade criativa dos cineastas para introduzir elementos-surpresa às narrativas originais (ASSUMPCÃO, 2014).

O longa Homem-Aranha em 2002 pode ser considerado o exemplo de expansão seriada: o sucesso de bilheteria abriu o espaço para o lançamento em 2004 do Homem-Aranha 2; em 2007 foi lançado o Homem-Aranha 3 que, ineditamente, já tinha sua estreia marcada antes mesmo que o filme anterior chegasse às telas. As aventuras desse herói tornou-se a referência exitosa da transposição dos quadrinhos para o cinema (REININGER, 2014a). Em 2012 o filme sofreu a influência do Ultimate Marvel Universe, criado para renovar as histórias de personagens (PEIXOTO, 2011). Porém, o sucesso de bilheterias do lançamento do Espetacular Homem-Aranha (PIMENTEL, 2013) se deu num clima de surpresa, já que não era esperado que a franquia bem sucedida da série anterior ganhasse tão precocemente um

recomeço. Na ocasião, com estreia marcada para maio de 2014, O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça do Electro, trazia antecipadamente consigo a expectativa de que ser o melhor filme já produzido do gênero (GUERRA, 2012).

Naquele período, o terceiro e o quarto filme da nova série tinham previsão de chegar ao cinema em 2016 e 2018, respectivamente, mas a franquia já programara filmes derivados; novos heróis e vilões deveriam sair do universo do Homem-Aranha da Marvel (REININGER, 2013). A expectativa era de que fossem filmes interligados: o Sexteto Sinistro, Venon e Homem-Aranha 3. Os filmes derivados mesmo sem data definida para estreia (REININGER, 2014b), estavam programados para serem lançados antes do quarto filme da série, ou seja, antes do intervalo médio de dois anos que vinha sendo de praxe para esses lançamentos. Se em cinco anos foi lançada a primeira trilogia, o esperado a partir de agora é que em seis anos tenhamos quatro filmes da série mais os filmes derivados. Assim, a franquia que já dura mais de uma década, representa um dos mais lucrativos produtos da Sony Pictures (SONY, 2013).

Em paralelo ao sucesso de seus heróis, em setembro de 2013 a Marvel Studios levou ao ar uma série para televisão intitulada Agents of S.H.I.E.L.D. A série de Joss Whedon foi transmitida aos domingos na rede de TV americana ABC e no Brasil foi exibida em um canal por assinatura (ROMARIZ, 2014). A superorganização Strategic Homeland Intervention, Enforcement and Logistics Division - S.H.I.E.L.D. é parte do universo fictício da Marvel e foi criada ainda na década de 1960 com o objetivo de proteger o planeta de ameaças de grande porte; a organização monitora os heróis em suas missões, especialmente o grupo dos Vingadores (TADEU, 2013).

O enredo dessa saga exemplifica o funcionamento em rede dessa indústria: a série de TV iniciou trazendo de volta o agente Phil Coulson, que acreditava-se morto no filme Vingadores. Os episódios se passam exatamente após essa batalha em Nova York, e o papel do grupo que compõe os Agents of S.H.I.E.L.D., é o de resolver casos ainda não solucionados (TADEU, 2013). Desse modo, dentro da série, o trabalho dos agentes afeta e é afetado pelo desenrolar dos filmes, que por sua vez fortalece os quadrinhos, integrando as mídias, os heróis e as narrativas, dando forma ao conceito de universo Marvel (conceito de Transmedia Storytelling de Henri Jenkins) e fidelizando sua audiência (BATISTA; DOMINGOS, 2011).

Enfim, a partir dos incidentes críticos que apresentamos, torna-se possível perceber como uma ligação, cada vez mais estreita do fã com seu objeto, foi moldada por meio de uma lógica econômica que, aos poucos, foi se infiltrando e interferindo sobremaneira na relação afetiva que o mesmo desenvolveu com o fandom e com o universo fantástico. Assim se construiu e desdobou a relação entre os fãs, o sobrenatural, os meios tecnológicos e a

indústria, envolvidos numa relação que se mostrou estreita e constitutiva; o resultado produziu o fã politizado que encontramos nesse espaço social. O fã politizado é aquele que despertou para a importância de seu papel no sistema, e assim luta para legitimar sua condição de produtor nesse meio, que é a também sua própria condição de sujeito.

A produção literária e ou ficcional é uma forma de representação do social, pois as relações que se estabelecem no texto [re]produz o que se tem por realidade. A narrativa ficcional organiza, dá a conhecer a experiência e educa o indivíduo em sua própria vida, sendo capaz de mobilizá-lo para a ação, construir realidades e determinar verdades (GAI, 2009). Assim, se por um lado o produto cultural é um dispositivo cognitivo que auxilia a representar, entender, construir, transmitir e conservar os conhecimentos (POGGIAN; HAYE, 2011), por outro também se constitui um espaço de integralização do humano, tendo em vista que lá se articulam tensões morais e éticas e tensões emocionais e sensíveis (SANTOS; SANTOS, 2013). A produção ficcional mostrou sua importância para a dinâmica de alguns períodos sociais, inclusive, sendo capaz de desvelá-los (FACINA, 2004) e de reconstruí-los.

O resgate dessas passagens nos despertou para o fato de que, para além da constância e importância do conteúdo sobrenatural para a organização dos sentidos no espaço social, entre o século XV e meados do século XX, o que nos pareceu se constituir foi uma expansão dos fatos causada por uma nova organização do social pautada pela lógica do sistema econômico. Em estreita ligação com as reviravoltas sociais promovidas pelo estabelecimento de uma classe (o proletariado) e seus novos valores, a literatura como principal veículo de disseminação do conteúdo sobrenatural, tornou-se alvo de exploração econômica.

Desde a consolidação do sistema, as práticas de fãs tornaram-se cada vez mais complexas; o fã mostra-se desejoso e sedento de novidades e novas possibilidades, já que sua construção no espaço social também repousa nessa relação; por sua vez a indústria atua em rede multiplicando e oportunizando a experimentação dessas possibilidades. Mas, a agência coletiva dada nessa produção, a mesma que fortalece e dissemina a lógica capitalista, hoje é extremamente incitada pelas possibilidades tecnológicas. Nessa dinâmica, esse agente politizou-se, ganhou voz e prestígio graças à essas possibilidades interativas, e deixou de ser um simples consumidor para tornar-se o que entendemos por fã.

3.2. Na era da convergência midiática

A relação entre audiência e produção aponta sinais de mudanças: ao invés de apresentar-se como tradicionalmente foi considerada - de “mão única” - ela mostra-se aberta e participativa. Os fãs como categoria de recepção se organizaram, não podem mais ser entendidos como submissos, passivos e, portanto, impotentes; os fãs mudaram as formas como os produtos culturais até então foram produzidos, distribuídos e consumidos (JENKINS, 2009; JWA, 2012, LEE, 2009; LINGEL; NAAMAN, 2011; PEARSON, 2010; THOMAS, 2011). Tais implicações embaralhou o que se entendia por audiência e por produção. O contemporâneo encontra-se povoado por hábitos e práticas de um fã envolvido, apaixonado, militante, criativo e colaborativo, uma forma de cultura que se desenvolve nos espaços sociais do fandom.

O fandom é um “domínio de fãs” e compõe-se do vasto conjunto de integrantes que se identifica e interliga a um produto ou texto cultural por afinidade e gosto. Para Jenkins (2009), nessas culturas reina certo sentimento de camaradagem entre seus membros, que se descobrem partilhando dos mesmos interesses, sendo seu funcionamento em forma de rede interconectada. No fandom a cultura é sempre construída em torno de um produto cultural e de forma participativa, podendo esse modo de organização ser comparado ao de instituições tradicionais como a dos clubes sociais ou mesmo a de uma religião (HARRIS, 2015).

Os textos são constantemente retrabalhados e os fãs se apropriam tanto desses, como do trabalho uns dos outros em cima deles, sendo exatamente isso que caracteriza e constitui a cultura do fandom. A produção se apoia em ferramentas digitais para ser executada e disseminada (AMARAL; SOUZA; MONTEIRO, 2015). É nessa troca intensiva e imediata que são negociados os valores que passam a integrar a cultura da comunidade, mesmo se eles não estiverem explícitos na trama original que lhe deu suporte. Os romances homo afetivos, tão comuns nas reescritas de narrativas conhecidas como *fan fictions*, é um exemplo de como esses valores ocupam esse espaço. Jaques Filho (2014) salienta que o termo adotado na literatura do gênero para os valores produzidos por fãs é *fanon*, atribuído por analogia ao termo do inglês *canon*.

Produzir, ler e cuidar dos textos é parte do processo de socialização do fandom. O fã produz ao mesmo tempo em que educa os fãs mais jovens, sendo guardião da originalidade do cânone. Manter a legitimidade e integridade do cânone é relevante para formação das práticas normativas da comunidade. Assim, os fãs tendem a ser conservadores e protegem ferozmente o legado do cânone (BENNETT; 2014; BRONWEN, 2011). Contudo, Bennett afirma que o que é considerado correto está em constante negociação entre os fãs e entre fãs e produtores. Para

além dessa construção solidária, a oposição às leituras de um texto e mesmo as expressões de ódio que daí advém, foi explorado por Grey (2003) como produção de não-fãs e de anti-fãs. Essas produções ou paratextos e seus excessos (HILL, 2015) também gravitam em torno dos textos canônicos e suas leituras de oposição são afetivamente tão poderosas quanto as de admiração. O conceito de paratextos se refere a toda a série de materiais que gravitam em torno de um texto cultural. Eles ocupam os espaços entre a audiência e a indústria e ambos os criam, e eles podem afetar o curso do texto. O conceito de sinergia, por exemplo, refere-se à estratégia da indústria do entretenimento em utilizar como paratextos, as mídias de outras plataformas relacionadas, enriquecendo e propagando todos os produtos aí envolvidos (GRAY, 2010).

No espaço social do fandom ocorrem várias atividades, como a prática do *cosplay* (caracterizar-se do personagem), e as produções: de *fan fiction* (reescrita de contos também denominadas *fanfics* ou *fic*), de *fanzines* (revista editada por fãs), *fanarts* (produção artística), *fanvids* (feitura de vídeos), *fansubbing* (legendador), *scanlation* (digitalização, tradução, edição, revisão e distribuição de produto japonês - mangá), *crowdfunding* (financiamento coletivo de projetos), *fanmade* (cartazes e materiais para uso em protestos). Além dessas temos: maratonas (organização em turnos para votação em grandes premiações em que os ídolos concorrem), *Meet & greet* (encontro com os ídolos - geralmente os ingressos de shows já disponibilizam diferentes pacotes) e as mobilizações (AMARAL; SOUZA; MONTEIRO, 2015; BRONWEN, 2011; LEE, 2009, 2011). Amaral, Souza e Monteiro indicam que as mobilizações se dão em defesa ou ajuda aos ídolos, e em campanhas sociais mais amplas contra *bullying*, homofobia, política, catástrofes etc.

A atuação política de fãs, além de ser um trabalho formador, é um aspecto muito relevante. Os fãs se entendem merecedores de utilizar elementos do universo e o meio virtual como instrumentos para ações coletivas: mobilizam-se para o apoio e também para críticas (tanto aos produtos, produtores como às causas sociais), em grande parte das vezes tornando suas vontades decisivas pelo alcance e rapidez com que se articulam. Os fãs entendem a questão como um direito à liberdade de pensamento e de ideias próprios de uma sociedade democrática e reivindicam sua posição enquanto cidadãos (AMARAL; SOUZA; MONTEIRO, 2015; JENKINS, 2009; SPAAIJ; VIÑAS, 2013).

Spaaij e Viñas (2013) examinam a capacidade de articulação política de esquerda de fãs no futebol da Espanha, por meio de suas ações sociais coletivas de antirracismo, antifascismo e anticomercialização do esporte; apontam como os costumes essenciais para política democrática (informação, discussão e ativismo) foram incorporados por essa vivência

em fandoms. Para Jenkins (2009) foram as práticas de consumo da cultura popular contemporânea as responsáveis por prover competências para o ativismo político. A própria capacidade de compartilhar interesses, desenvolver redes, criar a cultura e institucionalizar a comunidade, implica aos participantes do fandom o pré-requisito de ativismo político (COPPA, 2014); os laços desenvolvidos nessas relações constituem uma inteligência afetiva vital para manter o envolvimento político e a própria atividade acontecendo (VAN ZOONEN, 2014).

Por tudo isso, os fãs tem sido visto frequentemente como portadores de forças transgressoras e de voz para grupos marginalizados, especialmente quando o texto-fonte é uma obra canônica da literatura. Na produção de *fan fictions*, eles desdenham das convenções em termos de uso e propriedade, convencionam regras próprias de censura para suas produções, transgridem os limites de espaço-tempo das narrativas e ainda reúnem numa mesma criação personagens de diferentes mundo ficcionais (BRONWEN, 2011). Desafiam, desse modo, hierarquias de gênero, de raça, de sexo, ao mesmo tempo em que ganham confiança e habilidades para lidar com os problemas de seu cotidiano por meio de suas relações com fandoms (JENKINS, 2009).

Jwa (2012) analisa ainda que esse tipo de trabalho capacita os fãs, tanto incentivando o aperfeiçoamento da escrita e a proficiência da língua, como desenvolvendo neles um senso de responsabilidade como autor e como leitor, uma vez que a troca constante de papéis no fandom os deixa permanentemente sujeitos às colaborações e juízos dos demais membros. Bronwen (2011) admite que muitos desafios novos foram colocados pela produção de fãs aos estudiosos no contemporâneo. Contudo, por outro lado, os fãs não estariam praticando em suas produções o mesmo modelo que a indústria produtora de textos culturais os propiciou e os convidou a se integrar? E sua participação ativa também não está as moldando constantemente?

O que podemos observar é que uma nova estética de narrativas configurou-se em resposta à integração e multiplicidade das mídias. Jenkins (2009, p 47) denomina essa estética de narrativa transmidiática, que para ele:

[...] é a arte de criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica.

Com isso, o mercado precisou se organizar para lidar com um consumidor atípico: ativo, migratório no uso de mídias, conectado socialmente, barulhento e público. Jenkins (2009) afirma que vivemos uma “economia afetiva” e que a forma tem incentivado às empresas a se transformarem em *lovemarks* e buscarem conquistar esse consumidor cada vez mais comprometido e envolvido emocionalmente, de preferência integrado a uma rede social influente. Nos últimos tempos, as mudanças culturais construídas nesse meio levaram os estudiosos a falar em capital emocional de marcas ou *lovemark*. O termo *lovemark* foi criado em 2004 por Kevin Roberts para se referir às marcas dotadas do potencial de transformar consumidores em fãs, graças a sua capacidade de fazê-los transcender o limite racional e deixando que elas façam parte de sua vida (BATISTA; DOMINGOS, 2011).

Assim, a plataforma de relações desenvolvida entre tecnologias, fãs, produtores e produções culturais aponta a profunda mudança das tradicionais formas de convivência. A intrincada rede de relações que se estabeleceu entre possibilidades interativas da tecnologia e comunidades virtuais é denominada por Jenkins (2009, p.29) de Cultura da Convergência, e acontece: “onde as velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”.

Para o autor a convergência é um processo de aprendizado e uso tanto da esfera do consumidor como das corporações e, portanto, ocorre não apenas entre meios tecnológicos da rede, mas no interior de aparelhos de uso pessoal, de empresas e de comunidades virtuais. Como o mesmo envolve o modo de produzir e consumir os meios de comunicação, o processo ocorre modelando a forma do pensamento dos indivíduos e afetando seus modos de convivência, lembranças, imaginação, desejo e papéis sociais, pois agora “[...] ser amante, mãe ou professor ocorre em suportes múltiplos.” (JENKINS, 2009, p. 43).

O autor alerta para as características que envolvem essa era da convergência das mídias, e discute a questão da inteligência coletiva em que os modelos oriundos das comunidades de fãs estão inspirando as instituições que se reinventam, afetando o mercado e as próprias comunidades:

[...]a convergência representa uma mudança no modo como encaramos nossas relações com as mídias. Estamos realizando essa mudança primeiro por meio de nossas relações com a cultura popular, mas as habilidades que adquirimos nessa brincadeira têm implicações no modo como aprendemos, trabalhamos, participamos do processo

político e nos conectamos com pessoas de outras partes do mundo. (JENKINS, 2009, p.49).

Com isso, o autor aponta uma série de mudanças que se instauraram no cotidiano dos indivíduos que precisam lidar com a co-criação de fãs, suas características e capacidades, pois como a cultura de convergência faz parte inclusive do cotidiano de crianças, isso é um problema para a educação, para a família e para o mercado tradicional, que se defrontam com paradigmas obsoletos. Entre vantagens, ameaças, dificuldades, erros e acertos, essas interações vêm moldando a convergência e formando indivíduos-cidadãos politicamente mais articulados.

O estudo de Jenkins é considerado seminal e muitos autores partem dele para discutir esse essa cultura (Bennett, 2014; Bronwen, 2011; Coppa, 2014; Evans, 2014; Ford, 2014; Harris, 2014; Harrington; Birlby, 2005; Hills (2014); Larsen, 2014; Shefrin, 2004; Thomas, 2011, Tushnet, 2014). Jenkins foi seguido por Camille Bacon-Smith (Harrington; Birlby, 2005), Constance Penley, Roberta Pearson e John Tulloch (COPPA, 2014). Esses autores exploraram a produção de fãs alertando para sua importância social, mapearam a riqueza e complexidade do acontecimento que se instaurava e despertaram o interesse multidisciplinar sobre essas práticas.

Entretanto, como as novas dinâmicas de autoria, produção, comercialização e consumo estabelecidas são formadoras, torna-se relevante analisar as relações que estão sendo estabelecidas por essa “economia afetiva”: uma comunidade afetivamente comprometida com um produto cultural e agora de voz ativa, trata com grandes corporações detentoras desse legado, incomodadas mas também interessadas, e ambos buscando em suas ligações um ganho: de um lado, o afetivo e de outro, o econômico (SHEFRIN, 2004; THÉBERGE, 2005).

Pearson (2011) explora a relação simbiótica entre as poderosas corporações e os fãs, e como dela aflorou novas formas de produção cultural. Nesse sentido, Chin (2014) analisa como esse fã, têm assumido funções antes preenchidas por profissionais de relações públicas e de marketing sem qualquer remuneração financeira. Stanfill (2014) exemplifica como isso ocorre quando discute o novo Kindle Worlds, um espaço *fan fiction* para publicar a produção de fãs como produção original e remunerada, inaugurado pela rede Amazon. A crítica desse autor volta-se para o fato da produção criativa está enraizada no pensamento ocidental como uma propriedade individual e, como o trabalho colaborativo do fã não cabe mais nesse modelo de propriedade, esse se tornou um motivo de preocupação para o próprio potencial

social inventivo. Mas é dessa forma que o trabalho dos fãs vem sendo rentabilizado pelo novo regime; instituições tentam guiá-lo para produção de um trabalho de valor, estimula-o a colaborar e se beneficia financeiramente dos resultados de seu trabalho (HELENS-HART, 2014; THÉBERGE, 2005); por sua vez, o fã cria seu mundo ao se apoiar nesses universos.

Jenkins (2009) atribui às práticas do marketing a responsabilidade do incentivo dado as gerações jovens em assumir um papel de anúncio publicitário ambulante; a geração ostenta em seu próprio corpo (e em seus ambientes) as suas marcas preferidas. Ele usa camisetas, bonés, mochilas e botons dessas marcas, desfila em um ambiente decorado com cartazes de ídolos, jogos, séries etc., sendo esse um motivo de ostentação e orgulho. De forma conflitante, quando esses jovens replicaram o mesmo hábito em seus portais na rede, isso se converteu em ameaça para o bem estar econômico das indústrias, gerando grandes conflitos.

Entre relações conflituosas e produtivas, os fandoms apresentam uma enorme diversidade nas formas de engajamento e participação de fãs nos processos de produção e recepção (BRONWEN, 2011; THOMAS, 2011). Ao tecerem a cultura no fandom, os fãs demarcam identidades, constroem o entendimento não apenas do que é ser um verdadeiro fã, mas também, por exemplo, do que é ser um adulto ou um adolescente, estabelecendo amplas diretrizes que lhes dão suporte para ocupar os papéis sociais dentro e também fora do fandom, no cotidiano dos demais espaços sociais que habitam (KOROBKOVA; BLACK, 2014).

Porém, Jenkins (2009) acredita que esses conflitos e a falta de parâmetros que pauta a relação entre a audiência e a indústria é um reflexo da falta de entendimento de como conviver com as mudanças da era da convergência de mídias, uma cultura participativa e de inteligência coletiva. Ele aponta que as lutas em última análise, se referem ao direito de ler, mas também de escrever acerca dos mitos culturais essenciais, de alfabetizar-se propriamente na cultura das mídias digitais. As restrições vêm promovendo exclusões (injustas no julgamento dos fãs) ao determinar quem possui o direito de participar e em que termos. Essa pedagogia compartilhada nas comunidades tem se mostrado importante na construção de vários conhecimentos para a vida contemporânea, embora ainda esteja muito distante da educação conservadora.

Considerando a historicidade que fez surgir as práticas desse agente e o campo conceitual em que se encontra inserido, a próxima seção se dedica à aproximação com o universo fantástico de Harry Potter e a singularidade de seus fãs.

3.3. Os potterheads e seu fantástico universo

Londres. Era meia noite e um minuto do dia 20 de julho de 2007 quando, em meio ao suspense promovido pelo sigilo que vinha ocorrendo nos últimos lançamentos da série, e ao burburinho causado pelos ansiosos fãs, então ávidos para devorar o último dos sete episódios, nas livrarias são abertas as caixas contendo o livro Harry Potter e as Relíquias da Morte. O momento do lançamento talvez mais aguardado da história literária, foi marcado por uma contagem regressiva; cronômetros foram dispostos em avenidas importantes de várias cidades em todo do mundo, garantindo que todos os fãs tivessem acesso ao desfecho da saga ao mesmo tempo.

Nessa data, no Museu de História Natural de Londres, mil e setecentas pessoas foram selecionadas entre noventa mil inscritos para acompanhar esse lançamento junto à autora, Joanne Kathleen Rowling (JK Rowling). A fila para entrada do evento se formou com dois dias de antecedência, e nas primeiras vinte e quatro horas que se seguiram 2,6 milhões de livros foram adquiridos no Reino Unido e 8,3 milhões nos Estados Unidos, o que representou uma venda de mais de sete mil cópias por minuto (RUNCIE, 2007). Tal como prometia todo o sucesso da saga, comenta-se que esse foi considerado o livro de venda mais rápida da história.

Tudo começou no ano de 1997 com o lançamento do primeiro volume na Inglaterra, e uma tiragem bem pequena, de apenas 500 cópias. Quando o sucesso estourou, a dificuldade de encontrar o produto e os pedidos urgentes se tornou um potente instrumento de vendas e, desde então, comentários obscuros sobre demanda e oferta incorporaram-se aos demais lançamentos (BROWN, 2006). A série de sete volumes foi produzida no decorrer de 17 anos e versa sobre a história de um mundo de magia e um bruxinho órfão. A trama acompanha sua vida escolar e, a cada exemplar, se torna mais densa e complexa, trazendo dilemas e discussões que se atualizam para atender ao interesse do fã, que cresceu junto à personagem.

Dada a importância desse acontecimento para seus leitores, o documentário da Independent Television dirigido por James Runcie e lançado em 2007, seguiu JK Rowling durante o ano da finalização da série. Nele a escritora detalhou particularidades de sua vida e da criação da obra, contou como iniciou a escrita da história seis meses após a morte de sua mãe em 1990 e como finalizou a obra em janeiro de 2007. A narrativa, diz ela, acompanhou suas experiências de vida repleta de dor e de dilemas: sofrimento, depressão e solidão. As experiências vividas lhe deram suporte para abordar profundamente temas e questões morais como lealdade, integridade, necessidade de enfrentar o mal. Ao separar-se do primeiro marido, por exemplo, a escritora comenta que precisou do subsídio do governo para

sobreviver com sua filha bem pequena, e que se viu incapaz de sentir alegria de viver; a experiência lhe ajudou a criar os “dementadores”, uma das criaturas mais cruéis da saga que se alimentam da ruína e desespero alheios, sugando a paz, esperança, todas as lembranças felizes e a própria vida de suas vítimas (RUNCIE, 2007).

Rowling costuma afirmar que foi sua ligação emocional com a história, que a fez acompanhar de perto todos os produtos oriundos desse universo, decidindo, até aqui, cada detalhe e se envolvendo na produção como um todo. A divulgação da história de vida de autora e sua postura frente a mesma e frente à saga e aos valores cotidianos, são objetos de idolatria pelos fãs.

Como forma de manter-se próxima aos fãs, Rowling também criou seu próprio espaço virtual interativo, o Pottermore.com. Nele os fãs podem vivenciar as narrativas do bruxinho, tais como ingressar na escola da magia, comprar seu material escolar, ser selecionado para uma das quatro casas e até ser escolhido por uma varinha que o acompanhará nessa trajetória. As constantes disputas entre as casas e os jogos e detalhes novos para a trama inseridos pela autora, trazem novidades diárias para esse espaço de interação. No mês de maio de 2014 aconteceu a primeira Copa Mundial de Quadribol, na qual o Brasil foi classificado (QUIDDUTCH, 2014). O quadribol é um esporte fictício; grosseiramente, pode-se assemelhá-lo ao futebol, mas na trama é jogado no ar, com os jogadores montados em vassouras voadoras. Em todo o mundo existem seleções formada por jogadores fãs, que praticam o esporte e se mantêm em contato. O Pottermore.com se colocou, desse modo, como um espaço oficial para organizar essa competição.

Contudo, a exemplo do que se apresenta como tendência desse mercado, no dia 12 de setembro de 2013, a Warner Bros anunciou oficialmente que J. K. Rowling seria a roteirista de uma nova série de filmes inspirado no livro *Animais Fantásticos e onde Habitam*. O livro trata da breve biografia de uma personagem fictícia: o professor Newton Artemis Fido Samander (conhecido por Newt) e suas aventuras pelo mundo durante os anos em que se dedicou à pesquisa sobre as criaturas mágicas. Como na narrativa Newt é considerado um dos maiores *magizoologistas* do mundo, esse tornou-se um livro didático obrigatório na escola de magia de Hogwarts. O livro foi de fato lançado em 2001 por J. K., à parte da coleção de sete volumes da saga, como o exemplar pertencente ao aluno Harry Potter (SAIBA, 2013).

Tal anúncio marca o início da expansão desse universo fantástico, possivelmente nos termos do que ocorre hoje com outros textos culturais, e se assim for, deverá reaquecer um mercado que já é gigantesco. A notícia oficial surgiu após uma onda de boatos que há muito tempo é gerada e desmentida nas redes sociais e por isso, causou tanto reboliço entre os então

“órfãos” da saga, ansiosos pelo lançamento de novos produtos. A novidade deve elevar a saga ao patamar de ícone de sucesso das próximas décadas tendo em vista que se trata de um dos mais bem sucedidos produtos culturais dos últimos tempos, um universo de relevante importância tanto econômica, como social.

Desse modo, podemos entender os motivos pelos quais o mundo paralelo criado por JK Rowling não apenas apaixonou seus leitores, mas tornou-se um objeto de interesse para vários campos teóricos. Com uma popularidade inegável, pesquisas em várias áreas encontram na saga subsídios para construção de saberes (SUSAN, 2015). Os estudos são diversificados: Chanda (2014) por exemplo, faz uma análise psicanalítica do protagonista da narrativa; Bennett (2014) avalia as atribuições do bibliotecário por meio do exemplo da Madame Pince (a bibliotecária de Hogwarts); Hsu, Conrad e Jacobs (2014) utilizaram a saga para analisar o episódio de imersão na leitura por meio da neurociência. A busca que fizemos do termo no Portal de Periódico Capes-Mec revelou a existência de quarenta mil setecentos e vinte e seis registros. Ao utilizar o filtro: revisado por pares, o montante ficou em seis mil cento e oitenta e sete pesquisas, que o estudaram por meio do foco das disciplinas: medicina, biologia, psicologia, marketing, educação, turismo, literatura, comunicação, política, matemática, sociologia, teologia, entre outras.

O interesse acadêmico possivelmente foi despertado pela magnitude do acontecimento. A saga foi recordista nas mais variadas modalidades: é considerada a série literária infanto-juvenil mais vendida no mundo e a saga cinematográfica de maior sucesso na história do cinema (BATISTA; DOMINGOS, 2011). Por outro lado, conquistou a sétima posição entre os cem livros mais contestados judicialmente da década de 1990. Ainda, assumiu a primeira posição entre os livros mais desafiados do século vinte e um, entre ataques e defesas inflamados vindo das mais variadas instâncias (BENNETT, 2014). A obra foi traduzida para mais de 60 idiomas, fazendo com que fosse conhecida pela maioria das famílias ocidentais (STEPHEN; PATTERSON, 2010).

Como podemos ver, não é sem motivo que os potterheads se autodenominam “geração Potter”. Harry Potter é considerado uma das mais potentes narrativas de mídia do contemporâneo. O sucesso da série aliado a sua ampla distribuição, a tornou quase que uma leitura obrigatória para uma geração inteira (ARCHER, 2015), fazendo de Harry Potter o símbolo de toda uma geração no contemporâneo (BATISTA; DOMINGOS, 2011).

Porém, é o trabalho dos potterheads que têm mantido o universo bastante ativo. Em 2013, por exemplo, o Harry Potter Filme ficou em 10º lugar entre as *fan pages* do Facebook com mais curtidas no mundo inteiro, segundo R7 Notícias³; O Estadão de São Paulo noticiou que Harry Potter liderou a lista dos livros mais marcantes organizada no Facebook no Brasil e nos Estados Unidos, ficando na frente, inclusive, da colocação da Bíblia⁴. Os números também são relevantes em relação a produção desse fã no interior do fandom: hoje as *fanfics* de Harry Potter lideram *ranking* do Fanfiction.net, talvez, o maior portal do mundo em publicações desse tipo (EFIMOVA, 2015; SKEIKA; FRANZÓ, 2015). Efimova acompanha o crescimento dos fandoms de Harry Potter nos últimos 15 anos, e afirma que *fan fiction* é uma manifestação em crescimento e é uma das principais formas dos fãs demonstrarem sua lealdade à marca: eles dão continuidade ao trabalho de Rowling, e preservam ferozmente a interpretação canônica genuína.

No mês de junho de 2014, os potterheads, mais uma vez, se movimentaram nas redes sociais em todo mundo, afinal, no dia 30 além de ter sido o 17º aniversário do lançamento da saga, é também aniversário de JK Rowling a quem eles querem, como sempre, homenagear. Por isso, dia 26, a *hashtag*: #17AnosDeMagia ocupou o segundo lugar do Trending Topics brasileiro⁵. O Trending Topics é um *ranking* que indica, em tempo real, as palavras mais postadas por usuários no Twitter. Aliás, os fãs sempre comemoram datas importantes, seja o aniversário das personagens, dos atores, ou dos lançamentos de livros e filmes.

Os potterheads, como antecipamos, são também bastante envolvidos com as causas sociais. Em 2010 o grupo Harry Potter Alliance, o mesmo da luta contra a produção de chocolates sem certificação de origem, levantou cerca de cento e vinte e três mil dólares financiando cinco aviões de carga para transportar alimentos para o Haiti, após o terremoto que devastou o país. Segundo Jenkins (2012) o grupo conta com mais de 100.000 membros no mundo inteiro e mais de 70 capítulos da narrativa da saga reescritos por eles. A cultura da comunidade é desenvolvida de modo colaborativo a partir do conteúdo da saga e molda o ambiente interativo para que se dê esse tipo de ação.

³ Disponível em: <<http://lista10.org/tech-web/as-10-maiores-fan-pages-do-mundo-2013/>>

⁴ Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/harry-potter-lidera-lista-de-livros-mais-marcantes-no-facebook/>>

⁵ Disponível em: <<http://cidadeverde.com/noticias/166446/fas-de-harry-potter-comemoram-17-aniversario-de-lancamento-da-serie>>

Eles também se mostram interessados por temas polêmicos que atravessam o cotidiano social, político e econômico aqui no Brasil. Atualmente, esses tem sido acompanhados e debatidos com criatividade e ironia em um novo perfil no facebook chamado Hogwarts Vai Virar Cuba⁶, fundado em janeiro de 2015; por meio de elementos do universo, lá são postados e discutidos temas envolvendo a luta contra discriminações, os protestos de classes, as políticas públicas, temas de direito etc. Por exemplo, dia dois de julho desse ano o tema das postagens girou em torno da questão da redução da maioria penal em votação no Congresso Nacional e, em forma de brincadeira, a crítica se voltava para o fato de que a mesma não reduziria a violência do país.

Harry Potter é, de fato, uma *lovemark*: a mesma se encaixa na categoria de marcas que possuem a capacidade de fazer parte da vida de seus consumidores transformando-os em fãs (JENKINS, 2009). Apesar do intervalo entre último lançamento e a expansão do universo proposta apenas para 2016, pode-se dizer que os fãs mantiveram a fidelidade à marca nesse intervalo, são ativistas convictos e produtores ativos e incorrigíveis. Como os fãs desse universo cresceram junto à série e foram criados nos moldes da cultura de convergência, os casos com que iniciamos esse trabalho revelam sua enorme importância, bem como o poder de barganha coletiva que esse fandom conquistou. Essas características formam o perfil dos potterheads.

Nesse sentido, Jenkins (2009) explorou o caso do Potter War, pois avalia a questão como um conflito de interesses desmedido, tendo em vista que a postura da Warner se colocou completamente oposta às práticas do culto midiático. O fã pertence a uma geração que está acostumada a buscar a solução comunitária para problemas utilizando os meios digitais e a usar os conteúdos dos produtos culturais de modo criativo para construir seus mundos. Eles enfrentam lutas dramáticas para manter e expandir o que consideram um direito adquirido: participar colaborativamente, a sua própria maneira, sem restrições à sua potencialidade de se engajar nessas formas de construção que hoje conquistou um lugar central na cultura.

Enquanto a luta pela garantia de procedência dos chocolates da marca à venda especialmente na Dedos de Mel (a maior doceria fictícia da Grã-Bretanha bruxa, hoje representada no parque em Orlando) foi argumentada por meio de uma incompatibilidade

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/hogwartsvaivirarcuba>>

ética, o Potter War foi considerado um ataque covarde e direto ao fã; exatamente aquele fã dedicado, trabalhador voluntário, que se entende parceiro da marca. Como esse caso é representativo da potencialidade ativista desses fãs, vamos detalhá-lo.

Na ocasião da compra dos direitos autorais da série Harry Potter, a Warner Bros. Entertainment colocou em prática a usual busca por *websites* que exploravam ilegalmente sua propriedade. A organização preservou o seu direito ao solicitar judicialmente o fechamento de vários portais por julgar seus conteúdos inapropriados ou ofensivos.

Ao ser informada de que uma amiga e colaboradora havia sido notificada judicialmente para tirar do ar seu perfil na rede, a editora do perfil O Profeta Diário, Heather Lawver Sewell, com apenas 16 anos de idade, se disse absolutamente furiosa, pois tratava-se de *websites* de fãs muito jovens que trabalhavam apenas para expandir o amor à saga e não tinham ganhos financeiros. Sua primeira reação foi buscar apoio com outro amigo, na ocasião proprietário de um dos maiores sites de fãs de Harry Potter do mundo; contudo, foi informada que não apenas ele, mas dezenas de outras crianças também haviam sido notificadas. Mas como assim? Esses fãs, pensou ela, foram justamente os que ajudaram a construir o império que Harry Potter se transformou (SEWELL, 2014).

Sewell resolveu se mobilizar contra o que considerava uma injustiça. A dificuldade inicial de sua luta foi recrutar parceiros, pois todos os que foram notificados eram crianças com pais compreensivelmente assustados. Entretanto, o caso de uma menina de 14 anos do Reino Unido, Claire Field, deu um rosto a essa batalha: seus pais decidiram entrar na luta e ela teve o caso divulgado por Alastair Alexander, um político de Londres; a sua história se espalhou rapidamente. Sewell procurou Alastair e com sua ajuda criou uma organização chamada Defesa Contra Artes das Trevas, traçando um planejamento estratégico para a ação. Sua militância constou de argumentar a importância da contribuição dos fãs para o sucesso da saga, e acusar que os detentores do direito da marca de perseguir crianças e não respeitar o trabalho desses fãs; a jovem alertava acerca da ameaça que sofria toda a comunidade em termos de ver sendo tomada sua liberdade de expressar sentimentos, pensamentos e ideias. Sua luta organizada ganhou força e se expandiu pelo mundo (SEWELL, 2014).

Sewell foi convidada a conversar com um porta voz da Warner, ocasião em que, segundo conta, buscou deixá-lo ciente de que não eram crianças indefesas e desorganizadas e sim um grupo de seguidores com uma demanda muito clara e uma grande quantidade de militantes mobilizados em apenas uma semana, além do apoio da imprensa mundial. A franquia terminou por entrar em negociação, fez um reconhecimento público de que tratava-se

de uma falta de comunicação e uma promessa de que o estúdio ampliaria sua política de cooperação com os fãs, seguindo modelos já existentes (JENKINS, 2009; SEWELL, 2014).

Esse tem sido um modo de luta aplicado recorrentemente por potterheads no mundo inteiro. Essa forma de embate e mesmo a relação produtiva e parceira construída entre fãs, textos culturais e indústria, são conceitualmente entendidas como fazendo parte de uma era: a era da convergência midiática (JENKINS, 2009).

Assim, o contato com campo empírico aos poucos foi nos revelando que o fã é consequência da instauração de uma enorme transformação nas formas de agentes contemporâneos; novas formações societárias, seus deslocamentos e reconfigurações de cenários são impulsionadas por redes de forças capazes de orientar e comandar esses espaços. Portanto, não é demais tratar-se como uma nova era esse momento em que relações sociais se estabelecem por meio de tecnologias agora convergentes, e inseridas na cultura mundializada da sociedade de controle. Questionamos-nos se a condição assinalou um processo de expansão da vida (SOUZA; BIANCO, 2011), pois uma mudança de princípios foi inventada em nome da vida, e sua possibilidade reside na constituição de subjetividades e de saberes que lhes dão suporte.

O próximo capítulo volta-se para tratar da fundamentação teórica que apoiou esse estudo.

4. Fundamentação teórica

O presente capítulo trata das bases teóricas que fundamentaram nossa analítica crítica. Sob influência da lógica indutiva, mantivemos o contato com os dados ao mesmo tempo em que fomos aprofundando e formando o quadro teórico construído no imbricamento das filosofias foucaultiana e deleuziana. Desde o início, portanto, problematizamos a partir da confluência entre os dois pensamentos, o que revela-se no modo de construção do próprio capítulo. Entretanto, a proposta deste não é a de fazer uma revisão completa das duas filosofias, o que se revelaria uma tarefa árdua e fugiria ao objetivo da tese. Assim, a ideia não é esgotar os seus aspectos e sim traçar um panorama geral e tratar com mais profundidade as categorias teóricas que efetivamente nos ajudaram a desvelar as formações discursivas do campo empírico. Por formação discursiva Foucault (2009a) entende um conjunto de saberes capaz de descrever um sistema de dispersão e revelar a ordem na qual um discurso se organiza. A mesma é, portanto, composta por certo número de enunciados, conceitos e escolhas temáticas. Esse conceito se tornará mais claro quando do aprofundamento decorrente da nossa análise.

Optamos por começar apontando as possibilidades de convergência entre os pensamentos e, a seguir, apresentar cada uma das filosofias; contudo, ressaltamos que o capítulo foi organizado com o objetivo de apresentar os conceitos desses dois pensadores que, para essa investigação, se apresentaram relevantes.

4.1. O encontro entre as filosofias de Michel Foucault e Gilles Deleuze

Nesta seção apontamos a possibilidade de confluências que acreditamos existir entre as duas filosofias e que abriram a oportunidade para nosso trajeto analítico. Essa seção volta-se para tratar especificamente de dois pontos: para que e como foi possível um apoio nos pensamentos de Michel Foucault e Gilles Deleuze para desvelar o conjunto de relações presentes nos saberes que sustentam a prática dos potterheads. A seguir tratamos dos motivos dessa costura teórica, seguida por sua possibilidade.

4.1.1. O Propósito de um apoio nas duas filosofias

O objetivo de buscar apoio nos dois pensadores perpassa pelo delineamento de nossa própria questão de pesquisa, pois descrever que saberes se revelam na prática dos potterheads, é descrever um estatuto de saberes que indicam possibilidades de sujeito e de espaço social, mas também a sua dinamicidade.

Tratamos anteriormente que a prática de potterheads contém uma agência, uma subjetividade que identificamos como biopolítica. Dois pontos desde já precisam ser esclarecidos, embora sejam retomados no decorrer da seção: o primeiro se refere à essa agência, e o segundo ao conceito de biopolítica. A agência dos potterheads se estabeleceu como uma força que foi operada no social, o que para Foucault (2003) é uma subjetividade, tendo em vista que na perspectiva pós-estruturalista, sujeito é subjetividade pura (WILLIAMS, 2012), e a subjetividade é sempre um processo coletivo e produtivo (GUATTARI; ROLNIK, 1996). O segundo ponto se refere ao conceito de biopolítica, que foi desenvolvido por Foucault (2008b) ao analisar o neoliberalismo e a consolidação do sistema capitalista. O autor apontou como característico do poder moderno, o ajuste estabelecido entre a população enquanto corpo vivente e os processos econômicos. Segundo ele, desde a modernidade a vida tornou-se objeto de controle do saber e das intervenções do poder e esse sistema delineou o surgimento de uma forma-sujeito considerada como máquina produtiva de fluxos de renda. O poder sobre a vida é, então, entendido como biopoder e toda a tecnologia de poder que foi operada sobre a vida e os corpos ele denomina de biopolítica.

Contudo, o poder para Foucault (2009) é uma força que se estabelece como uma relação: é sempre operado por meio de saberes e todo poder gera saberes. Ora, se para Foucault não existem poderes que não derivem de saberes, como no interior de uma subjetividade biopolítica se pôde gerar novos saberes capazes de sustentar mudanças sociais? Afinal, Foucault (2003) registra a existência do biopoder, que se exerce sobre o corpo e o sangue dos indivíduos e das populações, desde o século XVII. O que, então, move essa luta contemporânea e permite a realização de um trabalho coletivo singular que se dá em termos mundiais? Esses questionamentos tornaram-se representativos para nossa discussão.

As questões foram suscitadas mediante nosso aprofundamento nas leituras de Michel Foucault, em que encontramos o prazer assumindo a condição de experiência política importante para construção social (FOUCAULT, 1999a). Em termos dessa dinâmica, Foucault (2009a) nos alerta que, se todo poder repousa na contingência e na fragilidade histórica, é porque sempre se abre a possibilidade da eventualidade. Contudo, Foucault (2009b) adota a

ideia de revolução para analisar o poder, pois, segundo ele, só dispomos de mais um modelo: além do da guerra (relação de forças), temos o do direito (proibição, portanto dominação), e este é inadequado, pois não é capaz de descrever o poder, que como vimos, para ele é relacional. Essa condição faz com que o poder conviva com a resistência por possibilidade.

Assim, sendo o pensamento social comandado por questões de revolução, não apenas o saber como o poder estabelecem um apoio e reforço mútuo, como também não existe poder que não possibilite resistência. Nesse sentido, o autor entende que a resistência precisa ser tão inventiva, móvel e produtiva quanto o poder. Foucault (2009b, p.233) exemplifica essa necessidade: o discurso moderno de libertação pronunciado por médicos e psicólogos é um instrumento de controle e poder, pois “ele explora a tentação de acreditar que é suficiente, para ser feliz, ultrapassar o umbral do discurso e eliminar algumas proibições. E de fato acaba depreciando e esquadrinhando os movimentos de revolta e liberação”, pois sem encontrar uma ideia adequada para luta, precisam constantemente se reinventar. Por isso, para o autor, “Em toda parte se está em luta [...], esse jogo mantém os espaços sociais e, a cada instante, se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião” (FOUCAULT, 2003, p. 232).

Entretanto, entendendo que o processo de resistência é um processo criativo, Foucault (1999a) afirma que o prazer assume nessa resistência, a posição de uma experiência política capaz de produção de estratégias de dessujeição. Para ele, o prazer se vincula aos movimentos de mudança e desvela espaços ou frestas no poder que podem ser colonizados (WILLIAMS, 2012). Isso porque, Foucault (1995b) analisa que a ligação do prazer com o desejo foi uma experiência ética muito antiga, e que foi desvinculada pela invenção e prática da “fórmula” cristã. Foucault se questionou acerca desse desligamento quando fez a genealogia da ética e, envolvido com questões da experiência moderna da sexualidade, o autor entendeu essa experiência como um dispositivo.

O conceito dispositivo surge na evolução investigativa do autor, é mais ampla que a episteme e a inclui (THIRY-CHERQUES, 2008). Para Foucault (1999^a; 1999b) um dispositivo contém a rede de relações que se estabelece entre elementos heterogêneos, entre o discursivo e o não discursivo (práticas, instituições e táticas), de onde surgem mecanismos capazes de sustentar o exercício do poder em determinado corpo social. É como se o dispositivo definisse a natureza de sentido dessa malha de relações em um tempo e espaço, uma vez que possui, exatamente, a função estratégica de responder a uma determinada urgência ou acontecimento desse corpo social.

A partir da construção desse entendimento, Foucault (1995b) apontou que a possibilidade de um contragolpe ao dispositivo da sexualidade estaria no corpo-prazer e não

no sexo-desejo, já que esse foi o cerne da problematização tradicional da conduta desde os combates contra a concupiscência da moral cristã. A busca de uma alternativa deve-se ao seu entendimento de poder. Ao analisar a temática da sexualidade, o autor identifica que o poder não age necessariamente de forma negativa (quando se tornaria dominação), mas positiva: é responsável pela produção da verdade e do desejo; Foucault (2005b) desvela que o homem moderno foi levado a se reconhecer como sujeito do desejo, sendo essa uma experiência histórica dada nos jogos de verdade. O autor investiga a moral cristã e suas numerosas analogias aos regimes de domínio do desejo da antiguidade, estabelece a identificação do sujeito sexual com o sujeito desejante, e afirma que o desejo foi uma categoria isolada apenas a partir da experiência da carne cristã (FOUCAULT, 2005b).

Assim, Foucault (2003) entende que a sociedade moderna manteve-se limitada no que concerne ao entendimento do prazer: a construção teórica tradicional em torno do tema se voltou para os prazeres físicos ou da carne (como a comida, a bebida e o sexo), os prazeres interligados diretamente com a ética cristã; segundo o autor essa condição direcionou e assim restringiu toda uma compreensão dos corpos e dos prazeres. Para Foucault (1999a), debateu-se muito a questão do desejo e nunca o prazer. Desde Freud a psicanálise utiliza instrumentos de coerção para conter o desejo e estruturá-lo numa forma-família moldada historicamente. O autor entende que o caminho seria: criar-se novos prazeres (novas formas de existência) para que pudessem surgir novos desejos.

Apesar do desejo ser considerado em todos os seus campos de análise (CASTRO, 2009), a tentativa de pensar de fora da psicanálise o levou a apontar o prazer como responsável pela dinâmica social, e direcionar-se para às práticas discursivas o fez escapar do acirrado dilema entre ciência e ideologia (FOUCAULT, 2005b). Ao fugir da ideologia, tal como era tratada pelos estudos marxistas em voga, e do desejo, tal como era explorado pela psicanálise freudiana, o cerne de sua analítica crítica o leva a se concentrar nas microanálises do poder, inquirições empíricas específicas, pois para o autor o poder é exercido por todo o corpo social e operado nos menores níveis das relações sociais, em pontos móveis e transitórios (FOUCAULT, 1999a, 2003).

A fuga das questões traz o conceito de prazer como possível propulsor da dinâmica relacional. Foucault (1999a), então, estabelece toda uma relação de reforço entre prazer e poder. A questão é muito determinante para nosso objetivo, pois se a subjetivação em um espaço social depende do trabalho do agente consigo mesmo e com o outro em favor do novo *ethos*, estaria este trabalho apenas na esfera do poder e do prazer?

Nesse sentido, Deleuze e Guattari (2010) opõem-se ao entendimento de Foucault e entendem que é o desejo que agencia o campo social. Deleuze (1976) afirma que sua primeira diferença em relação a Michel Foucault é a de que não está seguro de que os dispositivos possam ser descritos em termos de poder.

Deleuze também critica o estatuto das resistências em Foucault. Na obra *Vigiar e Punir* os fenômenos de resistência colocados frente a frente aos dispositivos, parecem mais bloquear do que encontrar qualquer saída. Quando esses dispositivos são constitutivos da verdade em sua última fase, Deleuze (1994) questiona se essa verdade encontrará uma matéria renovável para sua posição contrária a esse poder. Apesar de Deleuze (1994) concordar que a possibilidade de reelaboração da existência, nominá-la de operação-artista, reconhecer que a teoria de poder e sociedade foucaultianas não se contradizem e ainda atribuir às linhas de resistência ou de fuga o mesmo entendimento que Foucault, não está seguro que os prazeres possam animar os contra poderes. Assim, a terceira direção de sua crítica volta-se para a questão do corpo e seus prazeres, ao que questiona: como o prazer é capaz de animar os contra poderes?

Para Deleuze (1976) as linhas de fuga são primeiras, ou seja, não se coloca primeiro o problema do estatuto de resistência; Para o autor fugir, ao contrário de renunciar, é agir: é traçar uma cartografia (ZOURABICHVILI, 2004). Frutos de uma produção, as linhas de fuga são vetores de desterritorialização capazes de afetar as subjetividades vigentes. A desterritorialização “é a operação da linha de fuga”, é sempre um processo indissociável da reterritorialização, e, como o desejo cria territórios, todo agenciamento é potencialmente desterritorializador (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.197).

Desse modo, para Deleuze o desejo é que agencia o campo social e esses agenciamentos produzem os dispositivos de poder. O agenciamento social se dá em termos de desejo e, seguramente, este desejo comporá dispositivos de poder, seria uma peça dos agenciamentos. O poder, então, é uma afecção do desejo, e este desejo nunca é uma realidade natural, pois existe certa repressão sobre a espontaneidade. Assim, ele afirma o primado do desejo sobre o poder: os agenciamentos coletivos possuem muitas dimensões, mas os dispositivos de poder seriam apenas uma dessas (DELEUZE, 1994).

A partir dessa construção, Deleuze apresenta uma alternativa muito promissora para análise das práticas sociais. O autor traz uma analítica do espaço social muito potente quando entende esse espaço como maquínico e fruto de uma constante criação e manutenção dada por agenciamentos de desejo. O processo maquínico é capaz de revelar a dinamicidade desse espaço. Apesar do entendimento de Deleuze acerca da questão ser muito particular e dizer

respeito também à construção de seu próprio escopo investigativo, o que foi posto até aqui apontou um caminho possível para nossa analítica e nos faz buscar no próprio Deleuze uma extensão para nossa compreensão.

4.1.2. A possibilidade de apoio nos dois pensadores

A segunda questão proposta para essa seção foi a possibilidade de imbricamento dos dois pensamentos. Nesse sentido, identificamos que os autores foram muito próximos, e comentadores um da obra do outro. Ambos são filósofos transgressores e seguidores de uma filosofia pós-estruturalista. Seu pensamento é uma construção que sempre parte da transgressão de conceitos ou construções teóricas vigentes. Essa condição nos deu margem para acreditar que, o que os une, é mais intenso do que o que os separa.

Visando embasar nossa ideia, buscamos nos dois autores depoimentos que pudessem demarcar a proximidade entre seus pensamentos. Foucault (2009c) afirmou que a temática do poder tratada nos livros de Deleuze lhe foi essencial por levar o problema ao limite ao confrontá-lo com as velhas questões de sentido, significado e significante. Nesse sentido, Deleuze (2008c) entende que sua obra *Diferença e Repetição*, bem como o conceito de agenciamento que trabalhou em parceria com Félix Guattari, afetaram Foucault. Por sua vez se disse muito tocado com o conceito de enunciado e com as relações entre formas e forças desenvolvidas por Foucault.

Diretamente, Deleuze (2008c, p. 109) nos deu pistas importantes dessa proximidade, quando afirmou que ambos tinham uma:

[...] concepção comum de filosofia. Não possuíamos o gosto pelas abstrações, o Uno, o Todo, a Razão, o Sujeito. Nossa tarefa era analisar estados mistos, agenciamentos, aquilo que Foucault chamava de dispositivos. Era preciso não remontar os pontos, mas seguir e desmaranhar as linhas: uma cartografia, que implicava numa microanálise (o que Foucault chamava de microfísica do poder e Guattari, micropolítica do desejo). É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada. Não buscaríamos as origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras.

As pistas foram valiosas, pois apontam principalmente um entendimento de sujeito, de construção do saber e de estratégia de poder como concepção de realidade materialista e não divergente de pensamento.

Ainda, como filósofos críticos, tanto Foucault “transformava profundamente tudo aquilo em que tocava” (DELEUZE, 2008c, p.111), como Deleuze o fez enquanto leitor de, e escritor sobre Foucault. Ele afirma: “Nesse livro não tento falar por Foucault, mas traçar uma transversal, uma diagonal que iria forçosamente dele até mim (não tenho escolha)” (DELEUZE, 2008c, p.111). Assim, considerando que Deleuze leu Foucault e, baseado não apenas em seu depoimento, mas especialmente em sua prática – a forma como construiu seu pensamento a partir de um Bergson, um Nietzsche e um Espinoza possíveis (HARDT,1996) - deduzimos que o fez apoiado em suas próprias teses, o que por si só, já abriu uma larga estrada para nossa caminhada. Desse modo, como a própria ideia de que toda criação já foi uma transgressão exerce uma influência em ambos os filósofos, a condição revelou-se um bom começo para a nossa apropriação. A condição reforça o entendimento comum de sujeito que citamos: em processo permanente de mudanças, que e se torna sujeito em meio de relações de saberes e poderes, como efeito de uma multiplicidade de forças.

A nossa tarefa, portanto, implicou em entender as bases teóricas fundantes dos dois pensamentos e, nesse sentido, os estudos de Hardt (1996) sobre Deleuze assumiu aqui um papel tão importante quanto o de Deleuze (2005) sobre Foucault. A construção teórica foucaultiana que consideramos chave para apontar o entendimento comum de sujeito, que para ambos é subjetivação, refere-se à sua questão central: a relação saber-poder.

A relação saber-poder foi para Foucault (2003) uma espécie de fio condutor que delineou suas pesquisas de desde o início. Essa relação é interdependente como mostramos. Contudo, para o autor, o saber deriva de uma relação entre o visível e o enunciável. Dois regimes que formam o saber e que convivem, se completam, mas apresentam uma disjunção (FOUCAULT, 2009a). Quando Foucault (2000, p.12) faz a leitura, no campo epistemológico, do quadro *Las Meninas*, por meio de uma arqueologia ele mostra como a luz torna visível toda uma representação, e supera uma invisibilidade ao se endereçar o que é invisível por meio da limitação de estrutura do próprio quadro; a partir daí traça toda uma distância entre o que se vê (visível) e o que se pode falar sobre o que se vê (enunciável). Ele aponta como essa completude revela uma experiência que denomina “nua de ordem e de seus modos de ser”, uma experiência que se estabeleceu desde o século XVI, ou seja, revela uma episteme.

Ao ler Foucault, Deleuze (2005, p.67) parte dessa análise e leva essa diferença entre ver e falar para uma diferença de natureza: “Existe, então, um ‘há’ luz, um ser da luz ou um

ser-luz, exatamente como um ser-linguagem” e o visível não se reduz a uma coisa, como o ser-luz não se reduz ao meio físico. Deleuze transfere da esfera epistemológica para a ontológica a análise da questão do saber foucaultiano; Deleuze discorreu sobre o Ser luz e o Ser linguagem, e a partir daí pode questionar o saber na sua formação: visível e enunciável. O seu questionamento nessa esfera, caminhou pela diferença entre o possível e o virtual para afirmar que o enunciável não contém nem o possível nem o virtual e, portanto, a analítica apenas do enunciável deixa de fora toda uma maquinaria das práticas sociais.

Segundo Nabais (2009), para Deleuze, o conceito de enunciado é formado por meio da oposição entre “frase” e “proposição”, uma linha ontológica que difere o possível-virtual do Real. A frase é a dimensão material do sentido, a frase incorpora o dito ou visível, é a dimensão Real; a proposição corresponde ao possível, ao mundo da formulação dos sentidos que são sempre multiplicáveis, incorpora o não dito, o virtual. Portanto, para ele, o enunciável não contém o possível nem o virtual (que são os excessos do não dito), só a positividade do dito. Deleuze então questiona: como determinar o valor do saber de um enunciado?

Seu questionamento deve-se ao entendimento de que existe na arqueologia foucaultiana uma primazia do enunciável sobre o visível. Foucault (2009a) afirma se apoiar no visível só o tempo bastante para revelar o enunciável. Por essa razão, em sua análise da obra de Foucault, Deleuze entende que essa é uma falta suprida parcialmente quando o não discursivo aparece como um modo de agir sobre os corpos na obra *Vigiar e Punir*. Entretanto, para Nabais (2009), a obra foucaultiana *Vigiar e Punir* provocou um efeito ainda mais intenso sobre Deleuze, pois toda a questão da microfísica do poder ali tratada foi entendida como máquina abstrata do desejo. Deleuze (2008c) chega a confirmar que foi tocado por essa construção. Essa intensidade pode ser visualizada em seu texto sobre a tese dos dispositivos de poder, quando ele salienta suas duas direções: a multiplicidade dos microdispositivos e o diagrama como máquina abstrata e imanente (DELEUZE, 1976). Assim, ao desenvolver o conceito da máquina do desejo abstrata e imanente, Deleuze trata do afeto e da memória como espaços sociais vitais para sua dinâmica (HARDT, 1996).

Diante do que foi exposto, podemos entender que ao ler Foucault, Deleuze traz para relação poder-saber dois espaços com uma mesma função para a dinamicidade do social: o afeto como espaço relacional e a memória como espaço temporal. Baseados no que foi argumentado até aqui, podemos deduzir que Deleuze critica a teoria dos enunciados por não analisar o visível, que considera conter uma maquinaria processual que sustenta o espaço social, e avança nessa analítica, trazendo tais processos maquínicos e envolvendo a memória nas práticas no tempo e o afeto como força nas práticas relacionais.

Deleuze prossegue a leitura até as últimas obras publicadas por Foucault e dedica um curso onde reconstitui as três fases do seu pensamento: saber, poder e subjetivação (NABAIS, 2009). Nabais acredita que as releituras que Deleuze fez da *Arqueologia do Saber* e de *Vigiar e Punir* desenharam o território conceitual de *Kafka: Para Uma Literatura Menor* e do *Anti-Édipo*, ambos escritos em parceria com Félix Guattari. Inclusive em *Kafka*, os autores citam *Vigiar e Punir*, mas a diferença de pouco tempo entre as edições das obras fez a autora suspeitar que houve um acesso antecipado ao conteúdo.

Para Nabais (2009, p.89), o pensamento de Deleuze constrói-se e desloca-se durante as suas leituras e, nos dois últimos volumes da *História da Sexualidade*, fica claro o surgimento de uma nova atmosfera quando o autor trabalha o conceito de dobra transformando a microfísica do poder em uma ética possível. A autora entende que existe “uma afinidade quase mimética não apenas entre o Deleuze e o Foucault da década de 70, mas também entre o Deleuze e o Foucault da década de 80”, e entende que ambos os autores atingem um plano “para-além-do-poder” ao final de suas obras.

Por essa razão, o Foucault de Deleuze tornou-se uma ferramenta fundamental no auxílio de nossa passagem entre os pensamentos Foucault-Deleuze, viabilizando a nossa análise da episteme. A partir dessa construção, podemos conceber a seguinte possibilidade: entender a concepção de desejo deleuziano como motor do social, compreender os dispositivos do poder como agenciamentos do desejo, e compor a relação saber-poder com os espaços: temporal, que envolve memória-saber, e relacional, que envolve afeto-força. Assim, nossa análise pode investir na dimensão do visível e buscar nas práticas sociais os seus saberes, deixando aparecer como tais saberes se desenharam pela ação de poderes.

Contudo, a possibilidade que vislumbramos de apoio nas duas filosofias, para além da aproximação de conceitos que se desenharam como possibilidade nessa construção que apresentamos, e para além da constituição de sujeitos que indicamos, esteve no que acreditamos ser um encontro da feitura de uma ética como um processo de contornos permeáveis.

Reforçando, no que concerne ao sujeito, para filósofos pós-estruturalistas como o são Michel Foucault e Gilles Deleuze, o sujeito como entidade individual não existe. Existe o que Deleuze denominou de “agenciamentos coletivos de enunciação” e esses processos de fluxos heterogêneos delineiam o indivíduo como um resultado (GUATTARI; ROLNIK, 1996). O sujeito ou subjetividade para os autores advém de um processo permanente de produção social que ocorre nas dobras de forças, ou seja, a subjetividade sofre uma modelação continuada por

meio das forças que cortam o social. De inspiração nietzschiana, ambos entendem o sujeito como uma configuração temporária.

Quanto à ética, em Foucault ela acontece na decisão pela estilização da vida, viver uma vida moral. A mesma, portanto, diz respeito ao tipo de relação que se decide ter consigo mesmo e com o outro. É uma relação de conhecimento de si, mas também de constituição de si e requer um trabalho permanente: definir a parte de si que será objeto de uma prática moral, decidir sua posição em relação à essa condição, determinar o modo de realização moral que se quer para si, e por fim trabalhar sobre si para assegurar a assumpção dessa posição ética. Assim, tal trabalho inclui: conhecer-se, dominar-se, pôr-se à prova, aprimorar-se e transformar-se (FOUCAULT, 1984). Essas são práticas reflexivas voluntárias, em que estão sendo negociadas regras de conduta e critérios estilísticos; esse exercício é uma prática social de cuidado e governo que se torna a verdadeira vida; a constituição como sujeito ético é determinante para a eficácia política dos sujeitos nesse meio (FOUCAULT, 2011).

A ética Deleuziana, por sua vez, diz respeito a cuidar das paixões alegres, refere-se a tornar-se produtivo por meio também de um permanente trabalho sobre si, efetuado para selecionar ideias adequadas (o que requer conhecer sua própria natureza e identificar a natureza do outro corpo) e promover encontros alegres aumentando a potência ativa do Ser. A vontade de potência revela uma ética que antecede o Ser no tempo. Para Deleuze esse tempo é um tempo de memória, e a memória contração que particulariza o estado e o antecede, só que a posteriori (HARDT, 1996). Assim, o Ser só é no devir, é o que eticamente está posto a ser; a ética antecede o Ser, mas não no tempo linear. Ora, se a ética antecede o Ser em um outro tempo, podemos entender que no tempo linear ela só aparece na prática, exatamente como a capturamos na arqueologia, quando ela é praticada e revelada. Assim apresentado, considerando a visão de cada um dos autores, seus conceitos de ética revelam-se para nós como construções também permeáveis.

Desse modo, quanto ao entendimento de ambos acerca do sujeito, presumimos que Deleuze deu um impulso a presença de Nietzsche já existente no pensamento foucaultiano, e ao dedicar-se a leitura espinozista, consideramos que o avanço de seu pensamento no visível nos abre a possibilidade de análise das práticas sociais a que nos havíamos proposto. Por sua vez o trabalho ético imanente possibilita uma construção para tratarmos da dinâmica desse espaço nos apoiando no desejo, afinal a relação poder-resistência nessa dimensão pode ser entendida como agenciamento de desejo.

Enfim, consideramos que ambos os filósofos nos propiciaram o ferramental analítico necessário para nossa análise, e que foi efetivamente aplicado em nosso campo empírico.

Nesse sentido, seus caminhos se cruzam, mas não são os mesmos. Foucault oferece uma trajetória: saber-poder-subjetividade para o qual fabricou suas ferramentas. Deleuze nos indicou ter se deixado afetar mais pela natureza das relações de força e pela teoria dos enunciados foucaultiana que pelos seus estudos acerca da biopolítica; e, ao fazer a leitura por suas lentes muito próprias, além de produzir uma potente teoria para a prática social, nos oferece um Foucault possível para fazer essa passagem entre os dois pensamentos.

Apresentamos a seguir as duas filosofias nos concentrando em discutir os conceitos particulares de cada um que, efetivamente, nos apoiaram na análise, demarcando seus encontros.

4.2. O saber-poder-subjetividade

A potência do pensamento de Michel Foucault para teorização do social se mostrou uma lente relevante para nosso campo empírico, tendo em vista que a temática da subjetividade, tratada no que se conhece por seu terceiro ciclo, envolve conceitos relevantes para embasar nossa problemática, tais como o poder, a verdade e a ética. Contudo, entender a construção do pensamento crítico de Michel Foucault é entender que esse envolve deslocamentos e tem a teoria como um ponto de chegada (VEIGA-NETO, 2009).

Ao iniciar o curso de 1983, Foucault (2010a) traçou um panorama de seu percurso e afirmou que desenvolveu a história das experiências sociais dadas na articulação de três elementos: as formas de um saber possível, as matrizes normativas de comportamento e os modos virtuais de existência para sujeitos possíveis. Assumindo que os deslocamentos do autor não são contradições e sim aprofundamentos de um pensamento crítico (THIRY-CHERQUES, 2008; VEIGA-NETO, 2009), apresentaremos os conceitos dessa teorização buscando trazer um encadeamento das ideias, despreocupados, portanto, com a cronologia do lançamento de conceitos, livros ou temática de aulas. Essa seção tratará, portanto, desses três ciclos, em subseções assim intituladas: o estatuto do saber, as questões da governamentalidade e o processo de subjetivação.

4.2.1. O estatuto do saber: as relações saber-poder e poder-resistência

Enquanto a episteme é um campo de análise, o saber é para Foucault (2000; 2009a) o objeto da arqueologia. O saber não se refere a um conjunto de conhecimentos, mas a um conjunto de elementos, e decorre de uma relação entre o visível e o enunciável.

Os saberes são documentos arqueológicos considerados por Foucault como monumentos. Isso porque Foucault dirige seu olhar para o arquivo – o regulamento do que efetivamente pode ser dito - e, assim, entende que os discursos pronunciados constituem um conjunto de acontecimentos e, como tal, que possuem uma dinamicidade, se reelaboram no decorrer do tempo e abrem possibilidades para que apareçam novos discursos (THIRY-CHERQUES, 2008). O dito permanece dito e ainda por dizer (FOUCAULT, 2005c), o dito é uma superfície de contato (FOUCAULT, 2009a). O visível corresponde aos processos cristalizadores de discursos; eles pode ser capturados nas práticas sociais, nas instituições. O enunciável é produto materializável, pois é institucionalizável, mas é também um agente que conforma e transforma essa materialidade (FOUCAULT, 2000; 2009a).

Assim, na dimensão do discurso, o visível é o processo, é o vivido, é o sistema, digamos, discursivo, que é moldado pelos discursos. O não dito se encontra dito, apesar de tudo, por isso o enunciado não é assombrado por ele (FOUCAULT, 2009a). A análise do quadro Las Meninas nos mostrou que o enunciável não se constitui apenas de palavras e o visível não se refere apenas às coisas. Podemos entender, então, que enquanto o visível é um espaço social recursivamente modelável pelo discurso, o enunciável é uma prática que promove a construção dessa estrutura que é relacional. Esses dois lados convivem interligados no sentido de que o enunciável conforma o visível, que por sua vez, cristaliza os discursos.

Como o discurso reverbera uma verdade que está surgindo, é sempre um jogo de escrita, leitura, seguido de troca de signos; ele se inscreve na ordem do significante, por isso a análise precisa primeiro suspender a ordem do significante (FOUCAULT, 2005c). Ele afirma que, quando analisa os discursos desse modo, se observa desfazer os fortes laços que se acreditava existir entre as palavras e as coisas (FOUCAULT, 2000). Sua análise da materialidade vem ao encontro de uma maquinaria. Para ele, há muito tempo, existe uma maquinaria ocupando-se de conjurar os perigos da materialidade (FOUCAULT, 2005c). Segundo ele, a reorganização cultural da Idade Clássica, suspendeu a interdependência entre linguagem e mundo e nos manteve presos a uma disposição em que fez desaparecer a:

[...] camada uniforme onde se entrecruzavam indefinidamente o *visto* e o lido, o visível e o enunciável. As coisas e as palavras vão separar-se. O olho será destinado a ver e somente a ver; o ouvido somente a ouvir. O discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o que ele diz (Foucault, 2000, p.60).

Em sua leitura, Deleuze (2005) esclarece que essa completude entre o visível e o enunciável não é positiva e sim negativa, pois a visibilidade faz acreditar num saber superficial, sendo sua função mascarar e não revelar. Orlandi (2004) elucida a condição: as relações de saber são permanentemente atravessadas por relações de poder múltiplas e plurais de sentidos, e nelas encontram sua atuação um enunciável e um visível. Para o autor, funciona como se os jogos de forças se intercalassem entre o que os olhos enxergam e o que a boca afirma sobre o que vê. Contudo, lembra que ver e falar são pensar, ver e falar são forçados a uma convivência de dessemelhanças, e o pensar se dá aí, na fresta, na disjunção entre eles.

Desse modo, nos fica mais evidente porque Foucault (2003) afirma que saber e poder mantém uma relação que condiciona suas existências, uma relação de apoio e reforço mútuo. Para Deleuze (2005, p. 48) “se o saber consiste em entrelaçar o visível e o enunciável, o poder é sua causa pressuposta. Mas, inversamente, o poder implica o saber como a bifurcação, a diferenciação sem a qual ele não passaria a ato.”.

Deleuze (2005, p.89) analisa que Foucault se opõe à pretensão da fenomenologia quando entende que “o ver e o falar sempre estiveram inteiramente presos nas relações de poder que eles supõem e atualizam”. Ao transformar fenomenologia em epistemologia, ver e falar tornaram-se saber. Por tanto, Foucault (2003; 2009a) entende que o poder opera por meio de saberes, se apropria deles, e sua ação gera saberes. Por isso, podemos entender que o poder é disputável e o saber é apropriável. O saber como algo posto é estrato; o poder com finalidade de uso é estratégico. Nessa relação, os enunciados se apresentam para nós como saberes condutores de forças.

Em seu trabalho no eixo do saber, o autor deslocou-se para as regras de verificação buscando desvelar “os mecanismos, os procedimentos, as estratégias e as táticas de poder que atuavam na produção de discursos qualificados como verdadeiros” (FOUCAULT, 2010a, p.17). As relações dos sujeitos com a verdade, no eixo do saber, tornaram-se centrais para o autor. Para Foucault (2010b) a verdade constitui a razão da existência, portanto, é o *logos* que a anima, intensifica e traz a prova.

A relação é sócio histórica e todo regime de verdade constitui-se um saber naturalizado, uma materialidade ou aleturgia capaz de assumir uma posição de coação política

ou de força de sujeição social (FOUCAULT, 2010a). Isso porque, a produção de verdade é fruto da submissão ao poder, que por sua vez, só pode ser exercido por meio da produção de verdade, sendo a condição constatada em todo e qualquer arranjo social (FOUCAULT, 2009b).

Os estudos do poder constituem o que se entende por segundo ciclo foucaultiano, marcado pela obra *Vigiar e Punir* (COSTA, et al., 2013). A formação bipartida do saber conduz o autor as análises do poder, uma relação, a partir daí, entre saber e poder de apoio e reforço mútuo (CASTRO, 2009). Sua analítica de poder é peculiar. Foucault (1995a) considera que não faz sentido como o poder se manifesta, mas sim como ele se exerce.

Se para Foucault (2009c, p.75) “onde há poder ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular”, é porque ele entende que o poder é sempre uma exterioridade; por isso é de quem usa, e é funcional no sentido que se exerce sempre com alguma finalidade, ele cria posições de onde podem atuar os agentes sociais. Esse entendimento de poder não cabe na forma estrutural-hierárquica; ele é microfísico e é a partir daí, dos micro polos, que opera mudanças no espaço social. Isso porque, para Foucault (2000; 2009a) as forças estão postas, e se localizam do lado de fora do “sujeito autônomo”. Foucault rechaça o humanismo e a essência do sujeito iluminista: nem determinista, nem volitista, sua perspectiva defende que há agenciamentos, mas eles não provém do sujeito da razão.

A condição de existência do poder enquanto relacional e estratégia de lutas, como antecipamos, convive com a resistência por possibilidade, pois está integrada às suas estratégias (FOUCAULT, 2003). A resistência é pura criação, tendo em vista que produz as estratégias de dessujeição, desnuda as brechas do poder e possibilita a dinamização do espaço relacional. Por isso, para Foucault (2009f) as lutas sociais são primeiramente contra formas de sujeição. A possibilidade é lida por Deleuze (1994) como linhas de fuga, pois são forças que desterritorializam e reterritorializam o que se tem por verdades. Agir é traçar uma cartografia, e a relação pode ser entendida como agenciamentos de desejo.

Foucault considera que as lutas são contra sujeição porque as relações de saber-poder são analisadas no interior de dispositivos.

4.2.1.1. O dispositivo como regime de ordem e governo

Para Foucault (1999a) no dispositivo está a condição do estabelecimento das verdades do social, o modo de pertencimento e de ação de sujeitos. Como vimos, o dispositivo é mais amplo que a episteme, ele a contém. O mesmo é constituído por redes de força de naturezas distintas, e englobam a variação de elementos e de direção das forças.

A noção de dispositivo como um regime de forças disciplinar foi construída quando Foucault (1999a) trabalhou o Panóptico. Para o autor o Panóptico funcionou como um dispositivo organizador do espaço físico cuja função era assegurar o funcionamento de mecanismos de poder, automatizando-o e fazendo desindividualizar sua ação. Para ele o Panóptico se revelou uma maquinaria que: fabricou efeitos homogêneos de poder a partir de desejos variados, ensinou e treinou indivíduos, permitiu fazer experimentos, ou seja, como ele mesmo diz, revelou-se um verdadeiro laboratório de poder. Desse modo, o autor afirma que toda uma física do poder foi definida pelo panoptismo: “o panoptismo é o princípio geral de uma nova ‘anatomia política’ cujo objeto e fim não são a relação de soberania mas as relações de disciplina” (FOUCAULT, 1999a, p.232).

Assim o dispositivo apresentou-se como essencial para o exercício da disciplina: o mesmo possibilita a criação do aparelho que faz ver e funcionar os efeitos de poder (FOUCAULT, 1987). Para Deleuze (2005), Foucault aprofundou o trabalho na dimensão do visível ao considerar o exercício do poder em sua teoria dos enunciados. Deleuze lembra que entre o saber e o poder existe uma diferença de natureza, pois o poder é força, o saber é forma; apesar dessa diferença, existem ainda as capturas e imanência mútuas e o primado de um sobre o outro.

Ora, se uma cartografia plural de forças forma um diagrama, uma multiplicidade no tempo e no espaço, extensiva a todo o social, formado por alianças flexíveis e transversais ao arquivo, um sistema físico instável (DELEUZE, 2005), esse diagrama estabelece a relação poder-saber e poder-resistência, que se dão em seu interior. Por sua vez, considerando que o poder é uma externalidade, o dispositivo é um regime de ordem para o social, é o sistema de ordem no sentido deleuziano.

O entendimento do poder como uma rede de dispositivos que atravessa o social, indica a capilaridade da analítica de poder foucaultiana. Desse modo, para Foucault (1995a) o exercício do poder é uma forma de ação de uns sobre a ação de outros, um modo de governo, operado num campo de possibilidades onde é possível a inscrição da conduta de sujeitos ativos. A lógica do poder na ordem do governo entende esse poder como uma tática pertinente às práticas sociais, levando Foucault (2009b) a se deslocar completamente das questões de soberania como um problema central do direito, na forma até então amplamente trabalhadas.

Sua análise das matrizes normativas de comportamento desvelou que essas envolviam um poder que se exercia como um campo de procedimentos de governo, e tal deslocamento consistiu em “passar da análise da norma à análise dos exercícios do poder; e passar da análise do exercício do poder aos procedimentos, digamos, de governamentalidade”

(FOUCAULT, 2010a, p.17). Foucault cunhou esse neologismo voltado para analisar o plano das racionalidades e tecnologias dadas em determinado regime de verdade (AVELINO, 2011; VEIGA-NETO, 2009); refere-se à ligação semântica entre as palavras governar (*gouverner*) e modos de pensamento (mentalidades) (LEMKE, 2000).

Assim, o segundo ciclo foucaultiano é marcado por um importante deslocamento que implicará na construção de seu terceiro ciclo. Seu interesse em aprofundar os estudos do conceito de governamentalidade por meio de uma dimensão política, leva a soberania e o Estado tornar-se objeto de interesse do autor (CANDIOTTO, 2010). Candiotto avalia que foi esse deslocamento que fez todo um entendimento da multiplicidade das forças germinais das relações de poder ser deslocado para a análise do poder soberano, fazendo esse ser entendido como uma sedimentação, um fim, inversamente ao que se entendia desse poder - uma fonte.

4.2.2. Governamentalidade: multiplicidade e deslocamento para o terceiro ciclo

Candiotto (2010) analisa que os dois cursos de Foucault no Collège de France intitulados Segurança, Território e População e Nascimento da Biopolítica indicaram seu interesse em aprofundar o conceito de governamentalidade. O conceito foi desenvolvido a partir suas pesquisas da multiplicidade da arte de governo no século XVI. Segundo ele, pensar a força em seu caráter relacional possibilitou ao autor analisar a soberania por meio de uma topologia de poder: inversamente ao entendimento hegemônico a cerca desse poder, as micro forças se afetam entre si, produzem verdades e tornam, afetando o poder do Estado.

Essa linha de entendimento permitiu ao autor analisar que as estratégias de poder só funcionam porque se enraízam, ou seja, se tornam (ou se apoiam em) sujeições (FOUCAULT, 2003). A ação de sujeitar-se ou de rebelar-se conduzindo a si e aos outros estão ligadas ao que o autor chama de governo (FOUCAULT, 2009a, 2010a).

Por meio dos estudos do conceito de governamentalidade, o autor analisou a articulação entre soberania, disciplina e gestão governamental. O autor revelou que a noção de governo e seus procedimentos sofreram mudanças importantes de racionalidade desde a emergência da “razão do Estado”. Foucault (2005a; 2008a) indica ter acontecido uma transição da forma social disciplinar para a de controle, condição em que se passa a administrar as populações sob a lógica de uma biopolítica, um poder operado sobre a vida.

Para Foucault (2008b) o neoliberalismo promoveu uma inversão na arte de governar: a partir dele foi “necessário governar para o mercado, em vez de governar por causa do mercado”. Nesta forma de governo ou de governamentalidade surge, para o autor, uma nova concepção de homem: o *homo oeconomicus* que não é mais o parceiro de troca, mas o empresário de si mesmo; ele é o capital e produz a si mesmo para si mesmo, pois é o homem do consumo e, na medida em que consome, produz a própria satisfação. Assalariado, o trabalhador deixa de ser uma força de trabalho para se transformar em um sujeito econômico ativo, uma máquina de fluxos de renda, se deslocando, portanto, do conceito de *homo oeconomicus* clássico e criando uma nova natureza social (FOUCAULT, 2008a).

No interior desse contexto, Foucault analisou a experiência da sexualidade como um dispositivo. O autor revelou como uma rede de forças investiu diretamente sobre os trabalhadores e desenvolveu um poder sobre suas vidas de duas formas: uma anátomo-política do corpo (que considerou o corpo como máquina que deveria ser preparada para produção) e uma biopolítica da população (que atuou sobre o corpo biológico controlando natalidade e doença, com o objetivo de estender o tempo útil de vida). Assim, ao mesmo tempo, atuaram um biopoder e uma biopolítica, com fins de um controle de ordem econômica (FOUCAULT, 2005b).

Por meio da analítica poder-resistência, Foucault (1995a, 2003, 2009b) aponta que quando a vida é apropriada pelo capital, ela sempre reage, sendo essa uma forma de relação constante, mutuamente produtiva e constituinte da dinâmica social de nossas formas sociais. Dessa forma, o biopoder aliado a uma biopolítica favoreceu a disseminação e hegemonia do modelo social capitalista. Para Foucault, a relação de controle entre o corpo e suas intensidades produziu uma experiência político-econômica juntamente a uma experiência subjetiva, e ambas se tornaram uma relação de imanência (DANZIATO, 2010).

Essa rede de relações permitiu a análise sobre a constituição do sujeito moderno, pois apontaram uma mutação extrema da existência (*bios*) agora objeto da racionalidade econômica e analisada na representação (consequência do processo racional); e ainda um sujeito que se torna sujeito sem fazer um trabalho reflexivo sobre si para ter acesso à verdade, tal como fizeram os gregos; ou seja, a verdade, tal como é (verdade da ciência), não é mais capaz de salvá-lo, porque é incapaz de promover reflexividade e de fundar uma moral que possa guiá-lo em sua prática social (FOUCAULT, 2010b).

A condição traz várias discussões do autor acerca dos movimentos de libertação e de possíveis saídas frente ao poder. Para Foucault (1995a, 1995b) tais movimentos não encontram nenhum princípio que sirva de base à elaboração de uma ética, pois “[...] para o

pensamento moderno não há moral possível” (FOUCAULT, 2000, p.351); esse pensamento é forma e conteúdo de uma decisão social, embora essa seja “uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2010b, p.225). Foucault (1995b, p.225) questiona se nos últimos tempos, o nosso problema não seria esse: sofremos por não acreditar mais na ética fundada na religião, mas não desejamos a intervenção de um sistema legal que interfira “em nossa vida moral, pessoal e privada”.

A condição é muito significativa para o autor pois, se essas relações de governamentalidade indexaram verdade e subjetividade para produção de obediência no exercício de governo, isso indica que a própria conduta de si e dos outros foi produzida nessa, e produtora dessa, que é uma lógica pertinente ao capital e aos seus processos de razão. O cuidado de si se refere às relações mantidas consigo mesmo frente aos efeitos do saber e do poder (FOUCAULT, 2010b). Porém, o cuidado de si é necessário para o governo dos outros. A prática de si é um princípio dirigido aos outros. Foucault (1984, p. 127) justifica:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma anatomia política, que é também igualmente uma mecânica do poder, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

O cuidado de si é parte da questão da governamentalidade que diz respeito à prescrição de um modo da vida para si e um cuidado com o outro (FOUCAULT, 2010b). O cuidado de si ocupa-se da construção de uma estilização para a vida, a prática de uma ética. Portanto, refere-se à formas de subjetivação; o termo pode ser entendido como uma naturalização do ponto de encontro entre as técnicas de dominação e as técnicas de si, ou ainda, como o sujeito se reconhece e se conduz numa relação de força (PAIVA, 2000).

Desse modo, ao buscar analisar as formas de subjetivação por meio das tecnologias da relação de si, o autor se desloca para um terceiro momento de sua teorização e trata da constituição dos modos de ser sujeito (FOUCAULT, 2010a, p.17).

4.2.3. O processo de subjetivação e a dobra ética de pensamento

A partir de 1980, Foucault completa a ideia de seu terceiro ciclo. Com a dimensão ética envolvida, a questão foucaultiana central passou a ser “que modos de subjetivação vêm

se articular nas formas de governos dos homens, para resistir a elas ou habitá-las?” (GROS, 2010, p.309). Para Foucault, o eixo ético se encaixou, bastante ajustado, em seu projeto genealógico porque:

Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais (FOUCAULT, 1995b, p.262).

No terceiro eixo, a resistência se revela sempre uma luta ética em oposição ao conjunto de regras moral (FOUCAULT, 2010a), sendo essa uma das linhas do processo de subjetivação. A luta ética, portanto, não é o vislumbre de um ideal onde se pode pensar um mundo melhor, e sim é uma batalha para despojar-se de lutas idealistas que se dá por meio da busca de alternativas (PAIVA, 2000). A resistência, por materializar sempre outra possibilidade, é positiva e, quando surge, perturba a ordem e já representa a quebra dessa ordem. Foucault (2009e) reconhece que a subjetivação é um trabalho produtivo e ocorre por meio das singularidades do processo de objetivação, subjetivação, poder e resistência, frente ao agenciamento coletivo, numa luta constante e multiforme. Assim, na relação, o que impõe novas possibilidades na conjunção de redes de forças é a condição de vida outra estabelecida por essa alteridade (FOUCAULT, 2003).

Desse modo, em seu terceiro ciclo Foucault desenvolve seu entendimento de sujeito como aquele que ocupa uma posição de verdade e sua prática envolve um trabalho ético efetuado consigo mesmo e estendido para sua prática social com o outro, possibilitando uma dobra da força sobre si mesma. A dobra de força no cuidado de si é concebida como uma ascese (FOUCAULT, 2010a) – provém da escolha de um modo de vida, um modo de ser, onde se elabora sobre si mesmo a constituição de um sujeito, e se pratica essa escolha, também por si mesmo. É estilizar a vida, é decidir por viver uma vida moral, é determinar como vai ser objeto dessa prática e é agir sobre si para assumpção dessa posição ética (FOUCAULT, 2010b).

Assim, a dobra da força sobre a força é resistir e produzir subjetivação, pois luta-se para estabelecer uma forma de vida normalizada, ao mesmo tempo em que se abre fissuras de onde brotam novas possibilidades. Vale salientar que essa é uma forma de pensamento completamente destituída de moralidade, que situa-se no plano da imanência e revela-se uma experiência de si como ética no exercício da liberdade (FOUCAULT, 1995b).

Assim, a constituição de formas de sujeito para Foucault é um trabalho ético embasado por regras facultativas, por oposição a um trabalho moral embasado por regras coercitivas. Portanto, se o processo possibilita escapar aos saberes e aos poderes constituídos, é produtivo, se referindo às práticas sociais que constituem subjetividades e são matéria mesma da ética (FOUCAULT, 2010a); embora esse processo seja recorrentemente recapturado pela relação saber-poder. Deleuze (2005) reforça esse entendimento: as construções entre saber-poder são recorrentemente arrebatadas no processo de dobra e desdobra; elas começam por derivar, mas terminam por ser reintegradas ao sistema de onde partiram.

Enfim, no terceiro ciclo, o autor encontra a saída para o encurralamento da relação saber-poder, tendo em vista que para o autor, em todas as formas sociais existem tecnologias que permitem aos sujeitos agirem sobre seu próprio pensamento e modificar a si e aos outros. O sujeito ou subjetividade é constituído como um resultado das redes de poder-resistência, que sustentam verdades e possuem prolongamentos políticos (FOUCAULT, 2011). O sujeito surge ao desempenhar um papel nesse campo de batalha onde coexistem as forças que promovem instabilização, que fazem emergir os processos de resistência, de singularização, frente ao agenciamento coletivo (PAIVA, 2000).

Assim, as experiências do sujeito são dadas em determinado regime de verdade ou racionalidade de dispositivos. Constituídas e praticadas, as subjetividades tornam-se formas aletúrgicas, e esses jogos autorizam os exercícios de poder, dados por meio do governo de condutas de si e dos outros, pois os naturaliza no campo social (FOUCAULT, 2009a, 2010a, 2010b, 2011). O social ganha, desse modo, sua existência por meio de matizes normativas de comportamento e esse é um poder que se exerce como um campo de procedimentos de governo. O governo como uma conduta de conduta, deve ser pensado como um direcionamento político operado nessa construção, uma arte de integrar tecnologias de coerção e tecnologias do si. Por isso, as formas de subjetivação efetuadas por meio de tecnologias da relação de si consigo e com o outro são, além de práticas de subjetividades, matéria mesma da ética (FOUCAULT, 2010a).

Dessa forma, “[...] as práticas de si não são nem individuais nem comunitárias: são relacionais e transversais” ao corpo social (FOUCAULT, 2010b, p.492). Nesse sentido, o cuidado de si é um intensificador das relações sociais, e uma prática social que incita o indivíduo e o corpo social ao agir correto, ou seja, em conformidade com a moral que está sendo definida nesse coletivo. Como essas relações terminam por constituir um *ethos* atuante nos exercícios de poder e nas relações com a verdade (FOUCAULT, 2010a), a excelência política do governo depende da condição de constituição ética do agente (FOUCAULT, 2011);

essa é a condição que autoriza qualquer agente nesse meio. Portanto, podemos entender o si como uma posição subjetiva construída nessas relações, o si refere-se à dinâmica de uma posição.

A experiência social de exercer um papel singular perpassa, portanto, pela articulação dos três eixos: saber-verificação, poder-governo e si-subjetividades (FOUCAULT, 2011). Deleuze (2005, p.109) lembra: é a relação de si que tem a capacidade de vergar a força, embora essa “só se estabelece se efetuando”. A partir dessa construção, podemos deduzir que, do mesmo modo que no nível do saber o enunciável se sobrepõe ao visível, e no nível do poder esse se sobrepõe ao saber, na última instância é o pensamento que se sobrepõe ao poder. O pensamento é a possibilidade de vergar a força sobre si mesma. Isso porque, diante da complexidade dos processos de subjetivação “[...] um si-mesmo é posto a decidir-se num problemático campo de diferenciações complexas que o invadem”; ver e falar são exterioridades, mas pensar se conduz para um fora desprovido de forma. Nessa condição, as linhas de resistência se acoplam à vida como singularidades (Deleuze) e são capazes de suscitar acontecimentos (Foucault) (ORLANDI, 2004, p.9).

Assim, os choques de intensidades que frequentemente ocorrem entre a vida e o poder, devem-se ao envolvimento de uma luta ética, que tende sempre a ser dinamizada, pois, na medida em que se interroga as condições de existência do poder, ela surge constituindo a resistência, como sua força interna. Deleuze (2005, p.101) lembra que a maior intensidade da existência está, exatamente, em seus choques com o poder, quando a vida resiste a ele e é obrigada a escapar, a criar rotas de fuga, a reinventar-se. Desse modo, a resistência foucaultiana equivale às rotas de fuga, na desterritorização deleuziana (DELEUZE, 1976; DELEUZE; GUATTARI, 1997).

A força é operada no social por subjetividades (FOUCAULT, 2003). Se a força encontra-se fora do indivíduo e a subjetividade é uma dobra da força, não seria essa “o dentro do fora” deleuziano? ou seja, um lado de dentro que prescindir do pensamento mas localiza-se externo ao “sujeito autônomo”? Se assim for, podemos dizer que a dobra de forças depende da instância pensamento, mas esse pensamento é uma construção da força de subjetividade cuja intensidade promove o dinamismo social, pois, se essas são linhas de fuga, elas são sempre traçadas na imanência de um desejo coletivo (DELEUZE, 1976).

Diante do exposto, podemos deduzir que saberes e poderes antecedem os papéis de sujeitos particulares, pois são esses, exatamente, que lhes permitem a existência. A prática desses sujeitos nesse meio é, assim, considerada em sua materialidade tendo a verdade por princípio e modelagem, e um cuidado de si como exercício ético de liberdade.

Considerando as questões aqui tratadas, podemos entender que, enquanto Foucault avançou no enunciável e nos forneceu até aqui um poderoso instrumental para explorar a complexa relação saber-poder e poder-resistência que atravessa a construção de um espaço social, Deleuze avançou na exploração do visível ao concebê-lo como um processo maquínico. O autor indica que uma relação possível entre os processos de resistência foucaultianos e as agências do desejo. A possibilidade nos aproxima da prática constitutiva da condição dos potterheads e trata da dinamicidade desse espaço.

Por fim, precisamos ainda ponderar que nossa análise não pode abdicar em considerar os modos severos de controle e vigilância com que se dá o biopoder em nossas sociedades. Por meio da construção do conceito de governamentalidade, Foucault nos forneceu o diagnóstico da passagem da sociedade disciplinar para de controle e um ferramental para investigação, mas Deleuze (2008b) o atualizou, ao desenvolver o estudo como uma mutação do capitalismo, agora não mais dirigido à produção, mas ao serviço, voltado para o produto, para a venda ou mercado, uma forma social de controle contínuo e comunicação instantânea; ele indicou as máquinas cibernéticas como parte de agenciamentos coletivos e denunciou a comunicação penetrada pelo capital como uma condição de natureza e não do acaso.

4.3. Os procedimentos maquínicos do espaço social

Apesar de Foucault ter avançado na teoria dos enunciados ao explorar o exercício do poder, Deleuze entende que no pensamento de Foucault existe um primado do regime do enunciável sobre o regime do visível. Deleuze (2005, p.67) chama a atenção para o fato de que, “da mesma forma que os enunciados são inseparáveis dos regimes, as visibilidades são inseparáveis das máquinas”.

Para Deleuze (1994) o agenciamento social se dá em termos de desejo e, seguramente, este desejo comporá dispositivos de poder como uma peça dos agenciamentos. Para ele, o poder é uma afecção do desejo, apesar deste desejo nunca ser uma realidade natural, pois existe certa repressão sobre a espontaneidade. Assim, o autor afirma o primado do desejo sobre o poder. Os agenciamentos coletivos possuem muitas dimensões, mas os dispositivos de poder seriam apenas uma dessas. Contudo, sua concepção de desejo implica em conceber o social sendo formado por máquinas. Tudo é máquina e a vida é formada por pensamentos.

Esse capítulo explora as sínteses do inconsciente, o sujeito produzido como resto, o desejo e o devir, a vontade de potência, as multiplicidades do real e, por fim, a produção de ideias e potencialidade do pensamento.

4.3.1. As sínteses do inconsciente

A dinâmica do social deve-se a constante oposição entre produção e antiprodução de pensamentos, totalmente apoiada por máquinas que produzem incessantemente homem e natureza, desejo e social, a própria realidade (DELEUZE; GUATTARI, 2010). A produção de desejo é a própria produção do Real, pois “o desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 216). Deleuze e Guattari comparam o processo de funcionamento do desejo e do social com o de máquinas fabris, e essas podem ser de duas naturezas: máquinas desejanter e máquinas técnicas sociais, sendo as desejanter simultaneamente técnicas e sociais.

Existe entre as máquinas uma distinção apenas de regime, que equivale ao funcionamento do inconsciente e determinam sua funcionalidade e finalidade: o regime de funcionamento molecular é apoio do funcionamento de produção; e o regime molar é apoio do funcionamento de representação/expressão, cada máquina é composta por peças autônomas e nômades e opera sobre fluxos e objetos, sendo sua produção imediatamente consumo, registro e novamente produção (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Toda máquina é desejanter e investe nas máquinas sociais, constituindo seu inconsciente.

O inconsciente é assim *esquizoanalítico*, pois seus elementos não existem subordinados a nenhum princípio organizador prévio; são dispostos, ao contrário, sob a forma de um processo esquizofrênico e, é aí que reside sua produtividade: arranjos singulares e conexões infinitas e imprevisíveis capazes de produzir inovações sociais (SANCHES, 2008).

O inconsciente funciona como um espaço de lutas ou maquinaria do desejo (GUATTARI; ROLNIK, 1996). O mesmo se presta como superfície de registros de potencialidades; mas ele não é espaço e sim matéria que o ocupará e produzirá o Real. Como plano imanente desse inconsciente funciona o corpo sem órgão, que dá suporte ao funcionamento de máquinas. O corpo sem órgãos é uma espécie de energia ou superfície de registro de potencialidades. Esse pode se colocar como plano imanente do inconsciente, porque atua como um prolongamento das máquinas, acomoda-se nos limites, não tem uma identidade fixa e é descentrado (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Para Deleuze e Guattari a realidade resulta das sínteses produtivas do inconsciente sendo ao mesmo tempo seu alimento, pois cada máquina assume a produção da outra como produto. Para o desejo todas as conexões são possíveis, ele desloca-se determinando as sínteses do inconsciente (SANCHES, 2008). Para os autores a oposição entre a produção e a antiprodução referem-se a três sínteses simultâneas e inseparáveis do inconsciente produtivo: síntese conectiva, síntese disjuntiva e síntese conjuntiva.

A síntese conectiva é considerada a própria gênese das máquinas, a libido como energia essencial, onde os autores assinalam a pulsão sem objeto pré-determinado, e a associação livre como índice do pensamento inconsciente (SANCHES, 2008). A pulsão é como uma intensidade que atravessa o inconsciente, pois esse é puro excesso e tal intensidade é causa de sua própria existência. Essa síntese é operada quando se estabelece a multiplicidade de conexões no campo social e, imediatamente, se liga a elas os fatores antiprodução e a conexão impede que essa organização se estruture de imediato (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

A antiprodução é promovida pelo corpo sem órgãos e pelo corpo pleno ou *socius*. O corpo sem órgãos é um corpo intenso e intensivo, um corpo do desejo, ou seja, “não é o corpo vivo, mas seu limite”; ele se presta como superfície de registro para um desejo “sempre em marcha” (ZOURABICHVILI, 2004, p.14), acopla o que não se destinava a estar junto, impede organizações de se fixarem, produz pensamentos novos e insere desarranjos e disfunções nas composições das máquinas. O *socius* se opõe imediatamente as conexões desejantes e as toma para si, constrói uma superfície e instaura o corpo pleno de onde toda produção parece derivar (SANCHES, 2008). Porém, mesmo que a antiprodução interrompa as conexões produtivas sobre o corpo sem órgãos, a síntese já marcou as suas possibilidades, o que acaba sempre multiplicando as conexões, uma vez que elementos foram marcados por uma possibilidade de devir na relação com os outros (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

A Síntese disjuntiva, por sua vez, é que permite à vida e ao pensamento se reinventarem. A mesma refere-se à fase em que se aproximam, por um momento, elementos heterogêneos sem esquemas *a priori*; se ocorrer uma síntese, se desenha um pensamento novo e seus efeitos tornam-se relativamente duráveis (DAVID-MÉNARD, 2007). Assim, após a repulsão da síntese conectiva, segue-se a relação de atração e acontece uma modificação energética de libido: o corpo sem órgãos se dobra sobre a produção desejante, se apropria dela e se coloca como superfície para registro da produção de desejo. As máquinas desejantes parecem, então, dele resultar, uma “quase-causa”. Se as máquinas desejantes não se misturarem por completo ao corpo sem órgãos podem formar o corpo pleno, há o recalque,

uma superfície de registro que se cristaliza e sobrepõe ao corpo sem órgãos. Mas se ocorrer uma total fusão com o corpo sem órgãos, acontece uma desfuncionalidade absoluta: um corpo patológico e um desejo ameaçado de extermínio (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.22).

A Síntese conjuntiva acontece no momento em que o consumo sobrevém ao registro e se esboça a figura de um sujeito; assim, síntese conjuntiva é produtora de uma subjetividade em decorrência das outras sínteses (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Na cadeia do desejo, essa síntese representa a reacomodação de duas forças cujas intensidades são consumidas por esse sujeito, uma dobra entre as duas outras sínteses, o retorno do recalcado. Para Sanches (2008) essa construção teórica possibilitou aos autores considerar o desejo no plano imanente da consciência produtiva, dissolvendo dualismos e eliminando a negatividade.

4.3.2. O sujeito produzido como resto

Para os autores o sujeito não preexiste as máquinas, ele é produzido como resto, circula através das disjunções e as consome como diversos estado de si mesmo; o sujeito se constitui no dado, sobre o plano de imanência (ZOURABICHVILI, 2004). O sujeito participa do pensamento como uma de suas manifestações, ele aparece no pensamento. E, a parte intensiva do pensamento é uma capacidade da imaginação: só ela é capaz de transgredir os domínios, produzir uma unidade e depois retornar afetando o ser (LAERKE, 2013).

Portanto, para Deleuze e Guattari, o sujeito está no sistema porque ele é um esquema da natureza, onde a ordem é produzida pelos seus hábitos de existência e o sistema é um jeito de ser da natureza, não da ficção do sujeito, pois esse é considerado um hábito ou repetição material e espontânea do próprio Ser. Assim, sempre um tipo de pensamento representa o sistema, porque descansa na conjectura de uma ordem da própria natureza (LAERKE, 2013). Os sujeitos são produzidos e modelados junto aos “equipamentos coletivos” pelo corpo sem órgãos (a matéria produtiva do Real), pois as relações sociais são relações políticas (GUATTARI, ROLNIK, 1996).

4.3.3. O desejo e o devir

O desejo estabelece uma experimentação incessante nos espaços sociais, que acontece amparada numa espécie de sistema de corte-fluxo. Sua atividade é imanente e produtiva. Para Deleuze, o sistema corte-fluxo funciona porque o desejo brota da causalidade

de um encontro de energias livres e controladas e já surge assinalado pelo devir, pois todo presente é ao mesmo tempo um passado e um futuro (DAVID-MÉNARD, 2007).

O devir habita o plano da imanência; é nesse plano que a existência social se produz através de uma análise das condições que lhes são próprias. Contudo, “o plano de imanência não tem nada a ver com uma interioridade; ele é como o de fora de onde vem todo o desejo” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 112-113). Orlandi (2009) apresenta o devir como uma espécie de emoção que passa entre coisas e/ou entre animais e pessoas, e as transforma. Para ele, quando o indivíduo se entrega à essa emoção é porque a mesma foi capaz de capturar sua sensibilidade, e ele é tomado a trafegar num devir; sua intensidade de pensar atinge um pico e ocorre uma efervescência criadora e transformadora. O desejo toma forma nos agenciamentos do plano da imanência, que povoam de intensidades o corpo sem órgãos.

Assim, o Ser se torna por meio desse espaço, que é um espaço-tempo de subjetivação (HARDT, 1996). Nesse sentido, Hardt avalia que o tempo é constitutivo e a subjetivação acontece como um espaço-tempo de memória. Assim, é no espaço de subjetivação que o conhecimento do vivido pode ser capturado e absorvido, participando da construção do Ser. Como o Ser implica em uma alteração dada no tempo, o meio fundante dele é a diferença.

Por meio de sua leitura de Bergson, Deleuze (2008c) entende essa diferença no tempo como uma força que pode ou não ser eficiente. Ela é eficiente quando baseada numa condição interna indeterminada, que se baseia numa diferença de natureza, sujeita ao processo de organização, portanto indeterminada; e não eficiente, se tem por base a diferença externa determinada, que é uma diferença de grau, uma ordem pré-existente, portanto pré-determinada. Por meio dessa construção, Deleuze (2008c) apresenta duas cadeias não dialéticas para a diferença: uma externalidade baseada na dimensão do espaço e de ordem quantitativa, e uma imanência indeterminada baseada na dimensão do tempo e de caráter qualitativo. A indeterminação da condição interna se dá por um processo de organização contínuo; a determinação da ordem, ao contrário, é externalidade definida *a priori*.

4.3.4. A vontade de potência

Ao conceber o devir, Deleuze (2008c) cria uma alternativa para o par transcendente: possível-real. Sua construção memória-tempo implica na importância de um par imanente: virtual-actual; o autor desconstrói a congruência lógica do par transcendente apresentando sua impossibilidade. O atual sendo portador de toda a indeterminação e infinitude pode incorporar um virtual, mas em tese, opostamente, o real já seria uma determinação do possível.

Contudo, a passagem do virtual para o atual não está posta. O virtual é indeterminado e prescinde de organização. A intuição é uma razão que não é da cognição, mas da experiência. Contudo, para Deleuze o conceito de intuição não se apresenta suficiente para produzir o Real. Assim, Deleuze utiliza para essa passagem a organização criativa, um conceito que foi inspirado na razão da experiência ou intuição de Bergson, mas aliado à memória como criação, pois para o autor a memória abastece a intuição nos processos de organização dessa passagem (HARDT, 1996). Existem dois movimentos de memória: memória recordação e memória contração. O primeiro movimento generaliza ao resgatar o passado: é a universalização. O segundo movimento particulariza e singulariza para abastecer a condição do Ser (DELEUZE, 2008c). Desse modo, o atual é considerado um processo organizativo criativo imanente e desprovido de razão utilitária.

Contudo, ao mesmo tempo em que se organiza, o virtual vai definindo suas condições, pois nele se delineia uma força: a vontade de potência. Orlandi (2009) explica que a vontade de potência surge da tensão criada pela passagem do devir. Essa passagem se dá em um entre-tempo, uma dobra, um encontro que deixa de ser extensivo para ser intensivo e, portanto, duradouro; nessa passagem a vontade de potência atinge o corpo como uma “disparação intensiva, que não depende de sua consciência, ela faz sua consciência, ela joga”. O corpo é, então, obrigado a pensar para além do que conhece, o que, do ponto de vista ético, faz a vontade de potência corresponder a um esforço para desprender a forma superior de tudo que é. Assim, o indivíduo só pode querer verdadeiramente ao ser tomado por intensidades, é força que provém da imanência, diz respeito a querer muito enquanto ética, por se doar aos encontros que se tem.

De inspiração nietzschiana, a vontade de potência é um conceito lido por Deleuze por meio da sua construção em Bergson. Deleuze discute essa vontade por meio da crítica parcial e total: *pars construens* e *pars destruens*. Para ele, qualquer alternativa de construção para o novo parte de uma crítica total que necessariamente contém os dois pares, sendo seu movimento cíclico. O mais comum é que a crítica seja parcial por se apoiar em apenas um deles, o que a faz recair na dialética. Por exemplo, Kant preserva a ordem vigente e constrói a partir dela: *pars construens*; Hegel apoia-se no *pars destruens* para criticar Kant (HARDT, 1996).

A vontade de potência é, dessa forma uma força e, como toda força, é exterior ao indivíduo, existe para além dele, cabendo-lhe apenas operá-la. Entendendo que toda criação nasce da destruição, a vontade de potência surge de uma crítica total, advém do movimento destrutivo que abre condições de possibilidade novas. Esse é um conceito de diferença

interna, e refere-se ao eterno retorno da vontade: o Ser não é dado, ele precisa ser querido; só tem vontade de potência o Ser querido. O *pars destruens* ocorre apenas uma vez, mas o *pars construens* é uma reconstrução continuada. Orlandi (2003) sintetiza: Deleuze pensa a vontade de potência como um princípio de síntese do eterno retorno, que decorre tanto da conexão entre quantidade de forças, como da qualidade que cabe a cada uma forças nesse espaço.

O eterno retorno da vontade apresenta-se múltiplo na ordem prática, mas eticamente o mesmo, pois como a vontade de potência baseia-se no que é querido, é valorativa. A mesma é um modo de ação por meio da força, é em si uma força produtiva. Assim, vontade de potência é uma ética que em ação transforma-se em uma política. A ética deleuziana consiste exatamente em tornar-se ativo, sendo essa uma linha de conduta para expressão da potência. As paixões fundamentais são espinozistas: alegria e tristeza. A primeira será toda paixão que envolva o aumento da potência de agir; a segunda será toda paixão que envolva a diminuição dessa potência. A alegria é a possibilidade do projeto de tornar-se ativo adentrar na prática, momento em que a solidariedade política favorece o desejo, que é vontade de prática (DELEUZE, 2002).

4.3.5. As multiplicidades do real

A concepção de tempo de Deleuze é singular. Para ele, o tempo é único, mas sua duração é um tipo de multiplicidade. Deleuze se baseia na teoria de *simultaneidade* de Bergson, que trata “[...] a concepção de duração como coexistência virtual de todos os graus em um só tempo”. Tanto a internalidade quanto a externalidade são multiplicidades.

O conceito de multiplicidade é também oriundo de uma alternativa fora da dialética que o autor propõe para o Uno e Múltiplo de Hegel (DELEUZE, 2008c, p.68). Desse modo, tal como Foucault abandona a essência que seria a do sujeito iluminista, Deleuze (2008c) não se interessa pelo Uno; e, para fugir da dialética, o autor opta por considerar que existem multiplicidades e não o múltiplo (HARDT, 1996). Multiplicidades são para Deleuze a própria realidade.

A descrição da construção deleuziana das multiplicidades evidencia uma aproximação com a teoria dos enunciados foucaultiana no que se refere às formações discursivas e suas relações com formações não discursivas (NABAIS, 2009): na ordem externa, ocorre um pluralismo da ordem, uma diferença abstrata de matéria finita, o que faz pressupor repetição no espaço (podemos entender como quadros delimitados pelo visível no tempo?). Na ordem interna, um pluralismo de organização que oferece diversas possibilidades no

tempo, o que faz se apresentar sempre como uma diferença nova, já que o tempo não permite repetição (podemos supor que são modelagens do enunciável no tempo?).

Não podemos deixar de perceber também a aproximação lógica com a analítica de poder foucaultiana: ao estabelecer o tempo como dimensão única e a duração como multiplicidade, Deleuze sustenta a possibilidade de deslocamentos entre a internalidade e externalidade, duas esferas do ser que se tornam imanentes entre si; Foucault utilizou uma lógica semelhante com o conceito de governamentalidade; ao colocá-lo como dimensão política pôde permitir o deslocamento entre micro e macro relações de poder, dois campos plurais e também imanentes entre si.

Em meio à multiplicidades, o reconhecimento de algo comum entre dois corpos na pluralidade da ordem (causa externa), é sempre uma paixão alegre que pode levar a outra e tornar-se uma ideia adequada em termos de potência (causa interna). Aqui Deleuze (2002) traz sua construção em Bergson e em Nietzsche para a leitura de Espinosa e constrói o projeto de tornar-se ativo. Hardt (1996, p.180), apresenta a questão:

Deleuze inicia a elaboração da prática no campo dos encontros casuais e focaliza os encontros com os corpos que se adequam à nossa natureza, que aumentam a nossa potência: encontros que engendram paixões alegres. Uma paixão alegre, desde que é uma paixão, e sempre o resultado de uma causa externa e, assim, sempre indica uma ideia inadequada; contudo, desde que é alegre, abre, não obstante, uma avenida para a adequação.

Assim, uma paixão alegre (externalidade) pode tornar-se uma ideia adequada (imanência), e a seleção desses encontros é uma questão de ética e potencialidade (HARDT, 1996).

4.3.6. A produção de ideias e a potencialidade do pensamento

Para Deleuze, a descoberta de afinidades na pluralidade externa é um trabalho positivo de afirmação e construção de conhecimentos e valores na imanência. Quando selecionamos e, portanto favorecemos, encontros compatíveis produzimos noções comuns, e essa formatação é o primeiro passo para construção de uma ética. A noção comum é, assim, o meio para geração de uma ideia adequada e, segundo Hardt (1996), as mais úteis para iniciar um projeto prático são as menos universais. Desse modo, “a noção comum exprime também nosso poder de sermos afetados e explica-se pela nossa potência de compreender.” (DELEUZE, 2002, p.52). Reconhecer algo comum entre os corpos, na física dos corpos, pode ser o início do projeto de tornar-se ativo, pois a noção comum é um mecanismo que faz uma ideia tornar-

se prática e a imaginação virar razão. Hardt (1996) afirma que a contingência da primeira leva a necessidade da segunda.

Segundo Hardt (1996), no domínio epistemológico, o que permite iniciar todo processo é a imaginação como paixão alegre operada pela noção comum e tornada imaginação permanente, tornando-se razão. Quando contingência e necessidade são articuladas pelo processo constitutivo, a imaginação é transportada para o plano da razão. Por isso pode-se entender que o Real é derivação do desejo. Quando Guattari e Rolnik (1996), afirmam o desejo como produção e construção, entendem que a produção desejante é a própria produção social. São essas máquinas as capazes de produzir rupturas nas máquinas técnicas-sociais (regime molar), colocando-as em permanente situação de perigo.

A ideia adequada aos poucos torna saber em verdade e em projeto ético e as estratégias traçadas para alcançá-la constituem um projeto de poder (HARDT, 1996). Contudo, as relações subjetivantes, ou ainda, a dinâmica de uma posição de sujeito que se mobilizou como singularidade (para Foucault por meio do cuidado de si), precisam ser nutridas. O afeto torna-se aqui o dispositivo que alimenta as relações subjetivantes. Antecedendo o desejo, o afeto é para Deleuze (1978) uma produção equivalente ao que para Foucault é a força.

Deleuze (2002) explica o afeto espinozista estabelecendo sua diferença para a ideia. Apesar de o afeto requerer uma ideia, não se reduz a ela, pois ideia e afeto são pensamentos que possuem naturezas diferentes. Ideia é um modo de pensamento enquanto representativo e afeto um modo de pensamento que não representa nada e se dá na variação contínua entre aumento e a diminuição de potência a que um corpo é submetido pelas ideias que se tem. Contudo, para além da realidade formal da ideia, a mesma possui um caráter intrínseco (aspectos fundamentalmente ligados) que Deleuze (1978) chama de grau de realidade ou perfeição, sendo nesse segundo nível que traça uma diferença fundamental entre eles. Para Espinosa as ideias ocorrem em coexistência e sucessão umas das outras e isso ocorre instantaneamente; as ideias se afirmam em nós e algo em nós não cessa de variar, sob a forma de aumento-diminuição-aumento-diminuição. Essa variação contínua entre os dois polos espinozista alegria-tristeza é a variação da força de existir ou potência de agir, e ocorre pelas ideias que se tem, sendo essa variação (que é vivida) que melhor define o afeto.

Ao trazer o afeto enquanto força, Deleuze (2005, p.79) amplia o entendimento do exercício do poder-resistência de Foucault. O autor compara uma lista de variáveis que exprimem uma relação de forças (incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável, etc.), e afirma que todos os termos “constituem afetos ativos, e ser incitado, suscitado, determinado a produzir, ter um efeito ‘útil’, afetos reativos”.

Assim, Deleuze (2005, p.76) entende que toda força afetada tem capacidade de resistência: “O poder de ser afetado é como uma *matéria* da força, e o poder de afetar é como uma *função* da força”.

Entretanto, a existência social é geralmente encerrada na impotência. Para fugir da existência vivida ao acaso de encontros, Deleuze (1978) explica que para Espinosa existem três tipos de ideias: ideias-afecções, ideias-noções e ideias-essências. Essas ideias estão ligadas a três níveis de conhecimento e a uma espécie de inteligência que é uma formação ética. Entendendo o corpo como composto por um conjunto de relações, ser sábio ou racional, é uma questão de devir: é saber fazer encontros que lhes seja conveniente, dentro de um limiar adequado de intensidades, que é estabelecido pelo poder de ser afetado de seu próprio corpo. Esse limiar de intensidades diz respeito ao fato de que a alegria local de uma natureza pode implicar em tristeza em outra natureza e, se ocorre excessos no poder de ser afetado, aumenta o risco de um mau encontro e até de destruição total.

A primeira ideia, a ideia-afecção, refere-se à ação que um corpo produz sobre outro, sendo esse o primeiro nível de conhecimento. Como essas são representações sem causas, elas representam simplesmente ideias inadequadas (DELEUZE, 1978).

A segunda, a ideia-noção, diz respeito à natureza do corpo afetado, portanto modificada ou até destruída em uma de suas sub-relações quando dessa ação, envolvendo também a natureza do corpo modificante. Mas o proveito de afetos ativos só ocorre se existir a posse da potência de agir, uma potência que é conquistada. Para Espinosa, um trabalho constante em selecionar encontros alegres e propiciar ideias adequadas mina aos poucos a porção encontros tristes. Só que, nesse trabalho de formar noções comuns, cabe buscar ao mesmo tempo uma compreensão do que em determinado corpo não convém ao outro, criando uma curva ascendente que tende cada vez menos ao polo de tristeza. Esse é um segundo nível de conhecimento e torna-se uma questão ética, pois só existe a posse da potência de agir quando se é causa dos próprios afetos (DELEUZE, 1978).

Apenas ao atingir o segundo nível de conhecimento, é possível (mais muito raro) adentrar no terceiro: as relações que caracterizam e exprimem a essência singular do corpo em questão, ou seja, a ideia-essência. As composições do corpo tendem ao infinito e correspondem à sua essência, mas não se limita a mesma, pois se associam também as partes extensas desse corpo. Mas para Espinosa o corpo só se conhece pela ação dos outros sobre ele e sendo a essência um grau de potência ou limite de intensidade, esse é um conhecimento que não é acessado pela relação anterior da causa de efeitos, mas pela prática. Ideias-essências são

puras intensidades, para Espinosa esse é um limiar místico, o afeto ativo é o auto-afeto (DELEUZE, 1978).

Para Deleuze o pensar afeta o ser e sua parte intensiva é a imaginação. É por meio da imaginação que esse pensamento afeta o ser, “mas é também por intermédio da imaginação que ser se torna pensar, ou um sistema de pensamento se torna o sistema da natureza, e pensamento se torna ser” (LAERKE, 2005, p.6). Pensamento, desejo, vida, absolutamente tudo ao se abrir traça seu plano de imanência “[...] graças a três repetições que são modos de ligações do nosso corpo, de nossos afetos, de nossos pensamentos”: o tempo repetitivo do hábito, o tempo de memória e o instinto de morte⁷ (DAVID-MÉNARD, 2007, p.22).

Desse modo o pensamento se torna ser pela síntese passiva dos três elementos: hábito, memória e eterno retorno; as duas primeiras sínteses são estáticas e apenas tornam as coisas identificáveis e a terceira é dinâmica e concerne o devir, diz respeito ao o ímpeto caótico do poder de ser, mas também o retorno de outra ordem de necessidades que fazemos por diferenciação (a partir das duas primeiras sínteses), sendo esse um princípio de transformação imanente, pois nos movemos de acordo como as coisas diferem umas das outras, e como se diferem de si mesmas (tempos repetitivos de hábito e de memória) (LAERKE, 2005). Por essa razão, Deleuze e Guattari (2010) entendem que nesta dinâmica imanente, nada é representativo, tudo é vivido, toda possibilidade reside numa materialização.

Assim, afeto e memória tornaram-se questões relevantes por sua função no espaço social: memória é espaço temporal, afeto é espaço relacional. O afeto é como uma cola que ocorre em relações subjetivantes, pois advém do compartilhamento de princípios e identificações; o afeto é responsável pela solidariedade política de corpos que são convenientes (DELEUZE, 1978; 2002). Já no espaço temporal, a memória-contração inscreve-se na memória-recordação e, de alguma forma, assegura-lhe a continuidade. A duração implica em sucessão no Real, pois acontece na coexistência virtual (DELEUZE, 2008c).

Dessa forma, a subjetividade é uma produção social contínua e seus processos se dão por dobras no entrecruzamento das linhas molares e moleculares, como dobras do pensamento do lado de fora, que são o dentro do fora. Por isso, as dobras constituintes de subjetividades

7 Na terceira síntese do tempo, Deleuze lê a pulsão de morte freudiana a partir de seu entendimento do eterno retorno de Nietzsche; o autor a denomina de instinto de morte e entende que só a potência de morte, a destruição total, obriga a vida a se inventar (DAVID-MÉNARD, 2007).

decorrem da relação poder-saber, mais independe desses. Deleuze desenvolve o conceito de dobras do pensamento a partir da sua leitura das duas últimas obras de Foucault (NABAIS, 2009). Com isso, a problematização de Foucault acerca das dobras do fora também assumiu uma forma peculiar na visão de Deleuze.

Quando Deleuze (2005, p.104) analisa a terceira fase foucaultiana, ele aprofunda o entendimento ao descrever onde se dá o pensamento: “o lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora”. Deleuze (2005, p.115) coloca o dentro do fora, o espaço do relacional do si consigo, ou ainda o pensamento foucaultiano, como dimensão da absoluta memória; para ele nas suas duas últimas obras, Foucault pensou “o lado de fora como tempo, sob condição da dobra”.

Para Nabais (2009) linhas de proximidade entre o poder foucaultiano também são encontradas na máquina abstrata do desejo, bem como na teoria dos agenciamentos coletivos de enunciação. Para a autora, o agenciamento coletivo foi organizado na obra de Kafka e é uma consequência dos efeitos da leitura de Deleuze sobre a pragmática de enunciados foucaultiana da Arqueologia do Saber.

As máquinas desejanças assim como as forças, estão além de indivíduos e estruturas, e “constituem o Real em si mesmo, para além ou aquém tanto do simbólico como do imaginário” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.75). Porém, como antecipamos, nem sempre o desejo constitui o Real. Para os autores o mesmo pode ser recalcado (e na dinâmica do tempo sempre o é) ao deslocar-se sua potência revolucionária para ser usada na opressão e submissão. Isso é possível porque a maquinaria histórico-política pode esclerosar os fluxos produtivos; os autores exemplificam: não é por meio do desejo que acontece também a servidão voluntária tão comum no trato com o capital?

Gilles Deleuze, portanto, nos trouxe as bases para entender a dinâmica do social por meio de mais dois espaços: um espaço temporal e outro espaço relacional, colocando a produção do desejo como a produção do próprio social. A constituição pela ação do desejo, que nunca é natural, hoje apresenta-se na ordem do capital.

Desse modo, tendo tratado dos conceitos teóricos de cada filósofo, o próximo capítulo é dedicado à sua aplicação na interpretação dos dados formadores do arquivo.

5. Procedimentos metodológicos

Considerando a nossa trajetória empírico-teórica e o nosso interesse específico, a presente pesquisa se caracteriza de cunho crítico e caráter qualitativo, estando o nosso foco analítico voltado para desvelar que saberes são revelados pelas práticas dos Potterheads. Ao adotarmos a tradição qualitativa de pesquisa partimos da observação de prática sociais em busca de revelar como verdades são construídas e instrumentalizadas em determinado contexto sócio histórico (CRESWELL, 2010; BAUER et al., 2010; DENZIN; LINCOLN, 2006; LEÃO et al., 2009; PAIVA JR et al., 2011).

Nessa pesquisa privilegamos a adoção de certo grau de indução que nos permitiu ir ao campo com uma postura aberta a descobertas (LEÃO et al., 2009; PAIVA JR et al., 2011). Apesar de não ter sido uma forma de indução totalmente pura, foram os dados que direcionaram a produção das categorias analíticas do estudo: essas foram se desenhando na medida em que os dados eram levantados no campo empírico. A linha condutora do processo analítico exigiu a reflexão sistemática e a constante volta aos dados até a produção dessas categorias. A teoria aqui nos apareceu como fundamento para responder a nossa questão de pesquisa, pois na medida em que esses dados foram sendo levantados, eles também orientaram a construção do próprio quadro teórico à luz do qual a analítica foi realizada.

Nessa abordagem, o paradigma crítico foi determinante para a adoção de uma postura investigativa que a priori desafia e confronta os saberes constituídos. Potencialmente, tal posição propicia revelar rupturas e apontar as fragilidades que se apresentam nesses entendimentos. Ao fazer isso, desvela as implicações sociais que daí derivam, sendo essa a condição de possibilidade para construção de novos saberes (GRAY, 2012; KINCHELOE; MCLAREN, 2006; LINCOLN; GUBA, 2006), e, como diria Gilles Deleuze, essas são também possibilidades de saídas para vida.

Os nossos pressupostos onto-epistemológicos estão embasados na tradição pós-estruturalista de pesquisa. Utilizamos centralmente as filosofias de Michel Foucault e Gilles Deleuze como lente analítica, e adotamos por método de pesquisa a arqueologia foucaultiana. Nessa seção apresentamos esses pressupostos, o método arqueológico e a nossa apropriação metodológica para sua operacionalização.

5.1. Epistemologia e bases pós-estruturalistas

Williams (2012) afirma que o movimento pós-estruturalista é mais bem compreendido por meio dos pensadores que o formam. Com isso em vista, traçamos algumas características gerais próprias desse movimento e, apoiados nas filosofias foucaultiana e deleuziana, assinalamos os pressupostos onto-epistemológicos norteadores dessa investigação.

Em linhas gerais, o denominador comum do pensamento pós-estruturalista está no entendimento da função dos limites do conhecimento. Nessa abordagem esse limite não é definido por oposição ao seu interior (padrão dominante X padrão fora da curva normal) como o é tradicionalmente o ponto de partida das pesquisas. Aqui se entende que a verdade está onde está mudando, e que o papel próprio dos limites é mudar o senso estável de valores estabelecidos. Portanto, a ruptura não é negativa, mas uma afirmação produtiva que irrompe contra as verdades instituídas, cria fendas no poder e abre espaço para mudanças. O limite é positivo em si mesmo, e o pós-estruturalismo rastreia seus efeitos. Contudo, o limite não está em oposição ao âmago, o limite é uma diferença pura, sendo o mesmo a condição de uma produção infinita de diferenças renovadoras (WILLIAMS, 2012).

Para Williams (2012, p.16), enquanto “Deleuze afirma o valor de um limite produtivo entre identidades atuais e puras diferenças virtuais”, Michel Foucault “rastreia a genealogia do limite como a constituição histórica de tensões e problemas ulteriores”, mas ambos partilham da filosofia da imanência.

Apoiar-se nesses dois pensadores significa fugir completamente de referências extremistas do “ser” iluminista reflexivo e dono da razão, bem como do “ser” dominado, passivo e colonizado pelo meio em que vive. A subjetividade para eles está mais próxima do sentido que lhe dá Félix Guattari: uma substância para qualquer produção social. A escolha deste caminho implica em desvencilhar-se do apoio em dicotomias, tais como os polos: micro e macro, infraestrutura e supra estrutura, mente e corpo, e entendê-la como processo produtivo coletivo, uma máquina social e material de fabricação ininterrupta; como Deleuze mesmo diz, socialmente assumida e vivida, e constantemente produzida (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Essa é uma filosofia da prática que não aceita modelos, quaisquer que sejam, nem totalizantes ou sequer sistêmicos para explicar as realidades dos espaços sociais.

Nessa lógica, Foucault (2009a) forja instrumentos para operacionalizar sua pesquisa e objetiva desvelar a camada, ou como ele mesmo afirma, a interface entre saber, poder e verdade. O processo permite compreender os saberes e suas relações com os poderes,

descrevendo o campo sociocultural no qual um conhecimento toma forma. Saber e poder mantém uma relação de apoio e reforço mútuo, e o sujeito constrói o meio sociocultural e é, ao mesmo tempo, construído por ele. Sujeito e objeto são produzidos nas tramas do discurso (FOUCAULT, 2003) e a verdade nasce da relação de forças que se efetiva em confronto com outras.

A arqueologia se distancia dos procedimentos de formalização e de interpretação, pois a perspectiva foucaultiana não é lógica e nem linguística (ARAÚJO, 2007). Foucault (2009a), diferentemente, busca os modos de ser na ordem da própria experiência e se interessa pela rede de relações e suas razões internas capaz de institucionalizar saberes como verdades. A verdade e os valores são imanentes, pois verdades externas são fictícias (WILLIAMS, 2012).

As estruturas do conhecimento e os modos de compreensão se alteram segundo sua localização no tempo, espaço e instituição, e possuem um sistema de regras que se articulam em combinações específicas de elementos discursivos e não discursivos, sendo essa articulação que faz do discurso uma prática social (FOUCAULT, 2009a); a ordem interna constitutiva do saber apresenta uma episteme, uma condição de possibilidade histórica singular, na qual verdade e erro se definem (FOUCAULT, 2009a; 1998a; 1998b; 1985).

A modalidade investigativa histórica e crítica do pensamento foucaultiano se dá em torno de duas práticas intercambiáveis, que formam um todo metodológico: a arqueologia e a genealogia (PAIVA, 2000; VEIGA-NETO, 2009). No primeiro ciclo o autor desenvolveu a arqueologia que busca trazer à tona a condição de ordem interna discursiva. Sua prática “[...] tem como propósito individualizar formações discursivas, isolar pertinências, descrever relações, definir conjuntos e as séries de enunciados que formam o discurso” (THIRY-CHERQUES, 2008, p.221). O segundo ciclo é o genealógico, momento em que busca a relação entre os discursos e as condições econômicas, políticas e histórico-culturais de sua formação, fazendo emergir as discontinuidades históricas que atravessam o social.

Assim, a arqueologia se interessa em desvelar como os saberes surgem e se transformam, e a genealogia revela o diagrama de forças e mapeia como esses saberes são instrumentalizados por poderes, busca os porquês do seu aparecimento. Para Thiry-Cherques (2008), é na fase genealógica que se encontra o questionamento radical da verdade oriundo da interpretação histórica; nessa etapa trabalha-se para revelar os processos de subjetividades que puderam atingir a força produtiva de um sujeito de ação como acontecimento de dessujeição (CARVALHO, 2007), já que tratar de sujeito é tratar de subjetividade.

No terceiro ciclo, Michel Foucault desloca-se e busca revelar como se dá a construção do sujeito no interior dessa relação. Aqui o autor desenvolveu plenamente o

processo arqueogenealógico que se adéqua à analítica da experiência histórica do homem com os jogos de verdade. O autor atribuiu à descontinuidade histórica a possibilidade de revelar a pretensão dos movimentos de recusa e afronta para inaugurar determinada política de dessujeição. Contudo, considera a força como uma relação exercida de si sobre si mesmo (FOUCAULT, 1984). O modo de conduzir-se em relação às forças e aos saberes do campo social possibilita as dobras de força e revela uma dimensão ética, em que um sujeito ético se constitui como efeito das técnicas de si (CANDIOTTO, 2008).

O todo metodológico é, assim, composto por um conjunto crítico seguido pelo desvelar de como determinados discursos tornaram-se positivities. Sua proposta crítica é assumir um “anarquismo epistemológico”, uma atitude que opera no campo político. A decisão pressupõe um problema complexo, pois se refere a estabelecer relações de conhecimento recusando ao mesmo tempo o poder da verdade (que opera, sobretudo, sob a forma da subjetividade), por se reconhecer que a verdade atua apenas enquanto concepção do plano da lógica (AVELINO, 2011). Assim, essa postura “[...] constitui um movimento simultâneo de recusa do poder e de pergunta pelas sobras da verdade nesta recusa” (BENEVIDES, 2013, p.22).

5.2. O método arqueológico

O objeto da arqueologia é o saber: o visível e o enunciável. Esse saber encontra-se nos limites relacionais entre: um domínio de objetos, em que se demarca o que se pode falar sobre esse objeto; as posições subjetivas, em que um sujeito pode se apoiar para falar sobre ele; um campo de enunciados que faz aparecer conceitos; e as possibilidades de uso e apropriação desses discursos (FOUCAULT, 2009a).

A realização da Análise de Discurso Foucaultiana consiste em revelar como o saber se organiza internamente (FOUCAULT, 2009a). A articulação das instâncias internas, quando observadas em seu decorrer histórico, revela uma rede de relações que o discurso precisa efetuar para poder “falar destes ou daqueles objetos”. Todo esse movimento de revelação/compreensão já é a própria interpretação (THIRY-CHERQUES, 2008, p. 225).

Uma investigação pautada pela analítica foucaultiana deve partir da construção do arquivo. O arquivo é formado pelo conjunto de vestígios materiais acerca de um saber encontrados em determinada cultura e período. Pode-se dizer que o conceito de arquivo, de certo modo, equivale ao de *corpus* de uma pesquisa qualitativa, se considerada suas diferenças

conceituais: enquanto o corpus é formado por uma coleção finita de materiais determinada pelo pesquisador de forma arbitrária (BAUER; AARTS, 2010), no arquivo esse conjunto seria a priori infinito, tendo em vista que conceitualmente o mesmo comporta o saber; por isso, “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2009a, p.147).

Como o arquivo se compõe de documentos de determinado período sócio histórico, eles contêm a episteme e o dispositivo (FOUCAULT, 1999a). Seu conceito é amplo, engloba a distância irreduzível entre o ver e o dizer (DELEUZE, 2008a) e, portanto, diferentemente da construção do corpus, ele deve conter todo o conjunto discursivo efetivamente dito em determinada experiência ou acontecimento enquanto dispositivo; assim, conceitualmente o arquivo pode ser composto por dados de diferentes formatos (FOUCAULT, 2009a).

A episteme diz respeito a um “paradigma segundo o qual se estruturam, em uma determinada época, os múltiplos saberes, que, por essa razão, compartilham, a despeito de suas especificidades e dos diferentes objetos, determinadas formas ou características gerais.”. A noção de dispositivo surge para substituir a de episteme quando da inserção da dimensão do poder nas análises do autor, incluindo o não discursivo e sua relação com o discursivo. O autor passa a considerar os espaços: colateral e correlativo de discursos (THIRY-CHERQUES, 2008, p.222).

A prática arqueológica se embasa, portanto, numa pesquisa documental para formação do arquivo e inclui conjuntos de documentos de diferentes formatos (FOUCAULT, 1999a, 2005B, 2009a). Laville e Dionne (2008) esclarecem que a coleta de documentos de diversos tipos desempenham um papel fundamental para observação complexa do real, pois permite examinar os mais diversos vínculos que se pode tecer entre múltiplos fatores de um campo.

Assim, o procedimento busca revelar as unidades enunciativas no interior do arquivo, suas funções no campo discursivo, ou condição de ação no contexto, as regras e as formações discursivas. As unidades discursivas desse campo são denominadas de descrições enunciativas. Essas são formadas por unidades relevantes segmentadas a partir do sistema de organização derivado dos dados. Todo enunciado é um feixe de relações, pois revela um saber ou verdade particular; desse modo, deveremos ter o arquivo como um sistema cujo funcionamento governa a formação e transformação desses enunciados enquanto acontecimentos singulares. A função enunciativa se compõe do conjunto de regras históricas e anônimas determinadas em um tempo e espaço e para um domínio ou experiência social (FOUCAULT, 2009a).

As regras de formação regulam os atos discursivos. Essas regras são estabelecidas por meio da existência, permanência, modificação ou desaparecimento de elementos do enunciado. A regra deve ser formada a partir de quatro critérios: objeto, modalidade, conceito e estratégia. A formação discursiva surge como uma regularidade “entre objetos, tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas” e a regra de formação revela-se a condição a que esses elementos estão submetidos na rede discursiva (FOUCAULT, 2009a, p.43).

A Arqueologia do Saber é a obra onde a instrumentalização do método é didaticamente melhor explorada. Em obras anteriores o autor dá pistas de seu processo, mas jamais foi sua intenção apresentar uma metodologia (FOUCAULT, 2003). O conjunto de práticas proposto pelo autor é aberto e completamente flexível. Até porque a arqueologia não permite ser esquematizada na rigidez prescritiva e formal tradicional (THIRY-CHERQUES, 2008; VEIGA-NETO, 2009).

5.3. Planejamento da pesquisa

Essa seção descreve como desenvolvemos a pesquisa empírica. Iniciamos apresentando a construção do arquivo, seguido pela exposição dos passos do procedimento analítico dessa investigação.

5.3.1. A construção do arquivo

Nessa pesquisa o arquivo foi formado por práticas de potterheads. Optamos por compor nosso arquivo com tais práticas, por partimos do entendimento que no mundo material são essas práticas institucionais e sociais que cristalizam os discursos, possibilitando revelar o saber desse espaço social (FOUCAULT, 2009a).

As práticas dos potterheads, portanto, são espaços sociais ou instituições, que incluem o espaço físico, mas não se detém a ele. Essas práticas contêm o visível e o enunciável e puderam nos revelar o que se faz e como se faz no interior dessa cultura e, portanto por meio delas, evidenciaram-se as relações saber-poder e de poder-resistência presentes na singularidade desse espaço social; essas são formadas por e formadoras de subjetividades e revelam o que se tem por verdades nesse meio. Identificamos no campo vinte práticas cotidianas dessa forma de vida, descritas no Quadro 1.

O critério utilizado para identificar e selecionar essas práticas foi estabelecido após um período de observação efetuado pela pesquisadora nas redes sociais temáticas. Desde o início da pesquisa contamos também com o apoio de dois potterheads que, em encontros sistemáticos, nos atualizavam acerca de linguajares, manias e entendimento particulares desse fandom, além de informar o que surgia como novidade. As vinte práticas foram escolhidas por se apresentar como as mais recorrentes no fandom. Essas são as práticas que identificamos como cotidianas, habituais, e que permanecem sendo temas das várias interações nesse meio.

Quadro 1 (5) - Práticas de potterheads

Práticas	Descrição
Acusar <i>poser</i>	A prática consiste em desmascarar falsos fãs em interações do grupo, a condição demarca a identidade dos potterheads
Adorar o universo	A prática é formada por declarações de amor ao universo
Colecionar <i>mechandises</i>	A prática consiste em pesquisar e indicar produtos e apresentar a coleção para o fandom
Comparar livros e filmes	A prática tem por função apontar os detalhes que não foram contemplados nos filmes demonstrando o domínio de conhecimentos do cânone
Depor acerca do universo	A prática consiste em declarar como se dá a sua ligação com o cânone, revelando recordações de experiências e afinidades com os dogmas e costumes do fandom
Difundir o conteúdo da saga	A prática objetiva difundir o conteúdo da saga, para educar, mostrar o domínio de saberes e informar sobre as condições necessárias para ser considerado um fã
Participar da seleção de casas	A prática envolve as discussões, sentimentos e emoções presentes na participação compulsória da seleção de casas, que define a identidade do fã no cânone
Participar de encontro de fãs	A prática diz respeito a participação do fã em encontros temáticos
Participar de estreias de filmes e lançamentos de livros	A prática consiste em declarar os esforços, as emoções e sentimentos ligados aos momentos de estreia de filmes e lançamentos de livros
Reeditar /remixar conteúdos culturais	A prática revela a produção de filmes, músicas, cartazes, <i>posts</i> , feita a partir da junção de elementos da saga com outros produtos culturais ou com acontecimentos sociopolíticos culturais
Tietar os artistas dos filmes e a autora da saga	A prática faz parte da admiração pelos ídolos e acontece por meio de dedicação de tempo e esforço para chegar perto, fotografar ou adquirir autógrafa da autora ou dos atores da saga
Produzir fan fictions	A prática diz respeito à produção textual efetuada pelo fã a partir das narrativas e personagens da saga

Quadro 1 (5) - Práticas de potterheads (Continuação)

Práticas	Descrição
Produzir <i>fan arts</i>	A prática refere-se à produção de desenhos e colagens que tem por tema a saga
Escrever para meios digitais especializados	A prática consiste na dedicação efetuada para abastecer as mídias do fandom com informações atualizadas, promovendo discussões acerca de temas importantes
Jogar quadribol	A prática envolve as competições por meio desse esporte
Duelar	A prática diz respeito às encenações de duelos de feitiços e a participação em competições entre sagas onde está em jogo dominar os saberes específicos e argumentar as vantagens de ser fã desta saga
Degustar feijõezinhos de todos os sabores	A prática constitui-se de uma brincadeira: desafiar os amigos a comer os doces com sabores estranhos, um costume que veio dos alunos da ficção
Fazer tatuagens	A prática envolve as ações de marcar o corpo com símbolos do cânone
Fazer cosplay	A prática diz respeito a se vestir como uma personagem e encenar seus trejeitos durante encontros, concursos etc.
Rever filmes - reler livros	A prática diz respeito a matar saudades do conteúdo e faz parte da rotina de educação do fã em seus saberes

Fonte: elaboração dos autores

Essas práticas formaram o conjunto de dados que permitiram o aparecimento dos enunciados. Para nosso arquivo utilizamos a coleta de dados multifocais, ou seja, dados de formato diferentes puderam compor o arquivo e fazer jus à complexidade do objeto dessa investigação (FLICK, 2009); o mesmo foi formado por textos, imagens e vídeos; a condição é como antecipamos, conceitualmente coerente com a construção do arquivo.

Assim, o arquivo compreendeu produções de potterheads como: imagens com cenas dos filmes ou desenhos, em geral contendo frases de efeito; textos para sites especializados, *fanfics*, ou ainda textos contando experiências, fazendo crítica social, educando acerca da saga contendo interações sobre temas ligados à saga, depoimentos sobre experiências, coleções, tatuagens, etc.; vídeos contendo partidas de quadribol, apresentação de cosplay, degustação de feijõezinhos, coleções, duelos, feitiços, etc.; Também, textos e vídeos produzidos por terceiros, mas que continham entrevistas com potterheads ou depoimento deles.

Essas práticas nos orientaram acerca de como o grupo se relaciona e se dirige no interior do fandom. Estabelecemos para organização do arquivo que a seleção de documentos fosse catalogada e organizada por meio desse critério. A decisão de organização por práticas facilitou a busca de documentos na internet, ajudou a produção dos enunciados, bem como

auxiliou a definir o que seria relevante em cada um desses documentos, tendo em vista que dificilmente os mesmos se referiam a apenas uma dessas práticas.

Os critérios para a seleção dos documentos foram assim estabelecidos: como primeira condição que os textos portassem a prática dos potterheads, sua voz, não nos interessando os comentários de terceiros acerca delas. Como segundo critério, que os documentos fossem relevantes por apontar como os saberes regulam seu modo de vida, que verdades se organizam por meio desses saberes, e como os potterheads pautam sua conduta em relação a esses saberes. Terceiro, que os documentos contemplassem os modos como as práticas acontecem no contexto. Nesse sentido coletamos as enormes discussões em fóruns e em espaços de respondentes em blogs, no facebook, no Yahoo! Answers etc., acerca de temas polêmicos, tais como: se existe idade para ser fã, como se conduzir na seleção de casas no Pottermore (*website* do cânone), o que é e o que não é um verdadeiro fã etc. Coletamos produções de fãs em forma de vídeos, imagens e textos onde eles apontam, por exemplo, a relevância do universo para suas vidas. Assim, os documentos coletados estavam disponíveis nas redes sociais de relacionamento *online*.

Estabelecemos por critério, pesquisar as redes sociais mais acessadas do mundo⁸. Entretanto, o que exatamente compõe ou não as redes sociais e a sua diferença para mídias sociais ainda é alvo de muitas discussões (KAPLAN; HAENLEIN, 2010; KIETZMANN et al, 2012). Como hoje os meios digitais assumem vários formatos, encontra-se integrados entre si e também aos dispositivos móveis de usuários, parece existir uma dificuldade em classificá-los. As redes sociais se referem, em geral, aos sites de relacionamento e são ambientes onde os afiliados expõe seu perfil e criam listas de amigos com quem interagem, como Facebook, Orkut, MySpace etc.; as mídias sociais são plataformas que permitem a construção colaborativa de conteúdo, tais como os blogs, microblogs, Twitter, You Tube, Flickr, etc. As mídias sociais englobam as redes sociais. Segundo os autores, no contemporâneo, o usual é que as redes sociais sejam consideradas ferramentas das mídias sociais e, a depender do uso, uma rede social como o Orkut pode ser considerada uma mídia social.

⁸ Segundo a BI Intelligence, em Out./2013 foram essas as redes sociais mais acessadas do mundo (em número de usuários): Facebook, com 1,15 bilhão; YouTube com 1 bilhão; Qzone com 712 milhões; Sina Weibo com 500 milhões; WhatsApp com 350 milhões; Google+ com 327 milhões, Tumblr com 300 milhões; Line com 275 milhões; Twitter com 240 milhões e WeChat com 236 milhões (Dado disponível em: < <http://lista10.org/tech-web/as-10-maiores-redes-sociais-do-mundo/>>).

Como esse trabalho coletou em diferentes mídias e não é nosso objetivo classificá-las, e sim identificar os meios mais relevantes que dão suporte as práticas dos potterheads, passamos a considerá-las como mídias sociais. Uma breve sondagem com os potterheads nos indicou as mídias mais acessadas. Coletamos no: Facebook, YouTube, Twitter, Tumblr, Instagram, Snapchat, Ask.fm, Yahoo Answer, Share Question, Qzone, Whisper, blogs e *websites*.

Para realizar a coleta usamos a ferramenta de busca do *google*. Palavras-chaves oriundas das práticas identificadas auxiliaram a encontrar um número relevante de informações na rede. A forma de coleta por dados multifocais nos propiciou contemplar como se deu essas práticas coletivas, mesmo nos casos de ações pontuais no tempo, ocorridas na época de lançamentos de filmes, por exemplo.

Como a saga de Harry Potter foi lançada originalmente em 1997 (o primeiro livro chega ao Brasil apenas em 2000), falamos de uma experiência que já dura aproximadamente 17 anos, ou seja, ser fã de Harry Potter é uma prática social que diz respeito à história contemporânea. O perfil de nosso agente de pesquisa foi, portanto, o fã que de fato acessou a trajetória de lançamentos da saga: o conjunto de jovens que vivenciaram e ou ainda vivenciam uma estreita proximidade com esse universo. Esse perfil é facilmente identificado nas redes sociais de relacionamento na internet, uma vez que em geral, eles mantêm perfis bastante ativos na rede.

Nosso arquivo foi formado por 593 documentos, sendo 280 na língua portuguesa, 313 na língua inglesa. A decisão por esses dois idiomas especificamente, foi uma restrição para adequar-se ao domínio e compreensão da pesquisadora. Porém, o inglês foi essencial para a abrangência da pesquisa, pois por vezes, essas interações receberam retorno de vários outros idiomas. Por exemplo, no Instagram encontramos respostas em alemão, português, inglês, árabe, francês, espanhol, tailandês e turco, sendo essas características típicas desses meios no contemporâneo. Entendemos que a amostra foi representativa, uma vez que indicou evidências de saturação dos dados. Contudo, tivemos o cuidado de maximizar a variabilidade de dizeres: coletamos dados em várias mídias de relacionamento social; a condição vinculada à coleta por práticas dos potterheads propiciou uma enorme riqueza de informações. Ainda, cuidamos para que todas as práticas fossem contempladas equitativamente nessa distribuição de dados.

A pesquisa foi apoiada pelo *software* NVivo - versão 10. O programa mostrou-se um importante recurso à produção dos pesquisadores, tendo em vista que seu ferramental possibilitou a reunião, organização e análise dos dados em seus diversos formatos: texto,

imagem e vídeo. Os recursos do programa permitem a busca e a consulta de documentos nas várias fases da análise; ao mesmo tempo, possibilita sua comparação com qualquer outro documento do arquivo; ainda, o *software* produz mapas e gráficos das relações indicadas. A facilidade de armazenar os diferentes documentos num mesmo local e rapidez desse instrumento em permitir localizá-los e compará-los, auxiliou a etapa de cruzamento de dados e a visualização das possíveis conexões entre eles.

Como limite dessa pesquisa estabelecemos que a coleta de dados fosse efetuada nas mídias de relacionamento. A opção deveu-se ao fato de podermos acessar as longas trocas de informação, impressões e sentimentos (empatia, ansiedade, felicidade, tudo que foi compartilhado), que ocorreram também em momentos marcantes do auge do acontecimento, como os lançamentos dos livros e as estreias da saga cinematográfica. Essa condição mostrou-se relevante para entendermos a significância deste universo para vida dessas pessoas. Como limitação do estudo, enxergamos que algumas informações importantes podem ter sido perdidas no tempo, uma vez que esses espaços sociais estão sempre em mudança: perfis são fechados, meios entram em desuso, mídias apagam as postagens em poucas horas etc. Contudo, para minimizar essa condição buscamos efetuar a coleta nas mais variadas mídias sociais. Tendo em vista que as informações dos fandoms são sempre replicadas por vários meios, acreditamos que essa condição não prejudicou a nossa pesquisa.

5.3.2. Procedimentos analíticos da arqueologia

Os senhores Aluado, Rabicho, Almofadinhas e Pontas, fornecedores de recursos para bruxos malfeitores, tem a honra de apresentar O MAPA DO MAROTO⁹ (ROWLING, 2000a, p.145).

Tendo em vista que o método foucaultiano apresenta uma lógica, mas não evidencia um procedimento analítico, o procedimento metodológico que adotamos foi embasado na organização analítica utilizada nos trabalhos de Leão e colegas (CAMARGO; LEÃO, 2015;

⁹ Por analogia à obra, utilizamos a citação do Mapa do Maroto, um mapa mágico que indica locais, passagens secretas e posição exata e todas as pessoas dentro da Escola de Hogwarts. O mapa abre suas informações no momento em que o bruxo faz o juramento que aparece na epígrafe desse trabalho e torna a se apagar quando esse bruxo informa: “Mal feito, feito!”.

COSTA; LEÃO, 2012; 2011). A partir deles essa estratégia, ou ainda, esse planejamento de pesquisa ganhou forma.

Assim embasados, o nosso processo se desenvolveu em três níveis: o desvelar dos enunciados e suas funções foi seguido pela identificação das regras e das formações discursivas e por fim, pelas regras das regras normalizadoras do campo discursivo. Os níveis tomaram forma na mesma medida em que se delineou um pensamento reflexivo. Contudo, ressaltamos que quando nos referimos a efetuar o processo arqueológico em níveis analíticos, eles devem ser entendidos mais próximo do que sejam rodadas reflexivas de construção e jamais etapas lineares e estanques.

As unidades do discurso foram reveladas por meio de uma operação, pois se refere a algo que o texto mostra e esconde ao mesmo tempo, uma vez que o saber comporta o visível e o enunciável e sua completude é sempre negativa. O primeiro passo esse trabalho foi efetuar um recorte para uma aproximação com o objeto, pois não só esse se define por uma rede complexas de relações, como cada enunciado é sempre inseparável de uma multiplicidade.

Como nosso objeto foi revelar os saberes presentes nas práticas dos potterheads, nos interessou descrevê-los em todos os seus termos, tais como o que eram suas verdades, crenças, valores, vontades. Um recorte propiciou que os enunciados manifestassem a construção desse espaço social de modo a podermos iniciar o trajeto, que foi da prática dos potterheads para o desvelar dos saberes que os mantêm. Tal recorte se deu por meio de um trabalho reflexivo: buscamos encontrar os enunciados como lugares de sujeitos, fragmentos de um saber, parte de um campo discursivo associado, e uma materialidade indicativa das regularidades em termos de repetições de sentido e forma, e de rupturas em que claramente demarcam diferenças e descontinuidades, também em termos de sentido e forma (CAMARGO; LEÃO, 2015; COSTA; LEÃO, 2012; 2011).

Após a identificação dos enunciados procedemos à identificação das possíveis relações entre os mesmos. Dois tipos de relações se apresentaram: as relações em que os enunciados se apoiam e explicam mutuamente, as quais denominamos síncronas (e nos gráficos da análise representamos por linhas na coluna dos enunciados), e as relações entre enunciados em que um explica o outro, as quais chamamos incidentes (e representamos por setas nos mesmos gráficos). Esse procedimento apurou nossa sensibilidade para elucidar as funções enunciativas (CAMARGO; LEÃO, 2015; COSTA; LEÃO, 2012; 2011).

O enunciado está sempre ligado às funções que podem exercer ou desempenhar no contexto discursivo. A função é, portanto uma ação que se desempenha ligada a um domínio associado de saberes. Revelar a função enunciativa é uma operação de decifração de como o

enunciado pode ser moldado no contexto discursivo para se prestar a fazer parte de operações estratégicas, por isso, perceber em determinado conjunto de dados como esses enunciados se relacionam entre si tornou-se uma etapa fundamental (CAMARGO; LEÃO, 2015; COSTA; LEÃO, 2012; 2011). A maior parte dos enunciados de nosso campo mostrou-se ligado a mais de uma função enunciativa, bem como uma mesma função apresentou-se vinculada a mais de um enunciado; foi essa rede interligada de saberes-poderes que orientou essa decifração.

O segundo nível analítico buscou revelar as regras de formação e as formações discursivas. Como sinalizamos, para Foucault (2009a) a regra deve ser formada a partir de quatro critérios: objeto, modalidade, conceito e estratégia. Essa etapa reflexiva se aproximou não apenas do campo empírico, mas do teórico. Para cada formação enunciativa ligada a uma função, nos questionamos sobre: de que objeto de se tratava? Isso porque práticas diferentes formam objetos diferentes; buscamos o conceito no entendimento do que se falava sobre esse objeto, já que os conceitos emergem do próprio discurso como regularidades e coações; a modalidade partiu da reflexão: a partir de onde e de que maneira se enuncia a prática; e a estratégia foi revelada a partir da compreensão da finalidade de falar de determinado objeto, por esse conceito e a partir desse *ethos*. As regras surgiram por meio da organização desses quatro critérios. Apesar de cada um desempenhar um papel para sua formação, a repetição entre os elementos nos sintagmas gerou uma consistência capaz de formar a regra (CAMARGO; LEÃO, 2015; COSTA; LEÃO, 2012; 2011).

Como a regra é a condição que submete os elementos à rede discursiva, uma regra ou um conjunto de regras determinaram uma mesma formação discursiva, a depender da forma como essa regra ou conjunto de regras se desencadeiam partindo de enunciados e funções (CAMARGO; LEÃO, 2015; COSTA; LEÃO, 2012; 2011). A formação discursiva revelou-se como uma regularidade ou sistema de estratégias que transformam um saber em verdade. Como nossa pesquisa adotou certo grau de indução, o apoio na junção das teorias (Michel Foucault e Gilles Deleuze) se fez necessária a partir dessa fase analítica, exatamente para dar suporte e prosseguimento à análise a partir dos achados empíricos. Dessa forma, os enunciados nos revelaram os saberes desse campo discursivo e as formações discursivas apontaram como é possível a virtualidade dos potterheads a partir desses saberes.

Como última etapa analítica, buscamos elucidar a compreensão da regra das regras. Tal “regra geral” trata do que seria a lógica ou razão que permeia todo o campo discursivo, uma racionalidade capaz de regular tal campo e autorizar as práticas desse sujeito, a razão que permite que ocorram os jogos relacionais entre seus elementos e que possibilita a atuação de mecanismos (CAMARGO; LEÃO, 2015; COSTA; LEÃO, 2012; 2011). Essa etapa exigiu um

envolvimento ainda mais profundo tanto com o campo empírico como com o teórico; para essa fase a triangulação dos dados foi uma etapa relevante e esse esforço analítico reflete-se na conclusão desse trabalho.

5.3.3. Critérios de qualidade da pesquisa

As pesquisas qualitativas possuem critérios próprios de rigor científico capazes de certificar seus resultados analíticos, que são entendidos como critérios de qualidade de pesquisa (PAIVA JR, et al., 2011). Nesse sentido, ao buscarmos maximizar a variabilidade de dizeres na coleta de dados e, com isso, propiciarmos uma riqueza de informações em relação ao objeto de investigação, contemplamos o critério de representatividade do corpus de pesquisa (CRESWELL, 2010; PAIVA JR; et al., 2011). Como antecipamos, a coleta orientada pelas diversas práticas e efetuada em várias mídias favoreceu para que tivéssemos uma profunda compreensão do nosso objeto.

Por sua vez, ao atender a esse aspecto, asseguramos que pudesse acontecer a triangulação de fontes de informação indicada por Denzin (1978) como um dos tipos de triangulação possíveis. Nesse sentido, o cruzamento de informações das diferentes fontes enriqueceram o estudo, inclusive apresentando evidências de saturação dos dados. A saturação de dados, por sua vez, atende ao critério de construção do corpus de pesquisa (CRESWELL, 2010; PAIVA JR; et al., 2011).

Ainda em relação à triangulação, buscamos com que cada etapa do processo analítico fosse validada por um segundo olhar crítico e mais experiente: o do pesquisador-orientador, que auditando o procedimento e suas conclusões, pode certificar-lhe nos quesitos: coerência e adequação, atendendo também a um aspecto de qualidade de pesquisa. Esse tipo de triangulação é denominado por Denzin de triangulação de pesquisadores (DENZIN, 1978; PAIVA JR; et al., 2011).

O critério de reflexividade foi satisfeito mediante o próprio procedimento da análise. Como antecipamos, nossa análise obedeceu a três níveis analíticos, que tomaram forma na medida em que se construiu um pensamento reflexivo. Ligada a esse que é um processo de amadurecimento da pesquisadora, a condição de coleta intermitente acompanhada pelo aprofundamento teórico por vezes instigou questionamentos, que por sua vez, acarretaram reorganizações da análise. Desse modo, sendo o procedimento de reestruturação analítico uma consequência natural do olhar vigilante e da dedicação da pesquisadora sobre a investigação, e entendendo que o mesmo tende a evitar os vieses interpretativos, acreditamos que a

condição também atendeu a esse aspecto de qualidade da pesquisa (CRESWELL, 2010; PAIVA JR; et al., 2011).

Por fim, com uma descrição rica e detalhada buscamos elucidar os contextos discursivos e promover a clareza aos procedimentos utilizados, com vistas a possibilitar a ampla compreensão do que foi feito, porque foi feito e como foi feito, atendendo também a esse aspecto de qualidade na pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2010; GASKELL; BAUER, 2010; PAIVA JR et al., 2011).

Portanto, essas condições acima descritas asseguraram o atendimento dos aspectos de qualidade de nossa pesquisa. Assim, tendo apresentado os procedimentos dessa pesquisa e seus critérios de qualidade, no próximo capítulo exploramos da interpretação dos dados.

6. Interpretando relíquias

O presente capítulo contém a descrição das categorias de análise reveladas pela nossa arqueologia. O primeiro nível analítico descreve enunciados, funções e regras, que embasaram as formações discursivas. O segundo nível analítico revela as formações discursivas. Nessa etapa é feita a discussão dessas categorias, partindo dessas formações discursivas e trazendo-as como um conjunto, apresentando assim os feixes de relações que nos levaram a revelá-la. Promovemos a discussão de cada feixe de relações junto ao contexto das práticas e aos conceitos teóricos, ou seja, em cada um dos feixes discutimos e ilustramos com o dado empírico essa analítica. O terceiro nível analítico trata das regras das regras: a lógica geral que atravessou esse espaço social.

* * *

Dizem que há muitos e muitos anos, a Morte deu um presente a três irmãos bruxos, em consideração a sua perícia mágica em ter escapado dela. Cada irmão recebeu uma peça: a Capa da Invisibilidade, a Pedra da Ressureição e a Varinha das varinhas, chamadas as Relíquias da Morte. Em ordem de importância, as últimas fariam de seu portador um dos mais poderosos bruxos do mundo, inclusive podendo fazer ressuscitar um morto. A capa e a pedra passaram muitos séculos desaparecidas, mas a varinha pertenceu a bruxos das trevas, de geração em geração, durante séculos (ROWLING, 2008). As três peças, por analogia, e na sequência de sua importância, representarão os três níveis analíticos dessa arqueologia.

6.1. A Capa da Invisibilidade desvela: enunciados, funções e regras

As unidades discursivas do arquivo são os enunciados. Eles constroem esse espaço social, portanto, desvelam saberes, ou ainda, verdades particulares. Cada enunciado provém de uma multiplicidade, mas como cada um faz emergir um saber característico, eles são

transcritos como proposições afirmativas. Trinta e um enunciados se revelaram nesse campo discursivo (Quadro 2).

Quadro 2 (6) - Enunciados

Enunciados	Descrição
Potterheads aplicam saberes do universo em suas vidas	Diz respeito à apropriação dos conhecimentos do cânone por fãs como uma fonte de verdade e, portanto, orientadora de conduta
Potterheads burlam as determinações do cânone	Diz respeito às resistências de fãs em relação a adaptação a normas e/ou procedimentos do cânone
Potterheads colecionam <i>merchandises</i> ¹⁰	Diz respeito ao hábito de colecionar produtos ligados à saga e aos cuidados dispensados à sua manutenção
Potterheads cultuam o cânone	Diz respeito às ações de culto efetuadas para manutenção da condição de fã: comprovação da fé, estabelecimento de dogmas e organização de fãs por modelos identitários
Potterheads dedicam empenho às práticas do fandom	Diz respeito à valorização de esforços aplicados por fãs em práticas do fandom
Potterheads educam os novos fãs	Diz respeito à condução de conduta dadas no fandom cotidianamente
Potterheads entram em crise com o amadurecimento	Diz respeito às crises de fãs quando se descobrem adultos ao término da saga
Potterheads estabelecem alteridade	Diz respeito à demarcação de diferenças entre verdadeiros fãs e não fãs
Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom	Diz respeito ao reconhecimento de semelhanças de gosto e comportamentos entre integrantes do fandom
Potterheads estabelecem vínculos no fandom	Diz respeito às relações mútuas de apoio, de influências e de coerções dadas entre membros do fandom
Potterheads expressam gratidão ao cânone	Diz respeito às declarações de agradecimento pelo reconhecimento de fãs acerca da importância do cânone em suas vidas
Potterheads foram revigorados pelo anúncio da extensão da série cinematográfica	Diz respeito às ações de fortalecimento da condição de fã causadas pelo anúncio de expansão da saga cinematográfica
Potterheads fundamentam sua condição de fã	Diz respeito à comprovação da condição de fã perante o fandom
Potterheads marcam o corpo com símbolos do universo	Diz respeito à tatuagens e apelidos inspirados no universo e adotado pelos fãs
Potterheads não resistem às práticas do fandom	Diz respeito às vontades impulsivas que os fãs têm e de participar de práticas habituais do fandom, as quais não conseguem resistir

¹⁰ O termo *merchandises*, comumente traduzido por mercadoria (OXFORD DICTIONARIES), é utilizado para se referir aos produtos licenciados de marca.

Quadro 2 (6) - Enunciados (Continuação)

Enunciados	Descrição
Potterheads produzem cultura a partir do universo	Diz respeito à produção de fãs dada na vivência com o universo: fazer cosplay, participação em eventos e estreias, produzir <i>fan arts</i> , <i>fan fics</i> , reeditar-remixar, degustar feijõezinhos, duelar, jogar quadribol
Potterheads ressentem-se do preconceito social	Diz respeito ao ressentimento de fãs quando acusados de imaturos ou adultos que gostam de coisas de crianças
Potterheads são afetuosos com o cânone	Diz respeito às declarações de amor e elogios feitos por fãs ao cânone
Potterheads são atestados pelo domínio de saberes do universo	Diz respeito a conduta de fãs considerados verdadeiros: dominar os saberes por meio da leitura dos livros e informações oriundas do cânone
Potterheads são dependentes afetivamente do universo	Diz respeito à necessidade de fãs em manter-se sob a proteção do cânone
Potterheads são nostálgicos em relação ao universo	Diz respeito às lembranças saudosas de fãs que permeiam momentos marcantes de suas vidas e seu vínculo à saga
Potterheads se identificam com a saga cinematográfica	Diz respeito as afinidades de fãs com a saga cinematográfica e envolve atores, lançamentos e produtos
Potterheads se identificam com o cânone	Diz respeito às afinidades de fãs com o cânone
Potterheads se orgulham da condição de fã	Diz respeito às demonstrações de orgulho em relação a condição de fã
Potterheads se precavam em relação à lei de direitos autorais	Diz respeito aos hábitos de cautela adotados por fãs em suas produções
Potterheads se profissionalizam por meio do universo	Diz respeito às vivências no fandom que desenvolveu competências na profissionalização de fãs
Potterheads se resignam às determinações do cânone	Diz respeito às renúncias feitas por fãs para permanecer ligados ao cânone
Potterheads trocam informações cotidianamente	Diz respeito às constantes interações no cânone
Potterheads usam os saberes do cânone para endossar seus dogmas	Diz respeito à apropriação de fãs do conteúdo do cânone para endossar suas crenças
Potterheads usam saberes do cânone para questionar seus dogmas	Diz respeito à apropriação de fãs do conteúdo do cânone para questionar essas crenças
Potterheads zelam pela autenticidade do cânone	Diz respeito às ações de fãs para proteção das características originais do cânone

Fonte: elaboração dos autores

As funções enunciativas demarcam o desempenho dos enunciados na instância do campo discursivo, ou ainda, no jogo de relações do feixe ao qual fazem parte. Por representar ações de enunciados, as orações iniciam sempre com um verbo no infinitivo. Desvelamos nesse jogo de relações vinte funções abaixo descritas (Quadro 3).

Quadro 3 (6) - Funções enunciativas

Funções	Descrição
Atenuar estigmas sociais	Ações que intentam tornar menos denso os efeitos de desaprovação social que ocorre com fãs
Atestar envolvimento com o universo de Harry Potter	Ações que intentam comprovar o envolvimento de fãs com o universo
Demarcar identidade	Ações que intentam estabelecer as características identitárias de fãs
Demonstrar fé no cânone	Ações que intentam comprovar a fé de fãs no cânone
Demonstrar transformações pessoais dos fãs	Ações que intentam evidenciar as transformações pessoais de fãs
Enaltecer o cânone	Ações que intentam exaltar qualidades do cânone
Esclarecer características de fãs no fandom	Ações que intentam explicar peculiaridades de fãs no fandom
Evidenciar empatia entre membros do fandom	Ações que intentam demonstrar empatia entre fãs no fandom
Evidenciar identificações com o universo de Harry Potter	Ações que intentam demonstrar conformidade de fãs com o universo
Ironizar problemas sociais	Ações que intentam criticar problemas sociais por meio do deboche
Nutrir vínculos no fandom	Ações que intentam fortalecer vínculos de fãs no fandom
Perpetuar o universo de Harry Potter	Ações que intentam dar continuidade ao universo
Preservar a segurança do cânone	Ações que intentam manter a proteção do cânone
Prover condição de fã	Ações que intentam manter abastecida a condição de fã
Reconhecer benefícios da relação com o cânone	Ações que intentam admitir o ganho de benefícios na ligação com o cânone
Resguardar a autenticidade do cânone	Ações que intentam proteger as características originais do cânone
Resguardar condição de produtor	Ações que intentam salvaguardar a condição de fãs produtores
Salvaguardar o universo de Harry Potter de máculas	Ações que intentam resguardar a imagem do universo de qualquer desonra
Satisfazer vontade de práticas do fandom	Ações efetuadas para promover a sensação de euforia e satisfação obtidas em práticas habituais do fandom
Valorar o universo de Harry Potter	Ações efetuadas por atribuir valor ao universo

Fonte: elaboração dos autores

O conjunto dos enunciados e suas funções nos levaram às regras de formação e ao segundo nível da operação analítica, onde revelamos as próprias formações discursivas. Nessa etapa nos apoiamos nos quatro critérios formadores das regras. O campo nos revelou: 7 Objetos, 10 conceitos, 4 modalidades e 8 estratégias, a seguir descritas (Quadro 4).

Quadro 4 (6) - Critérios de regra

Objetos	
Doutrina	Diz respeito às práticas habituais de culto ao cânone
Resistência	Diz respeito à incompatibilidade de ideias entre fãs e dispositivo
Conduta	Diz respeito ao modo de cuidar de si no interior da doutrina
Socialização	Diz respeito ao processo de interiorização de normas e valores
Vínculo social	Diz respeito aos laços morais estabelecidos nas práticas do fandom
Alteridade	Diz respeito aos atributos do que é diferente
Vontade	Diz respeito ao querer muito alguma coisa
Conceitos	
Regularidade	Evidencia a condição de frequência com que ocorrem as atividades
Adequação	Refere-se à luta por acomodação em relação ao vínculo estabelecido pelo dispositivo
Condução	Refere-se à forma de governar a si e aos outros no interior da doutrina
Legitimação	Refere-se à naturalização de normas e valores
Ressonância	Evidencia uma igualdade de pensamentos em quem compartilha uma conduta moral
Dissonância	Evidencia a desarmonia de pensamentos em quem não compartilham a mesma conduta moral
Perpetuação	Refere-se à uma vontade de continuidade
Dependência	Refere-se à necessidade de manter um vínculo
Relacionamento	Diz respeito as ligações afetivas estabelecidas entre pessoas de mesmo interesse
Tentação	Evidencia à intensidade da vontade dos potterheads em praticar atividades do fandom
Modalidades	
Convicção	Revela uma posição firme a respeito de crenças e valores
Criatividade	Diz respeito à inventividade utilizada para a adaptação às situações
Moralidade	Revela um conjunto de princípios de conduta coletivamente aceitos
Ética	Diz respeito ao que está associado aos valores morais
Estratégias	
Força do hábito	Demonstra a existência de práticas rotineiras e intensivas
Tática de luta	Revela a arte de coordenar ações para obter condições favoráveis
Código moral	Demonstra o estabelecimento de um conjunto de regras para orientar a conduta
Solidariedade política	Demonstra a assumpção de um compromisso moral
Princípio moral	Demonstra a assumpção do processo de conduta
Diferença do outro	Demonstra características do que é outro
Economia afetiva	Demonstra o processo de estabelecimento de um vínculo afetivo
Imaturidade emocional	Demonstra a instabilidade para lidar com as emoções

Fonte: elaboração dos autores

Os quatro critérios de regra fizeram surgir as regras de formação; onze foram as regras que emergiram nesse campo discursivo (Quadro 5).

Quadro 5 (6)– Regras de formação

Regras	Descrição
O cuidado de si e dos outros é ordenado pelas práticas da doutrina	A regra reflete que conduta e a produção dessa forma de vida se estabelecem mediante o regime de ordem da doutrina
O cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas	A regra aponta que relações afetivas são fortalecidas ao se legitimar a forma de conduta de fãs
Os saberes do cânone são incorporados na prática da doutrina	A regra indica que o hábito rotineiro das práticas da doutrina faz os fãs assimilarem os saberes do cânone
Os saberes do cânone são apropriados pela resistência	Essa regra reflete que relações de resistência se dão por meio da posse dos saberes do cânone, tornando-os próprio
A conveniência das ideias se afirmam como alegria	A regra indica que o apoio em ideias adequadas se afirma como alegria, pois envolvem o aumento da potência ativa
A inconveniência de ideias se afirmam como tristeza	A regra indica que o apoio em ideias inadequadas se afirma como tristeza, pois envolvem a diminuição da potência ativa
O querer permanecer relacionado ao cânone é um agenciamento desejoso	Essa regra indica que o desejo de manter a ligação com o cânone é um agenciamento
O querer a segurança do cânone é um agenciamento desejoso	Essa regra reflete que segurança e o conforto da relação com o cânone é agenciamento do desejo
O querer como verdadeiros os valores do cânone é um agenciamento desejoso	A regra reflete a crença que os potterheads depositam no dispositivo e desejar suas verdades é um agenciamento
O querer um vínculo adequado com o cânone é um agenciamento desejoso	Como potterheads querem a continuidade de sua ligação com o cânone, essa regra trata dos ajustes que eles percebem como necessários a esse vínculo como um agenciamento do desejo
A intensidade da vontade dos potterheads faz fluir agenciamentos coletivos de desejo	Essa regra reflete a intensidade do querer, a vontade irresistível que os potterheads sentem pelas práticas do fandom

Fonte: elaboração dos autores

As regras determinaram as formações discursivas que surgiram como regularidades desse campo, que por sua vez, descreveram o conjunto de saberes despontando uma verdade particular, a partir da relação entre enunciados e funções. O Quadro 6 elucida como os critérios de regra estiveram relacionados entre si para a formação de cada regra.

Quadro 6 (6) - Relação entre critérios de regra e regras

		Os saberes do cânone são incorporados na prática da doutrina	Os saberes do cânone são apropriados pela resistência	O cuidado de si e dos outros é ordenado pelas práticas da doutrina	O cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas	A conveniência das ideias se afirmam como alegria	A inconveniência de ideias se afirmam como tristeza	O querer permanecer relacionado ao cânone é um agenciamento desejoso	O querer a segurança do cânone é um agenciamento desejoso	O querer um vínculo adequado com o cânone é um agenciamento desejoso	O querer como verdadeiros os valores do cânone é um agenciamento desejoso	A intensidade da vontade dos potterheads faz fluir agenciamentos coletivos de desejo
Objetos	Doutrina											
	Resistência											
	Conduta											
	Socialização											
	Vínculo social											
	Alteridade											
	Vontade											
Conceitos	Regularidade											
	Adequação											
	Condução											
	Legitimação											
	Ressonância											
	Dissonância											
	Perpetuação											
	Dependência											
	Relacionamento											
	Tentação											
Mod.	Convicção											
	Criatividade											
	Moralidade											
	Ética											
Estratégias	Força do hábito											
	Tática de luta											
	Código moral											
	Solidariedade política											
	Princípio moral											
	Diferença do outro											
	Economia afetiva											
	Imaturidade emocional											

Fonte: elaboração dos autores

Assim as formações discursivas surgiram por meio da regularidade entre objetos, modos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas. A sua condição efetuou-se embasada nas regras de formação, por sua vez provenientes dos critérios de regra desvelados a partir das relações entre enunciados e funções, ou seja, as formações surgiram provenientes dos feixes de relações.

6.2. A Pedra da Ressurreição desperta: as formações discursivas

Nossa analítica apontou a existência de cinco formações discursivas que serão discutidas nas seções que se seguem. Para efeito de compreensão do leitor, cada formação possui sua própria figura representativa dos feixes de relações que lhes é inerente, facilitando a visualização das linhas e setas. Optamos por apresentar as formações e seus elementos a partir de seu feixe de relações: regras, funções enunciativas e enunciados, apoiados na teoria e trazendo ilustrações a partir dos dados. Contudo, traçar um panorama geral tanto do que seja cada formação propriamente, como das relações estabelecidas entre si pelos enunciados em cada formação torna-se imprescindível antes de adentrarmos em cada regra, para compreensão dessas em seu conjunto. Assim, em cada formação apresentamos esse cenário, e o exploramos a partir das regras de formação.

6.2.1. O cânone é parte do dispositivo de ordem da experiência dos potterheads

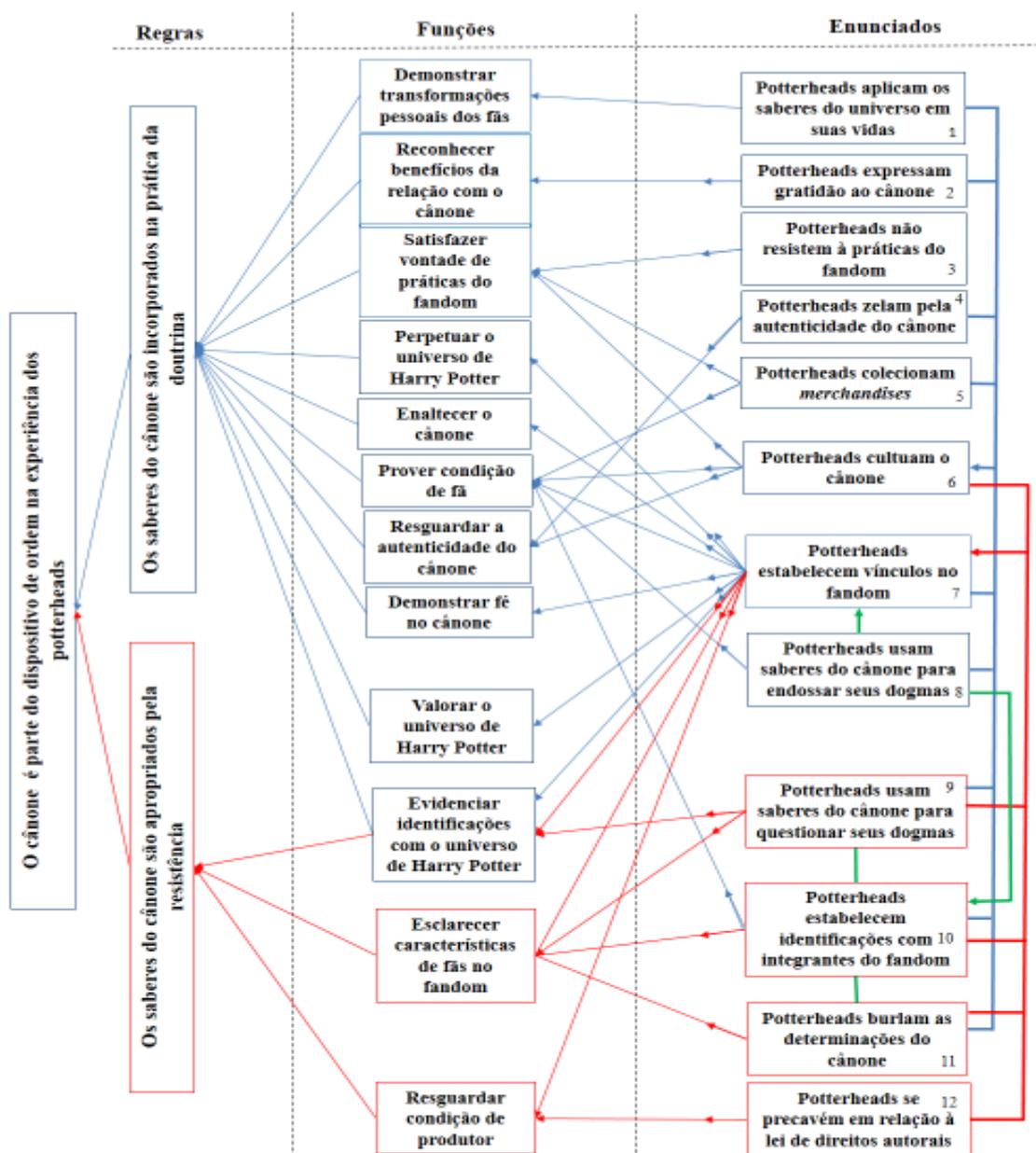
A formação discursiva desta seção: O cânone é parte do dispositivo de ordem da experiência dos potterheads apresentou-se ligada a duas regras de formação: Os saberes do cânone são incorporados na prática da doutrina e Os saberes do cânone são apropriados pela resistência. A primeira regra originou-se da relação entre dez funções e nove enunciados, e a segunda entre três funções e seis enunciados (Fig. 1).

Foi a relação entre si estabelecida pelos enunciados que evidenciou as funções dos mesmos. Essa relação indicou para essa formação a existência de dois grupos de significação: um grupo relativo às relações saber-poder, em que dez enunciados dessa formação de algum modo se relacionaram, indicando a centralidade do enunciado 6: Potterheads cultuam o

cânone, que sofre incidência dos demais. Esses dez enunciados indicam modos pelos quais os potterheads cultuam o cânone, explicando esse saber. Entre esses enunciados outra relação incidente também se revelou: o enunciado oito explica o sete, e o dez uma vez que os potterheads usam os saberes do cânone para endossar seus dogmas explica como eles constroem seus argumentos (identificações e saberes) para estabelecer vínculos no fandom. O segundo grupo refere-se às relações poder-resistência e é composto pelas relações entre cinco enunciados e três funções. Nesse grupo surge a centralidade do enunciado 7: Potterheads estabelecem vínculos no fandom, que sofre incidência dos enunciados: 6 e dos enunciados de 9 a 12, uma vez que é por meio dessas relações persuasivas que os potterheads organizam sua resistência. Nesse caso surgiu também uma relação síncrona: o enunciado dez o nove e o onze se explicam mutuamente, pois para burlar e questionar o cânone, potterheads estabelece identificações com outros integrantes, compondo seu argumento. As relações incidentes são representadas por setas e as relações síncronas representadas por linhas, ambas na coluna dos enunciados da Figura 1.

Tais relações direcionaram a elucidação dessa formação, pois as incidências que levam às centralidades dos dois enunciados (Potterheads cultuam o cânone e Potterheads estabelecem vínculos no cânone) apontam o culto como uma atividade essencial dos potterheads, formando são relações saber-poder e o modo como se dão as resistências nesse processo: apoiadas no estabelecimento de vínculos. Esse saber se compõe de troca de conselhos e de apoio mútuo, e também de ações persuasivas que são cuidadosamente argumentadas.

Figura 1 (6) - Mapa das relações da primeira formação discursiva



Fonte: elaboração dos autores

Desse modo, ambos os grupos de significação embasaram as ações de culto, e o cânone surgiu como uma das linhas de força do dispositivo; o cânone é o meio que faz convergir uma cadeia de saberes de naturezas diferentes, que correspondem a regimes tanto do visível como do enunciável (FOUCAULT, 2000; 2009a). Na medida em que os saberes dos potterheads gravitam em torno do cânone, eles se relacionam entre si de diversas formas, e

isso faz com que essa linha de força propicie a produção de saberes, e em seus processos imanentes apareçam os sujeitos, os objetos e as verdades que ordenam essa forma de vida (FOUCAULT, 2010a). Assim, podemos dizer que o cânone é uma força que contém o saber: um saber que tomou forma por meio das relações saber-poder e poder-resistência (FOUCAULT, 2009a). Através dele, todo um exercício de disciplina pode funcionar (FOUCAULT, 1987), pois sua construção propiciou a criação do ferramental que fez materializar os efeitos de poder. Isso pôde ser visto nas diversas atividades de culto ao cânone. Exatamente nessas atividades o hábito fez aparecer os sujeitos e ainda conformar a ordem desse espaço social, uma externalidade baseada em diferenças de grau (DELEUZE, 2008c). A condição como esse saber ordena a vida dos potterheads apareceu, desse modo, nas duas regras que embasaram essa formação.

Por sua vez, as sociabilidades promovidas por meio dessa linha de força do dispositivo que é um texto cultural produzido para o mercado, leva para o interior dessas relações sociais a lógica do capital. O trabalho de constituição de si dos potterheads faz, ao mesmo tempo, crescer a indústria, pois promove e endossa o sistema capitalista. Portanto, o regime que ordena os potterheads é biopolítico, é de controle, como indicado por Foucault (2005a; 2008a). Essa condição é transversal a todo corpo discursivo desse arquivo, pois a existência biopolítica é própria dos modos de vida da contemporaneidade. E, como são relações saber-poder que nascem nesse meio e estabelecem verdades, as mesmas ditam a forma de pertencimento, de convivência e também a condição de agência dos sujeitos. Por outro lado, relações de poder suscitam as relações de resistência, relações essas que reconstróem a cultura e acomodam os modos de pertencimento. Assim, o cânone como parte do dispositivo que ordena o regime dos potterheads (que é de controle) os auxilia a entender, construir, conservar e transmitir os saberes dessa cultura.

A seguir apresentamos essa formação a partir de seu feixe de relações: regras, funções enunciativas e enunciados.

6.2.1.1. Os saberes do cânone são incorporados na prática da doutrina

Essa regra de formação foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- doutrina; conceito- regularidade; modalidade- convicção; e estratégia- força do hábito. A relação entre as funções e enunciados que elucidaram essa regra revelaram que crenças, valores e verdades, que são a mola mestra da cultura, compõem a doutrina; As convicções são reforçadas na dinâmica da prática dessa

doutrina, uma regularidade que a tornou um hábito de vida e ordena as condutas dos potterheads no interior do fandom.

Desse modo, a relação entre saberes e funções nessa formação indicou o culto como uma relação saber-poder central que mantém viva a ordem que conforma a experiência dos potterheads. No culto estão as promessas de amor e continuidade, bem como os vários hábitos de compartilhar informações, sentimentos e emoções; a gratidão e o apoio em saberes do cânone e ainda a dedicação às várias práticas como colecionar, reler os livros, rever a saga cinematográfica não apenas indicam, mas constroem e reforçam os dogmas partilhados nessa cultura. O culto envolve ainda a disposição em participar do processo de seleção de casas e assumpção de um perfil identitário que designará o fã no fandom. Portanto, as funções que embasam essa regra dizem respeito às finalidades de construção e manutenção ao culto que os potterheads prestam ao cânone: demonstrar fé, demonstrar transformações pessoais, reconhecer benefícios, satisfazer vontades, valorar o universo, prover a experiência, evidenciar identificações, exaltar o cânone e cuidar da preservação de sua autenticidade.

Desse modo, Demonstrar transformações pessoais de fãs se liga a um enunciado que afirma o uso dos saberes do cânone no cotidiano e, essa relação, indica sua importância pelos resultados alcançados. Reconhecer benefícios da relação com o cânone é uma função ligada a um enunciado revelador um hábito instaurado no fandom, pois potterheads recorrentemente publicam agradecimentos ao cânone por tudo que ele representou em suas vidas e também por todo o tempo em que estiveram juntos; a relação entre função e enunciado é explicada porque o cânone acompanhou a fase da adolescência de boa parte desses fãs, e deu suporte às inseguranças e receios que lhes são peculiares além de propiciar as amizades que eles consideram verdadeiras.

Satisfazer vontade de práticas do fandom é função para o não resistir às práticas habituais do fandom em geral e, de forma específica aparece aqui em colecionar e cultuar, uma vez que cultuar engloba a maior parte dessas práticas. Perpetuar o universo é função de saberes que intentam manter vivo o gosto pelo universo, um trabalho constante e que se refere à manutenção da própria condição de fã. O fã é aquele que crê, mostra que crê e trabalha pela crença no cânone. Assim, Valorar o universo de Harry Potter, Enaltecer o cânone, Demonstrar fé no cânone e Evidenciar identificações com o universo de Harry Potter são funções ligadas ao estabelecimento de vínculo, que voltam-se para legitimação do modo de vida e corroboram com o sistema; de modo geral, o culto requer a coragem de acreditar, está intimamente ligado à confiança que se tem nesses valores e a atitude de fidelidade para com esses e, nesse sentido, evidenciar identificações é um meio de comprovar o envolvimento.

Assim, as funções evidenciaram como esse culto se realiza, pois estiveram ligadas a: Potterheads estabelecem vínculos no fandom, o saber que apresentou mais relações com funções nessa regra, e ainda apresentou a relação incidente de Potterheads usam saberes do cânone para endossar seus dogmas. Esse saber se refere às práticas caracterizadas pela ação de influência mútua entre os fãs que é naturalmente gerada no interior do fandom. Modos de apoio persuasivos são estabelecidos na troca de conselhos e nos depoimentos acerca de experiências com o universo; os saberes do cânone dão suporte aos argumentos e seus resultados se revelam na evidenciação das identificações mútuas entre fãs, entre fãs e universo, entre fãs e cânone, bem como nas imitações de comportamento tão comuns entre os membros do fandom.

Prover condição de fã se refere à saberes que realimentam cotidianamente essa experiência. Prover condição de fã foi função também de outros saberes que tiveram por finalidade a naturalização da condição de fã frente ao grupo, uma vez que colecionar e cultivar são atividades que requerem uma dedicação de tempo e esforço e só praticadas por verdadeiros fãs, e usar os saberes do cânone endossando seus dogmas aponta não apenas a condição de ser um profundo conhecedor desses saberes, como indica a plena aceitação desses dogmas. Ser considerado um verdadeiro fã pelo grupo autoriza à ação dos sujeitos nesse meio.

Por sua vez, Resguardar a autenticidade do cânone se liga a saberes que buscam manter a originalidade do cânone; cultivar e zelar são hábitos que perpetuam e protegem os valores de mudanças repentinas e, portanto, mantêm a veracidade dos saberes dessa cultura. Assim, as relações apontam que o cânone é parte do dispositivo que conforma o espaço social dos potterheads; o modo como o mesmo faz isso é tornado claro por meio dessa regra de formação: Os saberes do cânone são incorporados na prática da doutrina. Os dados evidenciam essas ligações. Contudo, para introduzi-los, contextualizamos o cenário com informações da própria narrativa, o que esclarece os valores e as importâncias dos elementos aqui tratados.

Participar do processo de seleção de casas é uma das primeiras provas pelas quais passam os alunos novatos da Escola de magia de Hogwarts. Ao chegarem, os alunos são recepcionados pela professora Minerva, que os encaminha diretamente para cerimônia, cujo resultado é único e definitivo. Devido à importância da mesma, a professora ressalta: “espero que cada um de vocês seja motivo de orgulho para a casa à qual vier a pertencer” (ROWLING, 2000b, p.87). A seleção define uma das quatro casas a que o aluno estará vinculado até o fim de seus estudos, mas a mesma o marca para o resto de sua vida. O resultado da seleção

determina os amigos com os quais o aluno irá conviver e se vincular, limita o acesso físico às outras casas e, portanto, à convivência e às atividades particulares de cada grupo, o vincula a um time de quadribol, define uma série de características pessoais que devem ser pertinentes à personalidade e ao caráter do mesmo como membro da casa, ou seja, propicia ao iniciante mais que uma família, uma identidade.

Na narrativa a seleção é feita pelo chapéu seletor na presença de toda a escola: assim que chega, o novato é chamado à frente do Grande Salão e coloca o chapéu que, ao ler sua mente, lhe indica a casa com a qual sua personalidade mais se identifica. Essa é também uma etapa muito importante para os fãs que querem se filiar ao fandom e participar de suas atividades, pois esse se divide conforme a história. Para fazê-la e se vincular a uma das formas identitárias, muitos testes estão disponíveis na internet, mas o teste considerado oficial e, portanto definitivo, é o promovido pelo Pottermore, o *web site* interativo criado pela autora para propiciar aos fãs uma continuidade da experiência com a saga. O teste compõe-se de uma bateria de questões e, ao finalizar suas respostas o chapéu determina a casa que o fã deverá permanecer filiado.

A seleção é um processo complicado e que quase sempre não agrada ao participante. A condição é estendida a todo o fandom e os seus registros podem ser encontrados facilmente nas redes sociais em todo o mundo. A figura 2 exemplifica o caso:

Figura 2 (6) – [#12.24] Não fui selecionado para casa que sempre quis



Fonte: Pottermore Student Confessions¹¹

¹¹ Disponível em: <<http://pottermorestudentconfessions.tumblr.com/page/4>>

A insatisfação representada na Figura 2 é algo comum, afinal trata de características pessoais e envolve afinidades. Entretanto, essa atividade é fundamental: Potterheads cultuam o cânone com a função de Prover condição de fã. Por sua riqueza de conteúdo, a prática propiciou inúmeros exemplos significativos que podem ilustrar os feixes de relações dessa regra, conforme esse trecho de fala:

[#12.3 ref. 26] Acho muita covardia a pessoa não aceitar a casa que o Chapéu te colocou (já que ele realmente NUNCA erra) e deu ouvidos a Harry simplesmente pq não era 100% dele que estava naquele banquinho, uma boa parte de Voldemort falava mais alto, fazendo o Chapéu querer colocá-lo na Sonserina, porém Harry Potter sempre foi um Grifinoriano (disso não se tem dúvida) e quando o Chapéu te coloca em uma casa (ainda mais vc tendo respondido tudo com sinceridade É REALMENTE AQUELA CASA QUE VOCÊ PERTENCE) lembrando que as vezes nem mesmo você não sabe o potencial que tem, e grande coisa ela (Nilsen Silva) ter gosto por leituras e querer cair na Corvinal, Hermione tem esse gosto também mais do que ninguém e está na Grifinória, então aceite onde vc está ou exclua a sua conta. O CHAPÉU NUNCA ERRA e se vc foi para Lufa-Lufa é lá que você pertence ACEITE.

O discurso aponta a insatisfação do participante. Ao se tornarem fãs, potterheads se identificam com personagens e com a casa que gostaria de fazer parte. É muito comum que a insatisfação os faça se referir e se comparar ao próprio Harry Potter: a ficção explorou a dúvida do chapéu seletor em determinar uma entre duas casas (supostamente do bem e do mal) para ele em seu processo seletivo, mas terminou por “acatar” o desejo desse aluno (casa do bem), sendo esse um acontecimento relevante, com muitos desdobramentos na trama.

Participar da seleção de casas é parte do culto o cânone: é manter viva a condição de fã, é atestar e renovar a fé no cânone, é assentir ser ordenado pelos dogmas e ainda ser definido por um dos modelos identitários. Isso fica evidente quando esse fã afirma: aceite ou exclua a conta, ou seja, aceite ou se exclua do grupo. Isso porque participar do fandom é trabalhar pela manutenção da legitimidade desses valores, por isso, prover condição de fã é função de Potterheads cultuam o cânone. Esse trabalho rotineiro e propicia a assimilação dos saberes como verdades.

Ainda, argumentar que o chapéu seletor sabe o que está fazendo, ou seja, ele NUNCA erra e cabe ao fã aceitar suas decisões, é opinar e persuadir, é parte do esforço que os potterheads fazem para manter os dogmas: Potterheads estabelecem vínculos no fandom para prover condição de fã. No mesmo sentido, quando o fã justifica pela própria narrativa os

motivos da ação do chapéu seletor, a função de prover condição de fã está presente no saber: Potterheads usam saberes do cânone para endossar seus dogmas. O fã lembra que responder com sinceridade, ou seja, ser honesto com o cânone e assim cumprir seu papel, lhe levará para a casa certa; assim, o que o cânone indica é a casa que o fã pertence mesmo, ainda que ele não se conheça o suficiente para saber disso; assim: Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Demonstrar fé no cânone.

Ao mostrar sua expertise em relação ao conteúdo da própria narrativa em sua argumentação, o fã preserva seu direito de fala, ele tem experiência, é um profundo conhecedor. Essa é uma das características mais valoradas no fandom: um verdadeiro fã é o que conhece profundamente o universo, por isso: Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Evidenciar identificações com o universo de Harry Potter.

Mas, apesar da seleção de casas ser um processo muito significativo, afinal é determinante do vínculo dos potterheads com o universo, o culto ao cânone é bem mais amplo que isso. Por isso ilustramos com mais trechos de fala, outras relações de culto. Por exemplo, o trecho abaixo trata de um hábito, parte de como Potterheads cultuam o cânone para Prover condição de fã:

[#3.1 ref.1] Então essa é a edição que eu li de Relíquias de Morte, extremamente sujo porque esse é o livro que eu li mais vezes do que os outros, eu li muito mesmo.

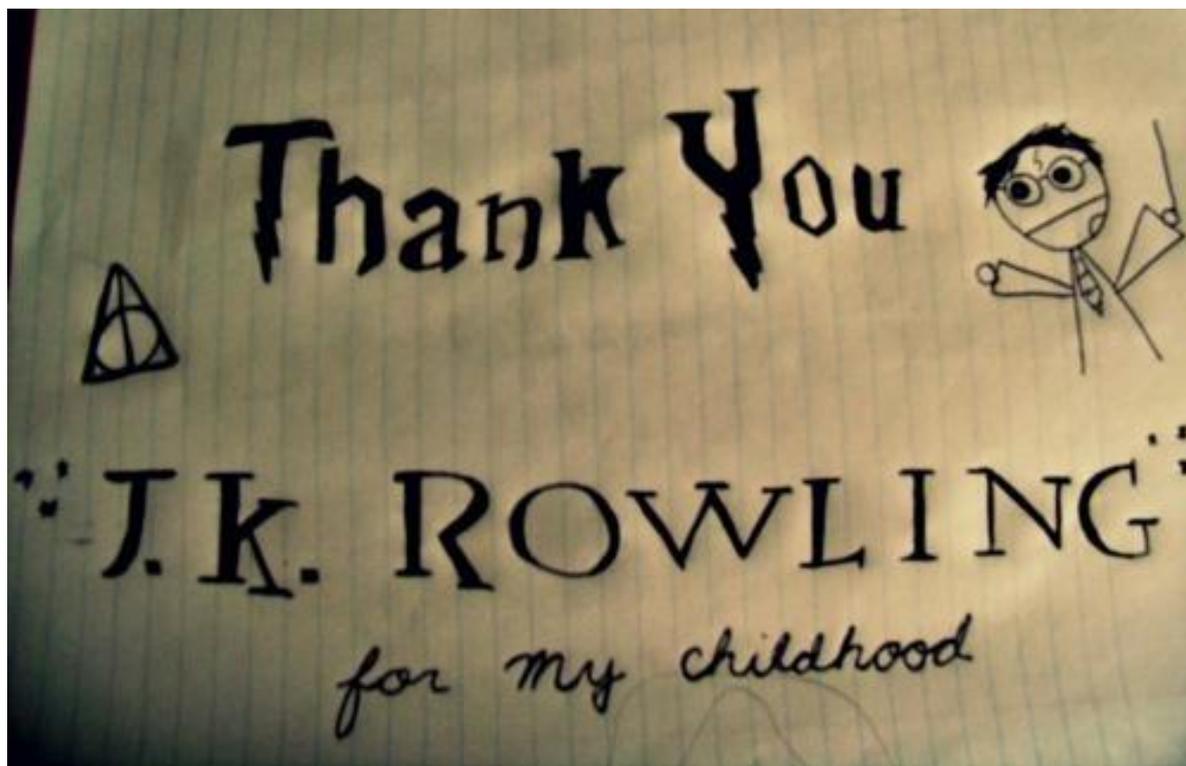
Esse trecho diz respeito à apresentação de uma coleção efetuada por um fã na internet. Essa é uma ação comum no fandom: fãs apresentam as peças de sua coleção, afirmam gostar de conhecer a coleção dos outros, e trocam informações relevantes acerca de produtos nessa prática e, ao mesmo tempo, fazem a propaganda dos mesmos. A releitura é um hábito - eles o fazem constantemente:

[10.12 ref. 3] I have reread books for years -- sometimes the same book more than once.

Cultuar é trabalhar cotidianamente para manter viva a condição de fã, é preciso se dedicar (afinal colecionar exige tempo e dinheiro), é preciso mostrar-se envolvido (afinal isso lhe credibiliza no fandom); ainda, é preciso conhecer profundamente a obra literária (afinal ser fã é ter conhecimento da obra), sendo esses, exercícios sistemáticos.

Contudo, ter uma experiência tão rica e intensa durante toda a adolescência, trouxe amigos, diversão, emoção e um norte de para sua conduta, indicando como a vida deve ser. Potterheads reconhecem a importância do cânone nas suas vidas:

Figura 3 (6) – [# 2.49] Thank You!



Fonte: We Heart (*website* de compartilhamento de imagens)¹²

Potterheads agradecem a JK por sua infância. Na figura 3: Potterheads expressam gratidão ao cânone por Reconhecer benefícios da relação com o cânone. Por sua vez, uma relação tão valiosa precisa ser cuidada, para ser mantida. Por isso, Potterheads zelam pela autenticidade do cânone para Resguardar a autenticidade do cânone, quando comparam a falta de fidelidade que os filmes tem para com os livros (Figura 4). Esse hábito se repete no mundo todo:

¹² Disponível em: <<http://weheartit.com/entry/group/669933>>

Figura 4 (6) – [# 10.21] Os filmes não são fiéis ao conteúdo dos livros



Fonte: website 13

Por meio dos extratos podemos entender como os saberes do cânone são incorporados na prática da doutrina estabeleceu-se uma regra que embasou essa formação discursiva. A doutrina, ou ainda, o conjunto de ideias, práticas e crenças que formam essa cultura é fortemente construído e mantido por meio do culto ao cânone. O culto é um hábito incorporado no tempo pelos potterheads, e que por isso, produziu a repetição material necessária para prover uma ordem que mantém o fandom. Assim, o feixe de relação que origina essa regra revela-se como relações saber-poder legitimadas, partes de uma externalidade definida a priori, onde cabe aos potterheads se inscreverem na ordem.

Como as relações saber-poder revelam o que se tem por verdades (vide Foucault, 2009a; 1998a; 1998b; 1985) e a cultura do fandom é construída em torno do cânone, os saberes aí gerados ordenam as práticas dos potterheads: o que se faz e como se faz; e com isso estabelece o que é certo ou não, o bom ou mal, o justo ou injusto etc.; ainda estabelece valores do que seja amizade, confiança, solidariedade etc., conforme foi indicado por Bronwen

¹³ Disponível em: < <http://www.memecenter.com/fun/99231/The-difference-between-movies-and-books-of-Harry-Potter>>

(2011), Lee (2009; 2011) e Van Zoonen (2014), valores que são levados para o cotidiano desses fãs.

Assim, o cânone é uma força que contém o saber de ordem, mas esse saber, apesar de estar ligado ao sujeito que por meio dele exercita suas práticas (e também o modifica), lhe é uma externalidade, pois apropriado pelo corpo pleno, é uma superfície de registro cristalizada e determinante de posições que podem ser ocupadas. É, portanto, uma externalidade baseada na dimensão do espaço, do visível, em que as multiplicidades representam diferenças de grau, como afirmou Deleuze (2008c).

Os ordenamentos aí negociados tendem sempre a se cristalizar, formar o *socius* e manter o modo de vida desses fãs. Essa cultura, ao conduzir as práticas dos potterheads, conforma e guia o seu modo de vida. Ingressar nessa comunidade é não apenas aceitar, mas trabalhar para manter os ritos dessa conformação. Portanto, o que daí se origina é, a princípio, uma diferença ordem. São multiplicidades que tendem, ao contrário de incentivar mudanças, a conformar o espaço e preservar a cultura.

Assim, as multiplicidades de ordem são saberes ou verdades que mantêm o sistema, é processo, é o visível modelado pelo enunciável. Essas multiplicidades são relações saber-poder que compõem as questões morais estabelecida no fandom. Portanto, incorporar saberes na prática da doutrina aponta o cânone como linha de força do dispositivo que ordena o regime dos potterheads, que é de controle.

6.2.1.2. Os saberes do cânone são apropriados pela resistência

Essa regra de formação foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- resistência; do conceito- adequação; da modalidade- criatividade; e estratégia- tática de luta. A mesma advém de cinco enunciados cujas três funções se voltaram para gerar sentido e conduzir a possibilidade de resistência dos potterheads aos poderes do dispositivo.

Foi estabelecendo vínculos e produzindo argumentos de qualidade (embasados nos saberes do cânone), que os potterheads conquistaram o espaço para suas lutas: estabelecer identificações, questionar saberes, burlar determinações, continuar produzindo. A solidariedade para com quem foge às regras foi conquistada pela construção político-afetiva de argumentos baseados em ideias convenientes. A relação incidente entre os enunciados 6 e de 8 a 12 no enunciado Potterheads estabelecem vínculos no fandom, bem como a relação síncrona entre os enunciados 9, 10 e 11 são explicativas dessa condição. Ao suscitar o

reconhecimento de igualdades de condições ou ideias entre os membros no culto ao cânone e se apropriar dos saberes do próprio cânone, se estabelece a oportunidade para discordar do mesmo: apontar desvios de conduta desse e proceder qualquer ação nesse sentido.

As funções que conduzem à essa segunda regra dizem respeito às finalidades dessa resistência, que se organizam em torno de buscar adequar-se às condições que lhes são impostas, ou seja, evidenciar identificações entre os membros do fandom e esclarecer características pessoais para assim conquistar um vínculo mais adequado, e ainda resguardar a condição de produtor diante de ameaças oriundas da lei de direitos autorais, estabelecendo uma luta frente aos interesses do próprio cânone. A partir das relações entre si dos enunciados, fica evidenciada a forma como essa relação entre enunciados e funções é posta em prática.

Desse modo, Evidenciar identificações com o universo de Harry Potter é função para Potterheads usam saberes do cânone para questionar seus dogmas e Potterheads estabelecem vínculos no fandom, ocasião em que a comprovação de afinidades com o universo autoriza o falante a discordar ou resistir às determinações do cânone. Nesse caso, a resistência se apropria das verdades do cânone para questioná-las. Esclarecer características de fãs no fandom é função para: Potterheads usam saberes do cânone para questionar seus dogmas, Potterheads burlam as determinações do cânone, Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom e Potterheads estabelecem vínculos no fandom. A função nesses casos busca elucidar as divergências entre o que o fã entende ser suas características pessoais e às determinações advindas do cânone e, tanto os saberes do cânone são utilizados para construção de argumentos, como surge a necessidade de burlar essa determinações, e as identificações com outros integrantes no fandom é feita no sentido buscar apoio para sua condição de infrator de regras esclarecendo sua condição.

Resguardar a função de produtor é função para Potterheads se precavém em relação à lei de direitos autorais, pois, com a lei dos direitos autorais voltando às rodas de discussão no contemporâneo, eles passaram a ter a preocupação de registrar em suas produções a ciência de que não são donos da marca e esclarecer que seu uso não tem fins lucrativos, portanto não compete com o produtor. A função aparece ligada também ao enunciado: Potterheads estabelecem vínculos no fandom. Esse saber aparece diretamente vinculado às demais funções dessa regra e, a sua completude à ideia de poder-resistência (tal como indica Foucault, 1995a), nos faz ilustrar como ela acontece. Isso porque, como esse enunciado também surgiu ligado ao maior número de funções na regra anterior, mostramos como a resistência utiliza da mesma maquinaria para criar suas rotas de fuga:

[#15.15 ref.2] Quem é escritor devia se sentir lisonjeado de ter tantas pessoas sendo inspirados por seus livros, que gostam tanto dos seus livros que conseguem captar uma parte dele a ponto de escrever algo e que amam tanto os livros que nunca querem que ele seja esquecido. Livros são para inspirar e instigar a criatividade, se divertir, quer melhor expressao disso que as fics? Me desculpe, G.R.R. Martin, mas ter fics é privilegio, proibir isso mostra que é mais capitalista que escritor.

O fã utiliza de argumentos na tentativa de desconstruir e inverter a lógica que pauta a importância de resguardar os direitos de autores originais, e assim busca apoio para manter o hábito instaurado de produção das *fics*; na mesma medida, enaltece o trabalho realizado pelos fãs fazendo entender que o interesse dos fãs na obra deveria ser, ao contrário, entendido como elogioso, ou seja: Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Resguardar condição de produtor. Nesse sentido, a prática da resistência está abrindo frestas na relação saber-poder, pois essa experiência política produz estratégias de dessusjeição, como afirma Foucault (1999a), ao apontar para novos espaços que podem ser habitados: se o objetivo de produzir o livro é agradar o leitor e conseqüentemente vender, o trabalho dos potterheads deveria ser valorizado, uma vez que amplia essa possibilidade ao valorar o produto, sendo essa uma lógica mercadológica. Ainda, ao acusar Martin de ser mais capitalista do que escritor o fã o está acusando de querer ganhar sozinho, pautando-se na razão da produção contemporânea coletiva do fandom, uma razão do conhecimento vivido. Essas são estratégias traçadas a partir de um pensamento, são as linhas de fuga tratadas por Deleuze (1976) que trabalham para desterritorializar os terrenos mais sólidos de verdades e prover subjetividades. Como essas estratégias estão traçando sua cartografia para escapar aos poderes constituídos, elas constituem-se um processo criativo, inventivo, que se origina em uma vontade: não parar de produzir a partir do cânone. A produção de *fics* é hoje considerada uma das práticas mais relevantes no fandom e uma das formas mais utilizadas para mantê-lo vivo.

Por sua vez, vemos repetir-se a apropriação de uma lógica para criação de um argumento quando se trata de utilizar os saberes do cânone para questioná-lo. O trecho de fala a seguir torna elucidativa essa relação e trata do esclarecimento de características pessoais:

[#12.3 ref.1] O Pottermore é mesmo um site lindo e fantástico, e a proposta dele de interação entre fãs de todo o mundo por meio de um jogo-enciclopédia é sensacional. O problema é que eu acho que ele fugiu um pouco do discurso que tanto aprendemos na série sobre ter a chance de escolher. Quando fiz a seleção pela primeira vez, fui parar na Lufa-Lufa, casa dos que são pacientes, leais, justos e que não têm medo da dor. Fiquei chateada logo de cara e parei de jogar. Eu queria

Corvinal. Minha sede de conhecimento, meu amor aos livros e minha paixão por escrever falavam mais alto. Eu sou medrosa e intolerante. Podem perguntar para quem me conhece, eles vão confirmar. Sou a Rainha da Impaciência. Eu tinha respondido o teste com toda a sinceridade do mundo, mas ele não atingiu às minhas expectativas e me mandou para um lugar ao qual eu achava não pertencer. E aí?

O fã se apropria da moral existente no conteúdo da narrativa para questionar a atitude do chapéu seletor e esclarecer porque suas características não correspondem às da casa para a qual foi selecionado: Potterheads usam saberes do cânone para questionar seus dogmas para Esclarecer características de fãs no fandom. Ao começar seu texto elogiando o cânone, o fã busca estabelecer identificações abrindo espaço para elucidar sua condição: Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom para Esclarecer características de fãs no fandom. Ao estabelecer tais identificações ele busca apoio, ele percebe algo em comum na física dos corpos, e tendo construído um argumento, uma razão, ele anseia por uma solidariedade política que é afetiva e só se dá por meio de corpos convenientes.

No momento em que o fã utiliza saberes do cânone para questionar sua incoerência em termos morais, ele está também produzindo estratégias de dessujeição. Ao resistir as determinações do cânone, ele já elaborou uma ética que pauta seu argumento. Esse é o combate de uma moral por meio de uma ética. A insatisfação com o vínculo inadequado surgiu como uma ideia, e está em coexistência com outras, mas sua afirmação potencialmente já possui uma variação contínua de força, que diz respeito ao afeto. A questão do fã visa promover um debate: “E aí?” Apontando a prática do cânone como moralmente incoerente, o fã busca incitar os demais fãs a mudar as regras do jogo; o argumento perpassa por provar que ele não faz o que diz, e questionar: eu não posso? Assim Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Esclarecer características de fãs no fandom.

Em um primeiro momento vemos se estabelecer uma ação de um corpo sobre outro: cânone e potterheads, respectivamente. Mas esse é um primeiro nível de conhecimento, uma ideia-afecção, uma ideia inadequada, que a regra anterior já ilustrou. Como afirma Deleuze (1978), a resistência é um agenciamento que se move do caráter ético para uma força política, ou seja, a ideia que resulta da insatisfação trata da natureza do corpo afetado e envolve a natureza do corpo modificante: o fã reflete sobre suas próprias características, sobre a moralidade do cânone e estabelece uma luta contra a sujeição, e se desenha aí uma ideia-noção. O agenciamento político e ético faz com que a ideia diga também respeito um querer, pois ao estabelecer identificações para esclarecer sua condição, a ideia pode se transformar

em uma luta ética já que a força brota da imanência, diz respeito a querer para si uma ligação com o cânone mais adequada (ainda que queira essa ligação) e, portanto, mais justa; essa é uma experiência de si no exercício da liberdade.

O agente está sendo ético, está se movendo, pois seu querer é um princípio imanente; ele usa a força para dobrar a força. Ele se deixou tomar pela intensidade e luta para produzir uma ideia adequada. Esse é um projeto de tornar-se ativo, pois a noção comum é um mecanismo que faz uma ideia tornar-se prática e a imaginação virar razão. Sendo esse o segundo nível de conhecimento, essa é uma questão ética que contém a potência de agir que é causa dos próprios afetos. Por ser ético, potterheads tem a coragem de discordar do cânone: Potterheads burlam as determinações do cânone, e constantemente precisam se justificar e sentem a necessidade de esclarecer característica de fãs no fandom, como no exemplo a seguir: o fã não aceita o resultado de sua seleção. Ele caiu na casa dos Weasley, uma família da ficção. Assim, ele discorda da fala de uma das personagens mais carismáticas da saga e esclarece que passou todos esses anos acreditando de coração que era de outra casa:

[# 12.25 Ref. 1] Even Percy Weasley adds in his note “if that’s not enough for you, I don’t know what is.” Well, Percy, sorry to disappoint you, but no, it isn’t enough. It’s not enough when I consider all the years I spent believing at heart I was a Slytherin.

Assim, quando os saberes do cânone são apropriados pela resistência, abre-se possibilidade para inventividade, uma vez que os embates geram linhas de fuga (construção de argumentos) na tentativa de escapar dos poderes instituídos. Como essa é uma luta constante, tende a ser dinamizada e provocar ajustes no poder, pois é um trabalho ético estendido às práticas sociais com o outro, e assim possui prolongamentos políticos, como diz Foucault (2011). Esse embate indica o desenho de uma ética por oposição a uma moral. Nesse estado virtual, revela-se como possibilidade de uma relação de organização em que a ideia inadequada pode se transformar em ideia adequada, a conquista virá da intensidade do querer. O discursivo está modelando o visível por meio das relações do poder-resistência, que pode transformar-se em força eficiente. O poder de afetar revela-se função da força, mas o poder de ser afetado como processo de organização, ainda não é matéria da força, está em construção.

Potterheads são produtores de cultura, e essa condição é fundamental para o trabalho afetivo do fandom. Por isso, visando Resguardar condição de produtor, Potterheads se precavém em relação à lei de direitos autorais, mas se apropriam dos saberes da saga, A saída que encontraram, ou ainda criaram como rota de fuga, é colocar esse pequeno aviso no início das *fics*, como se pode ver abaixo:

[# 15.18 Ref.1] Obligatory disclaimer: Harry Potter and all associated creative properties belong to Scholastic Publishing Company and J.K. Rowling. I don't claim any said property as my own, and I make no monetary profit from this fan-made story. All creative property not associated with Scholastic Publishing company and J.K. Rowling belong to me, and their use is limited to my express permission. Thank you.

O espaço social é desse modo, mantido pelos jogos de poder-resistência. Como o poder é relacional, todo poder possibilita a resistência, essa é sua possibilidade e, como diz Foucault (1999a), é sempre uma criação. Assim, quando o cânone conforma esse espaço social, a resistência se exerce, apoia e reforça o poder, mas também cria a partir dele, uma produtividade da resistência na relação com o poder. Se por um lado a prática da rotina conduz a assimilação dos saberes do cânone enquanto verdade, por outro, a resistência se apropria desses mesmos saberes para apoiar seu exercício e desterritorializar a solidez dos lugares de verdades, abrindo espaço para novos entendimentos e, posteriormente, para novos poderes se exercerem.

Portanto, saberes do cânone apropriados pela resistência também aponta o cânone como parte do dispositivo que ordena o regime de controle dos potterheads. Contudo, por meio desse caso é possível entender como o poder convive com a resistência por pura possibilidade.

6.2.2. Os potterheads governam-se no regime do dispositivo

A formação discursiva: Os potterheads governam-se no regime do dispositivo originou-se de duas regras de formação: O cuidado de si e dos outros é ordenado pelas práticas da doutrina e O cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas; em sua totalidade, essa formação foi proveniente de 12 funções e 19 enunciados (vide Fig. 5).

As doze funções enunciativas foram evidenciadas a partir das relações estabelecidas entre si pelos enunciados. Tais relações indicaram para essa regra a existência de 3 grupos de significação: O primeiro grupo envolve as formas de cuidado de si mesmo (enunciados de 1 a 10), o segundo evidencia o modo como se estabelece o cuidado como os outros (enunciados de 11 a 15), e o terceiro grupo se refere a como essas relações de cuidado fortalecem os vínculos no fandom, criando condições ou ideias para que as forças afetivas se instaurem nesse espaço (enunciados de 16 a 19).

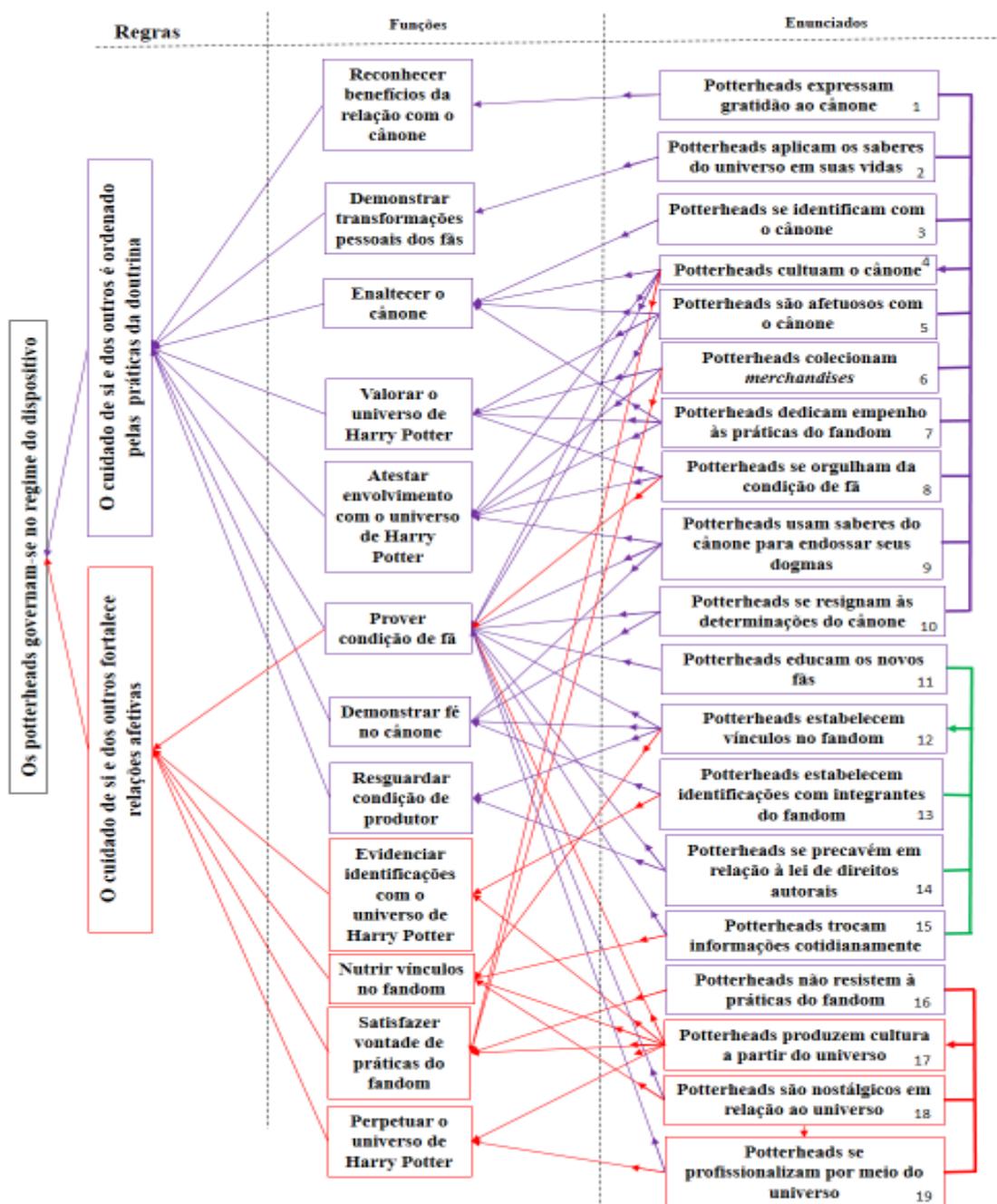
Os enunciados de 1 a 3 e de 5 a 10 estabelecem uma relação incidente no enunciado 4: Potterheads cultuam o cânone, pois esses enunciados constituem os modos efetuar essa prática. A relação refere-se ao primeiro grupo de significação: as formas de cuidado de si ligadas às práticas do culto. Os enunciados: 11 e do 13 ao 15 apresentam uma relação incidente no enunciado 12: Potterheads estabelecem vínculos no fandom, pois explicam o modo como esse saber acontece. Essa relação indica como os potterheads estabelecem as relações de cuidado com os outros, compondo o segundo grupo de significação.

Os enunciados 16, 18 e 19 estabelecem uma relação de incidente sobre o enunciado 17: Potterheads produzem cultura a partir do universo. O cuidado de si estabelecido na produção de cultura e que aponta a centralidade desse saber nessa relação, é explicado por meio de atividades intensivas comuns aos potterheads: saudade do universo e vontade de sentir o prazer em experienciá-lo. Tais saberes têm por função: prover condição de fã, evidenciar identificações, nutrir vínculos, satisfazer vontade e perpetuar o universo. Por serem nostálgicos e produzir cultura, os potterheads se profissionalizam por meio do universo, sendo essa mais uma relação de incidente nesse conjunto (vide Fig. 5). Assim os três enunciados explicam a produção de cultura e essa é um meio de fazer fluir os fluxos afetivos intensivos que fortalecem a relação entre os potterheads e deles com o universo.

As relações que compõem essa formação discursiva são indicativas de como a cultura dos potterheads é negociada e mantida por meio de relações governo dadas entre os participantes no fandom. O governo é um exercício de poder (FOUCAULT, 1995a). Esses procedimentos de governo se referem à conduta de condutas, que dependem do cuidado de si e dos outros (FOUCAULT, 2011) e são capazes de conformar a experiência dos potterheads. O estabelecimento de matrizes normativas de comportamento são formadoras do culto ao cânone e revelam-se nas práticas da doutrina. A condição diz respeito à questão do hábito que produz o sujeito e a ordem da natureza (DELEUZE, 2008c).

Para governar é preciso cuidar de si e do outro (FOUCAULT, 1984). Isso foi evidenciado quando uma das regras dessa formação discursiva referiu-se à prática social voluntária do cuidado de si: O cuidado de si e dos outros é ordenado pelas práticas da doutrina. Praticar a doutrina é decidir viver determinada moral e estilizar a vida para isso (FOUCAULT, 2010b). Cuidar de si é um trabalho permanente, reflexivo e voluntário que inclui tanto se conhecer como dominar-se e também transformar-se (FOUCAULT, 2005b). Nesse exercício se negociam regras de conduta e critérios de estilização e nas práticas de governo esses se tornam a verdadeira vida (FOUCAULT, 2011).

Figura 5 (6) - Mapa das relações da segunda formação discursiva



Fonte: elaboração dos autores

Desse modo, o cuidado de si é especialmente um exercício de controle sobre si mesmo, pois cuidar de si é agir em conformidade com a moral que está sendo definida no coletivo (FOUCAULT, 1984), é um trabalho permanente, pois essa moral está em constante construção. Conduzir condutas não requer apenas ter um direcionamento político, precisa de um ferramental que lhe dê suporte. Assim, essa condução precisa ser operada por tecnologias

de coerção aliadas a tecnologias do si (FOUCAULT, 2010a). Dessa forma se trabalha sobre si mesmo para poder se trabalhar ou cuidar do outro e isso estabelece e legitima uma forma de vida normalizada. As repetições materiais do hábito são uma das formas de ligações entre o corpo, afeto e pensamento (DAVID-MÉNARD, 2007, p.22) por isso, ao modelar junto os indivíduos e os equipamentos coletivos, as relações de cuidado revelam-se intensidades que povoam o corpo sem órgãos (GUATTARI; ROLNIK, 1996)

Assim, ao mesmo tempo, o exercício do cuidado de si e dos outros intensifica as relações afetivas no interior do fandom; sua ação estimula e conduz ao agir correto, socializa em conformidade com a moral que está sendo construída e, na medida em que se pratica uma forma de conduta, também se torna mais sólido o *ethos* e o que se tem por verdade (FOUCAULT, 2010a). Por tanto, a segunda regra dessa formação discursiva foi: O cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas.

Em cada regra será explorado os feixes de relação dessa formação.

6.2.2.1. O cuidado de si e dos outros é ordenado pelas práticas da doutrina

Essa regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- socialização; conceito – legitimação; modalidade – moralidade; e estratégia – solidariedade política. Essa regra foi resultado da relação de 8 funções e 17 enunciados, que desvelou como a doutrina estabelece uma ordem para o cuidado de si (vide Figura 2).

Desse modo, Resguardar condição de produtor foi função de Potterheads se precavém em relação à lei de direitos autorais e Potterheads estabelecem vínculos no fandom, e se refere ao cuidado que os potterheads passaram a ter consigo e com os outros em relação às leis de direitos autorais; Reconhecer benefícios da relação com o cânone é função para Potterheads expressam gratidão ao cânone, e se refere a mostrar que valoram a experiência junto ao cânone, sendo feita por constantes e incontáveis agradecimentos geralmente acompanhados de declarações de amor e promessas de vínculo eterno; Demonstrar transformações pessoais dos fãs é função de Potterheads aplicam saberes do universo em suas vidas, e diz respeito aos benefícios e mudanças pessoais que os fãs afirmam ter conquistado ao aplicar em seus cotidianos os ensinamentos do cânone; Enaltecer o cânone é função para: Potterheads se identificam com o cânone, Potterheads cultuam o cânone, Potterheads se orgulham da condição de fã e Potterheads são afetuosos com o cânone, e se referem as maneiras como os potterheads engrandecem o cânone.

Valorar o universo de Harry Potter é função de: Potterheads são afetuosos com o cânone, Potterheads colecionam *merchandises*, Potterheads dedicam empenho às práticas do fandom e Potterheads se orgulham da condição de fã, e dizem respeito às formas com que os potterheads mostram a relevância do universo em suas vidas; Atestar envolvimento com o universo de Harry Potter é função de: Potterheads colecionam *merchandises*, Potterheads dedicam empenho às práticas do fandom, Potterheads se orgulham da condição de fã, Potterheads cultuam o cânone, Potterheads são afetuosos com o cânone e Potterheads usam saberes do cânone para endossar seus dogmas, e dizem respeito aos modos como os potterheads comprovam seu comprometimento com esse universo, e assim afirmam o cuidado de si mesmo.

Prover condição de fã é função de: Potterheads cultuam o cânone, Potterheads são afetuosos com o cânone, Potterheads educam os novos fãs, Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads usam saberes do cânone para endossar seus dogmas, Potterheads se resignam às determinações do cânone, Potterheads produzem cultura a partir do universo, Potterheads trocam informações cotidianamente; Potterheads são nostálgicos em relação ao universo, e Potterheads se profissionalizam por meio do universo; e dizem respeito aos modos como esses fãs nutrem sua condição de fã cotidianamente e por várias frentes; por fim Demonstrar fé no cânone é função de: Potterheads usam saberes do cânone para endossar seus dogmas, Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom, Potterheads se resignam às determinações do cânone e Potterheads estabelecem vínculos no fandom, e dizem respeito às formas de declarar sua crença no cânone.

A relação entre os saberes e funções aqui dispostos revelaram como se estabelece e mantém os modos de cuidar de si e dos outros, perpetuando a condição da experiência. Desse modo, cuidar de si e dos outros assegura uma ordem de controle: a da doutrina. Aqui se negociam as regras de convívio desse dispositivo, se estabelece uma moral e se cuida de si e dos outros para que ela seja mantida. Isso porque cuidar de si e dos outros envolveu aprender e ensinar a cultuar o cânone e endossar seus dogmas, a valorar o universo, a evidenciar e se orgulhar desses vínculos, e fazer certos sacrifícios como dedicar empenho às práticas do fandom e ainda, sujeitar-se as determinações do cânone dando prova de fé e lealdade frente ao mesmo.

Cuidar de si e do outro se mostrou um trabalho embasado em regras. O apoio encontra-se nas tecnologias do si aí desenvolvidas e nos modos de coerção que se integram às mesmas. Como antecipamos, é uma tarefa que compõe-se em mostrar que se cuida de si para cuidar do outro, e embasar essa atividade nos saberes do cânone, endossando-os. Ainda, como

antecipemos, é um trabalho permanente e voluntário que abrange o exercício de se conhecer, de se dominar e se pôr à prova, e de aprimorar-se e transformar-se. Desse modo, optamos por apresentar exemplos que ilustrem tais exercícios. O depoimento a seguir indica como os potterheads aplicam as tecnologias do si na questão de domínio dos saberes do cânone. Potterheads buscam se conhecer e aprimorar e cuidam de si, praticando o exercício da doutrina, um trabalho rotineiro e permanente, portanto um hábito:

[#1.5.ref. 1] OBVIO. antes de me chamar de poser, presta atencao ok? eu gosto de harry potter a MUITO tempo, nao gosto pq é modinha (e HP nao é modinha, nenhuma modinha duraria tanto tempo) quando eu entrei no colégio eu ja gostava de harry potter, e ninguem gostava, mesmo assim eu tinha orgulho de falar q gostava de HP, eu gostava desde pequena pq meu irmao é um Potterhead e ele me obrigava a ver TODOS OS DIAS harry potter com ele, e desde que aprendi a ler ele me obrigou a ler TODOS OS LIVROS , e eu gostava, ainda gosto. acho q nenhuma poser, teria todos os DVD's e veria os filmes na Pré-Estrela, teria TODOS os livros, lidos, e todos os ingressos de filmes colados nas paredes do meu quarto, amaria Harry Potter como eu amo, entao SIM, se isso for poser, eu sou uma poser. mais acho q nao. TENHO ORGULHO DE SER POTTERHEAD.

Potterheads chamam de *poser* o falso fã, o indivíduo que posa de fã para obter os benefícios da condição do fã, mas que não domina os saberes do cânone e, portanto, falha em praticar a doutrina; essa é considerada a condição indispensável para o verdadeiro fã. No exemplo, o fã buscou comprovar sua condição de verdadeiro fã utilizando seus exercícios essenciais do culto ao cânone: ele cita a leitura completa dos livros, a participação nas estreias de filmes, o contato cotidiano com a obra, a coleção, o amor, o orgulho, o tempo de ligação e ainda a existência de um mentor que lhe capacitou para adentrar nessa cultura. Desse modo, Potterheads colecionam merchandises, Potterheads dedicam empenho às práticas do fandom, Potterheads se orgulham da condição de fã, Potterheads são afetuosos com o cânone, Potterheads cultuam o cânone para Atestar envolvimento com o universo de Harry Potter. A função de: colecionar, dedicar empenho, e se orgulhar é também valorar o universo de Harry Potter. Por sua vez, a atuação persuasiva do educador sobre o novo fã o inseriu na ordem do dispositivo, pois Potterheads educam os novos fãs e também Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Prover condição de fã.

Como o cuidado de si é também uma relação de conhecimento de si, e é o cânone que contém o saber, isso aponta porque é tão importante que o fã tenha domínio desses saberes. Essa é a condição para que atuem a maior parte das funções dessa regra (prover condição de fã, enaltecer o cânone, aplicar os saberes e mostrar seus benefícios, esclarecer

características no fandom etc.), porque essa é a condição fundamental para ser potterheads. Assim, o conhecimento dos saberes do cânone consolida a moral nesse espaço. Conhecer é uma tecnologia e é também uma matéria de coação política.

Potterheads também se põe e são postos à prova constantemente e precisam se dominar e ajustar. Desse modo, resignar-se às determinações do cânone revela-se também um cuidado de si. Na seleção de casas os vemos abdicar de suas identificações em prol de Demonstrar fé no cânone:

[#12.3 ref.13] Eu cai na Grifinória, sendo que eu pensava que eu seria selecionado para Corvinal ou Lufa-Lufa, que eram as casas que eu mais me identificava... hoje percebo que a minha verdadeira casa era a Grifinória, pois o Chapéu Seletor pode ver num bruxo o que ele próprio desconhece, como foi o caso do Neville... Acho que você fez mal em criar outra conta Nilsen.

O exemplo da seleção de casas mostra como Potterheads se resignam às determinações do cânone, Potterheads usam saberes do cânone para endossar seus dogmas e ainda Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Demonstrar fé no cânone e desse modo, evitar conflitos, se autoconsolar e garantir sua posição no fandom. O fã afirma que, embora se identificasse com outras casas, o tempo lhe mostrou que o chapéu tinha razão e cita o caso de Neville (personagem que apresenta a característica de coragem pertinente à casa que pertence apenas ao fim da saga), ou seja, usa os saberes do cânone para endossar o seu argumento. Tal argumento foi produzido para condenar à ação de outro fã que quebrou a regra e fez outra seleção, e lhe convencer de que deveria acreditar no cânone, ou seja, o fã mostra que cuida de si para assim cuidar do outro, governando sua conduta.

Como as tecnologias do si surgem integradas a modos de coação, essa é também a forma de transformar-se. O trecho a seguir pertence a um fã tem um *vlog* (blog que publica predominantemente vídeos na internet) chamado Observatório Potter (Fig.6). O canal foi lançado em janeiro de 2013, possui 176.858 inscritos, 6.643.302 visualizações e veicula duas vezes na semana um programa para os fãs de Harry Potter, em que discute diversos temas ligados à saga e ao fandom.

Figura 6 (6) - [#10.29 ref.1] Observatório Potter



Fonte: disponível no You Tube¹⁴ no dia 9 de janeiro de 2015

O espaço por trás do apresentador deixa ver sua coleção temática do universo comprovando sua condição de fã (uma aleturgia para Foucault, 2010a), possui acima o endereço do *twitter* com a mensagem “segue lá” e em baixo um espaço que convida o fã a se inscrever no canal e receber atualizações, mostrando a gestão de lógica mercadológica do canal. O episódio desse programa trata da extensão da saga cinematográfica e no trecho de fala abaixo, esse fã educa novos fãs para o acontecimento:

[#10.29 ref.1] E se vocês realmente querem que Animais Fantásticos e Onde Habitam seja uma trilogia, só depende de vocês mesmo: você tem que ir na estreia, tem que assistir mais de uma vez no cinema o filme, você tem que fazer esse filme ser um sucesso para eles terem certeza, no primeiro final de semana que o filme lucrar muito, que já vale a pena fazer uma continuação e assim é que esses filmes vão bombar, porque como vocês sabem é uma coisa que os fãs de HP não estão acostumados, vão ser filmes com novos personagens, as vezes até desconhecidos, não sei se vai ter aquele carisma que tinha...ai saudades que deu! Eu não sei se vai ter essa carisma, então só vai depender da gente para esses filmes serem um sucesso.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUCbPRdVz48>>

O fã-mentor é persuasivo e divide com os novos fãs a responsabilidade de continuação da série, previne acerca das diferenças previstas nesse lançamento, as quais provocam certa preocupação e certamente irão requer adaptações dos potterheads; por isso solicita que eles façam o trabalho que os fãs da primeira geração fizeram, tal como ele, e tornem sucesso o primeiro filme para que ele se transforme em trilogia e assim, que se efetive a sonhada expansão do universo. Dessa forma, Potterheads educam os novos fãs e Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Prover condição de fã. Fortemente, apresenta-se aqui a atuação biopolítica: o fã atrela a esperança de continuidade que os potterheads depositam nessa expansão à dependência do trabalho desses fãs em prol do lucro financeiro do produtor.

O fã quer manter a vitalidade do fandom e trabalha para isso. O fã lembra constantemente no fandom a importância do cânone em suas vidas: Potterheads aplicam saberes do universo em suas vidas para demonstrar transformações pessoais de fãs, como no exemplo abaixo:

[# 6.40 Ref.1] But mostly, I learned so much from the books, and simply for that, I am forever grateful that I was able to hang out with Harry and his cohorts for as long as I did. So, in honor of Harry's birthday, here are the lessons that I (and probably all of you) held onto long after "all was well".

O título dessa postagem foi: “11 life lessons I learned after finally reading harry potter for the first time at age 30” e o fã discorre acerca de sua ligação tardia, mas proveitosa com o cânone. Cultuar é reconhecer a importância do cânone e mostrar isso, é mostrar que cuida de si no interior dessa moral. Essa é uma relação de cuidado de si que é expandida ao outro, pois alimenta e incita a conduta essa moral.

As ilustrações de dados nos ajudam a entender como o cuidado de si é ordenado pelas práticas da doutrina. Cuidar de si é determinante para eficácia política do sujeito ativo (Foucault, 2011), uma vez que isso o autoriza a cuidar e a governar os outros. Isso porque cuidar de si refere-se à própria constituição de si enquanto sujeito moral, aquele que decidiu viver em determinada moral e estiliza constantemente sua vida para isso, ou seja, ele é ético. Entretanto, o que possibilita o cuidado de si e seus jogos de exercício de poder é o regime de verdade (dispositivo) que está sendo praticado (uma aleturgia) no fandom, uma moral estabelecida e produtora de subjetividade. Desse modo, cuidar de si é valorar e enaltecer o cânone, por isso, Potterheads são afetuosos com o cânone para Enaltecer o cânone (Figura 7), e ainda Potterheads se orgulham da condição de fã para valorar o universo (Figura 8):

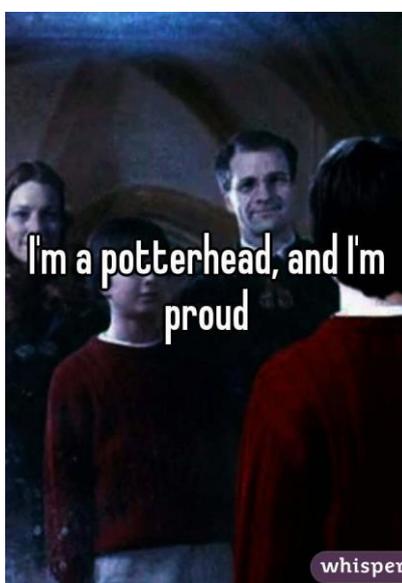
Figura 7 (6) – [#2.50] I love Harry Potter

I ♥ HARRY POTTER.



Fonte: Tumblr¹⁵ postado dia 2 de abril de 2011

Figura 8 (6) – [# 2.51] I'm proud to be potterherd



Fonte: Whisper¹⁶

Cuidar de si é marcar o corpo e mostrar sua marca para o outro. Em um espaço no Tumblr (disponível em: <<http://bloodyhellhptattoos.tumblr.com/page/43>>), vemos como eles são inecntivados a fazer isso, pois se cuida de si para ser reconhecido pelo outro, para fazer parte do grupo:

[#9.41 Ref.1] Have a Harry Potter tattoo to show off? Submit it here to BHHPT and let all your fellow Potterheads admire it! Our About

¹⁵ Disponível em: <<http://wan-balqish.tumblr.com/>>

¹⁶ Disponível em: <<https://whisper.sh/whisper/0518a114723af73850796255a221b44d8dd37d/Im-a-potterhead-and-Im-proud->>>

page is located at /aboutBHHPT and our submit page (with instructions!) can be found at /submit ! If you have any questions, please ask!

O cuidado de si dá-se na arte de integrar tecnologias de coerção e tecnologias do si nesse meio. A prática de si refere-se à dinâmica da posição de sujeito (potterheads), as relações são de subjetivação e formam um ethos capaz de determinar os exercícios de poder e as relações com a verdade. Por isso, a excelência política do governo depende da condição de constituição ética do agente, que precisa antes Ser para depois conduzir. Um regime, portanto, de ordem e controle.

6.2.2.2. O cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas

Essa regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- socialização; conceito – legitimação; modalidade – moralidade; e estratégia – solidariedade política. Essa regra foi resultado de 5 funções e 8 enunciados cuja relação indicou como o cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas (vide Figura 5).

Assim, Prover condição de fã é função de: Potterheads se orgulham da condição de fã e Potterheads produzem cultura a partir do universo, e se refere aos saberes que buscam nutrir a relação entre fãs e desses com o universo; Evidenciar identificações com o universo de Harry Potter é função de Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom e Potterheads produzem cultura a partir do universo, e se refere aos modos como os fãs demonstram que reconhecem afinidades entre si em relação ao universo; Nutrir vínculos no fandom é função de: Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads trocam informações cotidianamente, Potterheads são nostálgicos em relação ao universo e Potterheads produzem cultura a partir do universo, e se referem aos saberes que promovem e fortalecem vínculos no fandom; Perpetuar o universo de Harry Potter é função de: Potterheads produzem cultura a partir do universo e Potterheads se profissionalizam por meio do universo, e se referem aos saberes que alimentam e fazem persistir o vínculo com o universo.

A regra diz respeito aos laços afetivos que são fortalecidos estimulados pelas práticas do cuidado de si, uma vez que se trata de interesses comuns (vide Bronwen, 2011; Lee, 2009, 2011 e Van Zoonen, 2014). O trabalho efetuado pelo cuidado de si e do outro fortalece a própria condição de fã, já que trata da socialização no fandom. O cuidado de si é um trabalho formador, pois como é ordenado pelas práticas da doutrina, a legitima e faz internalizar seus processos; ainda, evidencia e fortalece identificações, pois os temas são interesse comum, se

tornando encontros alegres. Esse trabalho perpetua as ligações com o universo, uma vez que esse cuidado recorrente tornou-se um hábito.

A prática ainda atrai e conquista novos fãs, principalmente porque é também efetuada por meio produção de cultura e sua forma divertida de ser; tanto a produção carrega consigo o entusiasmo desse fã e os saberes do cânone, como sua volumosa e rápida disseminação na rede faz dessa uma forte estratégia de comunicação. Por isso, a produção dos potterheads apresentou-se como um saber central nessa regra.

A forma como se realiza a produção de cultura é uma intensidade. Envolve um trabalho colaborativo que se expande para além do fandom: os fãs se apropriam uns dos trabalhos do outros, desenvolvem um senso de responsabilidade nesse papel, produzem educando, discutem por meio dele vários valores sociais e nessa troca intensiva e imediata negociam os valores dessa cultura; ainda, nesse trabalho desafiam as convenções e ampliam suas habilidades e também sua confiança para enfrentar os desafios cotidianos. Tal trabalho é típico da era da convergência midiática e da inteligência coletiva e a cultura é produzida exatamente por essas trocas, em uma construção solidária (vide Jenkins, 2009), ou seja, estabelece uma rede de fluxos para que o afeto se instaure. Dessa forma, o cuidado de si e dos outros é uma intensidade, é um trabalho afetivamente poderoso, pois se estabelece nos moldes de uma economia. Nessa economia afetiva todos os participantes lucram, pois o trabalho coletivo implica na preocupação com a satisfação de todos os que se envolverem. Um exemplo pode estar na comemoração de aniversários da saga e das personagens. A Figura 9 foi postada no Tumblr e promoveu 278 compartilhamentos.

A imagem é indicativa de que eles buscam nutrir vínculos no fandom, sendo essa a função de Potterheads produzem cultura a partir do universo nesse exemplo. Esse tipo de compartilhamento é sempre uma intensidade, movimenta o fandom, convida a participar, reforça e mantém os vínculos nesse universo.

Nas relações entre si dos enunciados, profissionalizar-se estabeleceu uma relação incidente com a nostalgia; Um enunciado explica o outro, pois profissionalizar-se é uma forma que potterheads encontram de manterem-se vinculados ao cânone. Se por um lado potterheads são saudosos, por outro desenvolvem habilidades a partir dos trabalhos no fandom e, por exemplo, passam a alimentar blogs e sites vinculados à saga, encontrando uma forma de manter-se ligado à mesma: pesquisando, produzindo e educando.

Figura 9 (6) – [#2.20] Happy Birthday Oliver and James!



Fonte: disponível no Tumblr¹⁷ no dia 26 de fevereiro de 2015

A nostalgia é comum no fandom e matéria para o cuidado de si e dos outros. A produção de cultura não apenas trata recorrentemente de temas nostálgicos, como é utilizada como tecnologia de si e também de coação, pois as interações que ocorrem a partir da mesma possibilita verificar quem compartilha a intensidade desse sentimento; afinal, a dor da saudade requer ter tido uma ligação longa e forte com o cânone. Isso porque a nostalgia se refere ao término da saga e também a passagem para vida adulta da maioria dos fãs; dos fãs que efetivamente acompanharam a saga; os acontecimentos que ocorreram em paralelo aos lançamentos e ao fim da saga, têm seus conteúdos recorrentemente vinculados.

O enorme sentimento de tristeza que assolou o fandom ao término da saga é algo compartilhado pelo mundo inteiro; potterheads gostam de relembrar e reativar essa

¹⁷ Disponível em: < <http://hogwartsfansite.tumblr.com/> >

intensidade, como podemos ver na Figura 10. Desde o último filme, as expressões de saudade e de tristeza ocupam fandom; costuma-se ainda hoje comemorar na rede os aniversários de lançamentos de filmes e livros, dos atores, das personagens, da autora. Cada vez que o fazem, são compartilhadas lembranças dos vínculos com o cânone. Mesmo que achem insano, como aqui afirmam, eles prometem: esse vínculo será para sempre. A promessa de vínculo eterna é muito significativa, encontra embasamento na própria narrativa, tendo se tornado o lema dos potterheads.

Em uma passagem próxima ao final narrativa, quando o castelo está ameaçado por forças do mal, Dumbledore (diretor da escola de Hogwarts) pergunta a Snape (professor e um dos personagens centrais da trama) acerca de seu amor pela mãe de Harry Potter: “After all this time?” A resposta de Snape foi: “Always” (ROWLING, 2007, p.501). Snape é uma personagem muito forte na trama, simboliza o amor verdadeiro, a coragem, a fidelidade e o sacrifício pelo outro; desde os nove anos de idade, Snape se apaixonou por Lílian (mãe de Potter), com quem manteve uma estreita amizade; ao entrar na Escola, sua amizade foi estremecida, pois Lílian se uniu ao grupo que o vitimou de *bullying*, mas Snape manteve secretamente seu amor por ela. Em respeito à memória de Lílian, morta por Voldemort (o grande vilão da trama), o inconsolável Snape assegura a proteção de Harry em várias situações, mas o faz sem que ele, e nem o leitor, tenham ciência disso; sob uma máscara de professor rígido e pouco paciente, que implica com o garoto desde a primeira aula, Snape só se revela verdadeiramente ao fim da trama, e torna-se uma das personagens mais amadas pelos potterheads. Os potterheads adotaram por lema as suas palavras, e “Always” tornou-se tatuagem, estampa de camisa, pingentes, título de espaço na rede; o termo “Always”, tal como representou o amor e fidelidade de Snape a Lílian, passou a ser representativo do amor e da fidelidade dos próprios fãs ao cânone, é considerado uma prova da força desse vínculo e ostenta uma espécie de jura dos potterheads.

Tal promessa de vínculo duradouro os fez cuidar de si e dos outros, e assim manter vivo o fandom. Potterheads trocam informações, produzem, são nostálgicos, se profissionalizam, argumentam persuasivamente e, portanto, Potterheads produzem cultura a partir do universo, Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads trocam informações cotidianamente e Potterheads são nostálgicos em relação ao universo para Nutrir vínculos no fandom. E também: Potterheads se profissionalizam para Perpetuar o universo de Harry Potter, bem como Potterheads produzem cultura a partir do universo para Prover condição de fã e Perpetuar o universo de Harry Potter. Esse é um trabalho que parte de uma vontade ética, envolve o espaço de memória e o espaço relacional afetivo.

Figura 10 (6) – [# 6.32] When Harry Potter is over

When Harry Potter is over forever

After the movie at bed at night:



The morning after when your mum hugs you:



One week later:



Three weeks later:



One month later:



Four months later:



Two years later:



One decade later:



Until the very end:



The truth behind this is insane!

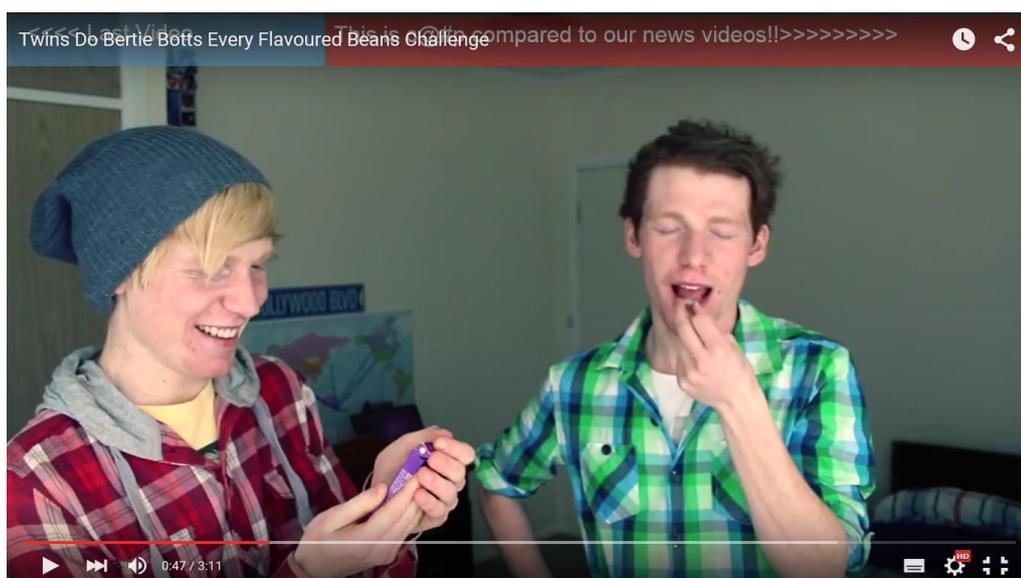
**IT WILL NEVER BE OVER AS LONG AS THERE ARE THOSE
WHO STILL BELIEVE.**

Fonte: disponível no Tumblr¹⁸

¹⁸ Disponível em: < <http://potter-generation.tumblr.com/post/2931693857/when-harry-potter-is-over-forever>>

Uma prática comum do fandom que pode mostrar como esses vínculos são fortalecidos está em degustar feijõzinhos de todos os sabores. O doce é originário da narrativa e convida a brincadeiras, pois as balas são de sabores deliciosos, mas também muito estranhos e até terríveis: entre eles estão os sabores de vômito, cera de ouvido ou centopeia. O jogo é disputado em grupos e a graça é o risco que se tem em pegar um sabor ruim, o que dá margem para muita diversão. Muitos vídeos dessa prática estão na rede (Figura 11):

Figura 11 (6) – [# 4.17] Twins Do Bertie Botts Every Flavoured Beans Challenge



Fonte: You Tube¹⁹ publicado dia 3 de outubro de 2012

A produção de cultura nos exemplos acima, indica como esse tipo de relação propicia o despertar identificações entre corpos convenientes, que desenvolvem solidariedade política e a ideia alimenta o afeto, fortalecendo tanto o cânone enquanto parte do dispositivo, como as relações entre os membros do fandom. Portanto, O cuidado de si e dos outros fortalece relações afetivas e, sendo mediado por tecnologias desenvolvidas para isso, Os potterheads governam-se no regime do dispositivo, que é de controle.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BrjCGPgJgLQ>>

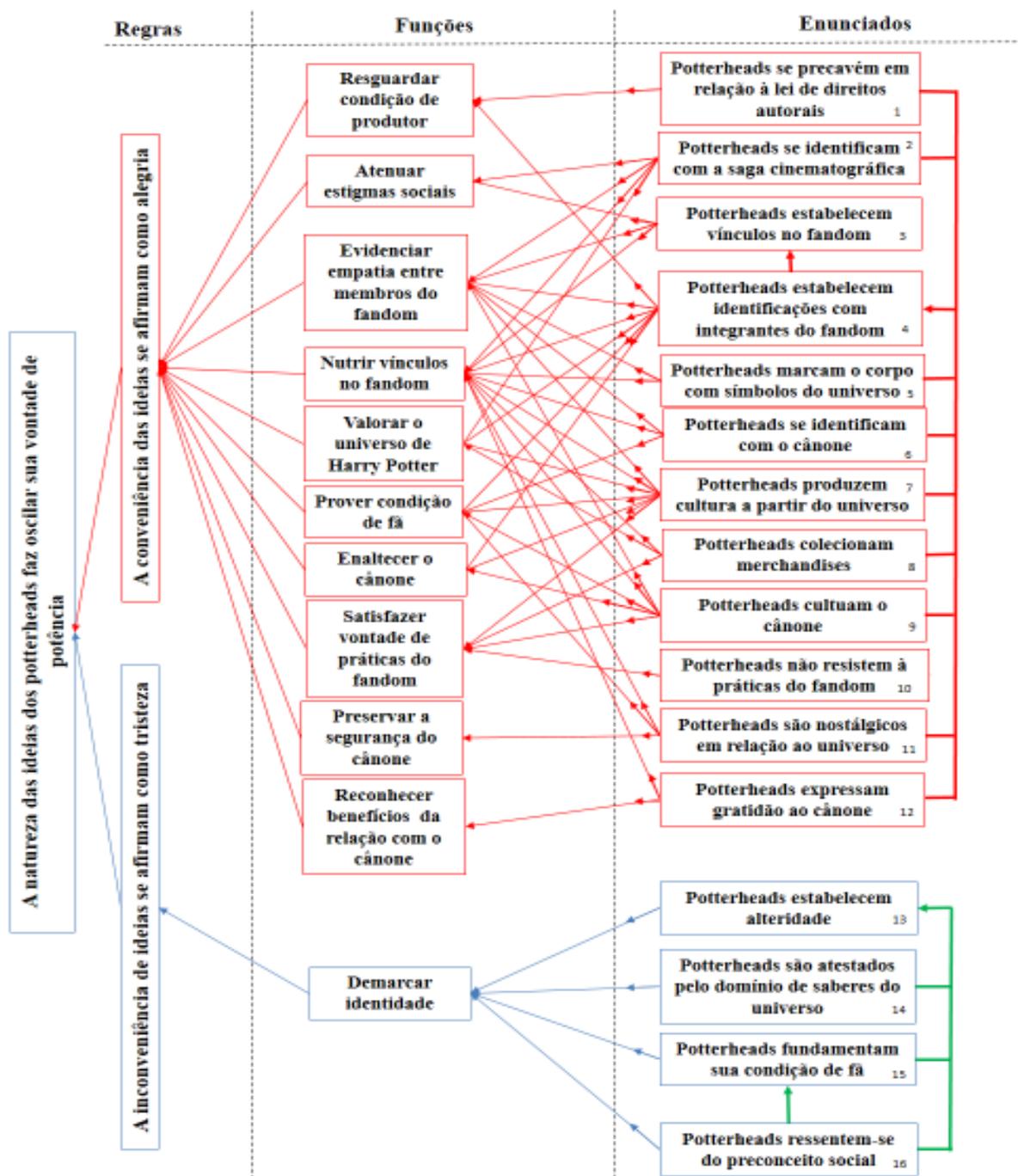
6.2.3. A natureza das ideias dos potterheads faz oscilar sua vontade de potência

A formação discursiva A natureza das ideias dos potterheads faz oscilar sua vontade de potência apresentou-se ligada a duas regras de formação: A conveniência das ideias se afirmam como alegria e A inconveniência de ideias se afirmam como tristeza. A primeira regra revelou-se ligada a dez funções e doze enunciados e a segunda a uma função e quatro enunciados. A relação estabelecida entre si pelos enunciados revelaram a existência de dois grupos de significação: o primeiro refere-se à evidenciar as semelhanças que existem entre potterheads. Essa relação tem por centralidade que o enunciado 4: *Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom que sofreu a incidência dos 11 demais enunciados* (e é por eles explicado, portanto representado por seta), presentes na relação entre enunciados e funções que compõem essa regra. Tais identificações tem por função evidenciar empatia, nutrir vínculos, valorar o universo, enaltecer o cânone e prover condição de fã e satisfazer vontade (Figura 12).

O segundo grupo de significação refere-se a demarcar características de potterheads a partir da identificação de características de quem não é fã. Essa relação diz respeito à segunda regra dessa formação onde ocorre uma relação incidente dos enunciados 14, 15 e 16 sobre o enunciado 13 *Potterheads estabelecem alteridade*, que o explicam; a relação está representada por seta na coluna dos enunciados (Vide Figura 12).

Essa formação discursiva descreveu o limiar de intensidades a que o corpo potterheads está exposto em suas naturezas, no conjunto de relações que lhe compõe. A potência deste corpo varia com suas ideias que podem se afirmar como tristes ou alegres a depender da conveniência ou da não conveniência dos encontros a que se expõe (Deleuze, 2002).

Figura 12 (6) – Mapa das relações da terceira formação discursiva



Fonte: elaboração dos autores

As ideias alegres ocorreram quando foram exaltadas as semelhanças entre potterheads e as tristes no estabelecimento da alteridade. As semelhanças apresentaram-se exaltadas por diversas relações entre saberes e funções nesse arquivo. Segundo Hardt (1996),

ideias adequadas são potenciais forças política e projetos de poder, pois do estatuto de projeto ético rapidamente se transformam em estratégias traçadas para alcançá-lo (HARDT, 1996).

Por sua vez, a alteridade foi demarcada como a lógica da potência do escravo e a causalidade não eficiente de um movimento externo, trabalhada por Deleuze a partir de Nietzsche: o escravo joga sua vontade para um movimento negativo de avaliação quando se compara ao senhor e identifica que ele é mau e, portanto, assim se considera bom. Nessa lógica, o escravo precisa da negação (externa a ele) para produzir uma afirmação nele mesmo, depende de uma noção de possibilidade; além disso, sua análise se baseia numa falsa concepção de natureza do poder, pois para ele o senhor é mau não por se basear numa força concreta (do silogismo: “sou bom, portanto tu és mau”), mas por não refrear sua força (HARDT, 1996). Considerando o plano ontológico, a potência do ser vincula-se à sua produtibilidade, a qualidade de sua força, uma força que, ao contrário, não deve ser refreada e sim intensificada. A condição de potência baseada na alteridade, portanto, não é substancial, revela-se uma ficção, não é positiva e sim faz oscilar para o mínimo a vontade de potência enquanto força.

Assim, Potterheads aumentam sua potência por meio de encontros alegres e diminuem sua potência ao se caracterizar a partir de diferenças do não fã. Essa é uma ideia que se baseia em um encontro não conveniente. Investir ou não em cada um desses tipos de encontros é também uma questão de ética, uma vez que essa pauta as decisões acerca de como deve ser o modo de vida que está sendo compartilhado que, por sua vez, depende do conhecimento que se tem acerca de si mesmo (DELEUZE, 1978). Mas, embora potterheads promovam mais encontros alegres que tristes, e isso revela um conhecimento de natureza e o entendimento do que lhe é ou não conveniente, é preciso que esse investimento seja analisado em termos de qualidade de forças e não quantidade.

Exploramos esse limiar de intensidades a seguir, por meio das regras dessa formação.

6.2.3.1. A conveniência das ideias se afirma como alegria

Essa regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- vínculo social; conceito- ressonância; modalidade- ética; e estratégia – Princípio moral. Os critérios são reveladores, pois busca-se por meio desse objeto promover a ressonância em ideias, sentimentos e modos de atuação comuns. Os potterheads são persuasivos e essa se mostrou uma qualidade para manter *ethos* da coletividade, por isso, a função que se vinculou a mais saberes foi Nutrir vínculos no fandom.

Desse modo, Resguardar a condição de produtor é função de Potterheads se precavém em relação à lei de direitos autorais e Potterheads estabelecem vínculos no fandom; Atenuar estigmas sociais é função de Potterheads se identificam com a saga cinematográfica, e Potterheads estabelecem vínculos no fandom; Evidenciar empatia entre membros do fandom é função de: Potterheads se identificam com a saga cinematográfica, Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom, Potterheads produzem cultura a partir do universo, Potterheads marcam o corpo com símbolos do universo e Potterheads se identificam como cânone.

Nutrir vínculos no fandom é função para: Potterheads se identificam com a saga cinematográfica, Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads marcam o corpo com símbolos do universo, Potterheads se identificam com o cânone, Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom e Potterheads produzem cultura a partir do universo, Potterheads colecionam *merchandises*, Potterheads são nostálgicos em relação ao universo e Potterheads expressam gratidão ao cânone; Valorar o universo de Harry Potter é função para Potterheads se identificam com a saga cinematográfica; Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom, Potterheads produzem cultura a partir do universo e Potterheads colecionam *merchandises*; Prover condição de fã é função para: Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom, Potterheads se identificam como cânone, Potterheads produzem cultura a partir do universo e Potterheads são nostálgicos em relação ao universo; Enaltecer o cânone é função para Potterheads produzem cultura a partir do universo; Reconhecer benefícios da relação com o cânone é função para Potterheads expressam gratidão ao cânone; Preservar segurança do cânone é função para Potterheads são nostálgicos em relação ao universo.

Nutrir vínculos no fandom seguida por Evidenciar empatia entre membros do fandom e valorar o universo, que empatou com satisfazer vontade de práticas do fandom, como as cinco funções que revelaram a finalidade de grande parte dos saberes dessa regra. Nutrir vínculos é estabelecer um laço moral no exercício desses saberes; ao demonstrar empatia, o fã evidencia que é capaz de compreender emocionalmente o outro e se colocar em seu lugar, pois possui afinidades e por meio delas, descobre gostos em comum, sentimentos semelhantes (amor, tristeza, saudade, admiração, reconhecimento), e vontades análogas (perpetuar esses vínculos). Como o enunciado: Potterheads estabelecem identificações no fandom foi o saber central dessa regra e se relaciona, entre outras, a essas duas funções, trazemos uma ilustração de como a mesma acontece:

[2.4 Ref.1] A gente vai pro cinema, a gente assiste os filmes, agente interpreta, agente age como eles, agente gesticula como eles, como os personagens, a gente fala como, anda como. [...] é um caso de amor com o livro, segundo com a autora e terceiro com os fãs.

O trecho revela como os potterheads estabelecem identificações: gostam das mesmas coisas, fazem as mesmas coisas e se conduzem e se apoiam do mesmo modo. Eles buscaram paixões alegres por meio do vínculo com o cânone, selecionaram encontros compatíveis quando buscaram essas identificações comuns, ao reconhecer o que em si é comum com os outros fãs ativaram o mecanismo da noção comum para tornar a ideia em razão: é um caso de amor. O exemplo é parte de respostas dadas uma entrevista ocorrida durante o lançamento do último filme (Figura 13). O entrevistador busca saber de um grupo de fãs como eles vivem o mundo de Harry Potter. As respostas revelam que Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom tem por função: Valorar o universo de Harry Potter, Enaltecer o cânone, além de Nutrir vínculos no fandom e Evidenciar empatia entre membros do fandom. Demonstrações de valor e empatia propiciam diversas identificações com outros fãs e criam laços morais entre eles; outros saberes que estabelecem e fortalecem esses vínculos são também as práticas de coleções, do culto, de marcas que se ostenta com orgulho no corpo (seja por apelidos, por tatuagens ou itens de vestuário colecionáveis), e a produção de cultura.

Figura 13 (6) – [#2.4 Ref.1] Entrevista no lançamento do último filme Harry Potter



Fonte: disponível a acesso público no You Tube²⁰ e publicado em 9 de dez de 2010

²⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=385BIxZqnLA>>

As diversas formas de identificação entre membros no fandom, promovem encontros convenientes e geram intensidades. Essas intensidades compõem a natureza dos potterheads e propiciam sua potência por meio de ideias que se afirmam como alegrias, tal como diz Deleuze (2002), uma paixão alegre. O compartilhamento de princípios e identificações que ocorrem por meio do universo, dá ao afeto uma ideia para que se efetue, e essa força que é do espaço relacional, promove a cola entre os potterheads; como corpos convenientes, eles desenvolvem solidariedade política (vide Deleuze, 1978; 2002), e defendem com vigor as verdades que se estabelecem nesse meio. O fã, não só age da mesma forma, mas sabe exatamente como o outro se sente:

[#2.21 Ref.1] I know how you feel. Really rare to find harry potter fans like you and I that CAN'T stop admiring Harry potter's world's wonderful beauty and magic. I know how you feel .-. I wish I knew you more. I know how it feels and why you cried.

O trecho de fala reflete como Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom tem por função Evidenciar empatia entre membros do fandom. É dessa forma que encontros alegres estabelecem ideias adequadas.

Outro exemplo de como isso se dá pode estar no apoio mútuo frente a estigmas sociais que os vitimiza. Talvez o maior estigma que os atormenta seja o fato de serem cobrados como adultos que gostam de coisas de crianças, tendo em vista que a própria literatura originária é infanto-juvenil. O trecho de fala a seguir é esclarecedor de como isso acontece. A fã se intitula cosplay depressivo e faz o que chamou “declaração da madrugada”:

[#8.9 Ref.1] Minha família quer que eu pare de fazer cosplay pois dizem que estou ficando velha pra isso... Tenho 17 anos! y-y

Muitas respostas solidárias são dados à questão, tais como:

[#8.9 Ref.2] Lembra eles que cosplay é coisa de adulto, criança não sabe costurar e fazer acessórios. Vish, dá pra eles o exemplo do meu pai, ele é cosplayer e já ganhou uns desfiles.

Ou ainda:

[#8.9 Ref.3] Sinceramente, se são seus pais que pagam por seus cosplays, espere poder pagar você mesma por eles para que você possa sozinha decidir se vai continuar ou não. Desculpe a sinceridade. Eu comecei em 2002 já adulta.

O exemplo trata da prática de cosplay. Apesar de ser um “hobby” cada vez mais comum no cotidiano, os fãs ainda sofrem muitas pressões inclusive da própria família, que entende que estão se dedicando a brincadeiras que não cabem à sua idade e assim, deixando de lado coisas consideradas mais sérias como estudo e trabalho. Em casa e até mesmo no trabalho por vezes não se entende (ou mesmo admite) o uso de um cabelo com uma cor incomum, ou a dedicação de tempo à feitura de “fantasias”, por mais que essas requeiram habilidades precisas de pesquisa e desenvolvimento, naturalmente dignas de elogios em se tratando de outros objetos e espaços sociais. Assim, sendo esse é um estigma comum a todos os potterheads, a solidariedade se estabelece e um apoio encorajador é construído em forma de argumento (mesmo que pautados na lógica econômica), para que o fã não desista: Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Atenuar estigmas sociais.

Contudo, a prática também permite uma experiência de personificar sua personagem favorita e interpretar trechos da narrativa, a troca dessa experiência compartilhada desperta um enorme desejo. Inúmeros são os depoimentos nesse sentido, por isso, para Satisfazer vontade de práticas do fandom, Potterheads não resistem às práticas do fandom. Concursos de cosplay existem no mundo todo, sediados principalmente nos grandes encontros para celebrar o universo *geek* (Figura 14);

Figura 14 (6) – [# 8.26] Harry Potter and the Cosplay of Geekery



Fonte: Wordpress²¹ postado dia 14 de julho de 2011

²¹ Disponível em: < <https://hegeekshegeek.wordpress.com/2011/07/14/harry-potter-and-the-cosplay-of-geekery/> >

Na figura 12 Potterheads produzem cultura a partir do universo para Satisfazer vontade de práticas do fandom e assim Prover condição de fã.

A solidariedade política só se estabelece porque o encontro alegre gerou uma ideia conveniente. A intensidade dessa força afetiva propicia a continuidade da prática, pois na medida em que se percebem iguais e se ajudam a vencer as dificuldades, se estabelece laços mais fortes. Assim, sendo essas ideias convenientes, se afirmam no corpo dos potterheads fazendo aumentar sua vontade de potência, pois aproximou a força afetiva do que ele pode fazer.

6.2.3.2. A inconveniência das ideias se afirma como tristeza

Essa regra advém de quatro saberes com uma única função: demarcar identidade. A regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- alteridade; conceito- dissonância; modalidade- ética; e estratégia- diferença do outro.

Essa regra revela como os potterheads delimitam suas características pautados nos atributos presentes em não-fãs, ou seja, naquilo que não são. Essa oposição é um movimento negativo que só produz resultados abstratos, e não a uma concepção concreta do ser. A diferença externa sendo utilizada para demarcar as características dos potterheads são ideias inconvenientes, e jogam as vontades para um movimento negativo, pois refreia a força e a separa daquilo que ela pode fazer. Como as ideias não são imanentes ao corpo dos potterheads, elas não conseguem abastecer o afeto. E, onde não se tem uma causalidade eficiente de avaliação, uma causalidade positiva, não se promove a cola ou solidariedade política, e nem se abre espaço para que surja o desejo, ou seja, jamais atinge suas últimas consequências como potência do desejo.

No trecho de fala que se segue, dois fãs fazem um vídeo-paródia sobre o fanatismo (Fig.15), em que um complementa a fala do outro:

[10.20 Ref.1] - a gente não tá falando que é ruim, entendeu? A gente só está dizendo que qualquer tipo de fanatismo, seja ele político, religioso ouuu mágico, faz mal à saúde!

- o principal fanatismo que vocês já repararam é sobre Harry Potter.

[...]

- tem muitos modos de fanatismo que podem prejudicar muito a vida de muita gente,

- corroer o seu cérebro, tipo, o futebol...

- e infelizmente, principalmente com o futebol a gente vê muito vandalismo, muita briga, muita coisa ruim, que é o fanatismo que causa.

- as vezes você não sabe nem porque você tá brigando, mas, tipo, você tá no meio e não tem o que fazer

- ou as vezes você tá brigando, é um idiota, então espero que você se lasque, se for um idiota desses ... você leva uma e não sabe nem da onde tá vindo!

Os dois rapazes utilizaram elementos de significação da saga: o modelo de óculos e raio marcado na testa, que são pertinentes à personagem principal da trama - Harry Potter.

Figura 15 (6) – [#10.20 Ref.1] Fanatismo por Harry Potter



Fonte: disponível no You Tube²² e publicado em 23 de jul de 2011

Por meio da brincadeira eles tentam justificar a acusação de fanatismo feita aos fãs de Harry Potter comparando-os aos de fãs de futebol, a que acusam de violentos e prejudiciais à vida de outras pessoas. A ideia é mostrar que ser fã de futebol é um tipo de fanatismo que prejudica alguém e ser fã de Harry Potter não prejudica ninguém. Assim, eles tratam com descaso o fato de potterheads serem constantemente tomados por fanáticos, em geral acusados de ser um dos mais “chatos” tipos de fãs que existe, mostrando que existem fanatismos piores. Desse modo, Potterheads ressentem-se do preconceito social e Potterheads fundamentam sua

²² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eKinAXFpXn0>>

condição de fã para demarcar identidade. No caso, o afeto não encontra aqui uma ideia adequada, pois a característica depende da externalidade, da possibilidade violenta que é do outro, para se qualificar como não violenta e que não faz mal a ninguém. Esse tipo de estratégia diverte, mas não incita a solidariedade política.

O mesmo acontece quando Potterheads são atestado pelo domínio de saberes do universo para demarcar identidade, pois eles qualificam essa característica (aliás uma das mais importantes) acusando os *posers* em suas falhas, a quem afirmam odiar por se fazerem passar por fãs sem dominarem os saberes desse universo. Afinal, dominar esses saberes requer uma dedicação grande por parte do verdadeiro fã e posar de fã desfaz a importância desse cuidado de si e objeto de governo nessa cultura. Ainda, quando Potterheads estabelecem alteridade para demarcar identidade, em que afirmam que todo *poser* não é legal, ou ainda, colocam suas vontades, sentimentos e conhecimentos em termos negativos, tais como todo *poser* de Harry Potter nunca quis isso ou aquilo, nunca sentiu isso ou aquilo, não sabe a diferença entre isso e aquilo, é engraçado e diverte, mas do mesmo modo, não incita solidariedade política, ou seja, a ideia não abastecer o afeto. A figura 16 mostra uma paródia que indica como um *poser* entenderia a história:

Figura 16 (6) – [#1.35] Harry poser parody



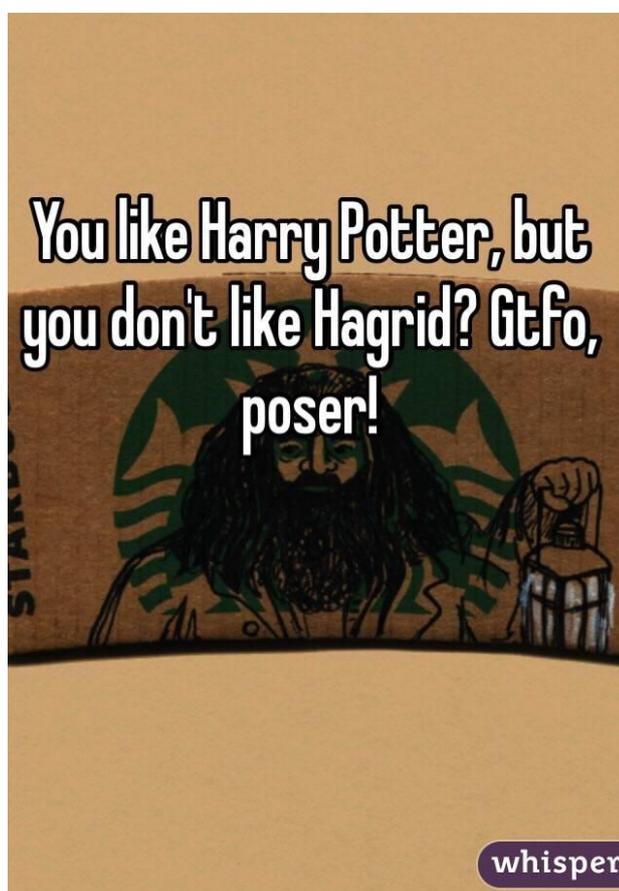
Fonte: Disponível no You Tube²³ no dia 01 de dezembro de 2013

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1BjW9Qij_bA>

Essas ideias são inconvenientes; se afirmaram no corpo dos potterheads como tristeza e fazem diminuir sua vontade de potência, pois, ao invés de ressaltarem as características positivas de domínio do conhecimento, eles se baseiam no não domínio dele por parte dos posers.

Mesmo quando eles iniciam tratando o amor a Harry Potter (Figura 17) “você diz que gosta de Harry Potter...” eles demarcam a identidade negativamente, trabalham pela lógica do escravo, pois se apoiam da negação externa: “não gostar de Hagrid é não ser fã de Harry Potter”, para produzir uma afirmação nele mesmo, o fã de Harry Potter gosta da personagem, aliás comumente adora o Hagrid, o gigante protetor de Harry Potter. Assim, Potterheads estabelecem alteridade para demarcar identidade.

Figura 17 (6) - [#1.47] Como um fã que não gosta de Hagrid?



Fonte: Disponível no Whisper²⁴

²⁴ Disponível em: <<https://whisper.sh/whisper/0518a133f8d9383011122ce4b9c680a6282c04/You-like-Harry-Potter-but-you-dont-like-Hagrid-Gtfo-poser>>

Ter o domínio do conhecimento da saga é uma das características mais fortes e definidoras dos potterheads, mas em geral, eles só se referem à mesma por meio da caracterização do *poser*, demarcando identidade; conhecer a saga se transforma em alvo de críticas e eles são constantemente acusados de fanáticos, constantemente sentem necessidade de justificar sua condição de fã, o que vira uma bola de neve. Embora demarcar identidade pela alteridade seja uma coisa comum aos potterheads e, inclusive, existam perfis na rede que se voltam para esse trabalho, se analisarmos em termos de qualidade da força, os potterheads promovem para si mais encontros alegres do que tristes. Se não fosse assim, os potterheads não teriam resistido ao final da saga cinematográfica coincidente com sua passagem para vida adulta. É a qualidade da força dos potterheads que mantém sua vitalidade e isso é evidenciado no arquivo pela quantidade de saberes capazes de propiciar encontros alegres, sendo esse o resultado desse trabalho qualitativo e ético.

6.2.4. A maquinaria de desejos dos potterheads mantém sua experiência

A formação discursiva A maquinaria de desejos dos potterheads mantém sua experiência apresentou-se ligada a quatro regras de formação: O querer um vínculo adequado com o cânone é um agenciamento desejoso que diz respeito ao desejo de estar ligado ao cânone e ao fandom em comum acordo com percebe ser suas características e gostos pessoais; essa regra foi proveniente da relação de duas funções e sete enunciados. O querer permanecer relacionado ao cânone é um agenciamento desejoso que diz respeito a não desvincular-se do universo mesmo depois de adulto; essa regra foi proveniente de cinco funções e treze enunciados. O querer a segurança do cânone é um agenciamento desejoso que diz respeito ao medo de crescer e enfrentar a vida adulta; a regra foi proveniente de duas funções e oito enunciados; O querer como verdadeiros os valores do cânone é um agenciamento desejoso que diz respeito a utilizar tais valores como referência para os problemas cotidianos que os potterheads enfrentam em outros espaços sociais; a regra foi proveniente de uma função e dois enunciados (Figura 18).

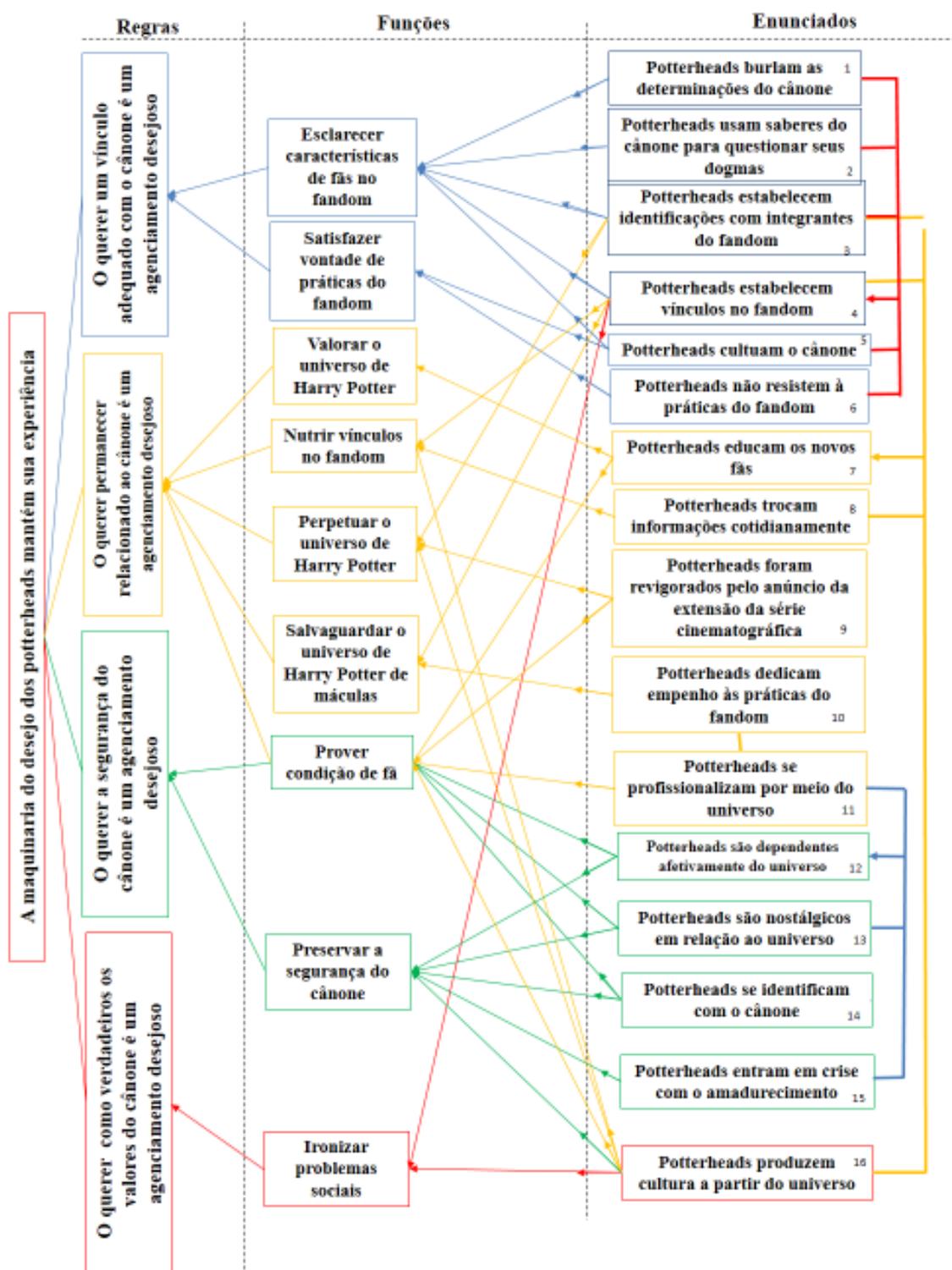
A relação entre si dada entre os enunciados dessa formação revelou a existência de três grupos de significação: o primeiro se refere à dependência afetiva que mostrou ser uma característica comum entre potterheads (representado pela relação entre o grupo de enunciado entre 11 e 15, em que: 11, 13, 14 e 15 possuem uma relação incidente no enunciado 12 -

Potterheads são dependentes afetivamente do universo (representada por seta). Aqui surgiu também uma relação síncrona entre os enunciados 10 e 11, por serem mutuamente explicativos (representada por linha). O segundo grupo de significação revelou um trabalho intensivo feito para garantir a longevidade desse vínculo, em que os enunciados 3, 4, 8 e 16 incidem sobre o enunciado 7: Potterheads educam os novos fãs, explicando-o. O terceiro grupo de significação identificou o trabalho de adequação de condições de vínculos dos potterheads com o cânone, em que os enunciados 1,2,3,5 e 6 mantêm uma relação incidente para com o enunciado 4: Potterheads estabelecem vínculo no fandom (representada por seta).

Os saberes dispostos nessa formação discursiva, suas funções e regras voltam-se para estabelecer como o desejo constrói e mantém a cultura dos potterheads. A partir do querer muito, do querer enquanto ética que é pautado em encontros alegres e intensivos, o poder afetivo se estabelece como uma força do desejo (HARDT, 1996). O querer muito revela a doação aos encontros, é consentir ser afetado (ORLANDI, 2009), mas também, segundo Hardt, revela o espaço de memória, pois a vontade sempre antecede o ser no tempo, esse é um saber na dimensão do espaço temporal. Assim, a vontade ocupa o inconsciente, é imanente, foi produzida nos encontros selecionados pelos potterheads, e se referiu a ideias convenientes (DELEUZE, 1978), que, pela intensidade, tornou-se um agenciamento capaz de atravessar o corpo social.

O agenciamento pode promover desterritorializações, ao mesmo tempo, reterritorializações, pois o desejo cria territórios (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Baseados em Deleuze (1978) podemos entender que são os agenciamentos dos potterheads que fazem fluir o desejo em seu tecido social. Esses agenciamentos se dão como uma inventividade, uma vez que potterheads elege e extraem da multiplicidade de fluxos o que lhes interessa (sentidos compartilhados) e organizam essas intensidades de modo a que elas apresentem uma convergência e, assim, adquiram uma consistência que aqui se revelaram como expressões de querer. O agenciamento se dá por meio do afeto e esse “atravessa corpo como flechas, são armas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.13).

Figura 18 (6) - Mapa das relações da quarta formação discursiva



Fonte: elaboração dos autores

Contudo, tendo por base Foucault (2011), entendemos que os agenciamentos acontecem pela eficácia política, que depende prioritariamente da constituição ética do agente.

Nesse sentido, potterheads cuidaram de si e puderam estabelecer as relações de governo. A eficácia depende também dos mecanismos de controle e segurança para o combate a desgovernos (FOUCAULT, 2008a).

Nessa formação, surgiram querereres como regras, a partir das relações entre enunciados e funções, e esses indicaram a vontade de continuidade, por meio de: querer manter o vínculo com o cânone, querer seus valores, querer a sensação de segurança dessa relação e querer um vínculo mais adequado a si, mostrando com essa maquinaria mantém a cultura Potter.

6.2.4.1. O querer um vínculo adequado com o cânone é um agenciamento desejoso

Essa regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- vontade; conceito – relacionamento; modalidade – ética; e estratégia – economia afetiva.

Desse modo, Esclarecer características de fãs no fandom foi função para Potterheads burlam as determinações do cânone, Potterheads usam saberes do cânone para questionar seus dogmas, Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom e Potterheads estabelecem vínculos no fandom e Potterheads cultuam o cânone. A forma considerada definitiva de estabelecer o vínculo com o cânone e, conseqüentemente com o fandom, é por meio da seleção de casas do Pottermore, como já exploramos. Nesse sentido, os quatro enunciados (de 1 a 5) presentes nessa regra, se apoiam nela para prevenir ao fandom da não coincidência entre características de fãs e as casas para onde foram selecionados.

A seleção de casas deve ser feita apenas uma vez, mas diante de uma seleção inadequada às identificações dos fãs, torna-se comum que eles achem necessário esclarecer suas individualidades; quando a rejeição é muito grande, eles chegam até a burlar essa regra e, para isso, precisam buscar apoio político dos demais integrantes do fandom; a construção do argumento persuasivo é feita mediante a apropriação de saberes do cânone, seguido de um questionamento de seus dogmas. Toda a estratégia só consegue se estabelecer pela descoberta de identificações com outros casos semelhantes, cria-se solidariedade política, oportunidade em que potterheads comprovam a importância dessas ações. O exemplo a seguir ilustra tal estratégia:

[12.3 Ref.2] Fiquei com aquilo na cabeça. Não quero Lufa-Lufa. E se eu vacilei em alguma questão? E se o Chapéu Seletor estiver quebrado? Eu queria ter outra chance, assim com o Harry teve. Uma pena que, para dar vida ao meu pensamento, tive que esperar alguns

meses até o site abrir oficialmente, cadastrar outro e-mail e começar a aventura do zero. Mas valeu a pena. Agora, o meu painel é azul-escuro e há uma águia bem bonita ao centro. Não gosto de conformismos. Se estou falando de Harry Potter, participando de algo que me dá a oportunidade de vivenciar um pouco do mundo bruxo, quero sentir isso o mais dentro da minha pele possível. Se eu estivesse indignada com os abusos de autoridade da Umbridge, também teria entrado na Armada de Dumbledore. Se eu achasse que Sirius era inocente e tivesse a oportunidade de ajudá-lo, gosto de pensar que eu faria isso. E se minha opinião não batesse com a do Chapéu Seletor, por que eu me calaria? Portanto, se você acha que foi mandado para a casa errada, não se intimide: faça outro cadastro, sim, e tente entrar na casa que você quer. Mas seja sincero nas suas respostas, como eu fui. Não sei se a versão beta estava com problema, se eu estava distraída ou se, sei lá, alguém lançou um Confundus em mim e me fez responder tudo de um jeito diferente. O que importa é que eu estou feliz e ansiosa para ganhar cada vez mais pontos para a casa do meu coração.

No trecho de fala o incômodo é registrado, o argumento é construído em torno dos saberes da própria narrativa, o fã busca identificações (se você acha que foi mandado para casa errada...) e incentiva aos demais para tomarem a mesma iniciativa e burlar as regras estabelecidas: Potterheads estabelecem identificações no fandom, Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads usam saberes do cânone para questionar seus dogmas e Potterheads burlam as determinações do cânone para Esclarecer características de fãs no fandom. Assim, quando uma diferença de potencial é percebida, um agenciamento acontece.

Apesar de o cânone ter encaminhado o fã para um vínculo não adequado a si, ainda persiste a vontade de querer esse vínculo, pois Potterheads cultuam o cânone e Potterheads não resistem à práticas do fandom para Satisfazer vontade de práticas do fandom. A vontade é justificada pela importância de querer “sentir isso o mais dentro da minha pele possível”, ou seja, intensificar a experiência se torna uma oportunidade de torná-la mais real, mais prazerosa. A consequência disso: “o que importa é que estou feliz” e vou continuar ativa: ser produtiva, ganhando pontos para a casa de meu coração. O agenciamento revela-se uma composição formada por desterritorializações (é possível quebrar as regras) e reterritorializações (e conquistar a felicidade igual a mim, uma aleturgia), poder e resistência como fluxos intermitentes.

A vontade é um fluxo, um agenciamento que está em movimento: politicamente, o fã tenta influenciar os outros. Quando potterheads operam essa vontade, esse é um agenciamento que está se movendo da ética para política. Nesse processo o desejo se mantém em có-funcionamento, pois o desejo se constitui de toda a produção efetuada na caça prazerosa de

qualquer objeto, como afirmou Orlandi (2014). Essa é, então, uma questão ética, é cuidar de si e trabalhar para selecionar ideias adequadas, ideias que possam servir de base para a ação da força afetiva.

E, como potterheads discutem a questão amplamente, inclusive em redes abertas na internet como no Yahoo Answers (trecho de fala abaixo), agenciam por meio dessa vontade:

[#12.16 Rf.2] In all honesty, i really dont feel like i belong to Hufflepuff. I always thought myself to be a Slytherin cause i always get people to do stuff for me and they always do. But i do not possess Hufflepuff quality and hell i am laaaazzy with minimal hard work quality. I feel reluctant to continue playing :((((

O fã mostra sua vontade de estabelecer um vínculo mais adequado, justifica sua preferência, se coloca relutante em continuar e recebe apoio do fandom que o apoia para burlar as determinações do cânone, uma vontade que corta o espaço social. Assim, quando os potterheads resistiram às determinações do cânone eles já haviam elaborado uma nova ética e, ao lutar para que essa ética se torne, eles combateram a moral existente utilizando os saberes da própria moral; isso é dobrar a força sobre a própria força e criar. A resistência é criativa. Assim, quando essa ética torna-se uma política, ela constitui uma vontade de potência.

O querer verdadeiro é imanente, é se doar aos encontros por ter se deixado tomar por uma intensidade, faz parte da natureza. O querer um vínculo adequado é ética. Para embasar seu argumento, o faz tenta fazer tal querer tornar-se um agenciamento desejoso coletivo, isso é uma intensidade, uma vontade de potência. Aqui vemos ser criadas oportunidades de rotas de fuga na relação poder-resistência que se instaura no cotidiano desse espaço (DELEUZE, 1976; FOUCAULT, 1995a, 2003, 2009b). O dispositivo fabrica efeitos homogêneos de poder, mas ao resistirem, os potterheads alimentam o inconsciente com novas possibilidades, e um corpo sem órgãos em funcionamento vai modelando os sujeitos e os equipamentos coletivos no fluxo desse desejo. Assim, como o desejo é produção, a realidade vai sendo desenhada (DELEUZE, GUATTARI, 2010), fabricada nas sínteses produtivas e os potterheads surgem do hábito da existência modelados pelo corpo sem órgãos junto aos equipamentos coletivos que ordenam sua forma de vida.

Enquanto dispositivo ou *socius*, o cânone vai sempre definir uma física de poder a partir dos desejos para fabricar efeitos homogêneos de poder que permitem a condução no fandom, ou seja, o *socius* se apropria dos querereres para construir uma superfície e instaurar um corpo pleno (uma ordem de existência). Na medida em que é experimentado, O querer um vínculo adequado com o cânone torna a rearranjar o real. E, nesse jogo poder-resistência o

modo de vida dos potterheads vai sendo mantido. Assim, esse querer é uma regra da formação: A maquinaria do desejo dos potterheads mantém sua experiência.

6.2.4.2. O querer permanecer relacionado ao cânone é um agenciamento desejoso

Essa regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto - vontade; conceito - perpetuação; modalidade - ética e estratégia - economia afetiva.

Desejar manter-se ligado a essa forma de vida, como antecipamos, faz parte da ideia central ou lema que rege a experiência dos Potterheads, cuja intensidade do querer foi depositada na palavra “Always”. A importância da saga para a vida desses fãs que cresceram junto aos atores e aos lançamentos é tão grande, que eles prometem e cuidam para que esse vínculo seja perene. Eles tornam-se guardiões do cânone e defensores do universo pois, diante de tudo que receberam, se sentem na obrigação moral de fazer esses saberes se perpetuarem para outras gerações. Esse é um compromisso que os potterheads assumiram para com o cânone. Por isso, entre as funções, além de prover a condição de fã (que se vinculou a mais saberes) estão também: perpetuar o universo de Harry Potter, valorar o universo de Harry Potter, nutrir vínculos no fandom e ainda, salvaguardar o universo de Harry Potter de máculas. Dos enunciados, o que mais possuiu funções nessa regra foi produzir cultura, pois esse saber tornou-se uma das formas mais eficientes para se manter o fandom vivo, hoje, principalmente por meio do cosplay e das *fanfics*.

Uma das formas curiosas de mostrar o querer permanecer ligado ao cânone e assim cumprir as promessas de vínculo permanente é apresentando o universo Harry Potter a seus descendentes, como se pode ver no trecho de fala a seguir:

[8.8 Ref.3] [...] Não resisti e conversei com a mãe, Andréia, que me contou que as roupas surgiram da festa de aniversário de cinco anos da própria Gabriela, cujo tema, obviamente, fora a história do nosso querido bruxo. “Então quer dizer que você gosta de Harry Potter?!”, eu perguntei à menininha, mal me contendo em mim, atônita, animada, oh my God eles amam Harry Potter! —mas ela balançou a cabeça negativamente. “Agora ela gosta mais ou menos, não é, Gabriela?”, a mãe respondeu para nós duas. Tudo bem, pelo menos agora nós rimos.

O dado da ilustração ocorreu em um evento de fãs onde a mãe levou seus filhos usando cosplayers temáticos de Harry Potter e, como vimos, embora uniformizada e no meio do evento, a criança ainda não se identifica com o universo. Mas educar é parte do trabalho do

fã e, ainda, essa é uma força de desejo expresso comumente por potterheads: meus filhos conhecerão esse universo. Assim, ao incentivar os filhos a usarem o cosplay e levá-los ao encontro dos fãs, a mãe está apresentando o universo: Potterheads educam os novos fãs para Valorar o universo e assim Prover condição de fã. A mãe está induzindo a filha a ocupar um papel que já foi seu; naquele momento criança está fazendo o que a mãe já não pode mais, ou seja, a mãe está projetando na filha seus desejos e aspirações. O fato acontece como algo natural, as relações humanas são permeadas por projeções e esses vínculos tendem a afetar o desenvolvimento das crianças.

Potterheads expressam o desejo de seus filhos seguirem seu exemplo de fã, um desejo de continuidade. Com bastante frequência, os fãs publicam imagens de crianças com vestidos de Harry Potter, como pode ver na Figura 19, ou fazem referência a isso, como na Figura 20:

Figura 19 (6) - [#2.43] So here is baby Harry Potter!



Fonte: MuggleNet Memes²⁵ no dia 7 de outubro de 2014

A Figura 19 é uma produção de potterheads e intitulada: “I thought my son would appreciate this when he was old enough to enjoy the series, so here is baby Harry Potter!” O

²⁵ Disponível em: < <http://memes.mugglenet.com/Harry+Potter+Funny+Pics/I-thought-my-son-would-appreciate-this-w/4622>>

exemplo é muito significativo de como os potterheads são intensivos em seu querer e promovem identificações por meio desse.

Do mesmo modo, se vê acontecer na figura 20. Ambas as figuras são indicativas de: Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom para Valorar o universo e Prover condição de fã.

Figura 20 (6) - [#2.44] Meu filho vai ter que adorar Harry Potter



Fonte: Disponível no Facebook²⁶ no dia 20 maio 2014

É tão intensa essa vontade de estar vinculado ao cânone que Potterheads se profissionalizam por meio do universo, e assim, conseguem Prover condição de fã. O trecho de fala abaixo é elucidativo de como isso acontece:

[# 18.11 Ref.1] I'm Melissa Anelli, a geek professional fandom. It started with Harry Potter and now my and (to some extent) professional personal life revolves around how to exploit the things we love shape us and the best ways we can celebrate that.

A fã se coloca como *geek* profissional, e em seu depoimento diz ser colaboradora de vários sites especializados, consultora do Pottermore e hoje escritora de livros, e atribui seu sucesso ao seu vínculo com o cânone, como se pode ver no trecho de fala.

²⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/vicioharrypotteresagas?fref=ts>>

Esses são, sem dúvida, agenciamentos do desejo. Por meio de estabelecer encontros alegres, criam ideias adequadas e fazem fluir a força afetiva. Esse é um querer muito enquanto ética que se tornou força afetiva do desejo. A mesma é colocada em ação por meio do trabalho de cuidado e governo de si e dos outros. Desse modo, por querer enquanto ética, Potterheads trabalham e fazem do querer “continuar vinculado ao cânone” um agenciamento desejoso.

6.2.4.3. O querer a segurança do cânone é um agenciamento desejoso

Essa regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- vontade; conceito – dependência; modalidade – ética; e estratégia – imaturidade emocional.

A regra referiu-se à dependência afetiva que os potterheads apresentam em relação ao cânone, uma condição que se mostrou vinculada à crise de amadurecimento que os acometeu ao término da saga. Em geral o fã cresceu junto aos sistemáticos lançamentos da série; estreitou laços de amizade por meio desse universo, aprendeu com ele. E, o momento em que a saga se encerrou coincidiu com tempo desses adolescentes vivenciarem a crise de amadurecimento, momento em que foram cobrados por várias frentes a tomar decisões e enfrentar a vida adulta. A luta foi estabelecida na ocasião para manter o conforto da forma de vida habitual e a proteção que sentiam no interior do fandom. Afinal, crescer requer renúncias e assumpção de responsabilidades. Nessa fase os adolescentes são pressionados, por exemplo, a escolher uma profissão e a pensar no futuro, sob grande expectativa da família, dos professores etc. Essas decisões são apenas um começo de muitas outras que virão e a cobrança, com o tempo, deixará de ser feita pelos outros e tenderá a ser feita a si, por si próprio.

Assim, essa regra diz respeito ao sentimento de proteção que o vínculo com o cânone propicia. O fragmento de texto abaixo exemplifica a regra:

[6.20 Ref.3] Dá pra perceber que eu cresci junto com o Harry Potter, Hermine e Rony, então o fim do filme, foi como se eu de fato estivesse crescendo e eu não queria isso... Não me apeguei em mais nenhuma saga, e que fique claro, acho crepusculo ridículo...

Nesse depoimento o fã faz a ligação entre o fim da saga e de sua adolescência e afirma que não queria crescer. Ele cita o apego que desenvolveu com a série, a qual se identifica pois cresceu junto com ela, e deixa a entender que essa separação foi traumática,

tendo em vista que não se apegou a mais nenhuma série. Assim, Potterheads entram em crise com o amadurecimento, Potterheads são dependentes afetivamente do universo, e potterheads se identificam com o cânone para Preservar a segurança do cânone.

Potterheads vinculam a falta que sentem do cânone à falta de sua própria infância:

[#6.39 Ref.1] O que mais sinto falta desde que Harry Potter acabou? Minha infância. Talvez, a sensação de segurança. Quando lia os livros, me sentia imbatível. Ninguém poderia cruzar meu quadrado, pois era uma bruxa maligna. Meu sonho era lançar Avada Kedavra nas pessoas. Eu me sentia uma personagem, o que fez minha transição da adolescência para a vida adulta muito mais fácil.

No depoimento a fã afirma que se sentia parte da narrativa, era uma bruxa maligna e se sentia imbatível: potterheads se identificam com o cânone para prover condição de fã; Ela sente falta do cânone e vincula esse sentimento a falta de sua infância, diretamente à segurança que sentia nessa relação: Potterheads entram em crise com o amadurecimento e Potterheads são nostálgicos em relação ao universo para Preservar a segurança do cânone. A fã afirma ainda que aprendeu com o cânone, pois o papel de bruxa maligna lhe ensinou a lidar com o cotidiano, tornando mais fácil a assumpção da vida adulta.

Como já citamos, os trabalhos realizados no interior do fandom qualificam os potterheads profissionalmente. Assumir colunas em perfis na rede é um exemplo que levou muitos deles a escolher a profissão de jornalista. O caso que se segue é também ilustrativo da regra:

[#10.24 Ref.3] Essa semana veio um trouxa, que no caso é um trouxa mesmo, não é que ele não é bruxo; essa semana veio um cara muito idiota no meu *twitter* falar sobre o fato de eu ter 24 anos e gravar vídeos da série HP no You Tube, exatamente. Eu fui julgado, o cara começou a falar um monte de merda pelo fato de eu ainda gravar vídeos sobre a série HP. [...] Acho que esse cara não conhece os fãs de Indiana Jones, de Star Wars, de Senhor dos Anéis. [...] Eu me tornei fã aí da série em 2001, quando eu tinha 11 anos, e, desde então eu acompanho a série, e a série faz parte de meu dia a dia até hoje. Eu nunca deixei de pensar um único dia na série HP desde quando eu saí do cinema e acabei de assistir Pedra Filosofal; é sério, eu estou falando sério! Eu não deixei de pensar na série HP um único dia, e eu penso até hoje e agente está em outubro de 2014. Porque disso? É porque eu peguei um carinho, peguei um amor muito grande por essa série; um amor que durou e dura até hoje; eu me entreguei, eu falei: eu amo essa série de paixão e, se um dia, eu puder trabalhar com alguma coisa envolvendo ela, eu vou trabalhar. E foi aí que eu tive a ideia de criar o Observatório Potter – imagina você ganhar dinheiro através de seu trabalho, pra falar sobre uma coisa que você ama.

O exemplo aponta como os potterheads são acusados de serem velhos para gostar de coisas de crianças. O fã se revolta, ele não aceita que esteja velho, ou melhor, que ser fã seja uma questão de idade. O incômodo mostra que: Potterheads entram em crise com o amadurecimento para Preservar a segurança do cânone. Para justificar sua ligação ter perdurado, o fã relata a sua longa trajetória de apego à série: Potterheads se identificam com o cânone para Preservar a segurança do cânone. Ele afirma que não consegue ficar um dia sem pensar na saga, que seu amor é tão grande que resolveu trabalhar com algo que envolvesse a mesma, e isso aponta que: Potterheads são dependentes afetivamente do universo e Potterheads se profissionalizam por meio do universo para Prover condição de fã.

Por fim, o fã tornou-se proprietário de um canal na rede. Hoje ter um perfil na internet que mantenha uma audiência representativa se tornou um meio de vida, pois instituições veiculam suas imagens e produtos e pagam por esse espaço. Assim, esse fã formou-se em jornalismo e, veicula um programa semanal em que mantém contato com os fãs, onde ensina sobre a saga, informa sobre o universo e discute problemas comuns a todos: Potterheads produzem cultura a partir do universo, Potterheads educam os novos fãs e Potterheads trocam informações cotidianamente para Prover condição de fã. Ao discutir a acusação que sofreu via *twitter*, ele argumenta que ser fã independe da idade, mostra exemplos de outros casos e ainda, indica como se deve agir caso isso aconteça: Potterheads estabelecem vínculos no fandom para Nutrir vínculos no fandom.

A dependência afetiva deve-se a intensidade dos vínculos dessa relação. Esses vínculos fazem os fãs serem nostálgicos. Eles relembram constantemente de como tudo começou e enumeram os benefícios adquiridos com essa relação. O trecho de fala a seguir é elucidativo de como se dá o estabelecimento desses vínculos:

[# 6.6 Ref.4] Algumas histórias sempre vivem dentro de nós. Acho essa frase linda. É como me sinto com o fim de Harry Potter. Começou quando tinha 10 anos. Nem acompanhei a série toda. Eu assisti primeiro Enigma do Príncipe. Aí comecei a devoraaaaaar os livros. É uma coisa engraçada, nem parece que acabou. Eu sempre fui assim, achei que tinha poderes sobrenaturais, hahaha. Hoje acredito nisso mais ainda. Harry Potter mudou muito minha vida. A escola mágica, o menino que sobreviveu, o amigo leal e a garota brilhante. Parece até uma história comum. Mas é como se fosse mais uma vida. Você se identifica com os personagens. Acho que é por isso o sucesso. Começa com um menino que é bruxo, conhece a escola (que tooodos queríamos ir) Hogwarts, vai para a Grifinória, de coração corajoso. Enfrenta aquele-que-não-deve-ser-nomeado e parte para sua casa. São histórias com simples mas com magnitude enorme. E sempre há aquele professor bom, que todos gostam, o menino metido a rico e

superior o falso e os brincalhões. Harry Potter não é só felicidade. Harry sofre com perdas, perdas que machucam até o leitor. Dumbledore, Tonks, Sirius, Severo e Fred. Mostra os desafios que as pessoas enfrentam na vida. Perdas, lutas. Decepções e até amores. Quantas vezes não chamamos quem não gosta de trouxa? Quantas vezes pegamos um galho de árvore e falamos "accio"? Quantas vezes nós não falamos que queremos ir para Hogwarts? Isso que é uma grande história. Isso sim é mágica. Isso sim é Harry Potter. Pois a magia não precisa ser real, basta acreditar.

Os fãs se sentem gratos por tudo que a saga lhes propiciou, eles cresceram junto ao desenrolar da narrativa e com as personagens. Todos dizem que aprenderam com a trama; amigo leal, amigo falso, a garota brilhante, o rico e metido a superior, as perdas, as decepções, as lutas, os amores, “é como se fosse mais uma vida”, afirma o fã; o cânone promove segurança. Assim: Potterheads são dependentes afetivamente do universo para Preservar segurança do cânone, e ainda: Potterheads são nostálgicos em relação ao universo para Preservar a segurança do cânone e também para Prover condição de fã.

A aprendizagem que os potterheads dizem ter absorvido, se dá na medida em que eles retomam o que foi vivido, pois se trata do espaço-memória: uma experiência do vivido que dá base para decisões do agora. Assim, o tempo que foi constitutivo da subjetivação que os norteia. A subjetividade orienta, organiza as ideias, propicia o estabelecimento das diferenças e, a ordem de necessidades para o “poder ser”, acontece no espaço social pelos tempos do hábito e da memória.

Do mesmo modo que a dependência os faz ser nostálgicos, a nostalgia é utilizada para intensificar os sentimentos que são compartilhados e, assim, fortalecer a vontade de segurança que eles sentem nessa relação; os fãs utilizam dessa força para manter sua vitalidade. No exemplo abaixo podemos ver como o fã induz os demais a compartilhar de uma ideia adequada e fazer fluir o desejo:

[#10.36 ref2] I miss Harry Potter so much, the films, the books everything. It makes me so sad and I know nothing will ever be anywhere near as good as it. All I can do I suppose, is love is wait until I have kids and let them live it from the start. Anyone else still wanna cry when you realise its gone? [...]There is something I share with every other HP fan on Youtube and you *MUST* watch this vídeo [...].

No trecho, colocado no Yahoo Answers, o fã diz que sente falta de Harry Potter e questiona o que fazer. Afirma que pensa nisso todos os dias, lembra que isso não pode acabar e, então é enfático: você DEVE assistir isso. Assim, Potterheads são nostálgicos em relação ao

universo para prover condição de fã, e manter o vínculo que lhe prove a sensação de conforto e segurança.

Os exemplos indicam que os potterheads encontram no fandom as diretrizes para sua vida. O cânone enquanto parte do dispositivo lhes deu uma ordem de existência. Eles se veem ao término da saga sendo cobrados para assumir as responsabilidades da vida adulta, mas não querem se separar do aconchego do cânone, eles não querem crescer, eles não querem romper com a boa vida da infância. Os potterheads sofrem da Síndrome Peter Pan. Esse é um mal que acomete muitos jovens no contemporâneo. A dependência afetiva, o apego a tudo que o cânone significa os mantém com hábitos considerados infantis: fazem cosplay, disputam acirradamente jogos na rede, participam de encontros de fãs, colecionam e querem tudo relativo à saga; ainda, adoram falar sobre tudo isso; essas situações geram uma série de conflitos que eles tem que enfrentar em outros espaços sociais em que convivem cotidianamente.

Esse é também um agenciamento, um querer muito enquanto ética que propicia o fluxo da força afetiva do desejo. A regra revela como o agenciamento se deve aos trabalhos de cuidado e governo de si e dos outros. Assim, Potterheads fazem do querer a segurança do cânone um agenciamento desejoso.

6.2.4.4. O querer como verdadeiros os valores do cânone é um agenciamento desejoso

Essa regra foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- vontade; conceito – legitimação; modalidade – ética; e estratégia - princípio moral.

A regra referiu-se a vontade dos potterheads de que sejam considerados verdadeiros os valores do cânone. Essa regra surgiu embasada pela relação de uma função: Ironizar problemas sociais e dois enunciados: Potterheads produzem cultura a partir do universo e Potterheads estabelecem vínculos no fandom.

A regra diz respeito ao comportamento bem humorado e irônico com o qual os potterheads criticam situações sociais, econômicas e políticas. Essas críticas são estabelecidas por meio da produção de cultura, mas sempre pautadas nos valores do cânone. Portanto, a análise dos potterheads é feita a partir desse ponto de vista. Essa ótica analítica delineou agenciamentos, desvelando uma vontade. As imagens abaixo (Figuras: 21, 22 e 23) são produções dos potterheads.

A primeira imagem (Figura 21) traz a personagem fictícia Dolores Umbridge que aparece pela primeira vez no volume cinco da obra durante um julgamento. No tribunal da magia ela é a inquiridora de Harry Potter, na ocasião acusado de usar um feitiço fora da Escola de Hogwarts e na frente de um trouxa, portanto, cometendo duas infrações. Posteriormente, Dolores aparece como professora da escola, em um momento de crise, durante a intervenção efetuada pelo Ministério da Magia. A mesma ganha cada vez mais credibilidade e chega a ser nomeada diretora da escola. Sua característica maior é o sadismo, que vem acompanhado da crueldade; ao mesmo tempo em que inflige punições abusivas aos alunos, ela mantém uma voz pausada e infantil, adora gatos e se veste sempre na cor rosa. Dolores impõe em Hogwarts um regime de ditadura e revela grande prazer em fazer os alunos escreverem repetidamente o que devem acreditar. Para isso, os faz utilizar uma pena cuja tinta é o próprio sangue de quem escreve, e vai marcando na sua pele o que escrevem.

Figura 21 (6) – [#16.45] Não existe homofobia



Fonte: Disponível no Facebook²⁷ no dia 14 de maio de 2015

²⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/hogwartsvaiVirarcuba?fref=ts>>

No exemplo o texto afirma: “não há homofobia”. A questão refere-se aos direitos de homossexuais e ao preconceito social, um tema polêmico que tem sido alvo de discussões acaloradas no contemporâneo. Utilizar o exemplo de Dolores nessa crítica encaixa-se perfeitamente: eles insinuam que ela nega a existência do preconceito e ameaça de obrigar a quem discordar de escrever mil vezes até se convencer ou ser vencido pela força ou dor, tal como na ficção.

Fazer crítica social por meio da personagem parece ser lugar comum: Figura 22 utiliza a mesma personagem para criticar a postura de Hillary Diane Rodham Clinton, Ex-Secretária de governo dos Estados Unidos, que já foi Senadora e Primeira Dama do país. Ao estabelecer tal semelhança, potterheads sugerem que uma aproximação também com as características de sadismo e crueldade dessa personagem. Assim, Potterheads produzem cultura a partir do universo para Ironizar problemas sociais.

Figura 22 (6) - [#16.71] Hillary is looking more like Umbridge everyday



Fonte: Disponível no MuggleNet Memes²⁸

Potterheads mantém perfis no fandom voltados para esse tipo de crítica. Eles se divertem ao acompanhar e ironizar o que acontece com figuras públicas e com problemas

²⁸ Disponível em: < <http://memes.mugglenet.com/Harry+Potter+Funny+Pics/Hillary-is-looking-more-like-Umbridge-ev/6148?lp=3>>

sociais. O trecho a seguir é ilustrativo de como eles analisam seu cotidiano por meio dos valores do cânone:

[# 10.35 Ref.1] Hillary Clinton, headmistress of Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry, once said, "Happiness can be found, even in the darkest of times, if one only remembers to turn on the light." Wait, that wasn't Clinton — that was Albus Dumbledore. But it could have been her, right? OK, maybe not. But there's no better way to understand where Democrats stand on the issues than by comparing them to Harry Potter characters (unless you're comparing them to burgers).

No exemplo o fã diz que não há nada melhor para compreender os democratas que compará-los a Harry Potter. O *post* trata que democratas tem defeitos e qualidades, da mesma forma que os personagens de Harry Potter onde também ninguém é perfeito; aponta que não existem caminhos certos para se lutar pela justiça. Pessoas boas podem fazer coisas ruins e vice-versa. Com isso, em tom de brincadeira, a postagem compara a personalidade e decisões de vários políticos com as personagens da saga e suas atuações frente aos acontecimentos do enredo.

Isso porque, em matéria de ironia, as questões políticas são um dos alvos prediletos dos potterheads, como se pode ver também no Brasil (Figura 23).

Figura 23 (6) – [#16.48] Bater panela acabou a corrupção no Brasil



Fonte: Disponível no Facebook²⁹ no dia 9 de maio de 2015

²⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/hogwartsvaivirarcuba?fref=ts>>

A produção faz uma crítica em forma de brincadeira ao recente hábito dos brasileiros de protestar batendo panela nas janelas, durante os pronunciamentos da presidente da república. A imagem traz os alunos da escola apoiando a mensagem que parabeniza a ação que fez acabar com a corrupção. Entre os alunos e ocupando a posição central, está uma das personagens mais carismáticas da saga: Roni Weasley, o melhor amigo de Harry Potter.

Assim, os dois exemplos indicam como Potterheads produzem cultura a partir do universo para ironizar problemas sociais, mas também indicam que Potterheads estabelecem vínculos no cânone com a função de Ironizar problemas sociais. Afinal, nos dois casos, uma visão de mundo foi estabelecida por meio dessa cultura. Ao mostrar que democratas, tal como as personagens, não são perfeitos, se afirma um modo de pensar. Por sua vez, zombar do panelaço é afirmar que ele não resolve nada. Assim, a informação trata sempre do que se deve acreditar e é sempre um sistema de controle, pois mexe com crenças e valores, e mexe com a fé que se deve mostrar que tem aos dogmas do cânone.

Para Deleuze, todas as vezes que se materializa um pensamento e se faz uma comunicação, essa torna-se um sistema de ordem. Essa forma de pensar dificilmente será contrariada, de um lado porque se coloca em tom de brincadeira e, de outro, por se tratar de valores que se precisa mostrar que tem. Assim a postagem é replicada e segue divertindo os potterheads; a informação torna-se aqui um dos mecanismos de segurança: de prática de governo e de combate a desgovernos na manutenção de uma cultura.

A partir da informação os potterheads afirmam suas crenças, e qualquer discordância do que foi posto vai requerer um trabalho estratégico para estabelecer outra razão de conduta. É importante observar que os participantes do fandom precisam desenvolver em si mesmos a racionalidade presente nas ideias da conduta em voga, pois apenas isso os capacita para fluxos produtivos; se a postagem desfizesse dos valores do cânone ela não possibilitaria identificações e não seria compartilhada; esses são encontros alegres e propiciam ideias adequadas, uma adequação acontece pelo permanente cuidado de si e dos outros.

Os valores da saga são algo muito importante para os potterheads. Assim, ao usá-los para criticar os problemas sociais ou para entender os democratas, os potterheads estabelecem o querer como verdadeiros os valores do cânone e fazem desse querer um agenciamento do desejo.

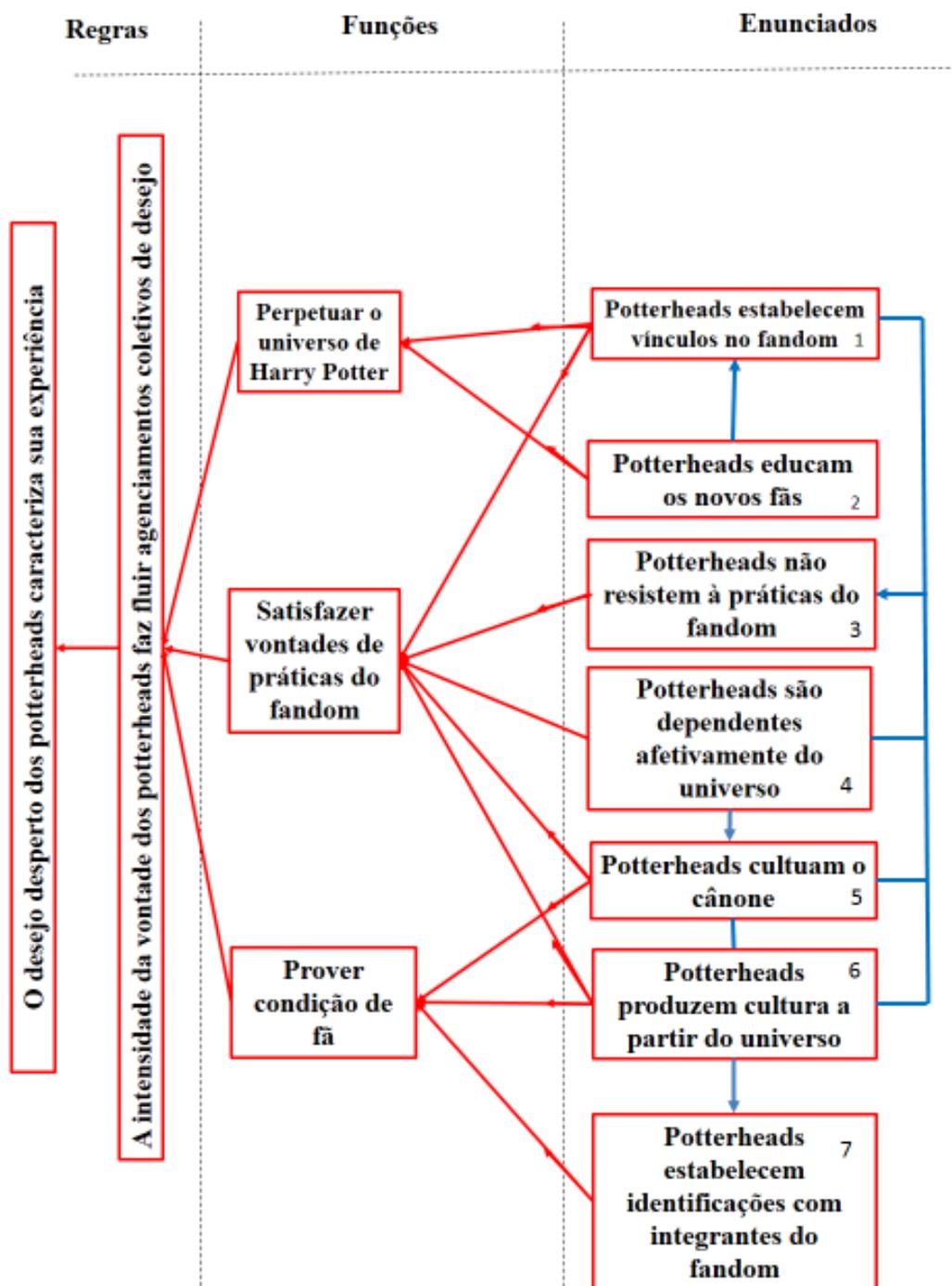
6.2.5. O desejo desperto dos potterheads caracteriza sua experiência

Essa formação discursiva apresentou-se ligada a uma única regra: A intensidade dos quereres dos potterheads faz fluir agenciamentos coletivos de desejo. A mesma originou-se da relação entre sete enunciados e três funções (Fig. 24).

A relação entre si dada pelos enunciados dessa formação apontaram um grupo de significação que se refere à intensidade da vontade que atravessam os potterheads. A relação incidente dos enunciados 1, 4, 5 e 6 sobre o enunciado 3: Potterheads não resistem à práticas do fandom, explica o mesmo. Revelou-se também outras duas relações incidentes: a primeira foi entre o enunciado 4: Potterheads dependem afetivamente do universo e o 5: Potterheads cultuam o cânone; a segunda entre o enunciado 6: Potterheads produzem cultura a partir do universo e o enunciado 7: Potterheads estabelecem identificações no fandom, tendo em vista, em que ambas as relações um enunciado explica o outro. Uma relação síncrona se apresentou na relação entre os enunciados 2: Potterheads educam os novos fãs, e o enunciado 1: Potterheads estabelecem vínculos no fandom, e outra, entre o 5: Potterheads cultuam o cânone e o 6: Potterheads produzem cultura a partir do universo, pois eles se explicam mutuamente. Essas relações possibilitaram às funções se revelarem.

Desse modo, essa formação se refere à força do desejo que atravessam os potterheads em suas relações com o fandom, demarcando a qualidade dessa força como uma característica de sua existência. O desejo desperto dos potterheads deve-se à essa qualidade da força do querer que insiste em sua intensidade e os faz não resistir. Assim, as funções que aqui surgiram foram: Satisfazer vontade de práticas do universo, Perpetuar o universo de Harry Potter e Prover condição de fã. As mesmas levaram a essa regra.

Figura 24 (6) – Mapa das relações da quinta formação discursiva



Fonte: elaboração dos autores

Como vimos, os potterheads tem sido alvo de ações judiciais pela lei dos direitos autorais e precisaram se ajustar, se precaver; são vítimas de preconceitos sociais (principalmente em relação à idade e aos equipamentos do quadribol) e precisam fundamentar sua condição de fã; por sua vez sofrem também discriminações por serem fãs difíceis: são

acusados de fanáticos e intransigentes, tal como tratou Hills (2007) e Jenkins (2006). Porém, tudo isso é reflexo da intensidade de sua ligação ao universo; seu desejo é de continuidade e toda força de seu trabalho no fandom revela uma maquinaria eficiente que sustenta esse desejo. Nesse sentido, essa última formação discursiva que surgiu no arquivo trata exatamente dessa intensidade e como a mesma representa uma característica da própria forma de existência dos potterheads.

Revelar tal intensidade promove a compreensão de como os potterheads se mantiveram tão intensos em seus relacionamentos, mesmo após o término da saga. A questão refere-se à vontade de potência. Para Deleuze só tem têm vontade de potência o Ser querido (HARDT, 1996), mas esse é um princípio de síntese do eterno retorno da vontade e depende de uma conexão entre a quantidade e a qualidade que cabe a cada força nesse espaço (ORLANDI, 2003). Os saberes dessa formação são reveladores: promovem identificações, estabelecem vínculos, educam, produzem cultura, desenvolvem uma dependência afetiva dessa relação e, por tudo isso, não resistem às práticas do fandom.

Podemos ver nessa formação como o desejo estabelece a experimentação incessante e surge marcado por um devir (DAVID-MÉNARD, 2007), pois o querer permanecer vinculado ao cânone, que habita o plano da imanência (DELEUZE; PARNET, 1998) do potterheads, povoou de intensidades o corpo sem órgãos por meio dos registros em seu inconsciente. A intensidade da força afetiva que os liga e fortalece é o que faz com que os potterheads sejam constantemente arrebatados e não resistam às práticas do fandom ao qual sentem satisfação, um enorme prazer mesmo, tendo em vista que essas práticas estabelecem as relações que lhes oferecem um norte para condutas, lhe dão apoio para enfrentar os impasses sociais cotidianos, e, para além do conforto, constituem um pensamento de como a vida deve ser, que torna-se o desejo coletivo.

Esse é o processo de organização do virtual, imanente, que se abastece da razão da experiência aliada aos processos de memória (DELEUZE, 2008c; HARDT, 1996) - do que, por assim dizer, é recordado do vivido. Dessa organização se delineou a vontade de potência, uma força latente que arrebatava o corpo dos potterheads e faz fluir seus agenciamentos de desejo, que, como vimos, vem por meio de vários queres, mas por uma razão ética estabelecida.

Essa formação, de certo modo, dá um fechamento ao entendimento da maquinaria de desejo dos potterheads. A mesma revela a qualidade da força afetiva como sendo de sua natureza. A intensidade desses queres revela que potterheads selecionou para si mais encontros alegres que tristes, e que soube se deixar afetar por esses encontros (HARDT, 1996; ORLANDI, 2009). Potterheads promovem frequentemente mais ideias adequadas e com isso,

mantém intensiva sua vontade de potência. Potterheads são excessivos e essa intensidade promove a experimentação constante de seu desejo por continuidade.

6.2.5.1. A intensidade dos quereres dos potterheads faz fluir agenciamentos coletivos de desejo

Essa regra de formação foi desvelada a partir dos quatro critérios de regra, obedecendo a seguinte condição: objeto- vontade; conceito- tentação; modalidade- ética; e estratégia – força do hábito. A mesma advém da relação entre enunciados e funções que mostrou como a intensidade dos potterheads por práticas no fandom é um comportamento nutre, entusiasmo e faz se alastrar os agenciamentos coletivos de desejo.

Assim, Perpetuar o universo de Harry Potter foi função para: Potterheads estabelecem vínculos no fandom e Potterheads educam os novos fãs; Satisfazer vontade de práticas do fandom foi função para: Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads não resistem à práticas do fandom, Potterheads cultuam o cânone e Potterheads produzem cultura a partir do universo; Prover condição de fã foi função para Potterheads cultuam o cânone e Potterheads produzem cultura a partir do universo.

Essa regra se refere à qualidade de força dos potterheads. A resistência aos códigos tradicionais é um traço que configura sua singularidade. Seu desejo os faz atravessar certas cristalizações sociais e, nesse processo criativo, produzem intensidades. Se por um lado, o desconforto por vezes causado ao expandir seus hábitos para outros ambientes cotidianos os faz querer cada vez mais seus iguais, por outro, manter-se em contato é alimentar essa outra dimensão, é fazer fluir os agenciamentos desse desejo, que precisa apenas da ideia conveniente. Essa surge facilmente ao se apoiar, ao dividir, ao sentir falta, ao acreditar e compartilhar essas ideias no fandom. Potterheads gostam de promover intensidades no fandom. Corriqueiramente eles postam cenas marcantes da saga cinematográfica, por vezes sem nenhuma palavra, sequer título, e essa imagem, como diz Deleuze e Guattari (1997) atravessa esse espaço social como flecha. O exemplo a seguir é elucidativo (Figura 25):

Figura 25 (6) – [#10.35] Dementor



Fonte: disponível no Tumblr³⁰

A imagem se refere ao ataque de dementadores, as figuras que sugam a vitalidade de suas vítimas e que surgem nos momentos de luta contra o mal na escola de Hogwarts, quase ao final da saga. Nesse caso, a figura seguiu apenas com um título: *dementor* e rapidamente alcançou 1073 *notes* (compartilhamentos e/ou curtidas). Esse tipo de ação, por ser incessante, é um agenciamento eficiente: potterheads estabelecem identificações com integrantes no fandom para Prover fanidade, e assim também Perpetuar o universo.

Como um corpo que se deixa afetar, potterheads querem verdadeiramente e querem cada vez mais; potterheads querem enquanto ética. Vários exemplos dessa intensidade foram tratados até aqui: a prática de reler os livros e rever os filmes, a saudade intensa, vivida e compartilhada, a produção prazerosa de cultura que se torna irresistível etc., tudo isso é exemplo de força intensiva dos potterheads.

É exatamente essa intensidade do querer estar ligado ao cânone, que chama a atenção em outros espaços sociais e fazem dos potterheads alvo de crítica pelos seus excessos. Como vimos, exemplos disso não faltam, eles adoram a obra. A figura 26 aponta como: Potterheads estabelecem vínculos no fandom, Potterheads cultuam o cânone e Potterheads não resistem à práticas do fandom para satisfazer vontades de práticas do fandom, prover condição de fã e perpetuar o universo de Harry Potter.

³⁰ Disponível em: < <http://hogwartsfansite.tumblr.com/>>

Figura 26 (6)– [#2.47] Eu todos os dias, todas as horas



Fonte: Disponível no Facebook³¹ dia 26 de outubro de 2014

Potterheads afirmam que não param de pensar no universo e por meio dele e, portanto, não param de falar sobre a saga:

[#6.28 Ref.1] Watching all as we speak again. Can't ever get enough I grew up with these movies

No trecho de fala, o fã observa que estão novamente falando sobre a saga, mas que, por mais que o façam nunca é o bastante, ao que alega que é porque cresceram com ela. Nesse sentido, podemos entender Satisfazer vontades, é função de: Potterheads não resistem à práticas do fandom, mas também de: Potterheads são dependentes afetivamente do universo.

O fã se incomoda com a crítica, mas logo ela se transforma em fluxo do desejo e é compartilhada no fandom como podemos ver na produção da Figura 27:

³¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/vicioharrypotteresagas/photos/pb.268440969985222.-2207520000.1438732429./375628212599830/?type=3&theater>>

Figura 27 (6)– [#2.45] O Facebook é meu!

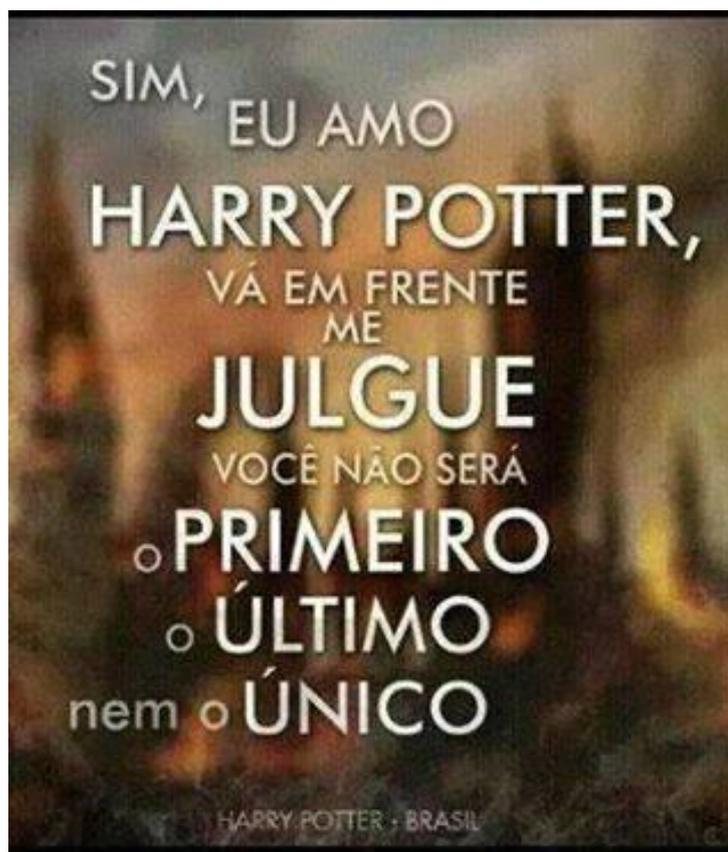
O FACEBOOK É MEU E EU
 POSTO QUANTO
 HARRY POTTER
 EU QUISER

Fonte: Disponível no Facebook³² no dia 27 out. 2014

Assim, Potterheads não resistem às práticas do fandom para satisfazer vontade de práticas do fandom. Ainda, a produção aponta a constância desse tipo de crítica, mas mostra também que a partir dela existe uma afirmação, uma força afetiva que se estabeleceu por meio da solidariedade política (Fig. 28). Desse modo Potterheads produzem cultura a partir do universo para satisfazer vontade de práticas do fandom e prover condição de fã, sendo essa também a função de Potterheads estabelecem identificações com integrantes do fandom.

³² Disponível em: <<https://www.facebook.com/vicioharrypotteresagas?fref=ts>>

Figura 28 (6) – [#2.46] Pode julgar, pois você não é o único a me criticar



Fonte: Disponível no Facebook³³ no dia 25 de outubro de 2014

Na figura 28 exemplifica essa afirmação. De forma oposta a costumeira prática de potterheads em demarcar identidade (ocasião em que diminuem sua vontade de potência), aqui eles produzem cultura e estabelecem identificações com os demais integrantes do fandom a partir de uma positividade: “Eu amo Harry Potter”; a partir dessa força afirmativa eles buscam desfazer de qualquer importância o julgamento do não fã: você não será o primeiro, o único e nem o último, ou seja, você é apenas mais um, e isso não muda nada. Esse tipo de apoio em uma ideia conveniente revela como a intensidade do querer, que foi alvo de crítica, se transforma em força e faz propagar agenciamentos coletivos de desejo.

Nesse sentido, o hábito das *fics* é uma das formas mais intensas de apego e prova de fidelidade que se registra no contemporâneo; fazer cosplay e participar de encontros temáticos é, da mesma forma, considerado irresistível. Esses hábitos geram prazer aos potterheads e

³³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/vicioharrypotteresagas/photos/pb.268440969985222.-2207520000.1438732429./375628212599830/?type=3&theater>>

resistir a eles, por vezes, se mostra impossível. Uma ilustração dessa entrega pode estar no trecho abaixo, um caso já analisado por outros aspectos:

[# 15.8 ref.1] Disclaimer: Harry Potter, the world and characters recognized below do not belong to me, but to JK Rowling. The following is for pure entertainment only. Not ashamed as well as 2 guests left kudos on this work!

O aviso como já tratamos, ultimamente é recorrentemente postado nas *fics* e esse tem sido um cuidado, uma precaução tomada pelos fãs em relação aos direitos autorais dos produtores da saga. Depois de muitos casos de resistências, sucessos e insucessos, o assunto voltou a ser discutido recentemente por conta da distribuição musical. Os *potterheads* sabem que não é legal explorar a história, eles sabem também que os produtores solicitam retirar do ar conteúdos que consideram imorais, desrespeitosos ou prejudiciais ao cânone, mas continuam produzindo, eles não resistem! Assim, o fazem tomando esse tipo de cuidado: além de revelar que seu fim é só o entretenimento (e não lucro financeiro, uma finalidade que seria a da produtora), o fã ainda se antecipa ao afirmar que o conteúdo não é vergonhoso, inclusive recebeu até elogios. Essa foi a forma paliativa encontrada para continuar produzindo por meio da saga.

Os excessos de comportamento, quaisquer que sejam, são hoje popularmente tidos como uma doença de mercado; consumir muito ou deixar de consumir o necessário (anorexia), querer divertir-se excessivamente, aproveitar tudo como se fosse a última vez, tudo isso é comumente associado à lógica capitalista de ser. O contexto tecnológico de comunicação da sociedade de controle estimula os excessos; entretanto, cabe a cada um cuidar de si e controlar-se (DELEUZE, 1978; FOUCAULT, 2011). A racionalidade necessária para que a coletividade não entre em crise é o equilíbrio entre segurança e liberdade, entre tecnologia de si e de coerção e, como vimos, isso é matéria que deve praticada, ensinada e constantemente cobrada por si a si mesmo e aos outros. Todos devem maximizar seu poder produtivo dentro dessas relações saber-poder, mas condutas excessivas desequilibram o sistema, é um desgoverno que pode comprometer a qualidade de vida.

A economia das sociedades de controle se caracteriza por utilizar o controle e a sensação de liberdade em uma espécie de reforço mútuo. Controlar o excesso é uma questão de cuidar de si e conduzir-se frente às forças do campo social, é também uma questão de ética. A formação ética se dá não apenas priorizando os encontros que sejam convenientes, mas cuidando para que eles estejam dentro de um limiar adequado de intensidades. Mas a adequação desse limiar não deve preocupar-se apenas com os excessos, precisa também

alimentar a subjetividade e a alteração do ser no tempo, sendo isso também ética. Assim, os potterheads precisam se deixar afetar e ser tomados por intensidades; nesse sentido a doação aos encontros que apresentam ter nutre essa subjetividade.

Aqui também a educação torna-se fundamental. Não apenas anima a comunidade de fãs, mas também atrai novos seguidores, fortalecendo o que se tem por desejo: a continuidade. Potterheads educam os novos fãs para perpetuar o universo de diversas formas; muitas dessas acontecem no You Tube, pois a atratividade e a facilidade com que esse meio educa o torna um importante ferramental para canalizar essa força. O recorte abaixo é mais um exemplo de como acontece essa educação – é o título da produção do vídeo (Figura 28):

[# 10.37] In this video I will be whispering a lot of somewhat unknown Harry Potter facts! I certainly found them interesting as a huge Potterhead :)

O título é convidativo: ele promete trazer fatos não tão conhecidos, assunto que deverá interessar aos velhos e novos fãs. Vem em forma de sussurro, é uma espécie de revelação, onde apenas o tom de voz, sem imagem, promove suspense necessário. A Figura 29 mostra o pano de fundo dessa narração.

Figura 29 (6) – [# 10.37] Harry Potter Facts

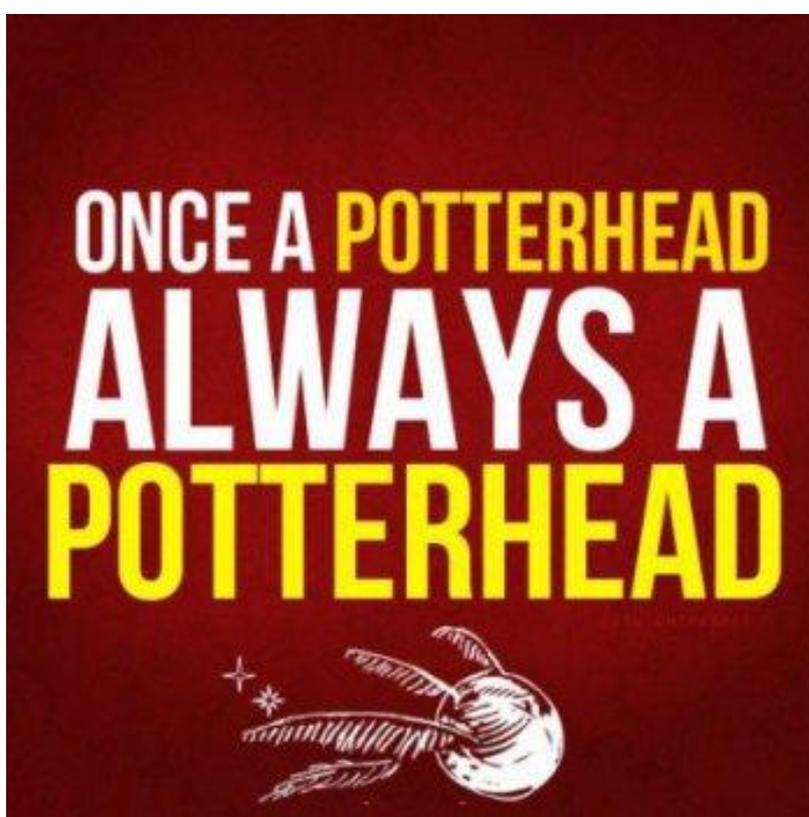


Fonte: You Tube³⁴ postado dia 29 de maio de 2014

³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TaQeeFPp-94>>

Assim, intensidade dos potterheads é uma força afetiva que nutre relações subjetivantes e faz variar a vontade de potência, tornando o desejo de continuidade uma experimentação incessante. O agenciamento do desejo provido pela intensidade do hábito é uma força que se delinea no interior da multiplicidade, forma o sujeito ético e essa intensidade caracteriza a experiência dos potterheads. Por tudo isso, o termo “always” tornou-se uma afirmação fundamental de desejo e, portanto, de verdade para os potterheads, o símbolo máximo de sua potência (Figura 30):

Figura 30 (6) – [#2.48] Para sempre potterhead!



Fonte: Disponível no Wordpress³⁵ dia 21 de março de 2013

A figura 28, portanto, representa toda intensidade característica dos potterheads, um agenciamento ou linha de força do desejo, responsável por dinamizar e manter a vitalidade de seu espaço social.

³⁵ Disponível em: <<https://organizandominhaestante.wordpress.com/tag/harry-potter/>>

6.3. A Varinha das Varinhas: regras gerais

Nossa arqueologia revelou a existência de cinco formações discursivas que apontam um sistema de ordem e sujeição mantido e atualizado por uma prática de governo; e uma maquinaria do desejo que nutre e organiza essa existência, pois cuida da vontade de potência por meio de agenciamentos de desejo eficientes no interior do espaço social ordenado pelo cânone enquanto parte desse dispositivo. Essas duas razões: uma de ordem externa e outra de organização imanente indicam as duas regras gerais desse arquivo, o último nível analítico proposto em nossa metodologia, que é explorado nessa seção.

6.3.1. A moralidade do visível

A primeira regra geral do nosso arquivo se refere aos saberes revelados pelo visível e o seu sistema de ordem: os códigos de valores e regras propostos aos potterheads por meio de aparelhos prescritivos. As duas primeiras formações: O Cânone é parte do dispositivo de ordem da experiência dos potterheads e Potterheads governam-se no regime do dispositivo implicam-se mutuamente e nos informa a possibilidade de existência dos potterheads. E as três outras se explicam e apoiam, e indicam a dinamicidade desse espaço social, completando o cenário que se apresentou a partir do arquivo: A natureza das ideias dos potterheads faz oscilar sua vontade de potência, A maquinaria do desejo dos potterheads mantém sua experiência e O desejo desperto dos potterheads caracteriza sua experiência.

As relações saber-poder e poder-resistência, que foram elucidadas na primeira formação discursiva, constitui a própria condição de realidade desse espaço social. Elas se estabeleceram essencialmente pelo culto ao cânone, e aí delinearam uma ordem de existência. No culto, aconteceram em paralelo uma rotina de práticas e uma ação de governo persuasiva, ou seja, a ordem foi estabelecida pelo saber ao entrelaçar o visível (hábitos) e o enunciável (discursos). Contudo, esse entrelaçamento já atendia à ordem do poder: qualquer existência social implica na conformação de um espaço e na manutenção de condutas para garantir uma ordem necessária. Por sua vez, o poder só pôde agir por meio do saber, ou seja, porque potterheads aprenderam (e praticaram) que cultivar é crer, proteger, se dedicar, dominar os saberes, enfim, cultivar é trabalhar pela ordem. Desse modo, o poder foi operado pelos potterheads por meio de saberes do cânone, essa ação gerou saberes, e o processo permitiu instaurar os mecanismos para construção da estrutura relacional que se instaurou no fandom. Os saberes são apropriados na prática da doutrina foi uma regra da primeira formação. O

hábito criou uma espécie de racionalidade e os potterheads devem se comportar como se nela cressem. A própria socialização no fandom estimula uma construção de si solidária ao cânone e, reconhecer benefícios, enaltecer o cânone, resguardar sua originalidade, demonstrar fé, são algumas funções que levaram à primeira regra dessa formação.

Mas, como o cânone é uma externalidade, é uma máquina de ordem e seus saberes foram apropriados pelo corpo pleno, se os potterheads se reportam ao mesmo numa relação de dependência (na qual atestam e renovam a fé no cânone), é porque foram capturados pelo fluxo fabricado por essa máquina, e por isso, aí são produzidos pelo corpo sem órgãos como um hábito de existência junto aos equipamentos que operam. Os potterheads constituem uma repetição material espontânea, são um esquema da natureza, por isso [re]produzem e mantêm a ordem dessa natureza.

A máquina de ordem é eficiente. Por meio do cânone como linha de força do dispositivo os potterheads treinam e são treinados a participar dessa anatomia política, são capacitados a operar as relações de disciplina. Isso fica evidente no processo de seleção de casas quando o fã enfatiza: “se vc foi para Lufa-Lufa é lá que você pertence ACEITE”. Assim, a condição faz com que o autocontrole seja também uma conduta que, caso o fã não a desenvolva, é tido como incapaz para os fluxos produtivos; afinal, cultivar é também trabalhar pela ordem e não produzir a desordem; isso se evidencia quando o fã comunica que leu tantas vezes o mesmo livro que ele está extremamente sujo – isso é trabalhar, é prover a condição de fã. Desse modo, a ordem do cânone assujeita por meio de um regime de servidão voluntária, pois potterheads são sujeitos que se reportam a uma ordem que lhes é exterior. Assim, a primeira regra da formação: O Cânone é parte do dispositivo de ordem da experiência dos potterheads, revelou que a subjetivação dos potterheads é maquinada por assujeitamentos efetuados no culto ao cânone.

Contudo, a segunda regra tratou dos processos resistência, instaurados pela recusa às relações impostas. A ação dos fãs revelou-se produtiva: eles desterritorializam e reterritorializam o espaço ao produzir argumentos para instaurar a solidariedade política no fandom. Potterheads utilizam para efetuar essa produção os saberes do próprio cânone, se apropriam dessa moral e assim, dobram a força sobre a própria força. Ao fazê-lo, esse trabalho da dimensão de si abriu possibilidades de escapar dos poderes instituídos pelo cânone criando neles fissuras por meio de um processo criativo.

A condição revela a potencialidade dos potterheads: eles se deixam afetar e são tomados por intensidades. A ação de resistir aos poderes deve-se à uma variação da força que é vivida, é afeto, e toda força afetada tem a capacidade de resistência. Os jogos das relações

poder-resistência vão assim desenhando o espaço social dos potterheads. Como vimos, a atuação política é um trabalho formador em fandoms; as lutas são por liberdade de pensamento e direitos democráticos de cidadãos. Esse foi o apelo não apenas das lutas sociais, mas das resistências ao poder do cânone que surgiram no arquivo. Assim a segunda regra dessa formação indicou como a resistência embasa e possibilita a subjetivação dos potterheads.

Desse modo, a primeira formação indicou como o espaço social dos potterheads foi demarcado pelas relações saber-poder e foi dinamizado pelas relações poder-resistência, por meio dos espaços: relacional onde atuou a força ou afeto, e temporal onde atuou a memória, em que hábitos e diferenças foram demarcados. Essa formação desvelou o funcionamento do inconsciente maquínico, uma vez que tais máquinas determinam sua finalidade e funcionalidade. O inconsciente revelou-se como uma verdadeira fábrica: produziu continuamente o espaço social dos potterheads e sua realidade; produziu a possibilidade de sua existência.

As máquinas do inconsciente operaram a partir da distinção de regimes: a primeira regra apontou como se constituiu o regime molar e sua base no funcionamento de representação/expressão; a segunda indicou o funcionamento molecular e seu apoio na operação da produção. As máquinas trabalharam sobre os fluxos e objetos e produziram a existência dos potterheads. A subjetividade que sustenta essa experiência se delineou como uma dobra no entrecruzamento das linhas molares e moleculares, pois derivou da relação poder-saber e também da relação criativa da resistência, sendo esse um dos jogos que fez resultar a própria existência dos potterheads. Isso porque a potência criativa desse inconsciente, ao atravessar o social, produziu intensidades que funcionam como dispositivos e reorganizam cristalizações de subjetividades.

A segunda formação e suas regras revelaram a gestão dessa experiência, a construção e manutenção da cultura e suas matrizes normativas pelos potterheads, dadas pelas ações de governo de si e dos outros. Praticar a doutrina é estilizar-se, por isso é um trabalho efetuado antes em si mesmo, um trabalho que autoriza o fã a cuidar do outro, é um trabalho ético. Assim, ser ético dependeu do regime de verdade estabelecido a partir do regime do dispositivo. Cuidar de si é a arte de integrar tecnologias de coerção com tecnologias de si para, assim, conquistar a excelência política de governar no interior dessa subjetividade.

O governo de condutas assegurou que a ordem de controle fosse mantida, tendo em vista que o culto ao cânone estabeleceu as relações de saber-poder, e essa foi a racionalidade moral que as práticas de governo buscam legitimar como norma de existência. Por sua vez, os

processos de resistência dinamizaram e atualizaram esse espaço de governo. Em coerência e completude à formação anterior, aqui se torna a ver a persuasão e o hábito entrelaçados para compor o saber do dispositivo. Potterheads cuidam de si e dos outros para estabelecer um trabalho moral por meio de regras coercitivas aplicadas em si, por si mesmo e pelos outros, no hábito de suas atividades de culto; mas o mesmo só ocorre porque um trabalho ético estabelecido por regras facultativas o ajusta aos quereres e mantém esse espaço atualizado, dinamizando a vida.

Cuidar de si é determinante para o sucesso político das ações dos potterheads, cuidar de si é trabalhar pela moralidade, mas também pela vida, por isso cuidar de si é ser ético. Tais relações de cuidado intensificam relações afetivas no fandom. A própria socialização no fandom é feita pela internalização dos hábitos do culto. O cuidado de si e dos outros estabelece e legitima esses hábitos, é um trabalho afetivamente poderoso (tanto quanto o é a oposição aos mesmos). Na existência dos potterheads, as tecnologia de si e de coerção são dadas por meio de intensidades, de ideias convenientes como saudade e prazer, intensidades que são construções de espaços de memória e são firmemente colocadas em funcionamento para estabelecer uma vontade: a continuidade; essa é a poderosa força afetiva que sustenta e fortalece a dinamicidade do espaço relacional dos potterheads.

Desse modo, as duas primeiras formações do arquivo apontaram que os potterheads aparecem como sujeitos nos regimes de luz do dispositivo. O cânone foi o solo para subjetivação, e emitiu as formas serializadas que os regula, classifica, enfim ordena seu mundo mágico, e a condição representa uma ruptura das serializações tradicionais e dos discursos hegemônicos de ordem, é uma criação, representa uma outra dimensão espacial.

O novo espaço continua esquadrinhado pelas tramas do poder, um poder ainda de ordem disciplinar que dociliza os corpos para convivência nesse mundo, pois essa é sua possibilidade. Assim, essa regra geral refere-se ao que se faz e como efetivamente se faz por meio das práticas nesse espaço social. As práticas desse campo são cristalizadoras de discursos e foi por meio delas que revelamos o discursivo dessa economia político-afetiva.

Contudo, nesse espaço se acomodam rupturas de pequenas relações de poder que o vão moldando de acordo com as vontades. Assim, a individuação dos potterheads encontra-se no limite do dispositivo, pois gera novos saberes e poderes em sua constante acomodação, e esses saberes são investidos em outros dispositivos de vida cotidiana, e toda essa organização, como nos diz Deleuze, está sempre operando um devir. A condição revela-se na segunda regra geral.

6.3.2. A moral do enunciável

A segunda regra geral diz respeito à moral dos comportamentos, ou seja, como efetivamente se comportam os potterheads frente às regras e valores propostos pelo código moral. Esses são processos estabelecem recorrentemente essa moral em função da vontade de potência, a atualizam, e impulsionam a continuidade do potterheads. A decisão frente aos códigos diz respeito ao tipo de relação que se tem consigo mesmo, diz respeito à elaboração de uma ética, uma vez que refere-se ao trabalho de estilização da vida (FOUCAULT, 1984), e à seleção de encontros que se tem (HARDT, 1996; ORLANDI, 2009).

Assim, a terceira formação discursiva desvelou como A natureza das ideias dos potterheads faz oscilar sua vontade de potência. Nessa podemos observar que, se de um lado os potterheads se afirmam por meio dos encontros alegres, e deles brotaram ideias adequadas, cujas intensidades abasteceram o afeto e permitiram que se efetuasse, por outro, ao demarcar sua identidade por alteridade eles minimizaram sua vontade de potência, promoveram encontros tristes e deles não extraíram ideias adequadas para essa força. Podemos dizer que os encontros alegres foram uma produção efetiva da racionalidade de condutas que transformou o que era imaginação em razão, trabalhando a favor do agenciamento do desejo.

O arquivo apresentou um quantitativo muito maior de saberes capazes de promover encontros alegres. Acreditamos que esse quantitativo deveu-se ao trabalho qualitativo efetuado pelos potterheads, o trabalho que mantém a sua vitalidade: eles traçaram no espaço de memória uma vontade de potência: o desejo de continuidade. Os potterheads operaram a vontade de potência e o eterno retorno efetuou-se por uma multiplicidade de práticas (quereres), mas pelo mesmo desejo (continuidade), o que favoreceu encontros compatíveis e produziu noções comuns, criando ideias adequadas, que abasteceram a força afetiva, que assim pode atravessar esse corpo como uma flecha (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Contudo, a condição para isso revelou-se na quinta formação discursiva: O desejo desperto dos potterheads caracteriza sua experiência. Afinal, é por se revelar uma característica desse modo de existência que a intensidade da vontade os permite operar a vontade de potência em seus agenciamentos com eficiência. Essa intensidade ética se transformou no trabalho de constituição e governo de si e, por meio de corpos comuns, os potterheads fizeram de uma paixão alegre (imaginação no cânone) uma ideia adequada, transformando-a em razão (ética e estetização de existência). Assim, a expressão quantitativa dos saberes do arquivo deve-se exatamente à qualidade do trabalho dos potterheads, que constante e eficientemente selecionaram mais encontros alegres que tristes para si.

Transformaram ideias inadequadas em adequadas, um trabalho ético efetuado para tornar-se produtivo.

A intensidade da ligação dos potterheads com o cânone é um reflexo na intensidade de seus desejos por meio dele, sendo essa força afetiva uma particularidade que lhe é característica: potterheads querem tão intensamente a vida ligada ao cânone que não resistem às práticas do fandom. Essa conduta promove a propagação dos agenciamentos coletivos do desejo e torna o desejo de continuidade uma experimentação incessante que alimenta a subjetividade, caracterizando a forma de vida dos potterheads.

Por fim a quarta formação discursiva desse arquivo: A maquinaria do desejo dos potterheads mantém experiência, revelou que a maquinaria que sustenta essa forma de existência trabalha em função de agenciamento de querer. O querer permanecer ligado ao cânone tornou-se o próprio lema dos potterheads. A partir desse desejo, eles querem um vínculo adequado, já que pretendem que seja duradouro; eles querem os valores como verdadeiros, já que esses pautam sua conduta e são o que se tem e o que se deseja ter por verdades; ainda, eles querem a segurança desse conforto, dependem afetivamente do cânone e sofrem com a crise de amadurecimento.

Essa formação apontou a própria vontade de potência dos potterheads, cujas querer revelam o que eticamente estava posto a ser, uma ética que foi traçada no tempo de memória: permanecer ligado ao cânone; e que, no tempo de memória antecedeu ao ser, mas no tempo linear se revelou quando praticada. A vontade de potência foi traçada como um síntese das forças quantitativas e qualitativas.

Enfim, a partir das cinco formações discursivas desse arquivo, revelamos que uma linha de força do dispositivo: o cânone, ordena a experiência dos potterheads, mas que uma ética é organizada a partir dele. Se o cânone centralizou os mecanismos do campo de veridicação, os procedimentos de governo e as tecnologias da relação de si, fazendo esse corpo aparecer por meio de seu regime de luz, critérios estilístico de vida (portanto, critérios imanentes) foram definidos como dimensão última nos limites desse dispositivo. A força dessa economia afetiva deve-se ao caráter ético dos potterheads: ao que Foucault (1984) chama de vontade de verdade, e o que Deleuze denomina de vontade de potência; a vontade de verdade, por ser constitutiva do sujeito, possibilita a estética da existência, a segunda por ser um querer imanente torna-se uma eficácia do ser querido.

O processo se deu como uma ebulição, pois ele aconteceu, como afirma Foucault, a partir de uma relação agonística de um sujeito atravessado pelas forças de sujeição e de subjetivação.

7. Considerações finais

Após um logo percurso, apresentamos as considerações finais dessa investigação. Sabemos que nosso esforço não esgota o tema, ao contrário, entendemos, ou melhor, podemos dizer que desejamos, que o mesmo se preste para abrir novas possibilidades analíticas, que suscite a vontade de continuidade por meio de novas frentes de trabalho, que seja uma intensidade!

Essa investigação objetivou descrever que saberes se revelam nas práticas dos potterheads. Os saberes desvelados pela arqueologia fez aparecer particularidades: de poder, da ética e do desejo, que são formadores desse espaço social. As formações discursivas indicaram que os potterheads estão sujeitos a um sistema de ordem e que trabalham com empenho para mantê-lo. Esse sistema é, portanto, conservado por relações saber-poder e atualizado por relações de poder-resistência; as práticas de cuidado e de governo, dadas especialmente no culto ao cânone, propiciaram não apenas a instauração de um hábito de conduta moral, mas também o fortalecimento de relações afetivas, essenciais para a disseminação de agenciamentos de desejo, que, a partir daí, se dão por meio do estabelecimento de ideias adequadas.

Assim, no limiar desse sistema, que lhes é uma externalidade, se estabeleceu relações de organização que são imanentes, que dinamizam esse espaço por meio de forças afetivas ativadas por maquinarias de desejo pertinente a esse espaço. Essa maquinaria mostrou um trabalho quantitativo e qualitativo, pois foi graças ao estabelecimento de um desejo por continuidade, aliado à capacidade dos potterheads de selecionar para si encontros alegres, e ainda, de sua característica própria de intensidade constantemente aplicada nas operações dessa vontade, que esse desejo pode fluir e atravessar esse espaço social mantendo sua vitalidade.

Desse modo, potterheads existem como sujeitos nesse espaço social. Para Michel Foucault e Gilles Deleuze, como antecipamos, os sujeitos são modos de subjetivação e portanto, são uma forma e não uma substância; uma forma que aparece como efeito de uma constituição. Exatamente, são as práticas de constituição desse sujeito que manifesta os modos de subjetivação. Michel Foucault atribui ao termo “sexualidade” a condição de uma experiência da sociedade moderna, em que indivíduos foram levados a se reconhecer como sujeitos, uma experiência dada em determinada cultura, cujo regime relacionou campos de saber, tipos de normatividades e formas de subjetivação. Desse modo, o autor indicou como

eixos de experiências cotidianas podem ser objetos de reflexão enquanto domínios de experiência moral.

Isso porque, nos espaços sociais, o sujeito é chamado a se constituir por meio de determinada conduta moral, que por sua vez comporta os códigos e essas formas de subjetivação. Assim, segundo o autor, além de manter uma relação com o real em que se efetiva e com o código a que se refere, a moral implica também em uma relação consigo mesmo de constituição enquanto sujeito moral. Isso ficou muito evidente nas práticas dos potterheads: a moral é produzida e mantida por meio da prática de uma conduta, que por sua vez exige a constituição de si mesmo enquanto sujeito moral para toda e qualquer ação nesse meio.

A moral não existe apenas como um conjunto de regras e valores de um código, mas sobretudo, se refere ao comportamento efetivo do indivíduo: o modo como ele se submete aos princípios de conduta, ou seja, diz respeito à moralidade dos comportamentos no interior desse conjunto prescritivo. Assim, existem muitas formas de se conduzir moralmente e a questão diz respeito a quatro elementos ou pontos que, para Foucault, definem a relação do sujeito consigo mesmo; essas são quatro possibilidades de dobra que Deleuze comparou aos quatro rios do inferno: a determinação da substância ética, os modos de sujeição, as formas de elaboração do trabalho ético e a teleologia do sujeito moral.

As linhas de estratificação do arquivo reveladas pela arqueologia nos apontaram como a subjetivação dos potterheads, enquanto relação consigo mesmo, foi dada pelas quatro dobras. Em relação à determinação da substância ética, a parte de si dos potterheads determinada a ser presa na dobra como matéria da prática moral, foi o intelecto e a força criativa, pois seu trabalho na sociedade de controle é imaterial. Potterheads trabalham em uma economia afetiva e sua eficácia é totalmente dependente de suas habilidades de cuidado e governo, e de seu potencial inventivo. Os potterheads se inscrevem em modos de sujeição nessa relação, por se consideram parte de grupo muito especial, e se reconhecerem como beneficiados por uma série de orientações morais de como a vida deve ser; essas foram dadas por esse universo no decorrer de toda a sua adolescência. Potterheads praticam essas verdades e as querem como parâmetros em suas vidas, levando esses valores para os demais espaços sociais em que habitam.

A forma de elaboração do trabalho ético aconteceu na medida em que os potterheads buscaram se transformar em sujeitos de sua própria conduta nesse espaço; a condição se efetuiu por meio dos longos trabalhos de estabelecimentos de vínculos, de apropriação dos saberes, de aprendizagem e também de ensino dos códigos morais estabelecidos por meio do

cânone; esses conjuntos de princípios, que incluem a fidelidade aliada a um trabalho permanente pela cultura Potter, foram colocados em prática em um cuidado consigo mesmo e submetidos às constantes trocas de controle efetuado pelo governo de condutas no fandom. Especialmente o trabalho ético, mas não diferente do que ocorre nas demais dobras, se deu profundamente vinculado à lógica de mercado, pois potterheads são éticos quando lutam por sua continuidade utilizando o instrumental e a racionalidade do mercado como ordem natural, em uma produção biopolítica que fortalece o sistema capitalista.

Por fim, a teleologia do sujeito moral estabeleceu certa conformidade do que são os valores para os potterheads, caracterizando o sujeito moral desse espaço social, colocando essa forma sujeito em prática e possibilitando sua continuidade no tempo. Todo esse domínio de si enquanto sujeito moral, estabeleceu o modo característico de organização, a elaboração da estética de existência e ética dos potterheads. Os potterheads apontam esperar dessa dobra o que denominam de liberdade cidadã e democrática de expressão, o que lhes propicia a desejada continuidade. Potterheads sabem que sua ação promove os produtos da indústria cultural e trabalham para fortalecer a crença de ter conquistado o direito de utilizá-los em seu benefício. Essa é uma conduta marcada pelo desejo de continuidade e pela crença em um direito adquirido por meio da indústria do entretenimento, a nova territorialidade maquínica do social.

Se a força do desejo provém da constituição ética do agente, e essa estilização ocorre como dimensão última do dispositivo, convém aqui reforçar que os jogos de saber-poder e poder-resistência que sustentam o mundo mágico como espaço social, tem sua maquinaria operada por forças próprias da sociedade de controle. Assim, a maquinaria de desejo dos potterheads se constitui no interior dessa lógica. O desejo desperto dos potterheads sofre uma ação direta ao ser continuamente incitado por tecnologias que ampliam suas escolhas, principalmente por meio de possibilidades da convergência midiática.

Os saberes indicaram que a produção do fã por meio da indústria do entretenimento é sua própria condição de existência e continuidade, e que esse trabalho afetivo fortalece a sensação de liberdade e poder sobre a própria vida, tão cara aos potterheads. Contudo, essa sensação de conquistar a liberdade é uma estratégia própria dos meios de comunicação. Nesse cenário, o cuidado de si estabeleceu uma economia afetiva em que fãs foram constantemente incentivados à ação colaborativa fazendo fluir a força afetiva. Assim, as relações de cuidado de si se mostraram como modos de enraizamentos de poder, como micro relações de poder sustentadas por uma lógica maior, a lógica biopolítica de controle, que opera o governo de condutas. Por isso, conduzir condutas surgiu também para gerar lucro ao sistema.

Em um regime de controle, as máquinas da economia afetiva, como vimos, operam por satisfação e não por punição, são propositivas, estimulam a participação. A maquinaria seduz com novas propostas interruptamente, seus produtos se desdobram e as práticas por meio deles geram prazer, pois textos culturais quando objeto de fãs desenvolve um valor emocional singular para o grupo, o que tende a promover menos resistência e, tudo que se cria aí, tende a ser mais rapidamente capturado pelo poder. Por meio da ação colaborativa, em cada investida, a experiência plena do participante só se dá assegurando aos investidores de tempo e energia uma experiência intensa, quem participa é recompensado. Os agentes nesse meio ganham voz e valor, e são reconhecidos pelos membros da comunidade.

Desse modo, potterheads aprenderam a trabalhar em conjunto, aprenderam que o seu estabelecimento e a sua satisfação depende da dos demais; por exemplo, na produção de *fic*s os autores monitoram a satisfação dos leitores com a sua produção, e solicita que eles também contribuam com sua história. Afinal, se isso acontece, sua produção se expande e obtém sucesso no fandom, uma razão econômica biopolítica. A economia afetiva é também economia biopolítica de controle.

Assim, a mesma intensidade que os fortalece e vincula ao seu produto, os aproxima da lógica da indústria do entretenimento. A maquinaria que sustenta o desejo dos potterheads é uma produção dada sob influências da razão do mercado. Mas esse é o desejo que produz o real e constituiu o inconsciente. O desejo que agenciou o espaço social e produziu linhas de força do dispositivo, faz da indústria do entretenimento uma máquina de produção de subjetividades. As duas lógicas convivem e se colocaram transversais ao arquivo: uma racionalidade da ordem do governo e da própria condição de ordem e organização da moral e seus códigos, que envolveu essas linhas do dispositivo, as relações de cuidado, e as variações de intensidades originadas no desejo e refletida nas condutas dos potterheads, apontadas como as duas regras gerais desse arquivo; e outra razão de ordem política, uma razão mais ampla, que deve-se à sociedade de controle e a biopolítica que orienta as ações de seus agentes, homens *oeconomicus*, empresários de si mesmos e produtores de sua satisfação. Essas razões se apoiaram em suas operações maquínicas e fabricaram o corpo dos potterheads.

Por meio dessas razões, percebemos um governo de condutas efetuado pela lógica de mercado e um controle sobre o corpo e suas intensidades, ambas indicativas de que as relações político-econômicas na economia afetiva são imanentes, e constituíram a subjetivação dos potterheads. Ainda, como imanência aos saberes do visível e do enunciável, essas formações discursivas apontam o quão severo são o controle e a vigilância em sua atuação sobre um corpo na era das máquinas cibernéticas. Os agenciamentos dessas máquinas

e suas relações na lógica do capital agilizam a comunicação, a condição essencial para o modo de trabalho nessa economia, e fez o controle sobre os potterheads mais eficiente e de uma rapidez absurda. Os saberes revelados pelas práticas dos potterheads confirmaram que a informação é, como diz Deleuze (1999), um conjunto de palavras de ordem, é o próprio sistema de controle.

Salientamos que essas lógicas também formaram o agente ético, aquele foi capacitado para controlar a si mesmo e sobreviver no interior do regime. O agente que, frente a tudo isso, aprendeu a lutar pelo que considera seus valores e, dono de seu querer, vem dando trabalho as instituições e ajustando o cenário social por meio de suas atividades na economia afetiva. Se por um lado os potterheads não querem se desvincular do cânone e são acusados de imaturos, por outro eles se alfabetizaram na cultura das mídias digitais; eles não aprenderam apenas a trabalhar de forma coletiva, mas para o coletivo; politizados, eles exigem um espaço para se conduzir e para participar/construir por meio dessa cultura; um direito que acreditam ter enquanto cidadãos do mundo contemporâneo.

Assim se revelaram os saberes nas práticas dos potterheads. Sua produção é produção do desejo, sua produção é produção das realidades do tempo e espaço que compartilhamos e, portanto, fazem parte de nossas verdades.

* * *

Ao final dessa análise, esperamos que esse trabalho seja mais uma, entre tantas outras tentativas de nos deixar mais atentos, diria mesmo que, mais abertos ao novo que cotidianamente irrompe em nossos espaços sociais. Nosso intuito de revelar saberes e como isso implica em certa forma de pensamento (hoje muito própria da sociedade de controle) é mostrar que somos diferença. A dimensão arqueológica que revelou os saberes desse campo nos possibilitou analisar como fã enquanto consumidores particulares estabelecem suas práticas organizativas em meio a um contexto biopolítico e controle. Nesse sentido, cuidamos para estabelecer um olhar crítico, aberto ao novo, desprovido de qualquer valor; até porque, não se tratou de julgar os méritos ou deméritos dos dispositivos que selecionamos e praticamos para ordenar modos de vida. Foucault nos previne primeiramente para isso: não há uma razão por excelência que permita fazê-lo. “Ser controlado” não é melhor nem pior que “ser disciplinado”, afinal, esse pensamento sequer tem espaço frente aos processos de subjetivação que assistimos resistir criativamente às dominações, e que revelamos como estão sempre em curso nos espaços sociais.

Contudo, o arquivo dessa pesquisa se presta como um diagnóstico do que, efetivamente, dissemos há pouco. É o que somos: disciplinados e controlados, mais vezes sujeitos enquanto fã, que sujeitos enquanto netos do coronel, ou filhos do médico da cidade, como há pouco fomos. A vida é outra, os tecidos sociais se deslocaram. O que essa investigação respondeu trata, não mais, do que de um pequeno autoconhecimento acerca de saberes que se legitimaram e atravessam os espaços sociais cotidianos, e que convivem com saberes já existentes, com os quais se aliam e se sobrepõe ou mesmo disputam espaços, desenhando todos os dias nossos cenários no mundo globalizado.

Encerramos esse trabalho com a certeza de termos adquirido um grande aprendizado frente ao acontecimento. Contudo, como desvelar saberes é descrever um solo legitimador de um modo de conhecimento, o tema sempre abre um leque de novas inquietações, pois marca possibilidades de pensamento; uma continuidade poderia estar em descrever outras formas de organização que estejam se desenhando nesse cenário; ainda, identificar e explorar as possíveis variações de saberes que se apresentam no vínculo com outros objetos de fã. Essas inquietações podem ser conduzidas por novas questões de pesquisa. Vislumbramos que uma das possibilidades que se apresenta de imediato para um desdobramento dessa investigação, seria traçar o mapa de forças desse dispositivo por meio da genealogia foucaultiana. O tema é tão instigante quanto relevante para a compreensão das verdades e realidades de controle e de organizações no mundo contemporâneo interligado por tecnologias.

* * *

Malfeito Feito!

(ROWLING, 2000a, p.146).

Referências

- ABRUZZESE, A. Cultura de masas. **Cuadernos de Información y Comunicación**, Roma, v. 9, p. 189-192, 2004.
- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e análise organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. **O&S**, Salvador, v.16 - n.51, p. 647-664, 2009.
- ALBINO, J.; GONÇALVES, C. A.; CARRIERI, A.; MUNIZ, R. Estratégia como prática: uma proposta de síntese. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, p.2-14, Jan/Jun. 2010.
- ALVAREZ, R. G. H. O neofantástico: uma proposta teórica do crítico Jaime Alazraki. **FronteiraZ**, São Paulo, v.3, n.9, p. 36-44, 2012.
- AMARAL, A.; SOUZA, R. V.; MONTEIRO, C. “De *westeros* no #vemprarua à *shippagem* do beijo *gay* na TV brasileira”. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. **Galáxia**, São Paulo (*Online*), n. 29, p.141-154, 2015.
- ARAÚJO, I. L. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. **Revista Aulas**, n.3, 2007, p.1-24.
- ARCHER, D. Harry Potter and Control: An Inherent Power Narrative in the Wizarding World. **Conversations: A Graduate Journal of the Humanities, Social Sciences, and Technology**, v.2, n.1, p. 1-18, 2015.
- ASSUMPCÃO, G. Star Wars: próximos filmes não vão respeitar o universo expandido. **Cineclick**, 25 abril 2014. Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/falando-em-filmes/noticias/star-wars-proximos-filmes-nao-vaao-respeitar-universo-expandido>>. Acesso em: 26 abril 2014.
- AVELINO, N. Governamentalidade e democracia liberal: novas abordagens em Teoria Política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5. pp. 81-107, Jan.-jul. /2011.
- BATALHA, M. C. O fantástico e seu devir: temáticas da contemporaneidade. **O insólito em questão na narrativa ficcional** – mesas redondas. GARCIA, F; PINTO, M de O. (org.). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.
- BATISTA, J.; DOMINGOS, A. A. Storytelling e Transtorytelling na saga de Harry Potter. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Intercom, 16., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2011. P.1-12.
- BAUER, M.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M.; GASKEL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M.; GASKEL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BENEVIDES, P. S. **O dispositivo da verdade**: uma análise a partir do pensamento de Michel Foucault. 2013. 510f. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação. Departamento de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BENNETT, C. Librarians and Harry Potter: An Introduction of the *SHHH!* Personality Assessment Instrument. **OLA Quarterly**, v.14, n.1, p.9-13, 2004.

BENNETT, L. Tracing Textual Poachers: Reflections on the development of fan studies and digital fandom. **Journal of Fandom Studies**, v. 2, n.1, p.5-20, 2014.

BRANCO, M. S. Os fãs de Jornada nas Estrelas no Brasil. **Scarium**. Disponível em: <<http://www.scarium.com.br/artigos/simao02.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

BROWN, S. **Como construir uma grande marca**: a magia da marca Harry Potter. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

BRONWEN, Thomas. What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It? **Journal of Narrative Studies**, v. 3, p. 1-24, 2011.

CAMARGO, T. I.; LEÃO, A. L. M. S. Pulando a Cerca Ponto Com: a Opinião Pública Sobre a Mercantilização do Adultério. **Organizações & Sociedade** (Online), v. 22, p. 443-463, 2015.

CANDIOTTO, C. A governamentalidade política no pensamento de Foucault. **Filosofia Unisinos**, v.11, n.1, p.33-43, 2010.

CANDIOTTO, C. Subjetividade e verdade no último Foucault. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 31, n.1, p.87-103, 2008.

CARDOZO, M. L. Harry Potter: a construção de uma marca. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom, 30., 2007, Santos. **Anais ... Santos**, 2007, p.1-15.

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A.R.C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos Organizacionais. **Revista Adm.**, São Paulo, v.49, n.4, p.698-713, 2014.

CARVALHO, A. F. de. **História e subjetividade no pensamento de Michel Foucault**. 2007. 242 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CASTRO, E, **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAVALCANTI, M. F.; ALCAPANDI, R. Em defesa de uma crítica organizacional pós-estruturalista: recuperando o pragmatismo foucaultiano-deleuziano. **Administração: Ensino & Pesquisa**, v.12, n.4, p.57-582, 2011.

CHANDA, K. What Lies Deep in the Unconscious: A Psychoanalytical Scrutiny of Harry Potter in J. K. Rowling's Harry Potter Series. **International Journal of Multidisciplinary Approach and Studies**, v.1, n.6, p.454-461, 2014.

CHIN, B. Sherlockology and Galactica.tv: Fan Sites as Gifts or Exploited Labor? In: Fandom and/as Labor, STANFILL, M.; CONDIS, M. (org.), special issue, **Transformative Works and Cultures**, v.15, Mar. 2014. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/513>>. Acesso em: 29 Mar. 2014.

CLEGG, S, R.; BAILEY, J.R. Introduction. In: CLEGG, S, R.; BAILEY, J.R. (Orgs.). **International Encyclopedia of Organization Studies**. California: SAGE Publication, 2008.

COSTA, F. Z. N.; GUERRA, J. R. F.; LEÃO, A. L. M. S. O solo epistemológico de Michel Foucault: possibilidades de pesquisa no campo da administração. **Revista de Ciências da Administração**, v.15, n.35, p.168-179, abr.2013.

COSTA, F. Z. N.; LEÃO, A. L. M. S. Desvelamento do limiar discursivo de uma marca global em uma cultura local. **Cadernos EBAPE**, v. 9, n. 2, p. 299–332, 2011.

COSTA, F. Z. N.; LEÃO, A. L. M. S. Formações discursivas de uma marca global num contexto local: um estudo inspirado no método arqueológico de Michel Foucault. **Organização & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 453-469, 2012.

COSTA, M. O. **10 motivos para ser fã de Harry Potter**, 22 Jun. 2014. Disponível em: <<http://sobresagas.com/coluna-10-motivos-para-ser-fa-de-harry-potter/>> Acesso em: 2 Jan. 2015.

COSTA, R. S.; ORRICO, E. G. D. Super-heróis em movimento: adaptações cinematográficas e memória. In: **Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, 2.; Belo Horizonte, 2013.

COTRIM, G. **História e consciência do mundo**: da Idade Moderna ao mundo atual. São Paulo: Saraiva, 1995.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Porto Alegre, Artmed: 2010.

COOPER, R.; BURREL, G. Modernism, postmodernism and organizational analysis: an introduction. **Organization Studies**, v.9, n.1, p.91-112, 1988.

COPPA, F. Fuck yeah, Fandom is Beautiful. **Journal of Fandom Studies**, v.2, n.1, p.73-82, 2014.

DANNER, F. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. Revista **Estudos Filosóficos**, n.4, p.143-157, 2010.

DANZIATO, L. J. B. O dispositivo do gozo na sociedade do controle. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 22, n.3, p. 430-437, 2010.

DAVID-MÉNARD, M. Repetir e inventar segundo Deleuze e segundo Freud. **Discurso**, São Paulo, n.36, p. 17-34, 2007.

DELEUZE, G. Controle e Devir: In: **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2008a.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2008b.

DELEUZE, G. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2008c.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 2008c.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. Désir et plaisir (1976). In: Luiz B. L. Orlandi (Org.). **A diferença**. Campinas: UNICAMP, 2005.

DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Spinoza**: Cours Vincennes, 24/01/1978. Disponível em: <<http://www.webdeleuze.com/php/index.html>> Acesso em: 30 jan. 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: ed.34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v.5. São Paulo: Ed.34, 1997.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EFIMOVA, N. I. Texts by J. Rowling's Fans as Means of Conveying Subcultural Values. **Review of European Studies**; v. 7, n. 8; p. 188-192, 2015.

EVANS, A.; STASI, M. Desperately seeking methodology: New directions in fan studies research. **Journal of Audiences & Reception Studies**, v.11, n.2, November 2014

FACINA, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Bookman/Artmed: Porto Alegre, 2009.

FORD, S. Fan Studies: Grappling with na 'undisciplined' discipline. **Journal of Fandom Studies**, v.2, n.1, p.53-71, 2014.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**: Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

- FOUCAULT, M. Soberania e disciplina. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009b.
- FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009c.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009d.
- FOUCAULT, M. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009e.
- FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**. Curso no Collège de France (1979-1980). Trad. Nildo Avelino. São Paulo: Centro de cultura Social, 2009f.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). SENELLART, M. (Ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005b.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2005c.
- FOUCAULT, M. Poder e saber. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos IV**. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade do saber. Rio de Janeiro, Graal, 1999a.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Dreyfus, H.L.; Rabinow, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.
- FOUCAULT, M. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS; H. L. RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRIEDBERG, E. **O poder e a regra**: dinâmicas da acção organizada. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

GAI, E. T. P. Narrativas e conhecimento. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v.5, n.2, p.137-144, jul. /dez. 2009.

GASKELL, G.; BAUER, M. W. Para uma prestação de contas públicas: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: BAUER, M.; GASKEL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

GELLER, E. **World Space Week**: When *Star Wars* Meets Reality. 9 Oct. 2012. Disponível em: <<http://starwarsblog.starwars.com/2012/10/09/world-space-week-when-star-wars-meets-reality/#more-17211>> Acesso em: 07 jan. 2013.

GRAF, E. C. The Politics of Renouncing Zaragoza in Don Quijote 2.59: Cervantine Irony Framed by Plato, Aristotle, Pedro Simón Abril, and Juan de Mariana. **Revista Hispánica Moderna**, St. Louis, v. 66, n.2, p. 121-138, Dec. 2013

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GRAY, J. New Audiences, New Textualities Anti-Fans and Non-Fans. **International Journal of Cultural Studies**, v.6, n.1, p.64-81, mar. 2003.

GRAY, J. Antifandom and the Moral Text: Television Without Pity and Textual Dislike. **American Behavioral Scientist**, v. 48, n.7, p.840-858, mar. 2005.

GRAY, J. **Show Sold Separately**: Promos, Spoilers and Other Media Paratexts. New York: NewYork University Press, 2010.

GRIFFITH, H. **How Star Wars inspires real scientists and engineers**. 10 Oct. 2012. Disponível em: <<http://starwarsblog.starwars.com/2012/10/10/how-star-wars-inspires-real-scientists-and-engineers/>>. Acesso em: 01 jan. 2014.

GROS, F. Situação do curso. In. FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**: Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUERRA, R. O Espetacular Homem-Aranha. **Cineclick**, 03/07/2012. Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/o-espetacular-homem-aranha>> Acesso em: 27 abr. 2014.

GÜRSIMSEK, O.; DROTNER, K. *Lost spoiler practices*: Online interaction as social participation. **Journal of Audiences & Reception Studies**, v.11, n.2, nov. 2014.

HADAS, L. Resisting the romance: 'Shipping' and the discourse of genre uniqueness in Doctor Who fandom. **European Journal of Cultural Studies**, v.16, n.3, p.329-343, jun. 2013.

HARDT, M. **Um aprendizado em filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

- HARRIS, P. **Fandom Studies**, Monsh University, 2014. Disponível em: <<http://artsonline.monash.edu.au/film-tv/files/2014/12/Paul-Harris-Fandom-Studies-Entry.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2015.
- HARRINGTON, C. L.; BIRLBY, D. D. New Directions in Fan Studies. *American Behavioral Scientist*, v. 48 n. 7, p.799-800, mar. 2005.
- HELENS-HART, R. Promoting fan labor and "all things Web": A case study of Tosh.0.: **Transformative Works and Cultures**, v.15, Mar. 2014. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/491>> Acesso em: 29 mar. 2014.
- HILL, A. Spectacle of excess: the passion work of professional wrestlers, fans and anti-fans. **European Journal of Cultural Studies**, v. 18, n.2, p. 174-189, abr. 2015.
- HILLS, M. Michael Jackson Fans on Trial? "Documenting" Emotivism and Fandom in Wacko About Jacko. **Social Semiotics**, v.12, n.4, 2007.
- HILLS, M. Doctor Who's Textual. **Journal of Fandom Studies**, v. 2, n. 1, p.31-51, 2014.
- HOLANDA, L. A. Resistência ao Management em Organizações da Cultura Popular. VI Encontro Nacional de Estudos Organizacionais, maio 2010. **Anais...** Florianópolis - SC: EnEO, 2010.
- HSU, C.; CONRAD, M.; JACOBS, A. M. Fiction feelings in Harry Potter: haemodynamic response in the mid-cingulate cortex correlates with immersive Reading experience. **Cognitive Neuroscience and Neuropsychology**, v. 25, n. 17, p. 1356-1361, 2014.
- JACQUES FILHO, E. F. L. **Fãs no paradigma da midiaticização**: casos de dispositivos em torno de Harry Potter. Dissertação (mestrado): Universidade do vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, 2014. 126 p.
- JARCEM, R. G. R. História das histórias em quadrinhos. In: **História, Imagem e Narrativas**. Marília (SP), v. 3, n. 5, p. 1-9, 2007.
- JEFFCUTT, P.; THOMAS, M. Order, disorder and the unmanageability of boundaries in organized life. In: CHIA, R. C. H. **In the realm of organization**. London: Routledge, 1998.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**: A colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação. Ed. Aleph, 2009.
- JENKINS, H. Cultural acupuncture: fan activism and the Harry Potter Alliance. **Transformative Works and Cultures**, v.10, mar. 2012. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/305/259>> Acesso em: 07 Mar. 2014.
- JOHNSON, P. **Os criadores**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- JWA, S. Modeling L2 write voice: discursal positining in fanfiction writing. **Computers and Composition**, v. 29, p. 323-340, 2012.

KAMEL, C.; ROCQUE, L. X-Men e a dimensão do preconceito nas histórias em quadrinhos. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 3, 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 22 - 25 set. 2003, p. 1-7.

KAPLAN, A. M.; HAENLEIN, M. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. **ScienceDirect**, v. 53, p. 59-68, 2010.

KAUDERER, A. **NASA expanding tests of Star Wars - inspired "droids"**06.08.10ISS018-E-005214: SPHERES. 23 out. 2010. Disponível em: <http://www.nasa.gov/mission_pages/station/main/spheres.html> Acesso em: 01 jan. 2014.

KIETZMANN, J. H.; HERMKENS, K.; MCCARTHY, I. P.; SILVESTRE, B. S. Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media. **Sciencedirect**, v. 54, p. 241-251, 2011.

KINCHELOE, J. L.; MCLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KOROBKOVA, K. A.; BLACK, R. W. Contrasting Visions: Identity, Literacy, and Boundary Work in a Fan Community. **E-Learning and Digital Media**, v. 11, n. 6, p. 619-632, dez. 2014.

LAERKE, M. Gilles Deleuze e o sistema da natureza e da filosofia. **Alegrar**, n. 2, p. 1-16, 2005

LARSEN, K. Editorial: Moving forward looking back. **Journal of Fandom Studies**, v. 2, n. 1, p. 3-4, 2014.

LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Editora UFMG, 2008.

LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. VIEIRA, R. S. G. O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. **Organizações em Contexto**, v. 5, n. 10, p. 1-16, 2009.

LEE, H. Between fan culture and copyright infringement: manga scanlation. **Media, Culture & Society**, v. 31, n. 6, p. 1011-1022, 2009.

LEE, H. Participatory media fandom: a case study of anime fansibbing. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 8, p. 1131-1147, 2011.

LEMKE, T. Foucault, Governmentality, and Critique. In: Rethinking Marxism Conference, 2000, Amherst. **Anais...** Amherst, set. 2000, p. 21-24.

LIMA, A. **O dilema do preconceito com os fãs de Harry Potter**, 29 dez. 2013. Disponível em: <<http://potterish.com/2013/12/o-dilema-do-preconceito-com-os-fas-de-harry-potter/>> Acesso em: 12 nov.2014.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LINGEL, J.; NAAMAN, M. You should have been there, man: live music, DIY content and online communities. **New Media & Society**, v. 14, n. 2, p. 332-349, 2011.

LÓPEZ, R. S. **O Senhor dos Anéis & Tolkien**: o poder mágico da palavra. São Paulo: Devir Arte & Ciência, 2004.

LOST. **Lostpedia**. Disponível em: < <http://pt.lost.wikia.com/wiki/LOST>> Acesso em: 29 maio 2014.

LOST Experience. **Lostpedia**. Disponível em: <http://pt.lost.wikia.com/wiki/The_Lost_Experience> Acesso em: 29 maio 2014.

MANSANO, S. R. V. Transformações da subjetividade no exercício do trabalho imaterial. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 9, n. 2, p. 512-524, 2º Semest. 2009.

MARÇAL, M. R. A tensão entre o fantástico e o maravilhoso. **FronteiraZ**, PUC-SP, v. 3, n. 3, p. 1-8, 2009.

MARTINS, C. Lost Experience – série. **Super Interessante**, ago. 2006. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/cultura/lost-experience-serie-446566.shtml>> Acesso em: 29 maio 2014.

MIZOCZKY, M. C.; ANDRADE, J. A. Uma Crítica à Crítica Domesticada nos Estudos Organizacionais. In: **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 1, p. 192-210, 2005a.

MIZOCZKY, M. C. ANDRADE, J. A. Tréplica: Quem Tem Medo do Fazer Acadêmico Enquanto Práxis? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 1, p. 237-243, 2005b.

MOURA, A. de A. **A relativização da verdade**: da Idade Média à contemporaneidade. GARCIA, F. (Org.). A banalização do insólito: questões de gênero literário, mecanismos de construção de narrativa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010.

MURRAY, J. H. **Hamlet no Holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Unesp, 2003.

NABAIS, C. P. A Dobra Deleuze-Foucault. In: António F. Cascais, José L. C. Leme, Nuno Nabais (Eds.), **Lei, Segurança e Disciplina**. Trinta anos depois de Vigiar e Punir de Michel Foucault. Lisboa: CFCUL, 2009.

NAZÁRIO, L. **Da natureza dos monstros**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

NERDIVINAS. **23 dicas de sobrevivência**: potterheads, 23 fev. 2013. Disponível em: <<http://nerdivinas.com/2013/02/23/dicas-de-sobrevivencia-potterheads/>> Acesso em: 12 nov. 2014.

NUNCIUS, G. S. **NASA testa droids inspirado em Star Wars**. 2010. Disponível em: <<http://messageirodastrelas.blogspot.com.br/2010/06/nasa-testa-droids-inspirados-em-star.html>> Acesso em: 07 jan. 2014.

OPPENHEIM, P. Grave Expectations: Vampira and Her Audiences, 1954-1956. **Intensities**: The Journal of Cult Media, v. 6, p. 141-164, 2013.

ORLANDI, L. B. I. Por um fio entre desejo e transformação (2014). In: **Laboratório de Sensibilidades**. Disponível em:

<<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2014/12/27/por-um-fio-entre-desejo-e-transformacao-luiz-b-l-orlandi/>> Acesso em: 30 jan.2015.

ORLANDI, L. B. I. **Ética em Deleuze**: encontro Café Filosófico, Campinas, 15 de out. 2009. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/wp/2009/10/15/integra-etica-em-deleuze-luiz-b-l-orlandi/> Acesso em: 30 jan.2015.

ORLANDI, L. B. I. Corporeidades em minidesfile. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 6, n. 1, p. 43-59, 2004.

ORLANDI, L. B. I. Marginando a leitura deleuzeana do trágico em Nietzsche. **Revista Olhar**, (online) v. 4, n. 7, p. 10-27, 2003.

PALADINO, N. **15 curiosidades sobre a série Harry Potter**, 20 jan. 2015. Disponível em: <<http://obcecadapeloslivros.blogspot.com.br/2015/01/15-curiosidades-sobre-serie-harry-potter.html>> Acesso em: 1 fev. 2015.

PAIVA, A. C. S. **Sujeito e laço social**: a produção de subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PAIVA JR., F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

PAULA, A. P. P. Guerreiro Ramos: resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. **O&S**, v.14, n.40, p.169-188, 2007.

PEARSON, R. Fandom in the digital era. **Popular Communication: The International Journal of Media and Culture**, v. 8, n. 1, p. 84–95, 2010.

PEIXOTO, I. História do Homem-Aranha nos quadrinhos (parte 3). **HQRock**, 10 jul. 2011. Disponível em: <<http://hqrock.wordpress.com/2011/10/07/a-historia-do-homem-aranha-nos-quadrinhos-parte-3/>> Acesso em: 25 abr.2014.

PIMENTEL, B.; et al. As adaptações das histórias em quadrinhos para o cinema. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM**, 20., p.1-6, 2013.

POGGIAN, S. M.; HAYE, R. Lo fantástico em lós artefactos culturales. **Revista Digilenguas**, Córdoba, v. 3, n. 10, p. 138-147, 2011.

QUIDDUTCH **World Cup Champions**. Pottermore.com. 2014. Disponível em:

<<http://2.bp.blogspot.com/-ZsYahpmV0uo/U3ZGy0xYeqI/AAAAAAAAAE5M/Mn5w4trszWY/s1600/MAY+16th+RESU+LT.png>> Acesso em: 17 abr. 2014.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da Riqueza das Nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.

REGINA, F. A. **Imaginário midiático na ficção científica: pós-humano no seriado televisivo Star Trek – New Generation**. 2013. 106 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Midiática) – Universidade Paulista, São Paulo, 2013.

REININGER, D. O espetacular Homem-Aranha terá filmes derivados: um filme de Venom também faz parte dos planos do estúdio. **Cineclick**, 21 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/falando-em-filmes/noticias/o-espetacular-homem-aranha-tera-filmes-derivados>> Acesso em: 27 abr. 2014

REININGER, D. Homem-Aranha: conheça as versões que o personagem já teve. **Cineclick**, 28 abr. 2014a. Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/falando-em-filmes/noticias/homem-aranha-conheca-as-versoes-que-o-personagem-ja-teve>> Acesso em 25 abr. 2014.

REININGER, D. Venom e o Sexteto Sinistro chegam antes de Homem-Aranha 4: filmes derivados ainda não têm data definida para chegar. **Cineclick**, 10 abr. 2014b. Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/falando-em-filmes/noticias/venom-e-o-sexteto-sinistro-chegam-antes-de-homem-aranha-4>>. Acesso em: 27 abr. 2014.

RODRIGUES, A. L. Sobre monstros e imaginação na sociedade do espetáculo, por Hal Hartley. **Crítica Cultural** (Critic), Palhoça, SC, v. 8, n. 2, p. 191-199, 2013.

RODRIGUES, T. O insólito na contemporaneidade. In: GARCIA, F. (Org.). **A banalização do insólito: questões de gênero literário, mecanismos de construção de narrativa**. Rio de Janeiro, Dialogarts, 2007.

ROMARIZ, T. Agents of S.H.I.E.L.D. terá segunda temporada. **UOL**, 08 mai. 2014. Disponível em: <<http://omelete.uol.com.br/shield-tv/series-e-tv/agents-shield-tera-segunda-temporada/#.U6SBM3ltrIU>> Acesso em: 20 maio 2014.

ROSENBERG, A. How ‘Harry Potter’ fans won a four-year fight against child slavery. In: **The Washington Post**, 13 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/news/act-four/wp/2015/01/13/how-harry-potter-fans-won-a-four-year-fight-against-child-slavery/>> Acesso em: 15 abr. 2015.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, o Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RUNCIE, J. **Um Ano na Vida de Rowling**, 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FEDFyZSVZVU>> Acesso em: 09 jun. 2013.

SAIBA quem é Newt Scamander, herói de próximos filmes do universo de Harry Potter. **UOL**, 12 set. 2013. Disponível em: <<http://virgula.uol.com.br/diversao/cinema/saiba-quem-e-newt-scamander-heroi-de-proximos-filmes-do-universo-harry-potter>> Acesso em: 02 mar. 2014.

- SANCHES, A. **Máquina, corpo sem órgãos e pulsões**: um diálogo entre o Anti-Édipo de Deleuze e Guattari e a metapsicologia freudiana. 2008, 128 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Centro de educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- SANTOS, F. S.; SANTOS, M. F. O. A leitura do hipertexto digital na construção dos sentidos das reportagens pelo leitor. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 5., 2013. Recife, **Anais...** Recife, 2013, p.1-19.
- SHEFRIN, E. Congruencies between the internet and media entertainment culture. **Critical Studies in Media Communication**, v. 21, n. 3, p. 261–281, set. 2004.
- SILVA, L. C. F.; LOURENÇO, D. S. O gênero literário fantástico: considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 5., 2009, **Anais...** Campo do Mourão, 2009, p.26-29.
- SILVEIRA, R. A. de. **Michel Foucault**: poder e análise das organizações. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.
- SKEIKA, J. A.; FRANZÓ, J. A. O tratamento da autoria: Harry Potter e as fan fictions. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 379-389, 2015.
- SONY anuncia oficialmente filmes de Venom e Sexteto Sinistro. **Proibido ler**. dez. 2013. Disponível em: < <http://proibidoler.com/textos/filmes-venom-sexteto-sinistro/>> Acesso em: 27 abr. 2014.
- SOUZA, E. M.; MACHADO, L. D.; BIANCO, M. F. O homem e o pós-estruturalismo foucaultiano: implicações nos Estudos Organizacionais. **O&S**, v.15, n.47, P.71-86, 2008.
- SPAAIJ, R.; VIÑAS, C. Political ideology and activism in football fan culture in Spain: a view from the far left. **Soccer & Society**, v. 14, n. 2, p. 183–200, 2013.
- STANFILL, M.; CONDIS, M. Fandom and/as labor [editorial]. **Transformative Works and Cultures**, v. 15, special issue, mar. 2014. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/593/>>. Acesso em: 29 mar. 2014.
- STEPHEN, B.; PATTERSON, A. Selling stories: Harry Potter and the marketing plot. **Psychology & Marketing**, v. 27, n. 6, p. 541-556, 2010.
- SUSAN, Y. "Something He Could Do without Being Taught": Honors, Play, and Harry Potter. **Questia**: Trusted Online Research, v. 11, 2015
- SWELL, H. L. **Potter War**. In: HeatherLawer.com@ 2014. Disponível em: <<http://www.heatherlawver.com/leadership/potterwar/>>. Acesso em: 21 nov. 2014.
- TADEU, A. Agentes da SHIELD terá expansão do Universo Marvel na TV. **Contraversão**, mai. 2013. Disponível em: < [http://contraversao.com/agentes-da-shield/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+Contraversao+\(Contravers%C3%A3o\)](http://contraversao.com/agentes-da-shield/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+Contraversao+(Contravers%C3%A3o))> Acesso em: 27 abr. 2014.

THÉBERGE, P. Everyday fandom: fan clubs, blogging, and the quotidian rhythms of the internet. **Canadian Journal of Communication Corporation**, v. 30, p. 485-502, 2005.

THIOLLENT, M. Estudos Organizacionais: possível quadro referencial e interfaces. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v.1, n.1, p. 1-14, jan.-jul. 2014.

THOMAS, B. What is fanfiction and why are people saying such nice things about it? **Journal of Narrative Studies**, v. 3, p. 1-24, 2011.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

TSOUKAS, H. Forms of knowledge and forma of life organized contexts. In: In: CHIA, R. C. H. **In the realm of organization**. London: Routledge, 1998.

TURK, T. Fan Work: Labor, Worth, and Participation in Fandom's Gift Economy. Fandom and/as Labor, STANFILL, M.; CONDIS, M. (org.), special issue, **Transformative Works and Cultures**, n.15, mar. 2014. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/518/428>>. Acesso em: 29 mar. 2014.

TUSHNET, R. I'm a Lawyer, Not an Ethnographer, Jim': Textual Poachers and fair use. **Journal of Fandom Studies**, v. 2, n. 1, p. 21-30, 2014.

VAN ZONEN, L. Imagining the fan democracy. **European Journal of Communication**, v. 19, n. 1, p. 39-52, 2004.

VEIGA-NETO, A. Teoria e Métodos em Michel Foucault (im)possibilidades. In: CADERNOS DE EDUCAÇÃO, FaE/PPGE/UFPEl, Pelotas. **Anais...** Pelotas: set./dez. 2009, p. 83-94.

VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **RAE**, v.6, n.1, p.59-70, 2006.

VINT, S. Visualizing the British Boom: British Science Fiction Film and Television. **The New Centennial Review**, Michigan State University Press: East Lansing, v. 13, n. 2, p. 155-178, 2013.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WILLMOTT, H. Organization theory as a critical science? Forms of analysis and 'new organizational forms'. In: KNUDESEN, C.; TSOUKAS, H. (Orgs.). **The Oxford Handbook of Organization Theory: Meta-Theoretical Perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WORTMANN, M. L. C. O currículo na literatura infanto-juvenil: uma incursão à Escola de Hogwarts e o mundo de Harry Potter. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 162-178, 2011.

YAHOO! RESPOSTAS. **Todos os potterheads são meio bruxos?**, 2013. Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130101045631AAUXJZu>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: CIENTI, 2004.